Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

NORA ROBERTS

ESTRELAS DA SORTE

Os Guardiões
LIVRO 1



ARQUEIRO

Estrelas da Sorte



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

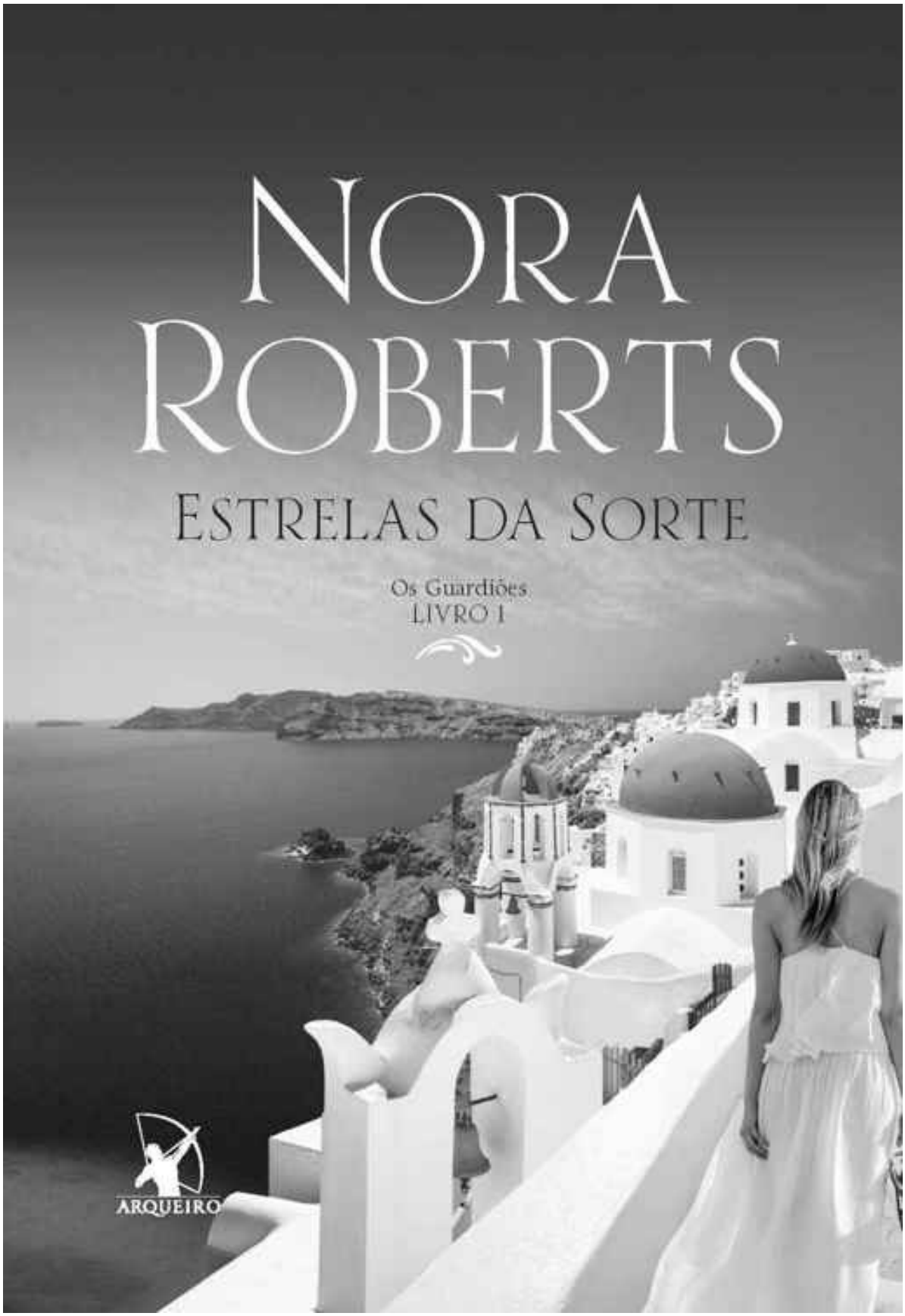
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA ROBERTS

ESTRELAS DA SORTE

Os Guardiões
LIVRO 1



ARQUEIRO

Título original: *Stars of Fortune*

Copyright © 2015 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase

preparo de originais: Sônia Peçanha

revisão: Rebeca Bolite e Sheila Louzada

diagramação: Abreu's System

capa: Rodrigo Rodrigues

imagens de capa: Benedek/ Getty Images (mureta); Spooh/ Getty Images (paisagem); Hello Lovely/ Getty Images (mulher); Scott S. Warren/ Getty Images (sino); Krzyzak/ Shutterstock (mar)

foto da autora: © Bruce Wilder

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549e

Roberts, Nora
Estrelas da sorte [recurso eletrônico]/ Nora Roberts; tradução de Maria Clara de Biase. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital (Os guardiões; 1)

Tradução de: Stars of fortune
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-831-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. II. Título. III. Série.

18-47166

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Sarah, minha filha querida

Para os deuses, somos como moscas para garotos perversos:
eles nos matam por diversão.
– William Shakespeare

Foi uma visão ou um devaneio?
Foi-se a música – acordo ou durmo?
– John Keats

Prólogo



Muito tempo atrás, em um mundo além do nosso, três deusas se reuniram para celebrar a ascensão de uma nova rainha ao trono. Muitos que haviam viajado pela terra, céus, tempo e espaço lhe levaram presentes, ouro e joias, sedas valiosas e cristais preciosos.

Mas as três deusas queriam dar presentes mais especiais.

Pensaram em um cavalo alado, mas souberam que um viajante havia chegado em um e o dera para a nova rainha.

Debateram sobre dotá-la de beleza incomparável, sabedoria ou graça singular.

Não poderiam torná-la imortal, e sabiam, pelos que o eram, que isso seria tanto uma bênção quanto uma maldição.

Mas poderiam lhe dar um presente imortal.

– Um presente que brilhará para ela eternamente.

Celena estava com as amigas, suas irmãs, na areia branca como diamante à beira do mar azul como tinta. Ela ergueu o rosto para o céu noturno e a lua que pairava nele.

– A lua é nossa – lembrou-a Luna. – Não podemos dar o que prometemos honrar.

– Estrelas. – Arianrhod ergueu a palma da mão. Então fechou os olhos e os dedos. E, sorrindo, os abriu de novo. Uma joia de gelo brilhava em sua mão. – Estrelas para Aegle, a radiante.

– Estrelas. – Celene também estendeu a mão e a abriu. Continha uma joia de fogo. – Estrelas para Aegle, que brilharão como seu nome.

Luna se juntou a elas e produziu uma joia de água.

– Estrelas para Aegle, a brilhante.

– Deveria haver mais. – Celene virou a estrela ardente na mão.

– Um desejo. – Luna se aproximou do mar e deixou a água fria lhe tocar os pés. – Um desejo de cada uma de nós para a rainha, e dentro da estrela. O meu, um coração forte e cheio de esperança.

– Uma mente forte e questionadora. – Celene ergueu para o alto a estrela flamejante.

– E um espírito forte e aventureiro. – Arianrhod ergueu as mãos, uma delas segurando a estrela e a outra na direção da lua. – Que estas estrelas brilhem enquanto os mundos girarem.

– Que espalhem sua luz em nome da rainha, para que todos vejam.

A Estrela de Fogo começou a se erguer para o céu, e as estrelas de gelo e água a acompanharam.

As estrelas giraram enquanto se erguiam, irradiando luz sobre a terra e o mar enquanto se dirigiam para a lua e seu frio poder branco.

Uma sombra passou sob elas, uma cobra silenciosa.

Nerezza deslizou pela praia na direção da água – uma sombra obscurecendo a luz.

– Vocês se reuniram sem mim, minhas irmãs.

– Você não é uma de nós. – Arianrhod se virou para ela, com Luna e Celene ao lado. – Nós somos a luz, você é a escuridão.

– Não há luz sem escuridão. – Os lábios de Nerezza se curvaram para cima, mas em seus olhos brilhava a fúria e havia os primeiros sinais de uma loucura ainda não totalmente manifesta. – Quando a lua míngua, a escuridão a consome. Pedacinho por pedacinho.

– A luz prevalece. – Luna apontou para as estrelas que agora voavam, deixando em sua esteira rastros de cor. – E agora há mais.

– Vocês, como suplicantes, trazem presentes para a rainha. Mas ela não passa de uma garota fraca e mimada, quando nós é que poderíamos e deveríamos governar.

– Nós somos as guardiãs – lembrou-a Celene. – Guardiãs, não governantes.

– Nós somos *deusas*! Este e outros mundos são nossos. Pensem nisso e no que poderíamos fazer se uníssemos nossos poderes. Tudo se curvaria para nós e seríamos eternamente jovens e belas.

– Não temos nenhum desejo de poder sobre os mortais, os deuses ou os semideuses. Isso só traz sangue, guerra e morte – disse Arianrhod, rejeitando a ideia. – Ansiar pela eternidade é desprezar a beleza e a maravilha do ciclo. – Então ergueu novamente o rosto, enquanto as estrelas que elas haviam feito brilhavam.

– A morte chegará. Veremos essa nova rainha viver e morrer, como vimos a última.

– Ela viverá setecentos anos. Eu vi isso. E, enquanto viver – continuou Celene –, haverá paz.

– Paz. – A palavra sibilou dos lábios desdenhosos de Nerezza. – Paz não é nada além de uma tediosa trégua da escuridão.

– Volte para as sombras, Nerezza. – Luna a dispensou com um gesto indiferente. – Hoje a noite é de alegria, luz e celebração, não de suas ânsias e ambições.

– A noite é minha.

Nerezza estendeu a mão e um raio preto como seus olhos cortou a areia branca e o mar escuro, subiu aos céus e atingiu os raios de luz das estrelas momentos antes de elas encontrarem seu lugar em uma curva suave na base da lua.

Por um momento as estrelas tremeram, assim como os mundos abaixo.

– O que você fez? – perguntou Celene.

– Apenas completei o presente, *irmãs*. Um dia elas cairão, as estrelas de fogo, gelo e água. Cairão do céu com todo o seu poder, seus desejos, a luz e a escuridão. – Rindo, Nerezza ergueu os braços como se para arrancar as estrelas do céu. – E quando caírem em minhas mãos, a lua morrerá e a escuridão vencerá.

– Elas não são para você.

Arianrhod deu um passo à frente, mas Nerezza traçou um raio preto na areia, deixando uma fenda ardente entre elas. Fumaça se ergueu da fenda, obscurecendo o céu.

– Quando as estrelas forem minhas, este mundo morrerá com a lua, como vocês morrerão. E quando eu consumir seus poderes, libertarei outros há muito aprisionados. A frágil paz que vocês adoram se tornará enorme tormento, agonia, medo e morte.

Através da fumaça, ela ergueu as mãos, radiante com o próprio desejo.

– Suas estrelas selaram seus destinos e me ofereceram o meu.

– Você está banida. – Arianrhod partiu para o ataque e um raio azul ardente e cortante como um chicote enrolou-se no tornozelo de Nerezza.

O grito rasgou o ar e fez o chão tremer. Antes de Arianrhod conseguir arrastar Nerezza para a fenda que ela própria criara, a irmã abriu finas asas pretas, rompeu o raio de luz e voou. O sangue de seu tornozelo ardeu e fumegou na areia branca.

– Eu faço o meu destino! – gritou Nerezza. – Vou voltar e me apoderar das estrelas e dos mundos que quiser. E vocês conhecerão a morte, a dor e o fim de tudo que amam.

As asas se dobraram ao redor de Nerezza e ela se foi.

– Ela não pode fazer nada contra nós ou os nossos – lembrou Luna.

– Não duvide do poder ou da cobiça de Nerezza. – Celene olhou para a fenda escura e sentiu uma enorme tristeza. – Haverá morte, sangue, dor e sofrimento aqui. Ela deixou isso para trás como uma mácula.

– Ela não pode jamais ter as estrelas. Vamos trazê-las de volta agora – disse Arianrhod. – Destruí-las.

– É um risco muito grande enquanto o poder dela ainda paira no ar – respondeu Celene.

– Então vamos apenas esperar, vigiar e arriscar tudo? – perguntou Arianrhod. – Vamos permitir que ela transforme um presente de luz em algo escuro e mortal?

– Não podemos deixar isso acontecer. Não deixaremos. Elas cairão? – perguntou Luna para Celene.

– Posso ver que sim, com um clarão brilhante, mas não consigo ver quando.

– Então nós determinaremos quando e onde. Podemos fazer isso. – Luna segurou as mãos das irmãs.

– Em outro lugar, outro tempo, mas não juntas. – Assentindo, Arianrhod ergueu os olhos para as estrelas belas e brilhantes acima da terra que havia amado e guardado desde o início de seu tempo.

– Se uma delas cair nas mãos de Nerezza, ou de alguém como ela... – Celene fechou e abriu os olhos. – Muitos buscarão as estrelas, o poder e a sorte, o que é o mesmo. E o destino. É tudo uma coisa só. E nós, luz refletida, devemos enviar os nossos na busca.

– Os nossos? – repetiu Luna. – Não vamos recuperá-las?

– Não, isso não cabe a nós. Sei que devemos esperar aqui, e o que tiver de ser

será.

– Nós escolheremos o tempo e o lugar. Em silêncio – acrescentou Arianrhod. – Mesmo em nossas mentes. Ela não deve saber quando e onde cairão.

Elas juntaram mãos e mentes, e cada qual seguiu o caminho até onde sua estrela cairia do céu. Cada qual escondeu seu dom, lançou o poder de proteção sobre sua estrela.

Assim, mentalmente unidas e sem dizerem uma só palavra, cada qual soube o que agora deveria estar nas mãos e nos corações de outros.

– Agora precisamos acreditar. – Luna apertou a mão de Arianrhod, que permaneceu calada. – Precisamos. Se não acreditarmos, como aqueles que vierem de nós acreditarão?

– Acredito que fizemos o que devia ser feito. Basta acreditarmos nisso.

Celene suspirou.

– Até mesmo os deuses devem se curvar ao Destino.

– Ou lutar contra o que tenta destruí-los.

– Você lutará – disse Celene, agora sorrindo. – Luna acreditará. E eu farei tudo que puder para ver. Agora, vamos esperar.

Juntas, elas olharam para a lua que havia no céu e na alma, e para as três estrelas brilhantes que se curvavam a ela.

1



Ela era atormentada por sonhos, estivesse dormindo ou acordada. Entendia de sonhos, visões, *conhecimento*. Faziam parte de sua vida e ela aprendera a bloqueá-los, afastá-los.

Mas eles não cediam, por mais que os combatesse. Sonhos com sangue e batalha, terras estranhas e lunáticas. Neles, rostos e vozes de pessoas desconhecidas, mas de algum modo vitalmente familiares, viviam com ela. A mulher com os olhos astutos e ferozes de um lobo, o homem com a espada prateada. Eles rondavam seus sonhos acompanhados de uma mulher que se erguia do mar rindo e do homem com a bússola dourada.

E em todos esses sonhos também estava presente o homem de cabelos escuros que segurava um raio.

Quem eram? Como os conhecia – ou como conheceria? Por que necessitava tanto deles, de todos eles?

Com eles vinham morte e dor – ela *sabia* – e, contudo, vinha também a chance de alegria verdadeira, do eu verdadeiro. Do amor verdadeiro.

Ela acreditava no amor verdadeiro – para os outros. Nunca o buscara para si mesma, porque o amor exigia muito, provocava um caos na vida. Muitos *sentimentos*.

Queria e sempre quisera paz e sossego, e acreditava tê-los encontrado em sua casinha nas montanhas da Carolina do Norte.

Lá tinha a solidão que buscara. Lá podia passar os dias pintando ou no jardim, sem interferências ou interrupções. Não precisava de muita coisa; seu trabalho lhe proporcionava renda suficiente para suprir as necessidades.

Agora os sonhos eram assombrados por cinco pessoas que a chamavam pelo

nome. Por que não conseguia descobrir os delas?

Ela desenhava seus sonhos – rostos, mares, colinas e ruínas. Cavernas e jardins, tempestades e crepúsculos. Durante o longo inverno, cobriu a prancheta de desenhos e começou a fixá-los nas paredes.

Pintou o homem com o raio nas mãos e passou dias aperfeiçoando cada detalhe: o tom exato e o formato dos olhos – profundos, escuros e velados –, a fina cicatriz branca semelhante a um raio na testa junto à sobrancelha esquerda.

Ele estava em um penhasco, bem acima de um mar revolto. O vento lhe agitava os cabelos escuros. Quase podia senti-lo, como hálito quente. E ele era destemido diante da tempestade enquanto a morte vinha em sua direção.

De algum modo ela ficou com ele, igualmente destemida.

Não conseguiu dormir até terminar aquilo e chorou quando conseguiu. Temeu ter enlouquecido e as visões serem tudo que lhe restara. Durante dias deixou a pintura no cavalete enquanto ele a observava trabalhar, limpar ou dormir.

Ou sonhar.

Dissera para si mesma que embalaria a pintura e a enviaria para a agente, a fim de que a vendesse. E, molhando o pincel, finalmente a assinou.

Sasha Riggs – seu nome, na beira do mar agitado pela tempestade.

Mas não a embalou para ser enviada. Embalou outras, preparando para transporte o trabalho produzido naquele longo inverno.

Exausta, entregou os pontos e se acomodou no sofá do sótão que transformara em estúdio, se deixando levar pelos sonhos.

A tempestade se tornou violenta. Vento cortante, mar em fúria, raios vindo do céu como flechas flamejantes de um arco. Chuva que vinha do mar formando uma densa cortina em direção ao penhasco.

Mas ele ficou lá, observando-a. E estendeu a mão para ela.

– Eu estava esperando.

– Não entendo isso, nada disso.

– Claro que entende, você mais do que a maioria. – Quando ele levou sua mão aos lábios, ela se sentiu simplesmente impregnada de amor. – Quem se esconde de si mesmo, Sasha, como você?

– Eu só quero paz. Quero sossego. Não quero tempestades e batalhas. Não quero você.

– Mentira. – Os lábios dele se curvaram ao tocar novamente a mão de Sasha.

– Você sabe que está mentindo para mim, para si mesma. Por quanto tempo mais se recusará a viver como deveria? A amar, como nasceu para fazer?

Ele segurou seu rosto, e o chão tremeu sob ela.

– Tenho medo.

– Enfrente-o.

– Não quero saber de nada disso.

– Veja. Não podemos começar sem você. Não podemos terminar isso antes de começarmos. Procure-me, Sasha. Encontre-me.

Ele a puxou para si e a beijou. Então, a tempestade os atingiu com uma fúria desmedida.

Dessa vez ela se entregou.

Quando acordou, ainda cansada, se sentou e apertou os olhos ainda enevoados.

– "Encontre-me" – murmurou. – *Onde?* Mesmo se quisesse, eu não saberia por onde começar.

Passou os dedos pelos lábios e jurou que ainda sentia os dele.

– Chega. Agora chega.

Levantou-se rapidamente e começou a arrancar os desenhos das paredes e da prancheta, deixando-os cair no chão. Ia levá-los para fora, jogá-los no lixo. Queimar. Tirá-los da casa e da cabeça.

Viajaria sozinha para algum lugar, qualquer um. Fazia anos que não saía de casa. Um lugar quente, disse para si mesma, tentando desesperadamente ignorar seus sonhos. Uma praia em algum canto do mundo.

Notou a respiração se tornando ofegante, os dedos tremendo. Quase desabando, sentou-se entre os desenhos, magra demais por causa do peso que os sonhos lhe haviam roubado, os longos cabelos loiros presos no costumeiro coque frouxo. Sombras obscureceram seus olhos de um azul claro e cristalino.

Olhou para as mãos. Havia talento ali. Sempre houvera, sempre haveria, e era grata por esse dom. Mas possuía outros dons, pelos quais não era tão grata.

No sonho, ele havia lhe pedido para ver. Durante quase toda a vida havia feito tudo que podia para bloquear o dom da visão com o qual nascera.

Sim, para se esconder de si mesma, como ele dissera.

Se fosse receptiva a esse dom, se o aceitasse, haveria dor e tristeza. E saberia o que podia acontecer.

Fechou os olhos.

Ajeitaria tudo – se daria tempo. Guardaria todos os desenhos em uma pasta. Não ia queimá-los, claro que não. Aquilo fora o medo falando.

Ia guardá-los e fazer uma viagem, ausentar-se por uma ou duas semanas, permitir-se pensar e decidir.

Agachada, começou a juntar os desenhos, organizá-los à própria maneira. A mulher de olhos ferozes, o homem com a espada prateada, as pessoas com quem sonhara.

Mares e paisagens, um palácio brilhando em uma colina, um círculo de pedras.

Pôs em uma pilha um dos muitos desenhos do homem com quem acabara de sonhar e pegou outro.

E soube.

Havia desenhado a ilha em forma de foice de várias perspectivas, exibindo os altos penhascos, as colinas ondulantes repletas de árvores. Mostrava a ilha flutuando no mar, banhada pelo sol. Em primeiro plano, prédios amontoados formando uma cidade e, ao longe, a extensão de terra e montanhas.

O desenho a lápis ganhou cor e vida enquanto o estudava. Muito verde, em milhares de tons, do escuro ao esmeralda. Muito azul – profundo, vivo ou leitoso com ondas ao redor. Viu barcos navegando, figuras mergulhando de paredões para nadar, espirrando água.

Viu o promontório onde havia ficado com ele enquanto a tempestade se aproximava.

– Então está bem, eu vou.

Estava cedendo, perguntou-se, ou resistindo? Mas iria, veria.

Isso poria fim aos seus sonhos ou os faria ganhar vida, como o desenho em suas mãos.

Dirigiu-se à pequena escrivaninha, abriu o laptop e comprou um voo para Corfu.

Deu-se apenas dois dias para fazer as malas, tratar de detalhes e fechar a casa, de forma a não poder mudar de ideia. Dormiu no avião, não sonhou e se sentiu grata

por esse alívio. Ainda assim, a ida de táxi do aeroporto até o hotel que escolhera, perto do centro histórico, foi confusa. Ainda desorientada ao se registrar no hotel, tentou se lembrar de sorrir e entabular a esperada conversa na recepção e com o cordial carregador de olhos alegres e sotaque forte que subiu com ela no estreito elevador.

Não pedira um andar ou uma vista específica. Bastava ter dado aquele passo, aonde quer que a levasse. Mas não ficou nem um pouco surpresa quando entrou distraidamente no quarto e se viu de frente para as janelas, o mar azul e a extensão de areia que conhecia tão bem.

Sorriu e dispensou a oferta do carregador de lhe buscar qualquer coisa que desejasse. Só queria solidão. Os aeroportos, o avião, tantas pessoas a oprimiam.

Enfim sozinha, foi até a janela e a abriu para deixar entrar o ar fresco da primavera, com cheiro de mar e flores. Estudou a vista que havia desenhado semanas antes e trazido consigo, com outros desenhos, em uma pasta na mala.

Naquele momento não sentia nada além da reação de seu organismo à mudança de fuso horário e fadiga de viagem. Não admirava que não viajasse para muito longe por impulso.

Virou-se e desfez a mala para se proporcionar certa noção de espaço e de ordem. Depois, ficou deitada na cama e acabou adormecendo de novo.

Raios e tempestades, sol e mar batendo. Três estrelas tão brilhantes que seus olhos ardiam. Quando se projetaram para além da curva da lua, caindo em torrentes de luz, o mundo tremeu com a força de seu poder.

Sangue e batalha, medo e luta. Subindo alto, mergulhando fundo.

O amante de seu sonho lhe tomando a boca e o corpo e a fazendo arder em sentimentos. Muitos. Demais. Nunca o suficiente. Sua própria risada, mal reconhecível, transmitindo alegria. Lágrimas derramadas, repletas de aflição.

E, na escuridão, uma luz brilhou. Na escuridão, ela segurava fogo. Ao erguê-lo para que todos o vissem, a terra tremeu e rochas rolaram. O que era fúria voou para ela com garras e dentes.

Pelo amor de Deus, Sasha, acorde! Mexa-se.

– O quê?

Acordou sobressaltada, com a voz ainda ecoando dentro de si e o coração ainda acelerado pelo medo.

Só mais um sonho, disse a si mesma, só mais um para a coleção.

A luz havia se suavizado e agora era como seda sobre a água. Ela não fazia ideia de por quanto tempo dormira, mas a voz do sonho tinha certa razão. Hora de acordar.

Tomou banho para se refazer da viagem e vestiu roupas limpas. Como não ia trabalhar, deixou os cabelos soltos. Forçou-se a sair do quarto. Desceria, se sentaria no terraço e tomaria algo. Ela abrira mão de seu sossego e sua solidão e viera.

Agora algo ou alguém precisava vir até ela.

Encontrou a saída e caminhou sob uma pérgula coberta de glicínias que começavam a florir. O cheiro das flores a acompanhou quando ela deixou a piscina e as cadeiras de lona dobráveis, seguindo para o terraço de pedra. Vasos de barro gloriosamente repletos de flores vermelhas e roxas brilhavam ao sol que se dirigia para o oeste. As folhagens das palmeiras estavam imóveis.

Mesas sob guarda-sóis brancos reluzentes se espalhavam no piso de pedra. Para seu alívio, apenas algumas estavam ocupadas. Talvez não fosse ter solidão, mas teria sossego. Pensou em ocupar uma cadeira um pouco distante das outras e começou a se afastar.

A mulher também estava um pouco distante. Seus cabelos castanhos com reflexos produzidos pelo sol tinham uma franja longa que descia até as lentes cor de âmbar dos óculos de sol. Ela estava recostada, os tênis laranja em cima da outra cadeira da mesa para dois enquanto tomava uma bebida espumante em uma taça de champanhe.

Por um momento o sol tremeluziu e o coração de Sasha estremeceu com ele. Sasha não conseguia parar de encarar a desconhecida, sem saber por quê. Quando a mulher abaixou os óculos de sol e olhou por cima das lentes, Sasha compreendeu.

Os olhos dela eram como os de um lobo, castanho-amarelados e ferozes.

Sasha conteve o impulso de simplesmente se virar e voltar para a segurança de seu quarto. Fez um esforço mental para se obrigar a prosseguir enquanto aqueles olhos dourados a examinavam.

– Desculpe... – começou.

– Pelo quê?

– Eu... Você me conhece?

A mulher ergueu as sobrancelhas por baixo da longa franja.

– Deveria?

Conheço seu rosto, pensou Sasha. Já o vi inúmeras vezes.

– Posso me sentar?

A mulher inclinou a cabeça e continuou a examiná-la friamente, sem pestanejar. Com indiferença, tirou os pés da cadeira.

– Claro, mas se está pensando em me paquerar, só saio com homens, exceto por uma noite na universidade.

– Não, não se trata disso.

Sasha se sentou, tentando encontrar palavras, mas, antes de poder falar, um garçom de paletó branco parou ao lado da mesa.

– *Kalispera*. Gostaria de uma bebida, senhorita?

– Sim, gostaria. Ah, o que está bebendo?

A mulher ergueu a taça.

– Peach Bellini.

– Parece ótimo. Gostaria de mais um? Por minha conta.

Por baixo da densa franja, a mulher ergueu as sobrancelhas mais uma vez.

– Claro.

– Então dois, por favor. Sou Sasha – disse ela quando o garçom saiu para buscar o pedido. – Sasha Riggs.

– Riley Gwin.

– Riley. – Um nome que combina com o rosto, pensou ela. – Sei que vai parecer estranho, mas... tenho sonhado com você.

Riley tomou mais um gole e sorriu.

– Parece que está me paquerando. E você é realmente bonita, Sasha, mas...

– Não, não, quero dizer literalmente. Eu a reconheci porque sonho com você há meses.

– Certo... O que eu estava fazendo nos sonhos?

– Não posso esperar que acredite em mim. Mas é por causa desses sonhos que estou aqui em Corfu. Eu não... Espere.

Os desenhos, pensou, e se levantou. Afinal de contas, uma imagem valia mais do que mil palavras.

– Quero lhe mostrar uma coisa. Pode esperar?

Riley se limitou a dar de ombros e erguer a taça.

– Pedi outro, então ainda vou ficar aqui mais um pouco.

– Cinco minutos – prometeu Sasha e se afastou apressadamente.

Tomando sua bebida, Riley refletiu. Entendia de sonhos e não os desconsideraria de imediato. Havia visto e experimentado coisas demais na vida para fazê-lo.

E aquela tal de Sasha Riggs parecia sincera. Tensa e nervosa, mas sincera. Ainda assim, Riley tinha seus motivos para estar em Corfu e eles não incluíam fazer parte dos sonhos de outra pessoa.

O garçom voltou com uma bandeja e pôs na mesa as taças, uma tigela de azeitonas gordas e uma de amêndoa.

– E a outra moça? – perguntou ele.

– Ela foi buscar uma coisa. Já vai voltar. – Riley lhe entregou a taça vazia. – *Efkharisto.*

Ela experimentou uma amêndoa, voltou a contemplar o mar e olhou para trás ao ouvir passos apressados.

Sasha se sentou, segurando uma pasta de couro.

– Sou artista plástica – começou.

– Parabéns.

– Tive esses sonhos durante todo o inverno. Começaram logo no início do ano. Repetiam-se todas as noites. – Sonhava acordada também, mas não estava pronta para contar tanto. – Desenhei as pessoas, os lugares, o que era recorrente.

Ela abriu a pasta e pegou o desenho que a levara até onde estava agora.

– Fiz este semanas atrás.

Riley pegou o desenho, apertando os lábios enquanto o estudava.

– Você é boa, e sim, é Corfu.

– E esta é você.

Sasha pôs na mesa um desenho de corpo inteiro de Riley. Ela usava calças cargo, botas de caminhada, uma jaqueta de couro surrada e um chapéu de abas largas. Estava com a mão no cabo da faca embainhada em seu cinto.

Enquanto Riley erguia o desenho, Sasha pôs outro na mesa.

– Este também.

Riley novamente, dessa vez apenas a cabeça e os ombros, olhando para a frente com um sorriso.

– O que é isso? – murmurou Riley.

– Não sei, mas preciso descobrir. Achei que estivesse ficando louca. Mas

você é real e está aqui. Como eu. Não sei quanto aos outros.

– Que outros?

– Somos seis. – Sasha procurou novamente em sua pasta. – Trabalhando e viajando juntos.

– Eu trabalho sozinha.

– Eu também. – Agora Sasha se sentia zonza, ao mesmo tempo justificada e um tanto maluca. – Não conheço nenhum deles. – Ela estendeu outro desenho. – Tenho retratos individuais de todos, outros com alguns juntos e mais com todos nós, como este. Eu não os conheço.

O desenho mostrava Riley vestida de modo muito parecido ao do outro desenho, e Sasha com botas, calça e um chapéu fedora em vez das sandálias e do vestido delicado que usava agora. Outra mulher com cabelos até a cintura e três homens. Três homens atraentes em uma trilha como se posassem para uma fotografia, avaliou Riley.

– Você... Sasha, certo?

– Sim. Sim, Sasha.

– Bem, Sasha, com certeza você sabe sonhar com homens. São todos lindos.

– Nunca vi nenhum deles pessoalmente. Mas sinto que... que os *conheço*, todos eles. E este.

Incapaz de resistir, Sasha tocou na figura em pé ao lado dela no desenho, com o peso do corpo apoiado em uma das pernas e o polegar enganchado no bolso da frente do jeans gasto. Com maçãs do rosto pronunciadas, cabelos escuros – que ela sabia serem de um castanho intenso e profundo –, os cachos descendo até abaixo da gola da camiseta. O sorriso do homem transmitia confiança, fascínio e certo mistério.

– E este? – perguntou Riley.

– Ele segura o raio. Não sei se é um símbolo nem o que significa. E sonhei que nós dois... nós...

– Sonhos eróticos? – Parecendo divertir-se, Riley olhou mais atentamente para o desenho. – Poderia ser muito pior.

– Se eu for ter sonhos eróticos com um homem, gostaria que ele me levasse para jantar primeiro.

Riley deu uma gargalhada.

– Ah, você pode jantar todo dia... Você é sonâmbula, Sasha?

– Sonâmbula?

– Você tem sonhos proféticos? Por que se conter agora? Fale tudo – disse Riley quando Sasha hesitou. – Já me contou que faz sexo com homens estranhos e ainda nem bebeu.

– Não preciso dormir para sonhar. – Sim, pensou Sasha, por que se conter agora? – E, sim, geralmente são proféticos. – Quando eu tinha 12 anos, soube que meu pai ia embora antes de ele sair de casa. Ele não conseguiu lidar com o que sou. Não consigo controlar isso, não posso pedir para ver nem para não ver.

Sasha ergueu a taça, tomou um gole e esperou uma reação cautelosa ou zombeteira.

– Você já trabalhou isso com alguém?

– Como assim?

– Já procurou outro sonâmbulo, para tentar aprender a bloquear isso ou a ser receptiva?

– Não.

– Você parece mais inteligente que isso. – Riley deu de ombros. – São apenas visões ou você também lê mentes?

Riley falou com a mesma naturalidade como se perguntasse se ela pintava com tinta a óleo ou acrílica. Sasha sentiu um nó na garganta tão grande que mal conseguiu falar.

– Você acredita em mim.

– Por que não acreditaria? A prova está aí em cima da mesa. Você lê mentes? Consegue controlar esse poder?

– Não leio mentes, leio sentimentos, que falam tão alto quanto. Posso controlar, sim, a menos que os sentimentos sejam tão intensos que se imponham.

– O que estou sentindo? Vá em frente. – Quando Sasha hesitou, Riley estendeu os braços. – Sou um livro aberto: leia.

Sasha demorou um instante para se concentrar.

– Você sente certa empatia e curiosidade por mim. Está relaxada, mas alerta. É seu natural. Sente necessidade de algo que sempre esteve além do seu alcance. Isso é frustrante, principalmente porque gosta de vencer. Você se sente um pouco em desvantagem em relação ao sexo porque não se deu tempo... achava que tinha tempo para satisfazer essa necessidade. O trabalho a preenche, os riscos, a

aventura, as exigências. Você conquistou autoconfiança e não tem medo de muitas coisas. Se há medo, é mais emocional do que do físico.

Sasha fez uma pausa antes de prosseguir:

– Você tem um segredo – murmurou. – Muito bem guardado. – Ela hesitou e franziu a testa. – Você me pediu para olhar, quase insistiu, então não fique zangada.

– Tudo bem. Já é o suficiente.

– Eu acredito em privacidade. – Ela nunca havia lido alguém tão aberta e intencionalmente. Isso a fez corar, um pouco constrangida. – Não escavo mentes em busca dos segredos de ninguém.

– Eu acredito em privacidade. – Riley ergueu novamente sua taça. – Mas adoro escavar.

– Seu trabalho lhe traz muito orgulho e satisfação. O que você faz?

– Depende. Mas, resumindo, sou arqueóloga. Gosto de procurar coisas que ninguém mais consegue encontrar.

– E quando encontra, o que faz com elas?

– Isso também depende.

– Você encontra coisas. – Sasha assentiu, quase relaxada. – Esse deve ser um dos motivos.

– De quê?

– De estarmos aqui.

– Eu tenho um motivo para estar aqui.

– Mas neste momento, neste lugar? – Sasha apontou novamente para os desenhos. – Sei que precisamos olhar, precisamos encontrar...

– Se quer minha atenção, você precisa ser sincera.

Em vez de falar, Sasha pegou outro desenho. Uma praia, um mar calmo, um palácio em uma colina, tudo sob uma lua cheia muito branca.

E próximas à lua brilhavam três estrelas.

– Não sei onde fica isto, mas sei que essas três estrelas não existem. Não sou astrônoma, mas sei. Só que de algum modo elas existiram. E caíram. Veja este. – Ela pegou outro desenho. – As três caindo ao mesmo tempo, deixando rastros como cometas. Temos que encontrá-las.

Sasha encontrou os olhos de Riley fixos nos dela, frios e ferozes.

– O que sabe sobre as estrelas? – perguntou Riley.

– Isso é tudo o que sei.

Em um movimento rápido, Riley estendeu a mão e agarrou o pulso de Sasha.

– O que sabe sobre as Estrelas da Sorte? Quem é você?

Mesmo tensa, Sasha se forçou a sustentar o olhar feroz de Riley e não deixar a voz tremer.

– Eu já disse quem sou. Estou dizendo o que sei. Você sabe mais sobre eles. Sabe quem são. Já os busca. Foi por isso que veio para cá. E está machucando meu braço.

– Se eu descobrir que você está me enganando, vou machucar mais do que seu braço – afirmou Riley, mas a soltou.

– Não me ameace. – Surpresa e uma irritação profunda despertaram em Sasha. – Para mim, chega. Não pedi nada disso. Tudo o que eu queria era viver sossegada, pintar, trabalhar em paz. Então você e esses outros surgiram nos meus sonhos, você e essas malditas estrelas que não conheço. Sinto que uma delas está aqui, como sinto que não será fácil encontrá-la. Não sei lutar, mas terei que fazer isso. Tenho sonhos cheios de sangue, batalha e dor.

– Isso está começando a ficar interessante.

– É apavorante, quero ficar longe disso tudo. Mas não acredito que seja possível. Eu segurava uma delas na mão.

Riley se inclinou para a frente.

– Você segurava uma das estrelas?

– Em um sonho. – Sasha virou a palma da mão para cima. – Eu a segurava, segurava o fogo. E era cegante de tão bonita. Então veio aquilo.

– O quê?

– A escuridão, a fome, a brutalidade.

De repente Sasha se sentiu enjoada e tonta. Mesmo tentando resistir, foi dominada por elas.

– Aquela que anseia pela escuridão. Ela é consumida pelo que deseja. Quer corromper o amor, a lealdade e a esperança criados pelas três luas. Consumiu seus dons e todo o brilho de seu poder, e o que resta é loucura. Ela matará para possuir as estrelas de fogo, gelo, água. Assim destruirá mundos, destruirá todos para viver.

Sasha levou as mãos à cabeça e disse:

– Dor de cabeça.

– Isso acontece com frequência?

– Faço tudo o que posso para evitar.

– E provavelmente é por isso que tem dor de cabeça. Acredite em mim, você não pode lutar contra sua própria natureza. Precisa aprender a controlá-la e a se adaptar. – Riley buscou os olhos do garçom e, com o dedo, descreveu um círculo no ar. – Mais uma rodada.

– Acho que não devo...

– Coma algumas amêndoas. – Animadamente, Riley empurrou a tigela para mais perto de Sasha. – Não há como fingir isso. Ninguém finge assim tão bem. Não consigo ser empática como você, mas percebo quando alguém é confiável. Então vamos beber e falar mais sobre isso e depois descobrir para onde vamos a partir daí.

– Você vai me ajudar.

– Acho que vamos *nos* ajudar. Minha pesquisa indica que a Estrela de Fogo está em Corfu ou nos arredores. E seus sonhos confirmam. Você pode vir a calhar. Agora... – Ela passou a mão pela franja enquanto olhava por cima da cabeça de Sasha. – Ora, ora, está ficando cada vez mais interessante.

– O que foi?

– O encontro do sonho. – Riley deu um sorriso deliberadamente sedutor e apontou para o que olhava.

Virando-se na cadeira, Sasha o viu. O homem que segurava o raio. O que possuíra seu corpo.

Os olhos dele, muito escuros, desviaram de Riley para os de Sasha e se fixaram neles. O homem foi até a mesa delas.

– Senhoritas, vista espetacular, não acham?

A voz do homem, tranquila e com sotaque irlandês, fez Sasha se arrepiar. Sentiu-se aprisionada de repente, como se uma gaiola prateada a rodeasse.

E quando ele sorriu, ela o desejou.

– De onde você é, irlandês? – perguntou Riley.

– Sligo, um vilarejo do qual você nunca ouviu falar.

– Você ficaria surpreso com o que conheço.

– Cloonacool.

– Sei onde é. Aos pés das montanhas Ox.

– Sim. Então está bem. – Ele agitou a mão e ofereceu a Riley o pequeno

punhado de trevos que apareceu. – Uma lembrança do lar distante.

– Que bonitos.

Riley observou o olhar do homem pousar nos desenhos. Não disse nada quando ele baixou a mão e pegou um deles, que mostrava seis pessoas.

Não estava chocado, pensou Riley, mas intrigado.

– Que fascinante! Você é a artista? – perguntou ele para Sasha. – Tem talento e um bom olho. Já disseram o mesmo de mim. – Ele sorriu. – Importam-se se eu me juntar a vocês?

Sem esperar pela resposta, ele pegou uma cadeira de uma mesa vizinha e se sentou.

– Eu diria que temos muito sobre o que conversar. Sou Bran. Bran Killian. Que tal eu lhes pagar uma bebida enquanto falamos sobre a lua e as estrelas?

2



Sasha tentou se manter calma enquanto Bran se acomodava e pedia uma taça do vinho tinto local.

Ele havia saído de seus sonhos, como se ela tivesse desejado que ganhasse vida. Conhecia seu rosto, corpo, voz e cheiro. Haviam sido íntimos.

Mas ele não a conhecia.

Não sabia que seu coração pulsava na garganta nem que ela estava com as mãos cruzadas sob a mesa para impedir que tremessem.

Precisava de um momento sozinha para se recompor. Pensou em pegar seus desenhos e fugir, mas ele a encarou com aqueles olhos escuros.

– Importa-se? – perguntou ele e, antes que Sasha entendesse ou desse uma resposta, pegou um dos desenhos que retratavam Riley.

– Você a capturou muito bem.

– Parece que sim.

– Imagino que se conheçam há muito tempo.

– Há cerca de meia hora.

A única reação dele foi erguer a sobrancelha sob a cicatriz em forma de raio.

– Fascinante.

Bran pegou um desenho após outro, observando-os e ordenando-os enquanto prosseguia:

– E as outras três pessoas?

– Ela não as conhece. Mas você não parece muito espantado com tudo isso.

– O mundo é cheio de mistérios, não é?

– O que está fazendo em Corfu? – perguntou Riley.

Ele se recostou com sua taça e sorriu.

– Passando férias.

– Ora, vamos, Bran. – Riley gesticulou com a mão que segurava a bebida. – Depois de tudo que passamos juntos...

– Eu senti que este era o lugar em que precisava estar – disse ele simplesmente e pegou o desenho da lua com as três estrelas brilhantes. – E parece que é.

– Você sabe o que elas são – falou Sasha.

Bran desviou o olhar para a jovem.

– Ela fala. Sim, sei o que são. *Onde* estão são outros quinhentos. Tenho um quadro seu.

– O quê?

– O que você chamou de *Silêncio*. Uma floresta à luz suave da manhã com um caminho estreito e sinuoso entre árvores verdes no verão, algumas cobertas de musgo brilhando à luz tênue. Mais adiante no caminho, a luz se torna mais clara, em uma espécie de chamado. Faz o observador se perguntar o que há no fim do caminho.

Ele ergueu outro desenho, um de si mesmo em pé com a cabeça jogada para trás e raios de um azul intenso saindo da ponta de seus dedos erguidos.

– Muito interessante.

– Não sei o que significa. Não entendo nada disso.

– Mas veio assim mesmo. Dos Estados Unidos?

– Sim.

– E você também é americana, Riley.

– Nasci lá, mas viajo muito. E você é da Irlanda.

– Nasci lá. Mas venho de Nova York, onde estou trabalhando.

– Fazendo o quê? – perguntou Sasha.

– Mágica – respondeu e lhe ofereceu uma flor de maracujá de um roxo intenso. – A mão é mais rápida que o olho – disse ele com tranquilidade –, principalmente porque é fácil distrair o olho.

– Você é um mágico.

– Sim. De palco. Mágico de rua quando me dá vontade.

Um mágico, pensou Sasha. O raio poderia simbolizar seu trabalho. Mas não explicava o resto. Nada explicava.

Sasha olhou para a flor e depois para ele.

O sol estava se pondo por trás de Bran em uma explosão de vermelho ardente e lambidas quentes de um dourado intenso.

– Há mais – disse ela, mas pensou: você é mais do que isso.

– Sempre há. Considerando tudo... – Ele colocou o desenho das estrelas de volta na pilha de papéis. – Nós três precisamos ter uma conversa. Por que não fazemos isso enquanto comemos?

– Ótimo. Você paga, irlandês? – perguntou Riley.

– Pelo privilégio de jantar com duas belas mulheres, claro. O que acham de caminharmos um pouco até encontrar um lugar que nos agrade?

– Estou dentro.

Sasha não disse nada. Bran pegou a flor e a pôs na orelha dela.

– Você não é covarde, Sasha Riggs, ou não estaria aqui.

Ela apenas assentiu, guardou os desenhos na pasta e, ao se levantar, propôs a Bran:

– Vou lhe dizer o que sei, em troca do que você sabe.

– Bastante justo.

Caminhavam pelas vielas com calçamento de pedra do centro histórico, com suas lojas pitorescas, barracas e cafés na calçada. O pôr do sol, que Sasha contemplou sabendo que teria de pintá-lo, dava ao cenário um tom suave de lavanda. Prédios antigos queimados pelo sol, vasos de flores exuberantes, um tecido vermelho-vivo pendurado em um varal alto, esperando ser guardado.

Se focasse apenas em perspectiva, tom e textura, não teria de pensar no que estava fazendo: andando em um lugar estranho com pessoas que não conhecia.

Admirou-se com a facilidade com que Riley e Bran batiam papo, invejando neles a habilidade de viver o presente. Pareciam apenas duas pessoas desfrutando de um belo anoitecer em um lugar antigo com o cheiro de cordeiro grelhado e temperos pairando no ar.

– O que seria melhor: um lugar fechado ou ao ar livre? – perguntou Bran.

– Por que desperdiçar uma noite destas em um lugar fechado? – disse Riley.

– Concordo.

Como que magicamente, ele encontrou um lugar perto do parque, onde as

mesas ficavam sob árvores com luzes pisca-pisca. Uma música alegre tocava em algum lugar próximo – próximo o suficiente para acrescentar ao ambiente um pouco de diversão e distante o suficiente para não incomodar.

– O vinho tinto daqui é bom. Petrokoritho. Que tal uma garrafa? – sugeriu Bran.

– Nunca dispenso uma bebida.

Interpretando a resposta de Riley como uma concordância geral, Bran pediu uma garrafa. Olhando o cardápio, Sasha pensou nos Bellinis. Tomaria alguns goles de vinho para ser gentil e depois se limitaria a água. E comida – só Deus sabia como seu organismo precisava de alimento.

Sentia-se vazia, trêmula e deslocada.

Decidiu-se por peixe. Afinal de contas, estavam em uma ilha. Avaliou as opções enquanto Riley e Bran discutiam as entradas, com Riley fazendo sugestões.

Vendo o olhar confuso de Sasha para o cardápio, Riley explicou:

– Minha primeira vez em Corfu, mas não na Grécia. E quando se trata de comida, meu estômago tem memória fotográfica.

– Então deixarei que escolha. – Bran se virou para Sasha. – Vai arriscar?

– Eu estava pensando em peixe.

– Deixe comigo. E quanto a você? – perguntou Riley para Bran.

– Estou com vontade de comer carne.

– Certo.

Depois que o vinho foi provado e servido, Riley pediu vários pratos, em grego. O estômago de Sasha se contraiu com a perspectiva de comidas estranhas.

– Você já viajou muito? – perguntou Bran a Sasha.

– Não, não muito. Passei alguns dias em Florença e Paris alguns anos atrás, e foi só.

– Talvez não muito, mas escolheu bem. Pensei que pudesse ter ido à Irlanda.

– Não, nunca fui. Por que pensou isso?

– O quadro que comprei. Conheço o lugar, ou um muito parecido, não muito longe de onde moro. Onde fica a floresta da sua casa?

Sasha havia sonhado com ela. Em geral pintava o que sonhava.

– Não é real. Eu a imaginei.

– Assim como me imaginou e imaginou Riley e os outros que ainda não

encontramos?

– Desembucha, Sasha – aconselhou Riley. – O cara é um mágico irlandês. Não vai se assustar fácil.

– Eu sonhei com tudo – disse ela prontamente, como numa confissão. – Tudo. Você. Sonhei com Corfu, ou finalmente descobri que era Corfu, e vim para cá. Quando saí para o terraço do hotel, vi Riley. Depois, você.

– Em sonhos. – Ele bebeu um pouco de vinho e a observou com aqueles olhos escuros. – Você é vidente. Só tem visões quando está dormindo?

– Não. – Ocorreu a Sasha que ele e Riley não reagiram como os outros, com ceticismo, sorrisos afetados ou perguntas levianas sobre o próprio futuro. – Elas vêm quando querem.

– Um grande inconveniente.

Sasha deixou escapar uma risada e disse:

– Sim, um grande inconveniente. Os outros virão. Sei disso agora. Ou talvez já estejam aqui. Eles nos encontrarão, ou nós os encontraremos. Quando isso acontecer, não sei se haverá volta.

– Ao que voltaríamos? – perguntou Bran.

– Às nossas vidas, ao que éramos antes.

– Se é isso que a preocupa, é sempre melhor andar para a frente do que para trás.

Sasha se calou quando o garçom chegou com as entradas.

– Vocês dois querem encontrar essas estrelas, e por motivos provavelmente importantes, e algo quer mesmo que as encontremos, ou não estaríamos aqui. Mas outra coisa não quer isso. E ela é escura, perigosa e poderosa. Talvez não seja uma questão de andar para a frente ou para trás, mas de simplesmente não existir.

– Ninguém vive para sempre – disse Riley, servindo-se das berinjelas.

Bran acariciou suavemente a mão de Sasha.

– Ninguém pode obrigá-la a fazer o que não quer. A escolha é sua, *fáidh*, avançar ou recuar.

– O que quer dizer isso? Do que me chamou?

– Do que você é. Uma vidente, uma profetisa.

– Creio que uma profetisa veria as coisas mais claramente.

– Aposto que outros com seu dom pensam o mesmo.

– Se eu recuar, acho que não terei mais paz. – Embora isso fosse verdadeiro,

havia uma verdade ainda mais profunda: não seria capaz de se afastar dele. – Então parece que o jeito é avançar. Nunca estive com duas pessoas que simplesmente aceitassem o que sou. Isso é bom.

Ela provou o prato que Riley chamara de *tzatziki* e descobriu que o iogurte suave, o gosto forte de alho e o toque refrescante do pepino eram do seu agrado.

– Então é isso.

A comida a acalmou. Talvez fosse o vinho, a noite perfumada ou o fato de finalmente ter aceitado sua decisão, mas o fato era que o nervosismo tinha passado.

Bran cortou um pedaço da carne e a pôs no prato dela.

– Você deveria experimentar – disse ele.

Para ser gentil, Sasha experimentou – mas, ridiculamente, o ato lhe pareceu íntimo. Para se distrair do calor que não tinha nada a ver com o cordeiro grelhado, pegou a taça de vinho.

– Como sabe sobre as três estrelas? – perguntou ela a Bran. – É por causa disso que está aqui? Que todos nós estamos? Como sabe sobre elas? O que sabe?

– Vou lhe contar uma lenda que ouvi sobre três estrelas criadas por três deusas. Eram deusas da lua. Ou *são*, dependendo da versão. Elas criaram estrelas como presentes para uma nova rainha. Algumas lendas dizem que a monarca era apenas um bebê, enquanto outras...

Ele olhou de relance para Riley, que completou:

– Outras dizem que era uma jovem. Uma espécie de mito arturiano, uma verdadeira rainha escolhida no final do reinado de outra, através de algum tipo de provação.

– Essas deusas irmãs queriam dar um presente único e duradouro – continuou Bran – para a rainha que sabiam que governaria para o bem e manteria a paz, como de fato fez. Então cada uma delas gerou uma estrela: uma de fogo, uma de gelo e uma de água, todas brilhantes e repletas de poder, magia e esperança, o que dá no mesmo.

– Em uma praia de areia branca – acrescentou Sasha.

Ainda comendo, ele a observou atentamente.

– Alguns dizem que sim.

– Há um palácio prateado em uma colina alta, onde a lua branca e cheia se reflete na água.

– Você viu isso?

– Sonhei com isso.

– Dá no mesmo – replicou Bran.

– Elas não estavam sozinhas na praia.

– Não, não estavam. Uma quarta deusa, que era como elas, mas de alguma forma também diferente, como luz e escuridão, queria o que elas fizeram e o que a rainha tinha, que era poder sobre os mundos. As três sabiam como ela era, a conheciam quando atiraram as estrelas na direção da lua. Ela as golpeou com sua escuridão, obrigando-as a proteger o que haviam criado e tudo que era vivo. As estrelas cairiam. A outra havia se assegurado disso e podia esperar. Então as três usaram o que tinham para garantir que, quando fosse o momento, elas ficariam uma longe das outras, porque seu pleno poder só é alcançado quando juntas. Cairiam em lugares secretos, onde permaneceriam seguras até chegar a hora de serem encontradas, reunidas e levadas para a rainha seguinte.

– É uma bela história, mas...

– Não é só isso – interrompeu Riley. – Conte também a outra parte.

– Se a outra deusa tomar posse das estrelas, todas as portas de todos os mundos serão abertas. A escuridão, os condenados e a vontade destrutiva se libertarão e devorarão tudo. Mundos humanos e outros igualmente vulneráveis não sobreviverão.

– Mundos.

Sorrindo, ele encheu novamente a taça de Sasha.

– Já pensou na arrogância dos homens que acham que estão sozinhos no universo?

– A maioria das culturas nativas e crenças elementares sabe a verdade – comentou Riley.

– Você é cientista.

– Sou arqueóloga. E escavei o suficiente para saber que nunca estivemos sós. Há ainda mais um pouco na lenda.

– Um pouco – admitiu Bran.

– Aqueles que procuram as estrelas se arriscam a morrer, lógico, mas, se vencerem, salvarão os mundos, o que é muito importante. E cada qual encontrará sua própria sorte.

– Vocês acreditam nisso.

– Eu acredito o suficiente. Procuro por elas há uns sete anos.

– E eu, há doze – disse Bran.

– Era uma espécie de passatempo para mim, até agora. – Riley bebeu o resto de seu vinho. – Agora se tornou uma assustadora missão. – Ela pousou a taça e se inclinou para Sasha. – Estamos nisso juntos, nós três?

– Seis. Tem que ser os seis. Senão, acho que não chegaremos longe.

– Ok, mas isso não significa que não podemos começar a procurar.

– Onde? – questionou Sasha.

– Nas montanhas ao norte, onde há muitas cavernas. Poderia ser um bom lugar para começar – respondeu Riley.

– Como chegaremos lá?

– Tenho um jipe. Trouxe botas de caminhada?

– Sim, faço muitas caminhadas onde moro.

– E quanto a você, irlandês?

– Não se preocupe.

– Ótimo. Então nos encontramos de manhã e saímos. Que tal às oito?

Bran se retraiu.

– Você é do tipo matinal?

– Sou o que precisar ser.

Sasha voltou com eles para o hotel, um pouco atordoada. Vinho demais, horas de viagem demais, estímulos demais. Dormiria, simplesmente dormiria e resolveria o resto de manhã, disse para si mesma.

– Qual andar? – perguntou Bran quando entraram no elevador.

– Terceiro – respondeu Sasha.

– O meu também.

– Idem – disse Riley.

– Como seria de se esperar.

Com um suspiro, Sasha se apoiou na parede e pegou a chave.

Quando saíram, viraram na mesma direção. Sasha quase sentiu os dedos pegajosos do Destino a segurando pela nuca. Parou na frente da porta do seu quarto.

– Eu fico aqui.

– Estou logo em frente – disse Bran, agora sorrindo.

– Claro.

– E o meu, ao lado.

Riley foi até sua porta.

– Onde mais você estaria? – murmurou Sasha, destrancando a porta.

– Boa noite, crianças! – cantarolou Riley.

– Boa noite. Obrigada pelo jantar – disse Sasha para Bran, e fechou a porta.

Bran entrou no quarto e acendeu as luzes. A noite certamente tinha sido mais divertida do que esperara. Havia pensado em sair, talvez tomar uma bebida e dar uma caminhada solitária para refletir sobre aonde fora levado.

Então surgiram as mulheres.

Sozinho ali, podia admitir que se ver naquele desenho como um dos seis fora um choque. Mas um choque *interessante*. Tanto quanto saber que a artista era a mesma Sasha Riggs cujo trabalho estava pendurado em sua casa em Nova York.

Ela dissera que a cena era fruto de sua imaginação, e talvez fosse mesmo, mas ele conhecia aquela floresta e a conhecia bem. Sabia o que havia no fim do caminho à luz bruxuleante.

Pegou uma garrafa de água e o tablet que trouxera e se sentou na cama. Começou a pesquisar sobre as duas mulheres que o Destino aparentemente jogara a seus pés.

Havia outros modos de saber mais sobre elas, claro, mas aquele parecia o mais justo e honesto. Bran acreditava na justiça, pelo menos a princípio.

Não tinha a menor dúvida de que elas – a aventureira e a vidente – não haviam contado tudo, mas ele também não. Então isso também parecia justo.

Dedicou-se à aventureira primeiro, porque havia sentido uma forte atração pela vidente.

Ela não era apenas Riley Gwin, mas a *doutora* Riley Gwin, com titulações em arqueologia, folclore e mitos. Nascida trinta anos antes – e dois doutorados aos 30 anos significava que não era nenhuma tola –, filha dos doutores Carter Gwin e Iris MacFee, respectivamente um arqueólogo e uma antropóloga, havia passado boa parte da infância viajando.

Havia escrito dois livros e uma série de ensaios e artigos – afinal de contas, era publicar ou perecer. Mas, pelo que Bran pôde concluir, dedicava a maior parte do tempo a fazer escavações ou a viajar sozinha à procura de tesouros perdidos e mitos.

A busca pelas estrelas certamente se encaixava nisso.

Ele passou para Sasha.

Tinha 28 anos e era filha única de Matthew e Georgina Riggs, divorciados. Havia estudado belas-artes em Columbia. Artigos sobre ela eram poucos e raros, indicando que se esquivava dos holofotes, mas era representada por uma das principais agências de artistas em Nova York. Havia feito sua primeira grande exposição na Windward Gallery, de Nova York, à tenra idade de 22 anos e agora vivia sossegada nas montanhas da Carolina do Norte.

Solteira, o que era conveniente.

Sasha Riggs era bem mais do que isso, pensou.

Então teria de descobrir esse muito mais, de um modo ou de outro. Mas não aquela noite, decidiu. Porque naquela noite ele deixaria tudo para lá e veria no que dava.

Pôs o tablet de lado e se despiu. Preferia atividades noturnas, mas, como tinha de enfrentar a manhã seguinte, necessitava de uma boa noite de sono.

Deixou as cortinas e janelas abertas e, ouvindo os sons da noite e pensando em estrelas da sorte e mulheres com segredos, sentiu-se adormecer.

A batida na porta o despertou e o deixou um pouco irritado. Rolou para fora da cama e vestiu a calça jeans.

Não ficou surpreso ao encontrar Sasha à porta, mas, sim, ao vê-la usando uma camisola que mal ia até o meio de suas belas coxas.

– Bem, isso é interessante.

– Ela está na janela.

– Quem?

Bran esboçou um sorriso, mas quando finalmente desviou o olhar daquelas coxas cobertas de seda branca, dos seios e do pescoço para os olhos dela, o sorriso desapareceu.

Sonambulismo, pensou. O transe a deixava com os olhos vidrados.

– Onde você está, Sasha?

– Com você. Ela está na janela. Disse que, se eu a deixar entrar, me concederá o desejo de meu coração. Mas ela é feita de mentiras. Precisamos mandá-la embora.

– Vamos dar uma olhada.

Bran segurou a mão de Sasha e a conduziu até o quarto dela. Entraram, e ele fechou a porta.

Ela deixara o quarto escuro como uma caverna, com as cortinas bem fechadas. Quando ele acendeu a luz, Sasha ergueu a mão, apontando para as cortinas.

– Ela está ali. Falei para ir embora, mas ainda está ali.

– Fique aqui.

Ele aproximou-se da janela e abriu a cortina. Viu uma sombra passar – foi apenas um vislumbre – e pensou ter ouvido um farfalhar, como de asas secas de um morcego. Então não havia mais nada além do mar sob a lua minguante.

– Pronto, ela se foi. – Sasha sorriu. – Eu sabia que ela iria embora se você estivesse aqui. Sua presença a deixa preocupada.

– Preocupada?

– Posso sentir o que ela sente. Não tudo. Não quero sentir tudo. – Sasha esfregou os braços. – Ela deixou para trás o frio. É fogo que quer aqui, mas deixou o frio.

– Venha, volte para a cama, que ainda está quente.

Para encerrar a questão, ele foi até Sasha, a pegou no colo e a carregou para a cama.

– Você tem o cheiro da floresta que pintei.

– Bem, eu passei um tempo considerável lá. – Ele a cobriu cuidadosamente. – Está mais quente agora?

– Ela vai voltar.

– Não esta noite.

– Tem certeza?

– Tenho. Pode dormir agora.

– Está bem.

Com uma confiança que o desconcertou, Sasha fechou os olhos.

Observando-a, Bran considerou suas opções. Poderia voltar para seu quarto e presumir que ela o procuraria se precisasse, poderia passar uma noite muito desconfortável no chão do quarto de Sasha ou...

Ele se esticou ao lado dela e observou a noite através da janela. Sasha cheirava a flores de laranjeiras, percebeu. Inalando o perfume, ele adormeceu.

3



Aquecida, feliz e satisfeita, Sasha foi despertando devagar, como se emergindo das águas calmas de um lago, boiando. Desejando prolongar aquela sensação de segurança e felicidade, manteve os olhos fechados e se permitiu ficar na cama por mais cinco minutos.

Suspirando, deslizou a mão pelo lençol.

E ficou paralisada.

Não era lençol, mas pele. Quente e firme. E um coração batendo sob sua palma.

Na mesma hora abriu os olhos. O primeiro choque foi ver Bran, ainda dormindo, com o rosto a centímetros do dela. O segundo foi perceber que estava com a cabeça aninhada no ombro dele, como se lhe pertencesse. Estavam enroscados como amantes satisfeitos, o braço de Bran sob o corpo dela e a mão dela no peito dele.

E não era um sonho.

Sufocando um grito, ela se afastou e rolou para o lado, quase caindo da cama antes de ficar em pé.

Bran se sentou de um pulo, com os cabelos desgrenhados, o rosto sombreado pela barba por fazer e o tórax musculoso.

– Que foi? – perguntou ele enquanto aqueles olhos escuros se tornavam totalmente despertos. – Que foi?

– O que...? – retrucou Sasha, apontando para ele. – O que...? – E agitou o dedo no ar. – *O que é isso?!*

– Meu Deus! – Ele esfregou o rosto. – Como se não bastasse acordar no meio da maldita noite, ainda tem de ser com uma pessoa gritando.

– Eu não estou gritando. – Aqueles olhos azuis cristalinos faiscavam como chamas. – Quer me ouvir gritar? Vai ouvir, se não me disser o que diabo está fazendo na minha cama.

– Relaxe, *fáidh*, não fizemos nada além de dormir.

Uma pena, pensou, porque ela ficava gloriosa com raiva.

– Não me mande relaxar. Por que você está no meu quarto, na minha cama, e não na sua?

– Vou dizer se você parar de gritar. Por todos os deuses, não há nenhum chá ou café aqui?

– Estou a dois segundos de chamar a segurança do hotel. – Depois de olhar freneticamente ao redor, Sasha agarrou uma das suas sandálias e a brandiu como uma arma. – Explique.

Bran inclinou a cabeça, aparentemente desconcertado, e ergueu a sobrancelha com a cicatriz.

– Se você atirar isso em mim, gata, garanto que vou ficar muito irritado.

Ele saiu da cama, avistou o frigobar e foi até lá.

Pegou uma Coca-Cola e girou os ombros, fazendo ondular a tatuagem de raio na escápula.

– Bem, devemos nos dar por satisfeitos com o que temos e ser gratos por isso. – Abriu a garrafa e bebeu. – Já é alguma coisa.

– Saia.

Bran se virou de novo. Alto, magro e musculoso, usava apenas os jeans que havia vestido apressadamente e não se dera o trabalho de abotoar. Em meio à fúria de Sasha, o desejo ressoou como sinos de ferro.

– Quer que eu saia ou explique?

– Quero que explique e depois saia. Como entrou aqui?

– Andando, com você.

Ela recuou a sandália mais um centímetro, como se preparada para arremessá-la.

– Mentira.

– Posso rodear a verdade aqui e ali, mas não tenho o hábito de pisar nela. Você teve um episódio de sonambulismo. Bateu à minha porta.

– Eu... eu não sou sonâmbula. – Mas ela detectou a dúvida na própria voz.

– Não totalmente, certo? – Ele se sentou na beira da cama, bebeu mais um

pouco de Coca-Cola e a ofereceu. – Quer?

– Não. Sim. Vou pegar uma para mim.

A meio caminho do frigobar, ela percebeu que não estava usando nada além da camisola e se apressou a pegar o roupão do hotel.

– Um pouco tarde para isso agora que eu já a vi, não acha? E foi uma bela visão. – Ante o olhar cortante de Sasha, ele sorriu. – E se fosse para eu fazer algo, tive muitas oportunidades esta noite. – Ele estendeu a mão livre com a palma para cima. – Não a toquei, eu juro.

Ela enfiou os braços no roupão.

– Não lembro.

– Dá para perceber, e no seu lugar eu também detestaria isso. Você bateu na minha porta cerca de uma hora depois de nos separarmos. Não estava totalmente desperta nem totalmente adormecida, se entende o que eu quero dizer. Você disse que ela estava na janela.

– Quem?

– Fiz a mesma pergunta. Ela queria que a deixasse entrar e lhe prometeu o desejo de seu coração, mas você sabe das coisas. Foi me procurar.

O medo subiu pela espinha de Sasha, causando-lhe arrepios.

– Você viu... viu alguma coisa?

– Uma sombra, nada mais do que uma sombra, e ouvi como que um farfalhar de asas. Não duvido que havia alguma criatura ali. – Ele a encarou em silêncio por um tempo. – Não duvido de você.

As últimas palavras dele a deixaram com os olhos marejados, por isso ela rapidamente se virou para o frigobar. Contendo as lágrimas, encontrou uma garrafinha de suco de laranja.

– Você ficou comigo.

– Você estava com medo de ela voltar, e com frio. Ela a deixou com frio. Eu levei você para a cama e a cobri, como faria com uma... irmã. Não gosto de dormir no chão, então me deitei com você. E cá estamos nós agora.

– Sinto muito. Eu deveria ter imaginado. Eu saberia se não tivesse me apressado a tirar conclusões.

– Foram conclusões bastante lógicas.

– Talvez. – Então Sasha se sentou na beira da cama. Bran pegou a garrafa da

mão dela, a abriu e a devolveu. Mas ela só ficou olhando para a garrafa. – Obrigada por ficar comigo.

– Não há de quê.

Bran pegou a sandália que ela ainda segurava e a pôs no chão. Só para prevenir.

E desejou que aquelas centelhas de indignação não tivessem dado lugar a cansaço.

– Isso é só o início, não é? Sombras na janela. Só o início.

– Tudo começou muito tempo atrás. Esse é apenas mais um passo no caminho. Você vai se sair bem.

– Você acha?

– Acho, e fui eu quem quase foi atingido na cabeça por uma sandália. Você não está sozinha nisso. – Ele lhe deu um amistoso tapinha na perna antes de se levantar. – O que acha de nos encontrarmos lá embaixo daqui a uma hora para o café da manhã?

– Está bem. Daqui a uma hora.

Bran se inclinou para baixo e ergueu o rosto dela.

– Lembre-se: você não a deixou entrar.

Quando Sasha assentiu, ele se dirigiu à porta e saiu.

E quase esbarrou em Riley.

Ela ergueu as sobrancelhas, sorrindo discretamente enquanto tirava os fones de ouvido.

– Você não perde tempo, irlandês.

– Não é o que está pensando. – Ele acrescentou: – Acordou cedo.

– Tinha de me exercitar um pouco.

– Se conseguir se arrumar em meia hora, tomamos café juntos, e eu conto o que aconteceu com Sasha. Ela vai descer daqui a uma hora, e assim não terá de repetir tudo.

– Agora você me deixou curiosa. Me arrumo em vinte minutos. – Riley correu para sua porta e parou para olhar para trás. – Ela está bem?

– Sim. É mais forte do que eu pensava e certamente mais do que ela mesma pensa. Vinte minutos – repetiu. – Se você não estiver pronta, a encontrarei no saguão, porque se eu não tiver tomado café até lá, sou capaz de matar alguém.

– Estarei pronta.

Ela cumpriu sua palavra: bateu na porta de Bran dali a quinze minutos. Concordaram em pegar café e bebê-lo à beira da piscina, para conversarem.

– Para começar, você tem meu respeito por não ter mergulhado de cabeça, e não me refiro a esta piscina.

– Sexo? – Ele balançou a cabeça. – Um homem que se aproveita de uma sonâmbula é um criminoso. Além do mais, se estamos nisso juntos, precisamos confiar uns nos outros.

– Tem razão. E eu acredito que você não está nos contando tudo sobre Bran Killian.

– Não estou, Dra. Gwin.

Riley deu uma risada e ergueu sua xícara, como se em um brinde.

– Pesquisou sobre mim no Google?

– Sim.

– É justo. Também pesquisei sobre você. Aquela sua boate, ou suas boates, porque você tem outra em Dublin, parecem ótimas.

– Gosto de pensar que sim.

– Vou ter de conferir na próxima vez que for a Nova York ou Dublin. No momento, acho que devemos procurar uma mesa. Sasha me parece ser do tipo pontual. Além disso, estou morrendo de fome.

Levantando-se, eles foram na direção do bufê ao ar livre, cercado por cortinas brancas ondulantes.

– Você tem ideia de quem estava na janela dela?

– Algumas.

– Estranho, eu também.

Depois de dizer ao garçom que seriam três, pegaram uma mesa e esperaram ser servidos de mais café. Riley tirou um caderno do bolso da calça e arrancou uma folha.

– Anote sua primeira opção. Vou fazer o mesmo. Depois, comparamos.

– Eu não trouxe caneta.

– Pode usar meu lápis.

Riley rabiscou um nome em sua folha e lhe entregou o lápis.

– Isso é para ter certeza de que não vou enganá-la?

– Digamos que isso mostrará se algum de nós está mentindo.

Ela lhe estendeu sua folha entre dois dedos. Bran fez o mesmo.

– Nerezza – murmurou ele.

Riley pôs a folha de Bran ao seu lado, cumprimentando Sasha, que chegava naquele momento, com um aceno de cabeça.

– Nerezza.

– A mãe da escuridão. – Sasha olhou para as cortinas brancas ondulantes. – É feita de mentiras.

Bran se levantou e a tocou no braço. Sentiu-a estremecer.

– Sasha.

– Sim?

– Sente-se. Quer café?

Ela obedeceu, assentindo.

– Quero. – Então pegou as duas folhas de papel. – Conheço este nome. Já o ouvi em minha cabeça. Era ela que estava do lado de fora de uma janela do terceiro andar. Não foi um sonho, não mesmo. Como isso é possível? Quem é ela?

– A pergunta não é quem, mas *o quê*. – Bran voltou seu olhar para Riley. – Você já enfrentou um deus?

– Não. Deve ser divertido. – Ela se levantou. – Vou até o bufê.

Sasha observou Riley se dirigir a uma das mesas, erguer a tampa de uma travessa aquecida e começar a se servir.

– Se eu tivesse 1 milhão de dólares, daria cada centavo para ter a autoconfiança dela.

– Você tem a sua própria – disse Bran. – Só a põe de lado de vez em quando. É melhor tomarmos nosso café antes que Riley coma tudo.

O jipe de Riley, rústico e de um vermelho desbotado, estava gasto, com amassados e sem capota. Depois de uma longa avaliação, Bran subiu atrás.

– Onde você conseguiu esta coisa?

– Tenho contatos, fiz um acordo. Achei que precisaria de transporte. – Ela se sentou ao volante e atirou um mapa dobrado para Sasha. – Banco do copiloto.

– Certo, mas ajudaria se eu soubesse para onde estamos indo.

– Norte, ao longo da costa, para começar. É uma ilha grande, mas minha pesquisa me leva para um local costeiro.

– Por quê?

Enquanto a pergunta era feita, Riley pisou no acelerador. Embora parecesse ter saído de um ferro-velho, o jipe teve força para saltar para a frente como uma pantera.

– Por quê? – gritou Riley por cima do ronco do motor. Ela pegou uma estrada estreita e as lojas se tornaram um borrão à medida que se dirigiam para a costa. – O que torna uma ilha uma ilha?

Sasha se perguntou se um acidente doeria menos se ficasse de olhos fechados.

– O fato de ser cercada por água.

– Então por que escolher o interior para esconder um tesouro? Na costa há baías, passagens e cavernas. A maioria das traduções da lenda fala sobre a Estrela de Fogo esperando para se acender de novo repousando em um berço de terra no fundo do mar. Alguns mitólogos imaginam ser a Atlântida.

– Acontece que a Atlântida não existe.

Riley a olhou de relance.

– Você está procurando uma estrela caída criada por uma deusa da lua, mas duvida de Atlântida?

– E espero não morrer em um acidente de carro.

– É para isso que serve a barra estabilizadora. Tenho um colega que pesquisa a Atlântida há quase vinte anos. Vou deixar essa para ele.

A estrada era como uma pista de corrida onde cada motorista parecia determinado a ser o primeiro a cruzar sua linha de chegada pessoal. Riley dirigia como um demônio alucinado, mal reduzindo ao passar por uma villa.

– Kontokali, se você estiver vendo o mapa – disse ela. – Tem uma das igrejas mais antigas na ilha e um castelo em ruínas que vou visitar quando tiver um tempo livre. Como você está aí atrás, irlandês?

Ele estava sentado de lado, com os pés no banco.

– Você dirige como um demônio, Riley.

– Sempre chego ao meu destino. Como agora somos três, tive uma ideia: podemos continuar pagando por quartos de hotel separados ou alugar algo juntos. Vai ficar mais barato para todos.

– E teremos mais privacidade – acrescentou Bran, porque ele tivera a mesma

ideia. – É um pouco estranho discutir busca por estrelas e evitar deuses da escuridão em restaurantes de hotel. O que me diz, Sasha?

Ela olhou para o mar, onde um homem esquiava no azul, puxado por um barco branco brilhante.

– Acho mais prático.

– Então está fechado – anunciou Riley. – Vou dar uns telefonemas.

– Para seus contatos – completou Bran.

– É bom tê-los. Gouvia – acrescentou ao chegarem a outro casarão. – Estaleiros venezianos antigos. Muitas praias e enseadas. Pode valer a pena darmos uma olhada.

Sasha teve tempo para observar os prédios desbotados pelo sol, a linha da costa e pedestres com apetrechos de férias antes de deixarem o vilarejo para trás.

– Você não parece precisar de copiloto.

– Ainda não.

Sasha se acostumou com a velocidade, pelo menos o suficiente para seu coração não disparar a cada curva da estrada. O movimento das águas em volta e o cheiro de maresia a acalmaram, assim como o perfume de flores crescendo livremente no acostamento, cujas cores eram as mais vívidas e intensas que ela já vira. Papoulas muito vermelhas brotando em um campo, ipomeias tingindo sebes de um azul violento, os galhos curvos de uma árvore-de-judas explodindo em um magenta abrasador.

Fora até ali a fim de encontrar respostas para perguntas que a perseguiam, pensou Sasha, mas estar em meio a tanta beleza já era um milagre pessoal.

Dedicou-se à contemplação, erguendo o rosto para o céu e se deixando envolver pelo ar quente e perfumado.

Riley tinha algo a dizer sobre cada villa pela qual passavam. Sasha se perguntou como era ser alguém que viaja tanto e que efetivamente vive em busca de aventuras.

Por enquanto se permitiria estar naquele momento, de sol, velocidade e paisagens.

Poderia pintar ali durante anos.

Talvez seu coração tivesse disparado de novo quando eles passaram em alta velocidade por um trecho cheio de curvas fechadas, com o mar abaixo assustadoramente perto.

Pouco a pouco, rumaram para o oeste. Passaram por uma grande e movimentada cidade que Sasha identificou no mapa como Kassiopi.

Depois disso, a estrada se tornou sinuosa de novo, margeando um lago que Sasha ansiou por desenhar.

– Chegando a Acharavi. Originalmente se chamava Hebe, talvez em homenagem à filha de Zeus, nos tempos antigos. Então, em 32 a.C., Otaviano a saqueou, daí o nome atual, que significa "vida desgraçada", já que ser saqueado e incendiado é uma desgraça. Vamos parar aqui – anunciou Riley quando passavam por um parque aquático. – E vou dar aqueles telefonemas. Albânia. – Ela apontou para a massa de terra do outro lado das águas.

– Albânia – repetiu Sasha, eufórica e impressionada. – Imagine só! – Um parque aquático familiar, em que de um lado ela ouvia gritos de crianças descendo em escorregas e, do outro, via a costa da Albânia.

Não era tão incrível quanto uma estrela de fogo?

Acharavi fervilhava, com sua rua principal tomada pelo comércio. Abril mal havia começado, mas turistas já se aglomeravam no balneário, perambulando pelas lojas ou almoçando em um dos cafés na calçada.

– Férias de primavera – comentou Riley, saindo da estrada principal. – Eu diria que há muitos britânicos e americanos, porque vejo muitas peles claras que vão queimar. Espero que você tenha trazido um estoque de filtro solar, irlandês.

– Estou bem suprido aqui, obrigado. – No minuto em que Riley parou, Bran saiu e girou os ombros. – Você escolheu um belo ponto para nos alongarmos.

– Eu tento agradar. – Riley pegou o celular. – Se quiserem andar até a praia, encontro vocês lá depois.

Areia dourada, aveias-do-mar, água azul e barcos, alguns rebocando esquiadores. E a Albânia no horizonte.

Sasha pegou a mochila. Queria dez minutos, talvez vinte, para desenhar.

– Você vai precisar de um chapéu – disse Bran.

Ele tinha um, cinza-escuro, com uma aba larga e achatada, que pôs na cabeça dela.

– Se eu tivesse um, ele teria voado nos primeiros cinco minutos.

– Ela sabe dirigir. – Bran pôs a mochila nos ombros enquanto eles caminhavam. – Então, algo lhe ocorreu no caminho? Acho que ela está fazendo esse tour costeiro para ver se pensa em alguma coisa.

Claro, pensou Sasha. Não era só uma corrida louca pela costa, mas outro tipo de busca.

– Eu deveria ter pensado nisso. Não. É tudo lindo, mesmo à velocidade do som, mas não senti nada. Nem sei se isso funciona assim. Nunca tentei.

– Por que não?

– Ter algo incomum torna a pessoa diferente, faz com que se sinta isolada, eu acho. Antes eu queria muito me encaixar, até que finalmente percebi que... bem, que não ia conseguir. Então me concentrei apenas no meu trabalho, pelo menos até tudo isso começar. E agora...

– Agora...?

– Estou na Grécia olhando para a Albânia, tão próxima que parece que dá para ir nadando até lá. Isso é mais do que qualquer coisa que eu poderia imaginar. – Ela fechou os olhos e respirou fundo. – Até mesmo o ar é exótico. Mas se Riley nos trouxe até aqui na esperança de que eu tivesse algum tipo de visão, não está funcionando.

– Acho que não vai ser assim tão fácil.

Sasha pensou nas visões que tivera. De sangue, medo, dor e escuridão.

– Não, não vai.

– Precisamos encontrar um lugar. Riley está certa quanto a isso. Um lugar em que nós três possamos nos espalhar, estudar, planejar. Uma espécie de quartel-general.

A ideia a fez sorrir. Um quartel-general parecia tão distante de seu mundo quanto ir nadando até a Albânia.

– Quartel-general.

– Exatamente. E como não sei se os outros três que você desenhou virão até nós, alguns dias, como hoje, vamos precisar andar a esmo.

– Temos de nos reunir. Enquanto não fizermos isso, poderemos olhar, mas não ver; procurar, mas não encontrar. Não foi uma visão – apressou-se a dizer Sasha. – Apenas uma espécie de conhecimento.

– O que me parece o mesmo.

– Talvez. Quero desenhar enquanto estamos aqui.

– Vamos ter de arranjar uma cadeira para você. Podemos alugar uma, espero, ou... Há uma taverna bem ali. Que tal aquela vista?

– Seria ótima.

Arranjaram uma mesa, e ela posicionou sua cadeira. Então ambos examinaram a vista.

– Quer um vinho?

– Ah, não, obrigada. Talvez algo gelado.

Pegando o bloco, ela começou a desenhar as aveias-do-mar ondulantes e a longa faixa de praia.

Bran pediu para si um Mythos e, para Sasha, o suco grego que é uma combinação de laranja, maçã e abacaxi. Enquanto ela desenhava, Bran pegou o celular para ver seus e-mails.

Mesmo enquanto pensava em trabalho, ele observou Sasha, suas mãos finas e bonitas usando papel e lápis para dar vida a uma cena.

Observou que ela deixava de fora coisas que estavam lá. Pessoas. Sua praia era deserta, exceto pelas aves sobrevoando o mar.

Sasha passou para outra folha e começou um novo desenho. Bran supôs que ela os considerasse esboços, mas ele achava ambos maravilhosamente simples e fluidos. Era mágico, pensou, que ela fosse capaz de registrar sua visão com traços tão rápidos e seguros.

Ele começou um terceiro desenho – de uma perspectiva diferente. Não exatamente da praia à sua frente, com uma lua não toda cheia pairando entre as nuvens acima de um mar agitado.

Uma mulher de cabelos escuros até a cintura estava na beira do mar, contemplando-o. Suas saias ondulavam na altura dos joelhos. À sua direita se erguiam altos penhascos escarpados, e no alto de um deles havia a sombra de uma casa onde uma luz brilhava em uma única janela.

Quando Sasha parou e se virou para finalmente pegar sua bebida, Bran pousou o telefone.

– Ela vai entrar no mar ou voltar para a casa no penhasco?

– Não sei. – Sasha suspirou e tomou um gole. – Acho que nem ela sabe. Não é aqui. Não sei por que olhei para lá e vi isso tão claramente.

– Talvez estejamos perto. Ela é a única pessoa que você desenhou. Nos outros desenhos desta praia, você deixou as pessoas de fora.

– Ah. – Sasha deu de ombros. – É mais tranquilo sem elas. Geralmente não desenho pessoas. Ou pelo menos não desenhava. Quando estava estudando e usávamos modelos, eu acabava lendo as emoções deles. Sempre achei isso tão

invasivo que aprendi a bloquear, mas o esforço não pareceu valer a pena. Gosto do mistério de uma cena sem pessoas. – Sasha apoiou o queixo na mão fechada e sorriu. – Você prefere o oposto.

Conversas – algo que ela havia evitado durante seu isolamento nas montanhas – tinham um tom diferente, um novo atrativo quando envolviam alguém que sabia o que ela era e a aceitava.

– Como sabe?

– Boates – explicou Sasha. – Você é dono de boates e faz shows de mágica, por isso deve gostar de pessoas. E do público que se maravilha com seus truques.

– Também gosto de praias vazias. Mas... – Ele estendeu a mão vazia na direção de Sasha e então a fechou. Ao abri-la, exibia uma concha branca. – Gosto de maravilhar as pessoas.

Sasha riu e balançou a cabeça.

– Como você faz isso?

– Não há nada na manga da minha camisa.

– Nem fumaça e espelhos ao redor. – Ela passou os dedos pelas bordas da concha. – Como você aprendeu a fazer mágica?

– Pode-se dizer que é uma tradição de família. Na verdade, minha mãe me ensinou meu primeiro truque... um pouco.

– Sua mãe. Ela também se apresenta?

– Ao modo dela. – Como gostava de ver Sasha rir, ele pegou um baralho na mochila e o abriu em leque. – Escolha uma carta, qualquer uma.

Sasha tirou uma e a olhou.

– E agora?

– Devolva-a e pegue o baralho. Embaralhe. Deveríamos nos recompensar nadando no fim do dia. O que você escolhe, mar ou piscina?

– Mar. – Se não houver mais ninguém na praia, acrescentou para si mesma. – Quando terei novamente a chance de nadar no mar Jônico? Posso parar de embaralhar?

– Sim, claro, se você acha que sim. Pouse o baralho de novo e o abra em leque você mesma.

Ela seguiu as instruções e se inclinou para a frente com um olhar penetrante.

– Agora, onde acha que sua carta está? Aqui? – Ele tocou em uma carta. – Não, não, talvez aqui. Ah, lá vem nossa Riley.

– Jogando cartas e bebendo cerveja enquanto eu suo. – Ela se abaixou, pegou o que havia sobrado da cerveja de Bran e bebeu.

– Ele está fazendo um truque de cartas, mas acho que não vai dar certo.

– Mulher de pouca fé. – Bran suspirou e passou a ponta do dedo nas cartas em leque. – Parece que não está nem aqui nem ali, porque... Com licença – disse Bran a Riley, tirando o chapéu da cabeça dela e o virando. – Sua rainha de copas está no chapéu de Riley.

Sasha arregalou os olhos.

– Não é possível.

– É, sim.

Ele ergueu a rainha entre dois dedos, girou o pulso e a carta desapareceu.

– Tenho que admitir – começou Riley enquanto Sasha continuava boquiaberta – que esse é o melhor truque que já vi de perto. Preciso dizer que também fiz mágica. Temos um lugar, se quisermos nos transferir para lá.

– Como a carta foi parar no chapéu de Riley se ela nem estava aqui? – perguntou Sasha.

– Mas agora ela está e acabou com minha cerveja.

– Mas... – Sasha riu e ergueu as mãos em rendição. – Quero ver você fazer isso de novo quando... Riley, você disse que encontrou um lugar para ficarmos?

– Sim, e mereço uma cerveja por isso. Mas vou esperar até irmos lá dar uma olhada. Não é longe. Fica nos arredores de Sidari.

– Eu vi Sidari no mapa. Fica a oeste daqui.

– Isso mesmo. Tive sorte. – Riley pegou o suco de Sasha e deu um grande gole. – Um amigo de um amigo de um tio meu tem uma casa requintada dessas que chamam de villa, e estará nos Estados Unidos a negócios durante as próximas semanas. Ele também teve sorte, porque o casal que cuidava do lugar precisou ir embora ontem. O homem tomou um tombo feio e quebrou a perna. Então esse amigo de um amigo de um tio meu disse que podemos ficar por lá se cuidarmos do lugar.

– O que isso quer dizer exatamente? – perguntou Bran.

– Manter o quintal limpo, fazer jardinagem, manutenção da piscina... Eu mencionei que tem piscina? Também há um cão, que teremos de alimentar. E galinhas.

– Galinhas? – repetiu Sasha.

– Também devemos alimentar, mas nos darão ovos para comer. Cuidar do lugar e ficar lá de graça até ele voltar, daqui a quatro semanas. Para mim parece ótimo.

– Precisamos dar uma olhada. – Bran guardou o baralho. – Pronta?

Sasha assentiu e se levantou.

– Acho que eu gostaria de ficar em uma villa no mar Jônico. É só que quando as coisas parecem boas demais para ser verdade...

– Costumam ser uma armadilha. – Bran se levantou e a segurou pela mão. – Por que não vamos conhecer a armadilha e ver se podemos viver com o que for?

A estrada para o oeste era quase totalmente reta, até chegarem a uma série de curvas e espirais em que Riley dirigiu com a mesma despreocupada rapidez.

Sasha viu claramente por que Sidari era considerada o melhor lugar de veraneio no norte: localizava-se bem na baía e tinha uma vista espetacular. Seu primeiro pensamento foi que havia pessoas demais nas ruas, praias e lojas.

O barulho delas a deixou com dor de cabeça e com os nervos à flor da pele. Não melhorou nem mesmo quando eles deixaram a cidade para trás ao pegarem uma estrada estreita. Ela olhou novamente para o mar, tentando recuperar a calma.

Quando o viu, ela soube, entendeu aquele sentimento: o promontório, alto e imponente, que se erguia do mar. Ela havia estado lá com ele na noite que anunciava uma tempestade. Ele tinha um raio na mão e ela, um ardor terrível no coração.

Sua pintura.

Ainda não a havia mostrado para nenhum deles, mas ainda assim a estrada os levara até ali.

Ouviu vagamente Riley falando sobre cavernas e passagens, ambas acima e abaixo da água.

– Vamos entrar agora num terreno acidentado – acrescentou Riley. – A casa fica lá em cima, no penhasco. A vista deve ser de tirar o fôlego.

Sasha não olhou. Já sabia o que veria. Em vez disso, concentrou-se nas flores do campo se abrindo heroicamente às margens do que agora não era mais que uma trilha, e até mesmo na própria trilha.

O jipe sacolejava, forçando Riley a finalmente desacelerar, até parar diante de um portão de ferro.

– Tenho a senha. – Ela se inclinou para fora e a digitou em um teclado

numérico. – Ele disse que um vizinho viria pela manhã para alimentar o cão, cuidar das galinhas e dar uma olhada nas coisas. E falou que o cão é amigável.

Cruzando o portão, a estrada se suavizava um pouco e depois fazia uma curva brusca.

– Deixem-me comemorar! – Com um pequeno grito de guerra, Riley disparou na direção do casarão. – Não é o tipo de lugar em que costumo me hospedar.

Em um belo contraste do creme contra o céu azul, a villa se erguia em seu alto pedestal. Voltada para o mar, tinha vista de todos os pontos. A frente impressionante oferecia espaço suficiente para arbustos floridos, algumas árvores frutíferas e um gramado verdejante, além do muro de pedra. Até mesmo os degraus rústicos que levavam à praia lembravam a Sasha gnomos ou trolls musculosos com ferramentas primitivas golpeando a pedra. O casarão tinha um majestoso conjunto de portas, terraços e grandes extensões de vidro.

Mais flores e mais árvores ornavam a lateral, onde havia um caminho de pedra. Enquanto Riley desligava o carro, um grande cão branco de rabo comprido e peludo como um urso-polar surgiu da sombra das árvores e foi na direção dela.

– Ele é *enorme*! – Sasha tinha esquecido seu nervosismo por tempo suficiente para ele voltar. – Você disse amigável.

– É só tamanho. Oi, Apolo! O nome dele é Apolo.

Sem medo, Riley saiu do carro, se agachou e estendeu a mão.

O cão parou e a encarou por alguns segundos, a ponto de Sasha pensar em sair do carro e puxar Riley de volta, embora se perguntasse se um cão daquele tamanho poderia simplesmente comer o jipe com eles dentro.

Então o cão foi abanando o rabo até Riley e cheirou a mão dela.

– Bom garoto. – Riley se aprumou e afagou a cabeça de Apolo quando ele se sentou. – O que estão esperando?

– Só queria ver o naco que ele poderia arrancar de você. – Bran saiu do jipe e, tão despreocupadamente quanto Riley, acariciou as costas do cão.

– Venha, Sasha, leia a mente do cão, se está com medo. Você deveria ser capaz de fazer isso – salientou Riley. – Os cães têm sentimentos. Como ele está se sentindo?

– Feliz. – Sasha suspirou e saiu do jipe. – Ele está muito feliz.

– Animais de matilha. – Riley se abaixou e beijou a cabeça do cão. – Ele precisa de uma matilha, que por um tempo será formada por nós. Também tenho o

código de alarme e parece que os caseiros deixaram as chaves no vaso de palmeira ao lado do muro do penhasco, então...

Andando confiantemente com suas botas surradas e o cão em seu encalço, Riley chegou ao muro.

– Vista deslumbrante. Venham dar uma olhada.

Sasha foi até o muro de pedra. Ali, logo abaixo, estava a praia que desenhara à mesa da taverna.

– Só está faltando a lua e a mulher – disse Bran em voz baixa.

– O quê? – perguntou Riley.

– Eu desenhei isto quando estávamos esperando por você em Acharavi – explicou Sasha. – Não sabia o que era. Agora sei. Ela estava lá embaixo, na beira da água. A mulher que ainda não encontramos. E esta villa era uma silhueta no penhasco.

Satisfeita, Riley pôs as mãos na cintura.

– Ótimo. Então é aqui mesmo que deveríamos estar.

– Acho que sim. – O cão pôs a cabeça debaixo da mão de Sasha e a olhou com seus belos olhos escuros, irradiando a felicidade que ela acabara de sentir nele. Isso a fez sorrir de novo. – É, sim.

– Então vamos dar uma olhada. Primeira a escolher o quarto!

Riley desatou a correr e, com um latido alegre, Apolo a seguiu.

– Podemos decidir no cara ou coroa quem será o segundo – propôs Bran, e Sasha sentiu seu equilíbrio voltar.

– Como se eu fosse jogar cara ou coroa com um mágico. Estou indo! – anunciou, e correu atrás do cão.

4



Sasha acreditava ser uma pessoa organizada, com uma rotina prática. Só escolhia fazer algo fora dessa rotina depois de refletir cuidadosamente.

Pelo menos era assim até ir a Corfu.

Agora, cerca de 24 horas após ter se registrado no hotel e desfeito as malas, as estava refazendo, se preparando para pagar a conta e se mudar para uma villa com duas pessoas que conhecera havia menos de um dia.

E não importava quantas vezes questionasse a sanidade disso, sabia que era a coisa certa a fazer. A única, na verdade, se realmente quisesse respostas.

O casarão era bonito e espaçoso, e nem mesmo uma mulher que se achava prática podia negar a emoção de caminhar por seus cômodos, considerando que viveria ali por...

Pelo tempo que fosse.

Pisos de azulejo, pensou, percorrendo cuidadosamente grandes trechos com vidros brilhantes e subindo as imponentes escadas duplas curvas que levavam ao segundo andar – para onde, lembrou-se, Riley havia disparado.

Sua nova amiga tinha tomado para si a suíte principal, com sua cama enorme, onde pulara alegremente antes de correr para o banheiro e dar um gritinho de triunfo ao ver a banheira vitoriana de pedra – grande o suficiente para uma festa – e o chuveiro igualmente espaçoso.

Sasha avaliou várias opções, todas ótimas, mas se apaixonou pelo quarto com uma cama de dossel coberta de linho plissado azul-turquesa. Assim como os outros aposentos, esse se abria para um terraço, onde ela se imaginou pintando.

Mesmo quando percebeu que a vista incluiria o promontório, não conseguiu se forçar a mudar de ideia.

Fechou as malas, deu duas voltas no quarto para se certificar de que não havia esquecido nada e estava prestes a chamar o carregador quando alguém bateu à porta.

Era Bran.

Ele olhou para as malas, a mochila e a sacola de Sasha.

– Acho que dá para carregarmos isso. – Ele pendurou a sacola na alça de uma mala e pôs a mochila nos ombros. – Consegue levar a outra?

– Claro, mas não tem as suas malas também?

– Já desci com as minhas. Trouxe metade do que você tem aqui.

– Claro, você é homem.

Sasha o seguiu sem se permitir olhar para trás.

– Só vou ver como está Riley e depois... Bem, não é preciso – acrescentou Bran quando Riley saiu puxando uma única mala com rodinhas.

– Só isso? Uma mochila e uma mala? – perguntou Sasha.

– Tenho tudo de que preciso e ainda sobrou espaço.

Sasha olhou para a própria bagagem e realmente *sentiu* o sorriso torto de Riley.

– Eu trouxe meu material de arte – justificou.

– Uhum.

Com o sorriso ainda no rosto, Riley se dirigiu ao elevador.

– Trouxe mesmo! – insistiu Sasha. – E meu cavalete portátil, várias telas pequenas, um bloco de desenho extra, sem falar nas tintas e nos pincéis.

– Seus pincéis não vão caber no elevador – zombou Riley.

– Vão vocês – sugeriu Bran. – Eu desço de escada.

– Aquela mala está pesada – começou Sasha.

– Deve ser por causa do bloco de desenho extra – zombou Riley, rindo.

Sasha olhou de cara feia para Riley, só que logo depois também riu.

– Ah, cale a boca.

Ela pôs a mala no elevador e se virou para agradecer a Bran, mas ele não estava mais lá.

Quando Sasha pagou a conta do hotel, eles já tinham carregado e amarrado as malas com cordas elásticas de Riley.

Sasha as olhou com desconfiança, pensando em seu material de pintura.

– Isso realmente vai dar conta?

– Ainda não me deixaram na mão. Villa, lá vamos nós.

Riley partiu ruidosamente, como fizera pela manhã. Dessa vez, contudo, Bran dividia o banco de trás com a bagagem.

– Você deveria vir na frente. – Sasha se virou. – Eu não tinha pensado nisso. Sou menor, você ficaria mais confortável aqui.

– Ah, estamos bem aqui, eu e seus pincéis. Do modo como Riley dirige, chegaremos lá bem antes de eu sentir câimbras nas pernas.

Dessa vez a alta velocidade pareceu um pouco mais estimulante do que assustadora. Sasha viu o mar, flores, carros e prédios banhados pelo sol passarem como um borrão enquanto ouvia parte do debate entre Riley e Bran sobre se deveriam parar em algum lugar para almoçar ou ir direto para a villa.

Para Sasha, tanto fazia. Aquilo tudo era muito surreal e precipitado. Até então, a maior impulsividade de que se lembrava era ter cortado o próprio cabelo, aos 12 anos. Um ato de raiva e desafio que lamentara antes mesmo de terminar.

Obviamente, o ato de agora oferecia mais riscos – ainda assim, naquele momento parecia totalmente certo.

Ela decidiu primeiro desfazer as malas. Não sossegaria enquanto não o fizesse. E depois montaria seu cavalete... talvez ao ar livre, para fazer um estudo em giz dos jardins. Ou tentar uma aquarela. Raramente usava essa técnica, mas...

– Qual é seu voto? – perguntou Riley.

– Desculpe, sobre o quê?

– Comida ou destino? Você tem o voto de minerva.

– Ah, não importa.

– Você precisa escolher. Bran quer ir direto. Eu quero comer.

– Não quero decidir.

– Não pode evitar. Ele diz que na villa há comida, os caseiros fizeram um estoque e podemos usar o que quisermos. Mas temos de chegar lá primeiro e ainda preparar alguma coisa. Alguém sabe cozinhar?

– É claro que eu sei – começou Sasha, mas percebeu imediatamente seu erro. – Só não vou ser encarregada da cozinha.

Uma grande e bela cozinha, lembrou-se, e não se importaria de preparar uma ou duas refeições, mas...

– Alguém tem de ficar com essa tarefa – interveio Riley. – Se você quiser

algo feito em uma churrasqueira, conte comigo. Fora isso, sou boa em sanduíches e em sopa enlatada. Odeio picar.

– Eu não sei cozinhar para pessoas – replicou Sasha.

– Para quem você cozinha? – perguntou Bran. – Ursos?

– Para mim mesma. Mas...

– Não sou ruim no café da manhã – disse Bran, ignorando as objeções de Sasha. – Mas duvido que alguém queira comer carne em todas as refeições. Podemos comer em Sidari, que não fica longe, mas, se quisermos mais privacidade para discutir nossos assuntos, comida caseira é melhor.

– Sasha está eleita. Voto popular.

– Eu me abstenho. – Honestamente, dava-lhe uma pontada de pânico ser encarregada de qualquer coisa. – Ou abdico.

Quilômetros voaram enquanto eles discutiam isso, e Sasha começou a se ver em uma batalha perdida.

– Meu voto de minerva é pararmos para almoçar e, se alguém sentir fome à noite, pode comer um dos famosos sanduíches da Riley.

– Minha especialidade.

– Vou cozinhar algo amanhã à noite, quando tiver tempo para planejar, mas depois...

A voz de Sasha sumiu quando ela avistou um homem com um boné de aba abaixada e o polegar erguido.

– Ainda teremos de comer depois disso – disse Riley. – Fico de mau humor quando estou com fome, e você não quer que eu...

– Pare! – Sasha só tinha visto o rosto dele de relance, mas foi o suficiente. – Pare o carro!

Riley pisou no freio.

– O que foi? – perguntou, chegando ao acostamento.

– Dê ré. O homem pedindo carona. Dê a volta ou marcha a ré. O homem pedindo carona.

– Ah, sim. – Riley abaixou os óculos de sol e lançou a Sasha um olhar tão sarcástico quanto seu tom ao dizer: – Temos bastante espaço para mais um.

Sasha saiu do jipe.

– Ele *é* mais um. Um de nós.

– Não brinca!

Bran saiu do jipe quando Sasha já se afastava pelo acostamento.

– Então vamos esperar um minuto aqui, querida. Ele está vindo. Primeiro vamos avaliar a situação.

O homem apressou o passo, mas ainda assim parecia passear, com uma mochila nas costas e botas de caminhada gastas e sujas de terra. Usava um boné preto sobre os cabelos loiro-escuros revoltos.

Sasha sabia que os olhos do homem eram cinza, embora não pudesse vê-los por trás dos óculos escuros.

Ele abriu um sorriso radiante.

– *Kalimera* – começou. – *Efkharisto*... hã...

– Não precisa disso – aconselhou-o Bran. – Pode falar inglês.

– Ótimo. Obrigado por pararem.

– Americano? Estou cercado de americanos.

– Sim. Sawyer, Sawyer King.

Ele assentiu e sorriu novamente quando Riley se aproximou.

– Para onde está indo, Sawyer King? – perguntou ela.

– Só vagando por aí, por enquanto. Uma carona para onde vocês estiverem indo seria bom, mas parece que estão com o carro bem cheio.

– Estamos – concordou Bran. – Vamos para um pouco depois de Sidari. Sou Bran Killian.

– Hum, irlandês? – Sawyer apertou a mão dele. – Estão de férias?

– Não exatamente. – Riley se virou para Sasha. – E aí, o que me diz?

– Sim, tenho certeza.

Sawyer enganchou um polegar no cinto, numa posição de quem está à vontade, mas ficou claramente em alerta.

– Certeza de quê?

Uma imagem podia valer mais do que mil palavras, concluiu Sasha.

– Pode esperar um minuto?

– Sim. – Ele deu um sorriso breve, mas continuou estranhando. – Sempre tenho tempo.

Sasha entrou no jipe e se inclinou para pegar sua sacola no chão, na parte de trás. Então pegou a pasta e o desenho dos seis.

Ela foi até Sawyer e lhe entregou o desenho.

– Fiz isto umas três semanas atrás, na Carolina do Norte, onde moro.

Sawyer estudou o desenho, depois tirou os óculos escuros e o analisou mais um pouco. Sim, olhos cinza, como a névoa vespertina sobre um lago sombreado.

– Hum.

– Sei que parece estranho, e é, mas tenho outros desenhos aqui. De nós, de você, disto tudo – disse Sasha, abrindo os braços.

– Quem é você?

– Sasha Riggs, e esta é Riley Gwin.

– Quem são os outros dois no desenho?

– Não sei.

– Do jeito que as coisas vão – interrompeu Bran –, logo vamos descobrir. Como você não parece estar achando isso tão estranho, sabe o que são Estrelas da Sorte.

Sawyer girou os óculos pela haste.

– Sim, sei.

– Então podemos conversar sobre tudo isso aqui, no acostamento, nos arriscando a ser atropelados por um motorista amante da velocidade como nossa Riley, ou tomando uma cerveja.

– Eu não recusaria uma cerveja.

Sawyer devolveu o desenho para Sasha.

– Eu mudo meu voto – disse ela. – Vamos direto para a villa.

Sawyer ergueu as sobrancelhas.

– Vocês têm uma villa?

– É de um amigo de um amigo de um tio. – Com as mãos na cintura, Riley avaliava o jipe e a bagagem. – Sou boa em encaixar coisas, mas desta vez está difícil. Sasha vai ter que ir no seu colo, Sawyer.

– Sawyer vai atrás – disse Bran. – Sasha pode se sentar no meu colo, porque me conhece há mais tempo.

– Deve ser proibido viajar assim – comentou Sasha.

Riley bufou e se dirigiu para a porta do motorista.

– Você é uma figura, Sash.

– São só mais uns 20 quilômetros. – Bran a empurrou de leve na direção do jipe. – Vai dar tudo certo. – Ele entrou e deu um tapinha nas próprias pernas. – Sente-se aqui.

– Não fique tão sem graça, Sasha. Meu Deus, você já dormiu com ele.

– Eu não dormi com ele. Quer dizer, tecnicamente sim, mas...

Para resolver aquilo, Bran a puxou para dentro.

– Vai ser divertido.

Sawyer entrou com suas longas pernas na parte de trás do jipe.

– Sim, somos uma turma alegre.

Riley voltou rapidamente para a estrada. Sasha ficou com os nós dos dedos brancos segurando o painel como se fosse seu último fio de vida.

– Relaxe. – Divertindo-se, Bran a segurou pela cintura e a puxou para trás. – Está bastante claro que não vamos morrer em um acidente em um jipe emprestado a caminho de uma villa emprestada.

– Falando em villas... – Riley olhou pelo retrovisor. – Você sabe cozinhar, Sawyer?

Esmagada no colo de Bran e voando pela estrada como uma adolescente alegre e despreocupada, Sasha riu até sentir dor nas costelas.

Enquanto eles subiam sacolejando pelo caminho que levava ao portão, foi estabelecido que Sawyer iria cozinhar, o que, segundo Riley, o tornava ajudante de Sasha na cozinha.

– Três dos quartos já foram escolhidos – continuou Riley. – Só que há mais quatro, por isso pode escolher o seu.

– Simples assim?

– Vamos beber algo, e talvez Riley faça alguns de seus mundialmente famosos sanduíches. Então – acrescentou Bran –, todos nós poderemos decidir.

– Ele é um de nós – disse Riley simplesmente enquanto fazia a curva que deixava à vista todo o casarão.

No banco traseiro, Sawyer assoviou.

– *Yobanny v rot*.

Riley se virou para observá-lo.

– Como é que um bom rapaz da Virgínia...? Você tem um sotaque da costa da Virgínia.

– Bom ouvido. Um lugar pequeno chamado Willow Cove, em Chesapeake.

– Mas então, como um bom rapaz da Virgínia aprendeu a xingar em russo?

– Avô russo. Você fala a língua?

– Sou poliglota em obscenidades. E, sim, o lugar merece um *yobanny v rot*.

– O que significa? – perguntou Sasha.

– A tradução mais leve? Caramba. – Riley saiu do jipe para cumprimentar o cão. – Oi, Apolo. Voltamos.

– Olha só – disse Sawyer, jovial. Ele saiu e, sem preâmbulos ou apresentações, acariciou todo o cão. – Você é grande e bonito, seu safado. Esta é a sua casa? Que cão de sorte.

Apolo se sentou e ofereceu a pata.

Observando-os, Sasha se esqueceu de sua situação até virar a cabeça, sorrir para Bran e se dar conta de que estavam com os rostos intimamente próximos.

– Ah, me desculpe. Preciso sair.

– Imagino. Embora esteja aconchegante aqui. – Ele abriu a porta e deslizou um braço por baixo das pernas de Sasha. – Deixe-me ajudá-la – disse, virando-a. – Espere lá.

– Ah. Obrigada.

– De nada.

Ele a deixou ir e saiu calmamente atrás dela.

– Cada um carregue alguma coisa – ordenou Riley. – Vamos levar tudo para dentro. Bran, talvez você possa mostrar a casa ao membro mais novo do nosso clube enquanto faço os tais sanduíches. Se eu não comer logo, vou morder alguém.

Quando eles levaram a bagagem para dentro e a cabeça de Sawyer virava de um lado para outro, Bran puxou o rabo de cavalo de Sasha.

– Eu e Sawyer vamos levar isto lá para cima. Por que não providencia aquelas cervejas?

– Está bem.

Então, nada de desfazer as malas primeiro: comeria um sanduíche e ajudaria Riley e Bran a explicar as coisas para Sawyer. Esperava que Sawyer também explicasse algumas coisas para eles.

Queria alguns minutos para ver direito o lugar, por isso atravessou a entrada de azulejos dourados até a área de estar arejada. Havia cortinas nas grandes janelas, para afastar o calor do sol, mas ela adorou a luminosidade ali.

Sofás duplos azul-pavão formavam uma área de conversa ao redor de uma grande poltrona chocolate. Estantes cor de creme ladeavam uma lareira de azulejos brilhantes daquele mesmo azul, e continham uma colorida coleção de cristais e cerâmicas.

Uma estampa vívida de pássaros exóticos que pareciam prestes a alçar voo cobria cadeiras acolchoadas. Uma arca alta, que parecia muito antiga e requintada, ostentava portas entalhadas em um padrão similar.

Mas a atração do ambiente estava do lado de fora do vidro, na profusão de flores e nas árvores que levavam à beira do penhasco e ao mar azul brilhante.

– Oi.

Sasha se virou: era Riley.

– É lindíssimo.

– Sim, mas deslumbre-se depois. Agora, vamos à comida.

– Você está encarregada dos sanduíches – argumentou Sasha.

– A cozinha é grande. Além disso, acabei de receber uma mensagem avisando que podemos nos servir de todos os vinhos aqui. Se entendi direito, há uma adega, mas teremos de repor o que consumirmos. Vou beber vinho em vez de cerveja. E você?

– Não costumo fazer isso neste horário.

Obviamente achando graça, Riley indagou:

– E costuma se hospedar em uma villa na Grécia e conversar sobre estrelas-deusas neste horário?

– Não. – Bem observado. – Também vou tomar vinho.

Sasha a seguiu e passou por uma arcada que se abria para uma sala com um piano e outra lareira, menor, outra sala repleta de livros, uma sala de estar formal e um escritório, para só então chegar à cozinha.

Riley tinha aberto as portas triplas de vidro que davam para um terraço sombreado à frente, de modo que a brisa cheirava a limões e rosas.

– Este lugar é incrível! Não consigo acreditar que alguém nos deixou ficar aqui.

– Compensa ter contatos. O homem possui vinhedos. – Riley deu um tapinha em uma garrafa de vinho branco que tirara da geladeira. – Achei que seria educado começarmos por um dos dele. Por que não fica à vontade?

– Está bem. – Ela passou a mão por um dos balcões, um de granito rajado de dourado, creme e marrom. – Uma cozinha deste tamanho deveria ser intimidadora, mas é acolhedora. Tudo é muito moderno, e o contraste com os pratos no armário ali, a mesa de ripas, a ilha e as cadeiras rústicas é relaxante.

– Você vai relaxar mais com comida e vinho.

Sasha pegou um saca-rolhas enquanto Riley olhava dentro de uma enorme geladeira.

– Há uma grande despensa ali. Dá para morar nela. E uma horta lá fora, à nossa disposição. Pensaremos em uma divisão do trabalho no quintal. E com as galinhas. O galinheiro fica atrás do jardim. – Riley fatiou um grande pão integral redondo. – Aquele é um fogão industrial – acrescentou –, o que significa que não vou chegar perto dele.

Embora mal pudesse esperar para experimentá-lo, Sasha decidiu manter isso em segredo antes que Riley decidisse novamente encarregá-la de toda a cozinha.

– Os homens queriam cerveja. Tem?

Riley apontou para a geladeira e passou a fatiar tomates.

– Seria bom comer lá fora. Vou providenciar isso.

Ela encontrou jogos americanos de bambu, optou por pratos coloridos e guardanapos cor de cereja e se entreteve arrumando uma mesa festiva sob as ripas de madeira de uma pérgula. Transferiu a tigela de frutas da mesa interna para a externa e se virou para trás ao ouvir vozes masculinas.

– Então vamos provar isso.

Ao voltar para dentro, encontrou Bran despejando uma pequena quantidade de vinho em uma taça. Depois de um gole, ele assentiu.

– Eu quero.

– Unanimidade. Você conseguiu um lugar realmente incrível.

– Foi o que pensei. Sasha sugeriu que comêssemos lá fora, e eu concordei. – Riley pôs o último dos quatro enormes sanduíches em uma bandeja e despejou metade do conteúdo de um saco de batatas chips em uma tigela. – Vamos lá.

Sasha olhou para o tamanho dos sanduíches e, quando eles se sentaram, cortou um ao meio e pôs a outra metade na bandeja.

Bran deu uma grande mordida.

– Você é definitivamente a rainha dos sanduíches.

Ocupada com o seu próprio, Riley assentiu.

– É um dom. Então, Sawyer King, começaremos com uma rodada de perguntas pelo grande prêmio de se hospedar em uma villa fabulosa à beira-mar. Qual é a sua versão das Estrelas da Sorte?

Ele ergueu o dedo e o manteve assim até acabar de engolir e depois pegou o vinho.

– Pelo que ouvi falar, muito tempo atrás, em uma galáxia muito, muito distante...

– Pontos pela referência a *Star Wars*.

– Um favorito. Três deusas da lua, para celebrar a ascensão ao trono da nova rainha, criaram três estrelas, uma de fogo, uma de gelo e uma de água.

Ele contou a história direito e pareceu não se importar de ser o foco das atenções.

– Ok, está certo. – Riley pegou uma batata. – Quanto à segunda rodada...

– A segunda rodada?

– Sim. Como ficou sabendo sobre elas?

– Por meio de meu avô russo.

– Sério?

Bran serviu mais vinho para todos.

– Sim. Era uma das histórias favoritas dele e, na infância, eu acreditava que era apenas uma história. Mas algum tempo atrás ele adoeceu. Não achávamos que ele fosse se recuperar, e ele também não. Então ele me contou que aquilo era verdade e, mais do que verdade, uma espécie de destino. Meu.

– E você acreditou? – perguntou Sasha.

– Ele nunca mentiu para mim em toda a minha vida – disse Sawyer simplesmente. – *Dedulya* me contou a história e me falou sobre a responsabilidade que fora passada para a família por gerações. Ao longo do tempo, muitos procuraram, mas sem sucesso. Mas... Bem, a cada geração nasce um escolhido.

– Rá! – Riley apontou para ele. – Vários pontos pela referência a *Buffy*.

– Eu gosto de acumular pontos. Meu avô disse que eu era um deles e saberia que estava no caminho certo quando encontrasse outros cinco escolhidos. – Ele pegou algumas uvas da tigela. – Parece que encontrei três dos cinco até agora. *Dedulya*, e isso vai parecer tão estranho quanto todo o resto, é uma espécie de vidente.

– E esse dom também foi passado adiante? – perguntou Bran.

– Não para mim.

– Por que aqui? – perguntou Sasha. – Por que Corfu?

Sawyer pôs mais batatas fritas em seu prato.

– Eu me envolvi nisso por algum tempo, chegando a becos sem saída, mas

reunindo algumas informações. Separando as óbvias besteiras do que poderia ser pertinente. Estive na Sardenha, um lugar incrível, e segui uma pista. Essa história de Poseidon. Não Netuno, portanto grego, não romano, e eu estava na Itália. Seja como for, Poseidon e Korkyra.

Satisfeita, Riley também pegou algumas uvas.

– A bela ninfa que ele amou e levou para uma ilha sem nome, à qual chamou de Korkyra, em homenagem a ela.

– Sim, e a ilha se tornou Kerkyra. Corfu. A história fala sobre uma Estrela de Fogo escondida entre a terra e o mar, esperando para arder de novo. Então segui a pista.

– A mesma que eu.

Riley pôs uma uva na boca.

– E você? – Sawyer apontou para Bran.

– A minha falava sobre a terra de Feace.

– O filho de Poseidon e Korkyra, motivo pelo qual seus habitantes um dia foram chamados de feácios, enquanto a ilha passou a se chamar Corfu – completou Riley.

– Você sabe muito sobre isso – comentou Sawyer.

– Ela tem um doutorado – explicou Bran.

– Não diga! Bem, Dra. Gwin, eu passei no teste?

– Você tem meu voto.

– Sasha sonhou com você, conosco – salientou Bran. – Então realmente não há nenhuma dúvida.

– Eu tenho uma. Só queria saber... – começou Sasha. – O que você faz? Como ganha a vida enquanto segue nesta busca?

– Sou um viajante e conserto coisas. – Ele ergueu as mãos e agitou os dedos. – Pessoas habilidosas sempre encontram trabalho.

– Outra dúvida. Você falou sobre seu avô no tempo presente. Então ele se recuperou.

Sawyer sorriu.

– Sim. Ele é forte.

– Que bom.

– E quanto a vocês? – quis saber Sawyer.

– Vidente, mágico, escavadora – disse Riley, apontando para cada um.

Sawyer observou Sasha.

– Imaginei, por causa dos sonhos e desenhos.

– Sou artista. – Se pudesse, Sasha rejeitaria o termo *vidente* como rejeitaria um suéter que lhe desse coceira.

– Ok. Então, o que é uma escavadora?

– Arqueóloga, com especialização em mitologia.

– Hum. Indiana Jones. Tudo a ver. E um mágico. – O sorriso voltou. – Do tipo: vejam-me tirar um coelho da minha cartola?

– Ah, se isso for de *Alceu e Dentinho*, acho que estou apaixonada.

Sawyer riu de Riley.

– Graduado pela Wossamootta U? Em truques, ilusões e fugas? – perguntou ele para Bran.

– Sim. – Bran pegou do bolso uma moeda, virou-a na mão e ela desapareceu. – Isso paga as contas.

– Muito legal. Então, e agora?

– Pode ser que tenhamos vindo parar aqui para encontrar você – especulou Riley. – Você estava indo na mesma direção.

– Faz sentido.

– Sim, faz.

– O desenho que você fez da praia, da lua – disse Bran para Sasha. – Não foi de Sawyer, mas de uma mulher. Estava de costas, mas o tipo físico, os cabelos... Está claro que é uma mulher.

– Eu gostaria de ver o desenho de novo – disse Sawyer. – E você tem outros?

Sasha se levantou.

– Sim. Vou buscá-los.

– Não vai comer isso? – Riley apontou para a metade restante do sanduíche.

– Não, não consigo.

– Eu consigo – disse Riley.

– Para onde vai isso tudo? – perguntou Bran. – Você come como um passarinho, no sentido de comer o triplo do seu peso.

– Metabolismo rápido.

– Vou fazer a minha parte e limpar isto enquanto Sasha pega os desenhos. – Sawyer se afastou da mesa e se virou na direção do mar. – Dá muito trabalho montar uma barraca.

– Concordo – falou Riley, dando uma mordida no sanduíche.



Passaram mais de uma hora examinando os desenhos, discutindo teorias, locais em que estiveram – exceto por Sasha – e histórias que ouviram.

Então Riley anunciou que iria dar um descanso para seu cérebro e experimentar a piscina.

– Dar um descanso para o cérebro é uma boa ideia – decidiu Bran. – Os últimos dias foram de grandes revelações.

– Ainda preciso me orientar. – Sawyer pegou um desenho da mulher que eles ainda não haviam encontrado. – Você acha que ela é assim tão bonita? – perguntou a Sasha.

– É como a vejo.

– Mal posso esperar para encontrá-la. Vou dar uma volta por aí. – Sawyer se levantou de novo. – Eu gostaria de conhecer melhor o lugar enquanto estou aqui. A piscina parece boa. Talvez dê um mergulho.

– Tem muito espaço. Vamos nos reunir mais tarde? – Sem esperar por resposta, Riley voltou para dentro da casa.

– É a primeira vez que vejo um time como este. Está sendo interessante. – Com isso, Sawyer se afastou.

– O que você sente nele? – perguntou Bran para Sasha.

– Ah, Sawyer? Ele adora o avô, é um laço forte. Sinto grande otimismo e determinação. Não gosto de espionar mentes – acrescentou –, mas achei que deveríamos saber. Há algo mais nele, não sei o que é, mas não senti nenhum... mal. Acho que essa não é uma palavra muito forte, considerando-se tudo. Não sinto nada sombrio ou maléfico. Na verdade, sinto o oposto.

– Você confia nele.

– Você não?

– Demoro um pouco mais do que você para confiar nas pessoas, mas ele me parece bastante sincero. Além do mais, está aí. – Bran tocou no desenho. – Bem, quero dar uma caminhada na praia. Venha comigo.

– Ainda não desfiz minhas malas.

– Por que a pressa? – Sorrindo, Bran se levantou e estendeu a mão. – É só

uma descida pelos degraus do penhasco.

Ela deveria desfazer as malas, organizar seu material, mas se viu dando a mão a Bran.

– Está bem. Até porque quero encontrar algumas boas perspectivas para desenhar ou pintar.

– Pronto, você encontrou um motivo para vir comigo.

– Acho que para vocês a aventura e o risco são coisas naturais – disse Sasha.

– E você acha que é do tipo quieta e sossegada.

– Eu sou do tipo quieta e sossegada.

– Não do meu ponto de vista. Você é a mais corajosa entre nós.

Surpresa, ela o olhou boquiaberta enquanto eles se dirigiam ao muro de pedra.

– Corajosa? Eu? De onde você tirou isso?

– Nós sabíamos do que estávamos atrás, o motivo que nos trouxe até aqui. Mas você? – Ele foi até os pilares e o portão, e o abriu. – Você deixou sua casa e veio sem saber. E quando viu Riley, foi direto até ela e se arriscou a contar para uma estranha uma história que você mesma não compreendia. Isso é coragem.

Sasha olhou para Bran, para aqueles olhos escuros e irresistíveis, para os cabelos que o vento agitava ao redor do rosto dele. Então o desejo voltou, tão forte que ela teve de desviar os olhos.

– Eu não me sinto corajosa.

– Você não reconhece a própria coragem. Só isso.

Bran lhe deu a mão de novo e eles começaram a descer os degraus rústicos.

– São muito íngremes. E altos.

– Mas olhe para onde nos levarão. Gosto de uma bela praia, embora geralmente me veja mais atraído por florestas e montanhas. Quais são as suas montanhas?

– As Blue Ridge.

– Lindas, não é?

– Sim. Lindas e calmas. Nem lembro quando foi a última vez que estive em uma praia.

– Praias também podem ser lindas e calmas. Está vendo ali, aquele ponto alto?

O estômago de Sasha se contraiu quando ele apontou na direção do

promontório.

– Sim.

– E aquela faixa de terra com o canal no meio? Chama-se Canal d'Amour. Dizem que se você nadar de uma extremidade a outra, encontrará o amor de sua vida. É uma ideia bonita, não acha?

– Você acredita nisso? Não na parte de nadar, claro, mas na do amor de sua vida? Que alguém possa amar por toda a vida?

– Totalmente.

– Então você é um romântico – concluiu Sasha.

– Eu não tinha pensado nisso. Meus pais são casados há mais de trinta anos, e não só porque têm quatro filhos e estão acostumados um com o outro. Eles se amam e se admiram mesmo.

– Você tem irmãos.

– Sim. Um irmão e duas irmãs. Minha mãe gosta de dizer que equilibrou tudo muito bem com dois de cada. E que isso bastou.

– É uma família boa e grande.

Um surdo teria ouvido o desejo na voz dela, pensou Bran.

– É, sim.

– Você costuma visitá-los?

– Sim, claro, e eles vêm de vez em quando. São um grupo barulhento, de modo algum quietos e sossegados quando estão juntos. Pronto, chegamos.

Sasha mal havia se dado conta do fim da difícil descida.

– Você ficou conversando comigo para eu não entrar em pânico.

– Você não entra em pânico tão facilmente. – O último degrau era alto. Bran pulou com facilidade e se virou para segurar Sasha pela cintura e descê-la. Então eles ficaram se encarando, parados, ele com as mãos nela. – Ou você tem medo, *fáidh*?

Sasha conhecia o gosto e a sensação da boca de Bran na sua, das mãos dele a tocando, do corpo dele sob o seu.

E a necessidade de conhecer tudo isso fora dos sonhos era forte demais.

– Talvez – disse ela, e se afastou.

– Há algo que você não está me contando. Posso ver. – Bran deu uma batidinha com o dedo entre os olhos dela. – Por quê?

– Todos nós temos segredos, e quando encontramos os outros dois, eles

também os terão. Acho que ainda não formamos laços de confiança.

– Não admira, neste curto espaço de tempo. Então está bem, vamos aceitar o que temos.

O que eles tinham era areia dourada e água azul. Pessoas, sim, mas fortes poucas, deitadas ao sol quente da primavera ou sentadas à sombra de um guarda-sol. Algumas crianças cavavam a areia com pás de plástico, outras chapinhavam na espuma do mar.

– Acho que as praias mais perto de Sidari são mais cheias – disse Bran. – Pelo que li, muitas pessoas pulam do paredão rochoso na esperança de encontrar o amor verdadeiro. Creio que isso daria uma bela pintura. A rocha, a água e a esperança dos que pulam.

Intrigada com a ideia, Sasha parou e olhou para trás. As cores, as texturas, o ângulo da luz. Imaginou uma pessoa prestes a pular, outra no meio do pulo. Talvez uma terceira, com os dedos já tocando a superfície da água. Se tivesse trazido o bloco de desenho, poderia...

Vislumbrou algo saindo da água, brilhando como uma joia à luz do sol. Um instante, apenas um instante de brilho, espuma e azul girando, e se foi.

– Você viu aquilo?

– O quê?

– No canal. Alguma coisa... saiu da água, e depois submergiu de novo.

– Eu não vi, mas estava olhando para cima.

– Era lindo, brilhava como uma joia ao sol.

Bran pôs a mão no ombro dela.

– As estrelas?

– Não, não, era vivo e sinuoso. O movimento. Algum tipo de peixe?

– Talvez um golfinho. – Ele pôs a mão de leve sobre os cabelos que ela prendera para trás, depois a baixou. – Procurando o amor verdadeiro.

– Um golfinho. – A ideia de um golfinho nadando no canal à procura de amor a fez sorrir. – Deve ter sido. Foi só um segundo, mas maravilhoso.

Com um suspiro, ela voltou a andar à brisa marinha.

5



Quando finalmente desfez as malas, Sasha sentiu que havia restabelecido um pouco de ordem em seu mundo. Então foi para o terraço se maravilhar com a vista que seria sua por... pelo tempo que fosse. Esperava ver o golfinho de novo – devia ter sido um, com a luz do sol e a água dando a ilusão de azuis e verdes brilhantes.

Embora tivesse pensado em se sentar no terraço com o bloco de desenho, percebeu que não queria solidão. Então pegou o bloco e os lápis e saiu para procurar... seu time.

Foi como Sawyer os definiu: um time. E ela nunca tinha feito parte de um. Parecia bom, até mesmo estranhamente reconfortante. Lembrando-se de que, como parte desse time, provavelmente seria encarregada do jantar, primeiro foi para a cozinha considerar suas opções.

Gostaria de ser capaz de preparar um prato tradicional grego, mas, como não sabia, poderia fazer uma massa que frequentemente preparava para si mesma em casa, porque era um prato rápido e fácil e parecia que tinha à mão tudo de que precisava.

Logicamente, faria quatro receitas, mas então lembrou que dois dos quatro eram homens e que Riley comia como uma loba faminta.

Então simplesmente faça muito, disse para si mesma. E se não desse certo... bem, alguém mais poderia se encarregar da cozinha.

Ela saiu para tomar ar e se perguntou se poderia pegar algumas flores para seu quarto e a casa. Reconheceu limoeiros pelos frutos amarelos banhados pelo sol, as folhas escuras das oliveiras e as laranjeiras. Outras plantas lhe eram desconhecidas, inclusive um cacto com grandes folhas achatadas e flores fascinantes.

Parou por um momento para desenhá-lo e depois prosseguiu, passando pela horta e por galinhas que cacarejavam e ciscavam em sua pequena área cercada. Passou por arbustos de alecrim quando já chegava à piscina, onde viu Riley e Sawyer sentados frente a frente em espreguiçadeiras com estofamento branco. Pareciam entretidos numa conversa animada.

O grande cão branco dormia esparramado à sombra da espreguiçadeira de Riley.

Sawyer usava uma camisa de manga curta sobre a pele dourada e Riley, um maiô. Ainda falando, Riley fez um gesto para que ela se aproximasse.

– Estamos falando sobre Khan.

– Gêngis Khan?

– Não. Khan Noonien Singh.

– Não sei quem foi... ou quem *é*.

– É de *Jornada nas estrelas*.

– Ah. Vi o filme.

– Qual deles? – perguntou Riley.

– Não sei. Foi na TV.

Suspirando, Riley bateu com a mão no espaço ao seu lado.

– Ela precisa se instruir.

– Quer uma cerveja? – Sawyer apontou para uma grande mesa de pedra onde havia uma churrasqueira. – Tem uma geladeira lá atrás. Pegamos as garrafas que havia na cozinha e colocamos ali.

– Não, obrigada. É lindo aqui fora, mas ainda estou achando frio demais para nadar.

– Não para almas corajosas, não é, Sawyer? Além disso, está aquecida pelo sol. – Ela esticou o pescoço para ver o desenho. – Opúncia.

– É o nome dessa árvore?

– Sim. Deve dar frutos daqui a alguns meses.

– Qual é o gosto?

– Hum... parece melancia.

Sasha deu uma risada.

– Melancia em um cacto. Tão estranho quanto estrelas míticas. Vi um golfinho, eu acho, na água. No que Bran disse que chamam Canal d'Amour.

– Nadando no canal à procura do amor verdadeiro?

Com um sorriso maroto, Riley ergueu a cerveja.

– Não acredito, mas posso pintá-lo.

– Pode ser divertido experimentar isso, nadar – explicou Sawyer. – Na minha família, nos casamos para toda a vida, então talvez eu encontre meu verdadeiro amor.

– Hum. A minha família também é assim. Eles se casam para toda a vida. Por isso eu não me arriscaria a nadar – disse Riley categoricamente. – Se o encontrar, acabou-se a diversão.

Ela se levantou e se alongou.

– E você, Sash? Prefere ficar solta ou se amarrar?

– O quê?

– Curtir a vida ou ter um relacionamento sério? – explicou Sawyer.

– Eu... – Ela viu Bran de sunga preta e com uma camisa branca desabotoada atravessando o gramado. Seu coração disparou. Aquilo não era só um clichê, pensou. – Eu não penso sobre isso.

– Todo mundo pensa – afirmou Riley. – Vou entrar de novo. – Ela mergulhou na piscina, voltou à superfície e, como uma foca, girou o corpo para flutuar. – Ei, irlandês, a água está boa. Aproveite. Não demora vamos começar a procurar, explorar e escavar.

– Tem razão.

– E não vamos ter muito tempo para uma cerveja à beira da piscina. – Sawyer pousou a dele. – Sou bom em manutenção de piscinas, a menos que você queira cuidar disso.

– É toda sua.

Quando Sawyer pulou na piscina com Riley, Bran tirou a camisa.

– Você não sabe nadar? – perguntou ele a Sasha.

– É claro que sei.

– Ótimo.

Ele a pegou no colo.

O “Não!” totalmente chocado de Sasha fez Apolo latir em alerta.

– Sim! – gritou Riley enquanto Sasha tentava se libertar. – Duvido que você faça isso, Bran.

– Ah, ela me desafiou.

– Isso não é engraçado – protestou Sasha. – Me ponha...

Fosse o que fosse que Sasha começara a dizer, terminou com um grito quando Bran correu e pulou com ela na água.

Sasha voltou à superfície engasgando.

– Que engraçado – disse Sawyer.

Sem escolha, Sasha se manteve em posição vertical movimentando as pernas na água.

– Está *gelada*!

– Logo você se acostuma.

Para ajudá-la, Bran mergulhou e a puxou com ele para baixo.

– Melhor? – perguntou quando voltaram à tona.

– Quantos anos você tem? Doze? – reclamou ela.

– O homem que perde seu lado criança é triste e sério.

– Filosofia irlandesa?

Sasha passou a mão na água e a jogou no rosto dele.

Então mergulhou, porque afinal de contas a piscina estava mesmo boa.



A massa acabou sendo um sucesso, percebeu Sasha. Podia não querer ser responsável por planejar e preparar todas as refeições, mas ficou satisfeita ao ver a enorme quantidade que fizera ser reduzida a um pequeno pote de sobras.

Não falaram sobre as estrelas até Riley abrir uma garrafa de Limoncello.

– Eu fiz o almoço e Sasha fez o jantar, por sinal ótimo, então eu diria que vocês, rapazes, devem lavar a louça.

– Parece justo. Vamos lavar – disse Bran. – Mas eu diria que está na hora de começarmos a pensar seriamente no motivo que nos trouxe até aqui.

– Ainda não estamos todos juntos – salientou Sasha. – Até lá, acho que não temos muitas chances de descobrir nada.

– Isso não significa que não podemos explorar a área – ressaltou Riley. – Tenho uns mapas e algumas ideias.

– Ficar parado não ajuda em nada – completou Bran. – Se não tivéssemos feito nada, poderíamos não ter encontrado Sawyer. E agora somos quatro.

– Como eu já disse, esta é a primeira vez que procuro as estrelas com um grupo e a primeira que me sinto realmente envolvido. – Sawyer observou o

líquido em seu copo e o bebeu de um só gole. – Muito bom. Algumas boas refeições, algumas horas à beira da piscina e um belo teto acima da minha cabeça, tudo isso é ótimo. Mas quem não procura não acha.

– É isso aí. – Riley também bebeu o licor e serviu Sawyer e a si mesma uma segunda dose. – Então sugiro que a primeira coisa a fazer amanhã seja abrir os mapas, traçar um plano e calçar nossas botas. – Ela ergueu a bebida como em um brinde. – Hora de explorar cavernas.

Notando a expressão de Sasha, Bran tocou a mão dela.

– Você é claustrofóbica?

– Não é isso. É que nunca passei nenhum tempo em cavernas. Só consigo pensar em morcegos.

– Morcegos são muito legais – disse Riley. – E, ao contrário da crença popular, não são cegos. Não voam para seu cabelo.

– Ela usa a forma segundo suas necessidades. E a escuridão lhe pertence. Ela governa a escuridão, lugares sombrios e o que habita neles – entoou Sasha de repente. – Banida da luz, anseia por ela e deseja a chama. Que a luz se extinga e a chama arda até não haver nada além de escuridão e cinzas.

Então seus olhos clarearam e sua respiração voltou com uma força que fez arder sua garganta.

– Uau. Você está bem? – perguntou Sawyer.

– Ela vai ficar bem – disse Bran bruscamente, segurando a mão de Sasha. – Olhe para mim. Olhe para mim agora e ouça. Você ainda está tentando bloquear isso, e quando se manifesta, você sofre. Pare de duvidar de si mesma e de seu dom.

– Eu não quero.

– Bem, ele existe em você, não é? Então aceite.

– Ei – começou Sawyer, porque o tom de Bran foi duro e Sasha estava pálida, mas Riley balançou a cabeça, sinalizando para se calar.

– Você não sabe como é ter algo dentro de si que o domina – retrucou Sasha.

– E você não sabe como é aceitar isso e aprender a usá-lo em vez de tentar negá-lo. Só assim vai impedir que a domine.

– Meu pai foi embora porque não conseguia viver com isso. Comigo. Sempre que eu tentava me aproximar de alguém, esse *dom* se manifestava e estragava tudo, por isso não tenho ninguém.

– Você tem a nós. E não vamos nos afastar – apressou-se a dizer Bran, sem nenhum sinal de compaixão. – Mas, pelo que vejo, é você quem se afasta. De si mesma.

– Não estaríamos aqui se eu não tivesse vindo.

– Tem toda a razão. Você deveria pensar a esse respeito, lidar com isso em vez de lamentar o que a trouxe aqui.

Chocada e zangada demais para falar, Sasha se levantou e se afastou.

– Vá falar com ela – pediu Bran a Riley. – Convença-a a tomar um remédio para a dor de cabeça que causou a si mesma.

– Ok. – Riley se levantou. – Quando sou atacada dessa maneira, eu revido.

– Você pode ser a pessoa certa para ensiná-la a fazer o mesmo.

– Talvez eu seja.

Quando Riley se afastou, Sawyer balançou a cabeça.

– Você foi duro, cara.

– Eu sei. – Bran agora também estava com um pouco de dor de cabeça. – Na minha opinião, mais duro é ela fazer mal a si mesma. Nós somos o que somos, não acha, amigo?

Sawyer refletiu.

– Para alguns, talvez para a maioria, é difícil ser diferente de todos.

– É? – Bran sorriu e ergueu o próprio copo. – Acho que ser único é algo a celebrar e respeitar. Enquanto ela não fizer isso, só vai se prejudicar. – Ele girou o pequeno copo de Limoncello e bebeu. – É melhor limparmos isto, e direito, ou é possível que ela não cozinhe mais.

– Ela é importante para você, não só pelo que é ou pelo que estamos buscando.

Com considerável cuidado, Bran pousou novamente o pequeno copo.

– Ela é uma bela mulher com um coração ferido e uma grande coragem que não reconhece. Sim, é importante para mim, ou não teria falado com ela como falei.

– Então está bem.

Depois de lavarem a louça e arrumarem a cozinha, Bran saiu e deu algumas voltas ao redor da casa. Em uma espécie de patrulha de fronteira, pensou. Mas não viu nada além de lua, estrelas e mar, e não ouviu nada além do farfalhar de asas de morcego e das ondas quebrando na areia e nas pedras.

Então parou, ergueu os olhos para o quarto de Sasha e viu que estava escuro, com as portas do terraço fechadas. Esperava que ela estivesse dormindo e em paz. E que não fosse bater à sua porta à noite, linda e sonhadora. Uma coisa era ter dormido na mesma cama que ela, na noite anterior, outra era aceitar fazer isso de novo, porque seria um grande teste para seu autocontrole.

Ela era atraente demais, de todas as maneiras.

Considerou opções e as descartou. Sabendo que o sono não chegaria tão cedo, voltou para dentro da casa. Havia trabalho que podia fazer enquanto os outros dormiam.



Sawyer enviou longos e detalhados e-mails para casa, como fazia sempre que podia. Tentou ler, desistiu e decidiu trabalhar. Mas também estava irrequieto demais para isso.

Uma caminhada pela praia, resolveu. Sozinho.

Embora gostasse de companhia, frequentemente ficava só e sabia ocupar a si mesmo e à própria mente. Pegou uma jaqueta, porque a noite estava fria, passou pelas portas do terraço e desceu. Podia apreciar o perfume no ar, as nuvens encobrindo a lua e as estrelas, o quebrar contínuo das ondas.

E podia ser grato por aquelas nuvens serem tênues e a lua estar brilhante o suficiente para iluminar a escada do penhasco.

Pensou em seus companheiros, porque escrevera sobre eles.

Riley, perspicaz, firme e inteligente. Uma viajante, um pouco como ele, e uma mulher que sabia cuidar de si mesma. Estudiosa, mas longe de ser conservadora. Eles partilhavam a paixão por ficção científica, fantasia e quadrinhos.

Bran? Inteligente, encantador quando queria ser e muito misterioso. Protetor. Podia ter sido duro com Sasha depois do jantar, mas fora sincero ao dizer que ela era corajosa. Sawyer sentia que Bran faria o que fosse preciso para proteger alguém que considerasse importante.

E Sasha. Talentosa e em conflito. Sem saber direito onde estava pisando, mas ainda assim seguindo seu caminho. Sawyer achava que Bran merecia pontos por sua percepção. Tinha uma coragem que não reconhecia. E certamente era o ímã que atraíra todos eles.

Sawyer não sabia bem onde se encaixava. Depois de dez anos viajando, podia lhes dizer onde as estrelas não estavam. Mas o mundo era um lugar muito vasto.

Tinha teorias, elaboradas por meio de tentativas, erros e experiências. Ter alguém como Sasha lhes daria uma direção melhor. Talvez.

Os outros dois? Tinham segredos. Mas ele também tinha.

Algumas horas, algumas bebidas, algumas refeições juntos não haviam criado o tipo de confiança necessária para confessar segredos. Ele ainda não sabia o que seria capaz de criar.

Então, era esperar para ver.

Apreciou a praia deserta, o luar irradiando sobre a água e o sussurro das ondas, que o tentavam a nadar um pouco. Morreria de frio, mas isso poderia refrescar suas ideias e lhe permitir dormir.

Decidiu voltar e, se ainda estivesse com vontade, dar um mergulho – mais perto da escada do penhasco, da casa e do calor.

E a viu, em pé na beira do mar, contemplando-o. O fino vestido branco que usava ondulava ao vento, na altura dos joelhos. Cabelos escuros que pareciam quilométricos desciam por suas costas.

O desenho, pensou. O desenho de Sasha, ao vivo.

Não deveria, mas se admirou. Não deveria, mas ficou surpreso. Começou a ir na direção da mulher, mantendo os olhos nela no caso de desaparecer como em um sonho.

Em vez disso, a mulher se virou para ele e Sawyer viu o rosto dela ao luar. Um dos seis na praia, ao seu lado no primeiro desenho que vira, ainda no acostamento da estrada.

Um rosto saído dos sonhos, pensou quando a mulher sorriu e foi em sua direção. Mais do que bonita. Maravilhosa. Olhos grandes levemente erguidos nos cantos, boca carnuda agora curvada no que parecia ser alegria e satisfação. Pele que parecia lisa e suave, e com um tom claro de dourado ao luar. Alta e esguia em um vestido fino branco que esvoaçava à brisa.

Sawyer parou a uns 30 centímetros da mulher, porque, mesmo depois de tudo que havia visto, de tudo que experimentara, nunca vira algo como ela.

– Oi – disse ela, risonha.

– Oi. De onde você veio?

– Estou aqui há algum tempo. E você veio. – Ela apertou a mão dele. – Como

eu esperava.

– Você me conhece?

Ela apenas sorriu.

– Não sei seu nome.

– Sawyer.

– Sawyer – repetiu ela, devagar. – O meu é Annika. Eu venho... vim – corrigiu-se – para ajudar a encontrar as estrelas. Vai me levar com você?

Assim, do nada, pensou Sawyer.

– Sim, acho melhor. Estamos lá em cima.

Ele apontou para o casarão, onde, como no desenho, só havia uma luz acesa.

– Tenho alguns pertences.

– Onde?

– Vou buscá-los.

Ela correu pela praia, os movimentos quase como uma dança, e depois, com um girar de vestido branco e cabelos escuros compridos, desapareceu atrás da rocha.

– Espere! Droga.

Sawyer correu atrás dela, amaldiçoando-se por ter se surpreendido a ponto de ficar paralisado.

Mas ela reapareceu carregando duas grandes sacolas.

Não exatamente uma bagagem, mas duas mochilas, percebeu Sawyer, ambas vivamente estampadas em padrões de árvores, flores e pássaros e presas com o tipo de fecho que se poderia ver em baús de tesouro.

– Deixe que eu levo.

– Você carrega uma, eu, a outra, assim dividimos o peso. A escada é linda! – Com uma mochila, Annika correu na direção dela. – E muito alta. Ficaremos mais perto do céu.

– Tome cuidado, é íngreme – alertou Sawyer.

– Sempre me dizem para tomar cuidado. – Ela lhe deu um sorriso radiante enquanto começavam a subir. – "Annika, você é muito imprudente." Mas não concordo. Só quero experimentar tudo.

Não era imprudência, pensou Sawyer, seguir um estranho no meio da noite? Era, no mínimo, confiar demais.

– Ah! – No alto da escada, ela parou e levou a mão ao coração. – É a sua

casa? É linda.

– É emprestada. Quer dizer, só estamos hospedados aqui por algum tempo.

– Sinto o cheiro de flores. – Ela passou a mão pelos arbustos. – E de árvores e grama. Olhe só para isto. – Ela parou para passar os dedos por um limão em um galho baixo. – É tão fresco e macio!

– Há muitos limoeiros aqui.

– Limoeiros – repetiu ela, como fizera com o nome dele.

– Eu não trouxe a chave, por isso teremos de dar a volta e subir por trás.

Annika olhava para tudo enquanto caminhavam e subiu a escada do terraço com Sawyer sem protestar.

Como a luz continuava acesa no quarto de Bran, Sawyer bateu nas portas do terraço.

Ainda de jeans e camiseta, Bran abriu uma delas.

– Olhe quem eu encontrei.

– Oi.

– Annika, este é Bran Killian.

– Oi, Brankillian.

– Fico feliz em conhecê-la, Annika.

– Também estou feliz.

– Claro, e quem não estaria? Acho melhor descer com ela para a cozinha, porque isso pode exigir vinho ou café. Vou chamar os outros.

– Eu gosto de vinho – disse Annika, enquanto Sawyer a conduzia pelo terraço na direção das portas abertas do quarto dele. – Posso tomar um pouco?

– Sim, temos bastante.

– Ah, isto é lindo! Todos os quadros e pequenas coisas. E a cama. A cama é macia?

Annika deixou cair sua mochila, sentou-se na beira da cama, pulou e depois se jogou para trás com os braços abertos.

– É, sim!

Ela esticou os braços para cima, alongando-se. O gesto enviou uma mensagem diretamente para o meio das pernas dele. Acalme-se, ordenou a si mesmo.

– É melhor a gente descer.

– Descer? – Annika se sentou e pela primeira vez pareceu aflita.

– Ir para o andar de baixo – explicou Sawyer. – Para você conhecer os outros.

– Sim, os outros. – Ela saiu da cama e estendeu a mão para Sawyer.

Ele a conduziu para fora e começou a descer a escada enquanto ela tentava olhar para tudo ao mesmo tempo.

– Tive a mesma reação na primeira vez que vim aqui. É um lugar incrível.

– Um lugar incrível – repetiu Annika, em tom de admiração.

Quando chegaram à cozinha, ela se soltou de Sawyer e passou a mão pela geladeira.

– Ela brilha. – Depois de abrir a porta, deixou escapar um longo *ahh*.

– Está com fome?

– Sim! Está muito frio aqui dentro.

– Nível profissional. Sobrou um pouco de massa do jantar. Está boa. – Ele pegou o pote. – Sente-se. Vou esquentar isto.

– Muito obrigada. – Annika se sentou à mesa correndo os dedos pelo tampo. – Também é muito bonita. Tudo é bonito.

Ela o observou pôr a massa em um prato, levá-lo ao micro-ondas e apertar alguns botões.

Antes de Annika poder falar, os outros entraram, e ela os cumprimentou:

– Oi.

– E então somos cinco – disse Riley. – Annika?

– Sim! Oi.

Riley procurou algo na geladeira.

– Acho que isso exige uma garrafa. Sou Riley, Riley Gwin. Qual é o resto?

– O resto?

– Seu sobrenome. Seu nome completo. – Depois de um longo silêncio, Riley pegou o saca-rolhas. – Primeiro e último nome. Riley, primeiro nome, Gwin, último. E tem a Sasha.

– Riggs. – Observando a recém-chegada, Sasha pegou as taças de vinho. – E você já conheceu Bran.

– E Sawyer. – Annika sorriu para ele.

– King.

Ela arregalou os olhos e sua voz se tornou um reverente sussurro.

– Você é um rei?

Enquanto Riley bufava, Sawyer olhou para aqueles grandes olhos verdes rajados de dourado.

– Meu último nome é King.

– Eu sou Annika, primeiro nome... Waters, último nome. Annika Waters – repetiu, com mais convicção. – Oi.

– Acho que ela está um pouco alta – sussurrou Riley para Bran.

– Subimos a escada para a casa. É muito alta – falou Annika.

– Você usou alguma droga, Annika?

– Não. Deveria?

– Não. – Sasha se sentou diante dela e pôs a pasta de desenhos sobre a mesa. – De onde você vem?

– Minha família... Nós vamos a muitos lugares.

– Onde você nasceu?

– Não sei. Era apenas um bebê.

Agora rindo, Sawyer pôs o prato na frente de Annika.

– Ela pegou você, Sasha.

Annika segurou o garfo, virou-o como se o analisasse e, muito cuidadosamente, espetou um *penne*. Depois o pôs na boca e a cobriu com as mãos enquanto ria.

– Está quente.

Em seguida, espetou um tomate-cereja e uma azeitona preta. Fechou os olhos por um momento enquanto comia, depois os abriu e comeu mais.

– Bom – disse Annika. Ela ergueu a taça que Riley lhe dera e bebeu. – Bom – repetiu. – Gostei do vinho e da comida. Obrigada.

– Não há de quê. – Sasha abriu a pasta, pegou o desenho de todos os seis juntos e o deslizou pela mesa.

Maravilhada, Annika passou o dedo pelo próprio rosto, depois pelo de Sawyer.

– É um desenho. Esta sou eu, e este é Sawyer. Riley, Sasha, Brankillian. Bran – corrigiu-se. – Todos tão bonitos! Este não está aqui?

– Não.

– Onde ele está?

– Não sabemos. Você o conhece?

Ela fez que não com a cabeça.

– Gostei do meu chapéu. Onde o consegui?

Revirando os olhos, Riley se sentou.

– O que você está fazendo aqui?

– Sawyer me trouxe.

– Não, Annika, o que veio fazer aqui em Corfu. Por que veio com Sawyer?

– Porque Sawyer é... aquele que veio. Estou aqui para ajudar a encontrar as estrelas.

– Você sabe sobre as Estrelas da Sorte? – perguntou Bran.

– Sim, todo mundo sabe.

– Todo mundo? – perguntou Riley.

– Na minha... família. E a cartomante me disse que eu ajudaria a encontrá-las. Se eu estivesse... – Ela se interrompeu para comer mais massa. – Disposta. Isso é uma procura. Não é essa a palavra, mas gosto dela. É uma... – Ela fez um círculo com um dedo no ar. – Bu-bu...

– Busca? – sugeriu Bran.

– Sim! Obrigada. É uma busca perigosa, por isso preciso estar disposta. Eu estou. Eu vim. Tenho que encontrá-las e levá-las de volta.

– Levá-las de volta? – repetiu Riley. – Para onde?

Annika pestanejou, surpresa, e respondeu:

– Ué, para a Ilha de Vidro.

– Isso é uma lenda.

– Uma o quê?

– Lenda. Fábula – explicou Riley. – Uma narrativa tradicional sobre a história de alguém, geralmente envolvendo seres sobrenaturais.

– Gosto de histórias. Posso beber mais vinho?

– Nunca ouvi falar em Ilha de Vidro. – Sasha olhou ao redor. – Pelo visto, todos vocês já ouviram. O que é?

– Uma ilha mítica que aparece quando e onde quer – respondeu Bran. – Um lugar fora do tempo. Um mundo à parte.

– Como Brigadoon?

– Não – falou Riley. – Brigadoon só aparecia a cada cem anos, e no mesmo lugar. Quando se estava em Brigadoon, apenas um dia se passava. Obviamente gosto de uma boa lenda, e há muitas ótimas histórias sobre a Ilha de Vidro. Mas ela não existe.

– Existe, sim. E está sempre lá, mas poucos a veem. Poucos têm permissão. A

cartomante não mente. Quando encontrarmos as três estrelas, devemos levá-las de volta ao lugar onde nasceram.

– Você está dizendo que as estrelas foram criadas na Ilha de Vidro. – Riley apertou os olhos, intrigada.

– Sim. Por três deusas: Celene, Luna e Arianrhod, como presentes para a nova rainha, Aegle, a radiante.

Riley se recostou e tamborilou os dedos na mesa.

– Onde você estudou?

– Eu estudei muito. – O rosto de Annika se iluminou como o sol. – Em muitos lugares. Gosto de aprender coisas novas e antigas, todas as coisas.

– Quem é Nerezza?

– Você não deveria dizer o nome dela à noite. – Annika olhou na direção da janela. – Para não correr o risco de evocá-la.

– Besteira. Quem é ela?

– É a escuridão, a mãe das mentiras. Não pode jamais ter as estrelas. Eu não gosto de lutar, mas lutaria com vocês para impedi-la. Estamos juntos. – Ela apontou para o desenho. – E vocês são amigos de Sawyer, então também são meus amigos.

– Simples assim?

– Você é muito curiosa. – Annika se inclinou na direção de Riley. – Também sou. Então vamos ser amigas. E isso vai ajudar. Estava previsto.

Riley olhou de esguelha para Sasha.

– Não posso duvidar de previsões, mas vamos ver. Como...

– Riley, dê um descanso a ela – interrompeu Sawyer. – Você tem alguma pergunta, Annika?

– Muitas. Minha mãe diz que sou feita de perguntas. Mas por enquanto basta estar aqui. Estou muito cansada. Posso dormir na cama macia?

– Ainda há algumas livres. Vamos subir para você escolher seu quarto.

– Não vou dormir na sua cama?

– O quê? Não. – Sawyer viu o olhar divertido de Bran e coçou a nuca. – Cada um tem seu próprio quarto.

– Eu subo com você. – Riley se levantou. – Já que vamos ser amigas.

– Obrigada. E obrigada pela comida boa e pelo vinho.

Depois que Riley saiu com ela, Sawyer ergueu os braços.

– Ela estava lá, na praia. Como no desenho. Simplesmente estava lá.

– E agora ela está aqui. – Bran olhou para Sasha. – O que você viu?

– Alegria. Tanta que quase explodi. E uma incrível doçura. Ela está escondendo alguma coisa? Sim, com certeza, mas tudo o que disse sobre as estrelas e a ilha, ela acredita ser verdade.

– Está claro que o inglês não é sua língua natal – comentou Bran. – Mas se por enquanto não pode revelar sua nacionalidade, não é um grande problema. – Ele pegou o desenho. – Ela deveria estar aqui, conosco, e por isso chegou.

– Cinco – disse Sawyer. – Falta um.

– Tomara que esse espere pelo menos até amanhã de manhã. Quero dormir um pouco. – Bran se virou para Sasha. – Você também está cansada.

– Não estou acostumada com apresentações e reuniões às duas da manhã.

– Vou lavar isto. – Sawyer pegou o prato. – Podem ir. Vou logo depois.

Bran segurou a mão de Sasha ao saírem e, testando-a, a levou aos lábios.

– Não está mais zangada?

– Ah, ainda estou. Mas posso deixar isso de lado pelo bem geral.

– Também fico zangado quando vejo você fazendo mal a si mesma.

– Isso é problema meu.

Ele estalou os dedos e fez surgir um buquê de lavandas, que lhe entregou à porta.

– Flores surgidas em um passe de mágica não me encantam – disse Sasha.

– Encantam, sim. Mas o mais importante é que você agora é problema meu também. – Pondo a mão na nuca de Sasha, ele a puxou e lhe deu um beijo quente e rápido de advertência. – Você também vai ter de lidar com isso. Boa noite, *fáidh*.

Sasha entrou rapidamente em seu quarto e fechou a porta antes que fizesse algo insano como puxá-lo para dentro.

Não foi um beijo de amor, disse para si mesma, passando o dedo pelos lábios. Também não foi um beijo fraternal. Foi mais um beijo... para marcar território.

Ele não se sentia atraído por ela. Eram colegas e ele estava tentando mantê-la na linha.

Bem, ela se manteria.

Mas dormiu com o buquê de lavandas no travesseiro e não sonhou.

6



Sasha acordou com o sol brilhando como se houvesse diamantes na água azul e pensou no rumo que sua vida tomara. Independentemente do que viesse depois, momentos assim eram de uma beleza intensa. A ideia de armar o cavalete e tentar transpor essa beleza para a tela a fez se levantar. Até se lembrar de que era parte de um time, e que o time tinha uma agenda a cumprir.

Agora um time de cinco, pensou, com o acréscimo da bela e peculiar Annika Waters.

Ela ergueu o pequeno buquê do travesseiro e o levou ao nariz. Imediatamente se lembrou do beijo rápido, do calor e da leve pressão nos lábios.

Um time, lembrou-se. Não um romance, mas uma missão.

Embora tivesse de cumprir com seu dever, permitiu-se o prazer de abrir as portas do terraço e sair para aquela beleza selvagem. Sentiu o cheiro de frutas, flores e mar e estabeleceu para si mesma a missão de encontrar um regador para cuidar dos vasos do terraço, todos repletos de folhagens e flores de cores surpreendentemente quentes.

Apoiando-se na grade de ferro, contemplou a praia vazia e viu Annika subindo a escada do penhasco. Ela usava um bonito vestido rosa-claro que ondulava na altura das coxas quando começou a atravessar o gramado descalça.

Parava a cada passo para cheirar flores e acariciar folhas. Quando ergueu os olhos e viu Sasha, sorriu e acenou.

– Oi!

– Bom dia! Você acordou cedo.

– Não quero perder nada e precisava nadar.

Onde?, Sasha quase perguntou, mas depois avaliou que não era da sua conta.

– Todos estavam dormindo, mas agora você acordou.

– Sim, só vou tomar banho e me vestir. Já desço.

No banho, Sasha se perguntou o que seria preciso para instalar jatos de água saindo da parede no boxe de sua casa. Qualquer que fosse o custo, valeria a pena.

Considerando a programação do dia, vestiu jeans, uma regata e uma camisa por cima e calçou botas de caminhada. Então arrumou a mochila, aliviando o peso. E, embora aquilo a envergonhasse, mesmo sem ninguém estar vendo, tirou um ramo de lavanda do buquê e o pôs entre as páginas do diário que trouxera.

Resmungando para si mesma, prendeu os cabelos em um rabo de cavalo e desceu.

Ao se aproximar da cozinha, ouviu vozes e sentiu os cheiros matutinos de café e bacon. Lembrou-se de que Bran dissera que faria o café da manhã e estampou no rosto o sorriso casual que praticara no espelho.

Ao entrar, viu Annika franzindo o cenho para uma caneca de café.

– Por que o gosto é diferente do cheiro?

– Bem forte, não é? Não vejo sentido no café se não for forte para me fazer levantar e dançar.

Bran estava ao fogão, usando um garfo para tirar bacon da frigideira e pôr em um prato forrado de papel-toalha. Casual, pensou Sasha.

– Quanto mais forte, melhor.

Annika virou-se e estendeu a caneca.

– Você quer?

– Obrigada. Tem suco na geladeira, se preferir.

Ao ver o sorriso confuso de Annika, Sasha foi pegar a jarra. Depois, como a mulher parecia sem ação, pegou um copo.

Annika provou.

– Ah! Muito bom. Gosto mais disso do que de café. Eu *desculpa*, Bran.

– O certo é “peço desculpas” – corrigiu ele. – Mas não precisa.

– Quando você aprendeu a falar nosso idioma? – Mantendo o tom casual, Sasha se recostou no balcão.

– Ah. Sei esse e mais alguns – respondeu Annika. – Mas às vezes escolho mal as palavras. Você pode me avisar quando estiverem erradas, para eu aprender. Você sabe cozinhar, como Bran?

– Sei.

– Você pode me ensinar. Parece divertido e cheira bem.

– Claro, um dia. Por enquanto, talvez possa pôr a mesa.

Annika apontou.

– A mesa?

– A de fora. Podíamos tomar o café da manhã no pátio. Você poderia pôr aquela mesa.

– Onde devo pôr?

Com uma risada, Sasha pousou a caneca.

– Quero dizer que você pode levar os pratos, os talheres e os guardanapos lá para fora. Somos cinco – disse, tirando cinco pratos do armário. – Então, cinco pratos, cinco conjuntos de talheres. – Ela abriu uma gaveta. – E os guardanapos estão na primeira gaveta daquele aparador.

– Posso pôr a mesa.

Annika foi até a gaveta de talheres e os contou em voz baixa. Quando ela levou tudo para fora, Sasha se virou para Bran.

– Ela não respondeu à pergunta.

– Esquivou-se, com jeitinho. – Ele usou uma escumadeira para tirar da panela as batatas que fervera e as pôs na frigideira. A gordura chiou. – Esperta.

– Uma parte de mim quer pressioná-la, mas a outra quer acompanhar onde vai dar tudo isso. Só sei que não há nenhum mal nela.

– Então pode ser mais interessante só acompanhar.

– Dormiu bem?

– Sim, muito bem. E você?

– Também.

Para se manter ocupada, Sasha desembrulhou o segundo e último pão e começou a cortá-lo para fazer torradas.

– Parece que hoje vai ser um bom dia para caminhar, embora, se formos explorar cavernas, acho que isso não vai importar muito. Não pus lanterna na mochila. Nunca lembro, mas...

Sasha deixou a faca cair na mesa quando Bran a virou para si.

– O que... – começou ela.

– A última noite não foi o bastante.

Ele a beijou. E veio o turbilhão.

Não o roçar de lábios quase fraternal, mas um longo, profundo e possessivo

beijo, que transformou tudo que ela era em avidez e necessidade. Por um instante, a tempestade veio, com vento cortante, trovão rugindo e aquele raio brilhante.

Sasha desejou pular para dentro do turbilhão e deixar que a conduzisse para onde quer que a levasse.

Mas havia o risco e a dor. Já conhecia a dor, sabia que poderia despedaçá-la de modo irreparável.

Afastou Bran, e ele a deixou respirar. Os olhos de Bran – e ela jurou que viu mundos, mundos selvagens, girando dentro deles – estavam fixos nos seus.

– Somos um time – conseguiu dizer Sasha, e o brilho quente e perigoso se transformou no que talvez fosse divertimento.

– Somos, *fáidh,* mas você é a única que eu quero para isso.

Ele a ergueu na ponta dos pés e a beijou de novo.

Não havia conseguido tirar Sasha da cabeça, aquele desejo singular de seu sangue. Havia inúmeros motivos para resistir, mantê-la apenas como amiga. E apenas um motivo para ignorar tudo isso.

Aquele simples toque de lábios na noite anterior acendera algo em Bran, e ele agora queria saber o quanto poderia queimar.

E Sasha o atraía, com seu coração ferido e corajoso. Certamente havia um objetivo ali.

Mas, além do objetivo, além da razão, o fogo queimava.

– Ah, droga.

Ele se afastou ao ouvir Riley, mas manteve os olhos nos de Sasha enquanto Riley entrava com Apolo saltitando alegremente em seus calcanhares.

– Achei que vocês fossem esperar pelo menos um ou dois dias. – Riley foi direto até a cafeteira e pegou uma caneca. – Se querem privacidade, experimentem um dos quartos. – Ela se serviu e praticamente aspirou o primeiro gole. – Vou levar o cachorro, fazer minha parte de cuidar e alimentar. E nomeio a nova garota para cuidar das galinhas. Depois do café da manhã. Quando vai ficar pronto?

– Daqui a pouco.

Bran deslizou as mãos pelos ombros e braços de Sasha e depois voltou ao fogão para acender novamente o fogo que tivera o bom senso de desligar.

– Ótimo – disse Riley. – Estou morrendo de fome.

– Eu... preciso de um regador. – Sasha se virou rapidamente e se dirigiu às

portas.

Riley balançou a cabeça para Bran e depois lançou um longo olhar para o cão, que conduziu para fora.

– Romances no trabalho prejudicam os negócios, irlandês, e geralmente resultam em demissão.

– Então temos sorte de não estarmos sendo pagos, não é?

Ele virou as batatas.

Sasha duvidava que o ar da manhã fosse esfriar sua pele e seu sangue, mas precisava de apenas um momento para tentar se acalmar.

O que deveria fazer agora? Como se comportar? Ele tinha mudado tudo. Ou não, admitiu. Podia ter apenas acelerado as coisas.

Olhou para o promontório e pensou na tempestade.

Apolo apareceu e colocou a enorme cabeça sob sua mão. Depois que ela o acariciou distraidamente, o cão correu para longe.

Precisava se concentrar. No que tinha de ser feito, não no que queria. Outros dependiam de que mantivesse o equilíbrio, por isso...

Ao ouvir uma risada, Sasha viu Annika correndo em círculos com o cão. Estava girando e saltando, dando estrelas impressionantes que faziam o cão latir alegremente.

Não pôde evitar sorrir e desejar ser igualmente livre, feliz e despreocupada, dando saltos na macia grama primaveril.

Com um suspiro, virou-se na direção da mesa. E parou bruscamente.

Os pratos formavam uma torre com uma taça cheia de flores do campo em cima.

Annika havia equilibrado os talheres, cruzando-os como espadas para formar uma espécie de caramanchão sob o qual relva, trevos e ranúnculos amarelos se entrelaçavam. Arbustos, percebeu Sasha, encantada.

Também havia dobrado os guardanapos como mantos com os quais cobriu o alto saleiro e os moedores de pimenta. Em cima, pusera coroas de relva. Em volta havia outros guardanapos de um azul vívido. O mar, compreendeu Sasha.

Radiante com sua brincadeira com Apolo, Annika veio correndo.

– Eu pus a mesa.

– Estou vendo. Lindo. Uma torre à beira-mar.

– Os soberanos são gigantes – começou Annika. – Sawyer! – Ela exalou

alegria, como nos saltos estrela, ao entoar o nome.

– Oi, bom dia. – Ele saiu descalço, bebericando café, então examinou a apresentação da mesa. – Uau.

– Você gostou?

– Muito legal.

– O café da manhã está pronto – anunciou Riley, trazendo uma bandeja com bacon, ovos, batatas e torradas.

Ela a colocou sobre a mesa e avaliou o trabalho de Annika.

– Bonito.

Bran veio com a jarra de suco e um bule de café. Todos ficaram examinando o castelo.

– Está ruim? – perguntou Annika.

– De forma alguma – respondeu Bran. – Pelo contrário: está lindo e divertido. Gostaríamos de não precisar derrubá-lo para comer.

– Ah, posso fazer outro. A comida está com um cheiro bom.

– Ok. – Riley esfregou as mãos. – Vamos saquear o castelo.

Depois que a mesa foi transformada em algo mais comum e eles passaram a bandeja ao redor, Riley se virou para o cão, que estava sentado observando-a com um olhar de esperança.

– Aquilo é seu – disse ela, apontando para a tigela de ração. Ele deu um suspiro de desapontamento e foi comer. – Então, vamos examinar os mapas, mas minha intuição me diz para irmos para o sul, seguirmos o rio até as colinas. Algo me diz que há uma caverna lá, com múltiplas câmaras, em grande parte não exploradas. Os moradores da região a chamam de Anasa tou Diavolou. Sopro do Diabo. Parece promissor – acrescentou, pegando ovos.

– E quanto às cavernas submarinas? – começou Sasha, e Riley assentiu enquanto comia.

– Tenho algumas em minha lista. Mas vamos precisar de um barco e equipamentos. Estou providenciando. Alguém sabe conduzir um barco? Eu sei, mas sou melhor com uma canoa ou um caiaque.

– Depende do barco – disse Sawyer.

– Que tipo de equipamentos? – indagou Sasha.

– Máscaras de respiração, provavelmente cilindros de oxigênio.

– Nunca mergulhei com cilindro.

– Se precisarmos, temos uma piscina para praticar. Sou certificada, ou era. Provavelmente ainda sou. – Riley deu de ombros. – Talvez tenhamos sorte em terra. Em todo caso, vamos eliminar áreas e praticar um pouco de mergulho com cilindro. – Ela apontou o garfo para Annika. – Esse vestido não vai funcionar para o tipo de caminhada que faremos hoje.

– Não gostou?

– É bonito, mas você precisa de calça. Jeans ou cargo, para proteger as pernas. Uma jaqueta, um chapéu, uma mochila. E botas de caminhada.

– Não tenho nada disso.

– Era o que eu temia. – Riley olhou por debaixo da mesa para os pés descalços de Annika. – Tenho outro par de botas, mas seus pés são maiores que os meus.

– Parece que vamos ter de dar um pulo na villa para fazer compras – disse Sawyer. – Não vai demorar.

– Você já foi às compras com mulheres, amigo? – perguntou-lhe Bran.

– Compras! – Annika deu um pulinho na cadeira. – Você compra coisas. Tenho moedas.

– Nenhuma dificuldade em entender como as compras funcionam, hein? – disse Bran. – Moedas?

– Tenho muitas. Vou buscar.

Quando ela saiu correndo, Riley se virou e apontou o garfo para Bran.

– Você vai ter de engolir esse insulto às mulheres, irlandês. Consigo arranjar roupas para ela em vinte minutos.

– Aposto 5 euros que não.

– Apostado. Então vamos para a villa. De lá, poderemos dirigir 10 ou 12 quilômetros para o sul, mas depois não há estradas.

– Se não se importa, eu gostaria de dar uma olhada em seus mapas antes de partirmos.

– Eu também – disse Sawyer.

– Sem problemas. Algo a dizer sobre isso, Sasha?

– Ainda estou pensando no Sopro do Diabo. Sei ler mapas, mas com certeza vou achar as cavernas muito parecidas entre si.

Annika voltou trazendo uma pequena bolsa azul fechada com um cordão

trançado dourado. Com um pequeno *uff*, o pôs sobre a mesa, onde bateu pesadamente.

– Minhas moedas.

– Ela estava sendo literal. – Com uma risada, Sawyer se levantou para circundar a mesa e olhar dentro da bolsa de pano. – *Yobanny v rot!*

– O que isso significa? – perguntou Annika.

– É russo. – Riley também se levantou para olhar. – Tomando emprestada sua frase, *Yobanny v rot*. Importa-se? – disse ela para Annika.

Sem esperar por uma resposta, Riley virou a bolsa, despejando parte do conteúdo na mesa.

Moedas de ouro e prata, cobre e bronze. Muitas delas, mesmo com seu olho destreinado, Sasha reconheceu como antigas. Possivelmente muito antigas.

– Há muitos euros – começou Riley –, libras esterlinas e irlandesas, liras, dracmas, ienes, ducados, francos suíços e franceses, dólares americanos e canadenses, moedas de meio pêni e, olhem só, dólares espanhóis.

– Moedas de piratas? – A ideia fez Sasha se levantar para olhar mais de perto. – É isso?

– Sim. Pelo que vejo, um carregamento razoável delas. Devem valer uns 100 dólares cada.

– Cada.

Sasha virou na mão a moeda de formato estranho.

– Cada, se estiverem em boas condições e com a inscrição legível, como a que você está segurando. E esta?

Riley requebrou os quadris.

– Carlos e Joana. Dobrão de ouro, 1521. Um colecionador pagaria uma boa grana por isso.

Ela continuou a examinar as moedas enquanto Annika ficava atrás, sorrindo de prazer.

– É uma coleção e tanto! – murmurou Riley. – E você não deveria guardá-la em um saco assim. Meu Deus, um tetradrama de prata de cerca de 420 a.C. Vale alguns milhares de dólares, fácil. E... *Gamoto*... "Caramba", em grego. – Ela ergueu uma moeda de ouro. – Faz ideia do que é isto? – perguntou para Annika.

– Uma moeda.

– Está vendo esse homem aqui, o que tem uma coroa de louros? É Augusto

César, fundador do Império Romano. E essa vaca atrás é uma novilha. Esta moeda foi cunhada entre 27 e 18 a.C. Vale milhões.

– De dólares? – conseguiu dizer Sawyer.

– Dizem que restam pouquíssimas delas. Uma foi vendida em um leilão alguns anos atrás, acho que por 15 *milhões*.

– Vai dar para comprar botas – disse Annika.

Riley olhou para a mulher como se ela tivesse criado asas diáfanas.

– Daria para você comprar um pequeno país com o conteúdo desse saco, e eu ainda nem vi tudo. Onde conseguiu isto?

Ela balançou a moeda de ouro.

– Eu a encontrei.

– Você a *encontrou*.

– Sim. É divertido encontrar coisas, e eu gosto de coisas bonitas. Gostou dessa?

– Adorei.

– Pode ficar.

– O quê?

– Pode ficar com ela. É um presente.

Vendo que Sawyer estava prestes a se pronunciar, Riley ergueu o dedo.

– Você simplesmente vai me dar isso?

– Você gostou, então fica de presente. Para uma amiga.

– Riley, você não pode...

Ela interrompeu Sawyer com um olhar.

– O que você acha que eu sou? Em vez dessa, posso escolher outra?

– Uma que goste mais? Sim, pode. Cada um escolhe uma, a que gostar mais.

– Quero esta. – Riley pegou um velho dracma. – Dez, talvez quinze dólares – disse ela para Sawyer. – Vou guardá-la comigo, para me dar sorte. Obrigada.

– Não há de quê. Sawyer, escolha uma! Você me encontrou. Escolha uma bonita.

Ele simplificou as coisas e escolheu uma moeda americana de 25 centavos de dólar.

– Para dar sorte.

– Sasha é a próxima. Escolha uma!

– Pegue uma de dólar espanhol – sugeriu Riley. – Você sabe que quer.

– É muito...

– Acredite, não vai fazer falta para ela. Vá em frente.

– Então tudo bem, para me dar sorte. Obrigada, Annika.

– Agora, Bran. O café da manhã estava muito, muito bom. Escolha uma.

Por questões sentimentais, ele escolheu uma libra irlandesa, e deu um beijo na bochecha de Annika.

– Você é uma boa amiga, querida. Agora, quer me confiar suas moedas? Porque é melhor deixá-las em um lugar seguro.

– Eu confio nos meus amigos. Você é meu amigo.

– E você é uma flor rara. Vamos pôr estas de volta na bolsa.

– O Augusto... – começou Riley.

– Esteve aí até agora. Vou guardar isto, Annika, vamos comprar botas de caminhada e o que mais você precisar. Um presente nosso.

– Ah, obrigada.

Ele ergueu a bolsinha e olhou para Sawyer, Riley e Sasha.

– Vocês confiam em mim para guardar isto?

– Você não trairia a confiança dela – disse Sasha.

– Faça o que é certo, irlandês. – Quando ele assentiu e voltou para dentro da casa, Riley suspirou. – Ei, Sawyer, você e Annika podem arrumar a cozinha enquanto eu e Sash cuidamos das galinhas?

– Claro. Vamos tirar a mesa e lavar a louça.

– Depois vamos às compras?

– Parece que sim.

Com um gesto, Riley chamou Sasha de lado para não ser ouvida.

– Ela é... retardada?

– Ah, não, não. Ela é... Não sei descrever o que sinto nela. Ela é pura.

– É mais do que isso. Não estou dizendo que ela não é pura, mas está se esquivando. As pessoas não encontram moedas valiosas no chão ou no fundo de uma gaveta. E ela tem centenas. *Centenas*. Mesmo tirando a da novilha, ela tem um tesouro ali, e olha que eu vi poucas. Onde será que ela conseguiu isso?

– Se está pensando que são roubadas, não acho que ela seja capaz desse tipo de desonestidade.

– Não estou pensando isso, mas, Sash, eu ganho a vida descobrindo coisas e

sou ótima nesse quesito. Ninguém é tão bom ou tão sortudo a ponto de encontrar tantas moedas como essas.

Riley parou em um pequeno galpão, pegou dois baldes e pôs ração em um deles.

– Annika teria me dado aquela moeda valiosíssima. Ficaria feliz em me dar. Parece que dinheiro não significa nada para ela. Essa mulher tem segredos, provavelmente grandes.

– Eu sei, eu sei, mas não quero pressioná-la a falar. Prefiro que nos conte quando estiver pronta.

Riley encarou Sasha enquanto passavam pela horta a caminho das galinhas estridentes.

– Muitas pessoas, provavelmente a maioria, ficam irritadas quando alguém esconde algo e depois o deixa escapar.

– Acho que temos o direito de julgar por nós mesmos quando e se estamos prontos para contar nossos segredos. Todo mundo tem os seus.

– Vamos todos nos lembrar disso. Você me faz um favor?

– Se eu puder.

– Apostei 5 euros com Bran que posso comprar as roupas de nossa amiga em vinte minutos, então me ajude a fazer isso, está bem?

– Claro. Para que servem as amigas? – Agora franzindo a testa, ela observou as galinhas desfilando ao redor, olhando para os humanos, pensou, com seus olhos pequeninos. – Não sei alimentar galinhas. Nem recolher ovos delas.

– Vamos descobrir.

7



Riley perdeu a aposta. Apesar de todo o esforço, levaram o dobro do tempo estimado para vestir Annika com roupas práticas para caminhada. Riley tinha consciência de que poderia entrar e sair da loja em bem menos tempo se Annika não quisesse pegar todas as peças à vista.

Bran simplesmente estendeu a mão e Riley pôs 5 euros nela. E achou difícil reclamar muito quando ele pegou um cartão de crédito para pagar as botas e os sapatos de Annika e também um chapéu para Sasha, porque era igual ao que ela usava no desenho do sonho.

– Você é rico, irlandês?

– O suficiente para pagar isso. E, com o que temos guardado, ela mais do que o merece.

Bran olhou de relance para Annika, que segurava uma blusa de neoprene cor-de-rosa, se virando de um lado para o outro diante do espelho, enquanto Sawyer apenas sorria.

– Melhor sairmos daqui antes que ela decida experimentar mais umas vinte coisas.

– Meu Deus, parece até que estávamos passeando pela Saks e não numa loja de artigos esportivos. Ei, princesa! Vamos!

– Podemos comprar mais? Aqui tem brincos? Gosto de brincos – disse Annika.

– Outra hora. Ajude aqui, Sawyer – pediu Bran.

Eles ladearam Annika – agora de botas, calça cargo, camiseta, colete e chapéu – e a conduziram para a porta.

– Posso ajudar a escolher. – Sasha foi para junto de Bran.

– É melhor deixar para depois. – Bran pegou o chapéu e o pôs na cabeça dela. – Fica bem em você. Por que não vai se certificar de que Annika não os arrastará para outra loja?

Talvez ele fosse o *fáidh*, pensou Sasha, enquanto Annika tentava negociar sua entrada em uma loja de presentes com uma vitrine cheia de bugigangas.

– Vamos voltar. – Seguindo em linha reta, Sasha agarrou a mão dela e a puxou.

– Eu gosto de fazer compras. São tantas coisas bonitas! – Annika franziu o cenho ao olhar para os pés quando entravam no carro. – As botas não são bonitas.

– Mas vão impedir que você torça o tornozelo em uma trilha acidentada – declarou Riley e deu um suspiro de alívio quando se amontoaram no jipe, com Annika espremida entre Sasha e Sawyer no banco de trás.

Bran arrumou as sacolas no carro e se sentou no banco do carona.

– Obrigada por todas as coisas, até mesmo as botas.

Riley pisou fundo no acelerador e se afastou da villa.

– Talvez precisemos procurar um carro maior! – gritou Sawyer acima do barulho do vento.

– Para mim está bem confortável. – Riley olhou pelo retrovisor e deu um sorriso maroto.

– Se encontrarmos o cara do desenho da Sasha, ele não vai caber aqui.

– Ainda não o encontramos. Tem algum pressentimento a esse respeito, Sash?

– Só sei que o encontraremos. – Sasha observou o mundo passar correndo e pensou em como se acostumara rapidamente com a direção de Riley. – Ele monta um dragão.

– Um o quê?

Sasha balançou a cabeça.

– Não sei de onde veio isso nem o que significa. Sei que o encontraremos, ou ele nos encontrará.

Riley seguiu para o interior. O terreno se erguia em colinas e florestas salpicadas de flores silvestres de cores vivas, e eles passaram por um pequeno povoado. Ovelhas brancas felpudas brincavam na plantação de azeitonas. Não dava mais para sentir o cheiro do mar, mas havia o cálido verde dos ciprestes e das oliveiras ao sol.

Riley pegou uma estrada sinuosa. Sem nem ter a intenção, Sasha sentiu o coração de Annika bater muito forte.

– Você está bem? – perguntou Sasha.

– É lindo. Muitas árvores.

Sim, muitas, pensou Sasha, e aquilo lhe lembrou sua casinha na floresta. Estaria igual quando voltasse. Mas se perguntou se voltaria.

Riley parou no que era basicamente uma vala.

– A partir daqui, seguimos a pé.

Com suas mochilas, o mapa de Riley e a bússola, eles começaram a andar para o oeste. Sasha achou surpreendente atravessar um campo em que burros pastavam relva e flores do campo. Tão surpreendente que não teve tempo de se preocupar quando um deles foi até ela e a olhou.

– Aposto que está querendo comida.

Bran parou ao lado dela e acariciou o burro entre as orelhas compridas.

– Ele tem um olhar tão doce! Eu gostaria de ter uma maçã.

– Bem, vamos ver.

Bran a virou e deu um tapinha na mochila dela. Quando a virou de novo, segurava uma pequena maçã verde.

– Você precisa me ensinar a fazer isso – disse Sasha, espantada.

Bran sorriu enquanto pegava o canivete e cortava a maçã ao meio.

– Se você me convencer... Aqui, dê para ele.

– E as surpresas continuam. Estou alimentando um burro.

– Então é melhor seguirmos em frente antes de os amigos dele aparecerem, não é?

– Eu me sinto como Annika. Tudo é tão lindo!

Retomaram a caminhada, deixando o campo e seguindo por uma trilha acidentada em que arbustos de murta e louro se entrelaçavam e ciprestes altos e finos se erguiam entre as oliveiras. Passaram por um amontoado de pedras decoradas com flores que insistiam em abrir caminho através das brechas na direção do sol.

Sasha se sentia assim, como se vencesse obstáculos na direção da luz.

– Você está feliz – comentou Bran.

– Estou subindo colinas na Grécia em um lindo dia de primavera. É muita coisa para ver. Para cheirar – acrescentou, passando a mão por um arbusto de alecrim para liberar o aroma. – Não vou pensar no lugar para onde vamos. Basta estar aqui. – Ela enfim indagou: – Por que você me beijou?

Não queria perguntar, mas não conseguiu impedir que o pensamento se traduzisse em palavras.

– Bem, pelos motivos comuns.

Sasha disse a si mesma para deixar aquilo para lá. Mas então pensou que não havia mal arriscar.

– Você poderia ter beijado Riley ou Annika.

– Sim, poderia. São mulheres bonitas, atraentes e interessantes à sua maneira. Mas não tive vontade. E agora que você me fez pensar, posso dizer que sem dúvida terei vontade de beijar você de novo.

Ele disse isso sem rodeios, e Sasha não soube ao certo se deveria achar graça, ficar ofendida ou com um pouco de medo.

– Você não tem ninguém na Irlanda ou em Nova York?

– Tenho, é claro. Tenho amigos e familiares dos dois lados do oceano, mas nenhuma mulher me esperando. Se houvesse, nunca teria encostado em você e certamente não a levaria para a cama.

– Eu nunca disse que...

– Quando você quiser – disse ele calmamente. – Isso é mais do que um passeio pelas colinas, uma busca. Não fica se perguntando o que é, *fáidh*?

Sasha concluiu que não sabia manter uma conversa sensual. E desistiu antes de tentar.

– Por que Riley está seguindo o caminho da esquerda se a caverna fica para a direita?

– Ah, é? – perguntou Bran.

– Riley! O caminho é aquele.

À frente, Riley parou e se virou.

– O mapa manda irmos para a esquerda.

– Mas é à direita. Como pode ver...

Sasha se interrompeu e olhou adiante, onde tinha visto claramente a boca escura de uma caverna sob uma saliência na pedra. Agora, simplesmente não estava lá.

– Achei ter visto...

– Talvez tenha visto mesmo. Vamos seguir a vidente ou o mapa? – perguntou Bran aos outros.

Depois de um momento de hesitação, Riley assentiu.

– Vamos pelo caminho da direita.

A subida era mais difícil, e não só isso. Tornou-se íngreme, e o caminho era sulcado e pedregoso. Contudo, flores teimavam em brotar, e um curso de água que mal media um palmo de largura corria através do verde primaveril e das pedras cheias de terra.

Uma árvore-de-judas florescia gloriosamente onde o caminho sulcado se bifurcava de novo.

– Por onde? – perguntou Riley a Sasha.

– Eu não...

– Não pense. – Bran pôs a mão, leve como uma pluma, no ombro dela. – Saiba.

– Esquerda, desta vez. Eles esqueceram a primeira bifurcação quando falaram com você. É à esquerda, mas eles não viram.

O que vivia dentro dela se expandiu, erguendo um véu.

Os braços de Sasha caíram para os lados, e seus olhos se tornaram azul-cobalto.

– O sopro do diabo vem de suas mandíbulas gotejantes. Em sua barriga estão os ossos de homens assassinados que gritam no escuro, de mulheres que choram filhos perdidos. Somente a luz do fogo, da água e do gelo os libertará – entoou Sasha, em transe. – Me desculpem. – Ela se apoiou no tronco da árvore, com a cabeça girando com visões e o eco das próprias palavras. – Estou um pouco tonta. Isso veio muito rápido, como se eu tivesse sido empurrada de um penhasco.

– Aqui. – Annika ofereceu uma garrafa. – Água. É bom.

– Obrigada.

– Minhas botas não são bonitas.

– Ah, pelo amor de Deus – retrucou Riley.

– Mas Riley tinha razão. Você tinha razão – disse Annika. – Não são bonitas, mas são fortes. E é importante ser forte.

– Sim. – Sasha respirou fundo para se acalmar. – Sim, é. – Ela devolveu a garrafa para Annika. – Obrigada.

À esquerda. O medo fez a pele de Sasha pinicar como se estivesse sendo espetada por pequenos espinhos, mas não podia recuar.

– Estamos perto.

Sasha seguiu seus instintos. Suas pernas doíam da caminhada, mas ignorou a

dor. Ofegava, mas continuou a ir na direção do que temia.

Quando o sol incidiu em seus olhos, ela pestanejou e virou o rosto.

Então viu a boca escura da caverna sob uma larga saliência na rocha.

– Todo mundo está vendo isso? – perguntou.

– Bem à frente. Bom trabalho, Sash. – Riley lhe deu um soquinho no braço. – Estávamos indo na direção errada.

– Talvez alguém quisesse que fizéssemos isso – sugeriu Sawyer. – Bran e eu entramos primeiro, para examinar o local.

– Um comentário machista idiota – disse Riley, e fingiu estar ticando uma caixinha de formulário. – Faça outro e vou dar um soco nesse seu rosto bonito.

– Então dará no meu também, porque acho que ele tem certa razão. Se todos entrarmos juntos – continuou Bran –, não haverá ninguém aqui fora para pedir ajuda se algo der errado.

– Vocês têm dois minutos. – Riley ergueu o braço e, com a outra mão, deu uma batidinha com o dedo no relógio. – Contados.

– Então, para dentro da barriga do monstro. – Bran seguiu em frente com Sawyer.

Não a barriga, pensou Sasha. A boca.

A barriga ficava mais no fundo.

Eles passaram pela saliência e entraram. A escuridão se estendia à frente e a luz brilhava atrás, como se tivessem saído do dia para a noite.

Cada qual pegou uma lanterna e a acendeu.

– As mandíbulas gotejantes estão bem aqui.

Sawyer apontou o feixe de luz para as grossas estalagmites que gotejavam. No chão, a água formara um pequeno lago atrás da curva dos dentes das estalagmites.

O *plop* de água caindo em água soava como um coração batendo devagar.

– É apertado aqui – observou Bran. – Mas...

– Sim, a caverna se abre. Não sabemos até onde.

– Não a partir daqui, pelo menos.

Sawyer examinou a área.

– Quais as chances de as convencermos a ficar lá fora até voltarmos?

– Nenhuma. Além do mais, acho que, embora isso vá contra os instintos, temos que estar todos juntos, sejam quais forem os riscos. Haja uma estrela aqui ou não, acho que temos que estar juntos.

– Sim, eu sei. Vou chamá-las – disse Sawyer.

Mas mal havia começado a voltar quando Riley se curvou sob a saliência e entrou, seguida pelas outras.

– Acabou o tempo. Lá estão as mandíbulas, Sasha, conforme o anunciado. O Sopro do Diabo. Aposto que esse lago produz uma névoa que quando sai pela boca da caverna se torna o sopro. – À frente com sua lanterna, ela circundou a boca. – Um pouco baixo aqui para vocês. Fica mais alto à medida que se avança, pelo menos no início.

Ela passou pelas barras de pedra e se agachou à beira do lago.

– Não é muito fundo e é razoavelmente claro. Nada à vista.

Então dirigiu um olhar para Sasha.

– Está bem. – Embora temesse, Sasha se aproximou do lago. – Não estou vendo nada, nem dentro nem saindo.

– Ok. Todo mundo pronto para seguir em frente?

Ela balançou a cabeça, incrédula, ao ver Annika mexendo a lanterna em um círculo e observando o feixe de luz.

– Isso é...

– Sim, bonito – cortou Riley.

Então se ergueu, e, como Bran já havia começado a andar, os outros o seguiram.

O espaço entre as paredes não passava de 2 metros, mas o teto da caverna se erguia até pouco acima dos homens. Notando que Sawyer mantinha Annika perto, Sasha concluiu que não precisava se preocupar com a divertida parceira.

– É maior do que eu imaginava – disse Sasha, quase dando um pulo ao ouvir o eco da própria voz.

Maior, pensou, e mais escura.

As paredes se afastaram, revelando duas câmaras.

– Qual caminho? – perguntou-lhe Bran. – O que seu instinto está lhe dizendo agora? – acrescentou quando Sasha hesitou.

– Direita. Mas...

– O da direita, então.

– Esperem. – Riley pegou giz em sua mochila e marcou a parede da câmara. – Sempre é bom saber onde estivemos.

Adiante, a câmara se tornou ainda mais alta e mais larga. Estalactites,

estalagmites e as colunas que a união das duas formações rochosas criava brilhavam à luz em tons de dourado, vermelho e marrom.

– Como joias – disse Annika.

– Há diferentes minerais na pedra. – Riley estudou a área. – Mas, como você, eu diria que é *bonito* aqui.

Sasha iluminou uma coluna com a lanterna e foi até lá.

– Vocês precisam ver isto. Parece uma mulher. Olhem só, cabeça, ombros, corpo, tudo nas proporções certas. Rosto, olhos, nariz e boca. Não foi pintada ou esculpida. Como a rocha pode ter assumido essa forma?

A mulher na rocha estava em pé, com cabelos longos e escuros e um manto esvoaçante. Tinha os olhos voltados para baixo, como se os observasse. Uma das mãos, erguida, apontava para as profundezas da caverna. A outra segurava um globo.

– Não tem como ser uma formação natural – disse Riley. – Deve ter sido feita.

– Não foi pintada – repetiu Sasha.

– Há outros modos. – Bran dirigiu a luz para onde a figura apontava. – Há uma saliência ali e uma abertura acima.

– Vou entrar e dar uma olhada – começou Sawyer, e então percebeu o movimento. – Riley!

– Eu trabalho com isso – lembrou-lhe ela, dirigindo-se para a saliência e entrando pela abertura.

– Droga. Vamos todos, então. Fique perto – ordenou Sawyer para Sasha.

Annika entrou atrás deles e olhou para trás, para a figura de pedra.

– Não gosto dela – murmurou enquanto Sawyer a puxava.

Eles rastejaram por uns 3 metros e subitamente ocorreu a Sasha que talvez ela fosse mesmo um pouco claustrofóbica. Então Riley exclamou:

– Outra câmara, e bem grande! Há uma descida de cerca de 1 metro.

Sasha ouviu o arranhar de botas na rocha e depois o baque de uma aterrissagem.

– Vou segurar você, Sasha – disse Bran antes de descer um pouco no escuro. Com sua lanterna indicando o caminho, ele ergueu a mão para ela. – Relaxe os joelhos.

Sasha prendeu a respiração e deu um pulo.

Antes de Bran poder se virar para oferecer a mão a Annika, a garota pulou

graciosamente.

Não era escuro, percebeu Sasha, pelo menos não totalmente. Uma luz vinha de algum lugar, tênue e um pouco... distante. No entanto, bastava para indicar o tamanho da caverna, os dentes lisos da rocha descendo até o chão e os outros que subiam dele. Tudo vermelho, observou, vermelho como sangue.

Sentiu um aperto no peito e sua cabeça girou.

– Não. – Sasha estendeu a mão quando Riley se aproximou de uma formação parecida com uma mesa se projetando da rocha. – Não toque nisso. Atos perversos foram cometidos aí.

– Riley – disse Bran firmemente. – Não toque em nada.

Assentindo em silêncio, Riley apontou o feixe de luz para a mesa de pedra.

– Tem uma inscrição. Grego antigo.

– Ossos. Ossos humanos foram empilhados aqui.

Sawyer desviou o olhar.

– Estão ouvindo os gritos? – Sasha tapou os ouvidos. – As crianças. Ela ansiava por crianças. Jovens. Inocência.

– Vou tirar você daqui, Sasha.

– Espere – disparou Riley para Bran. – Eu consigo ler isso. "Em sangue tirado. Em sangue dado. Para que ela possa viver, para que possa ascender. Em nome de Nerezza."

Ao pronunciar o nome, houve uma agitação e um farfalhar no teto.

– São só morcegos. Não entre em pânico – disse Riley.

O aviso veio segundos antes dos guinchos e da enxurrada de asas escuras.

Instintivamente, Sasha cobriu a cabeça e o rosto e se encolheu. Sentiu as asas roçando nos cabelos e estremeceu.

São só morcegos, disse a si mesma. Só morcegos.

Deu um grito quando algo perfurou seu braço. Agarrando-o, sentiu a umidade e o calor do próprio sangue.

– Eles mordem.

– Não são só morcegos. – Riley sacou uma arma do coldre em sua cintura. – Corram.

Lançou-se até um morcego que voava na direção de seu rosto e o estampido ecoou na câmara. Logo houve outro, quando Sawyer disparou a própria arma.

Sangue caiu no chão e respingou no altar.

E o chão tremeu.

Morcegos voavam em círculos, olhando para baixo com olhos ávidos e de alguma forma humanos.

Ela surgiu do escuro. Com o manto preto esvoaçando ao seu redor e os cabelos, densos como a meia-noite, formando cachos fluidos em torno do rosto.

O rosto na pedra. Ela sorriu com terrível beleza.

– Eu estava esperando. – Enquanto os morcegos se precipitavam para baixo e guinchavam, ela ergueu as mãos. Em uma, segurava a esfera de vidro. – Observando.

Sua voz ecoou acima do caos, do eco dos tiros e dos guinchos. Armada apenas com sua lanterna, Sasha se virou para se defender e viu Sawyer girar para apontar para um morcego que mergulhava na direção de Annika.

Com um movimento ágil, Annika empurrou a criatura e a lançou contra a parede da caverna com um chute.

– Seu sangue. – A mulher saiu do pedestal, curvou-se graciosamente para passar o dedo pelo sangue que pingara do braço de Sasha no chão da caverna e disse: – É quente. – Lambendo-o do dedo delicadamente, como se fosse um chocolate ou creme saboroso, ela continuou: – Seu poder é forte e... delicioso. Através de seu sangue, beberei esse poder. Através desse poder, o caminho para as estrelas.

Encurralada e lutando para evitar caninos, garras e asas, Sasha cambaleou para trás, apenas para se ver imprensada contra a parede.

Do outro lado da câmara, Riley gritou e disparou novamente. Mas as balas passaram direto pela figura que ia na direção de Sasha.

Algo pareceu agarrar sua mente, algo frio e feroz. Sasha tentou se soltar e o sentiu ceder, apenas um pouco.

– Muito forte.

Aquela mesma força, fria e feroz, agarrou-lhe o pescoço, sufocando-a. Tudo que Sasha sentia era o próprio medo, uma reação a um ódio tenebroso e uma cobiça sem fim.

– Venha comigo e viva.

Mentiras. A mãe das mentiras. Nerezza.

Algo – alguém – pulou das sombras. Uma espada prateada flamejante à tênue

luz vermelha. Lançou-se para a profusão de morcegos, ferindo-os. Como se através da água, Sasha ouviu alguém gritar:

– Saia daqui! Fuja.

– Dê-me o que eu quero. – Nerezza se aproximou mais. – Ou esmagarei você e tudo que ama.

– Não hoje.

Bran empurrou Sasha para trás de si. Enquanto ela tentava recuperar o fôlego, ele ergueu as mãos, das quais saiu um raio branco cegante.

Nerezza ergueu o braço para proteger os olhos e deu um urro mais animalesco do que humano.

– Tire-a daqui! Não vou conseguir pará-la por muito tempo! – gritou Bran.

Os morcegos alçaram voo em círculos, entraram novamente em formação e, como uma grande flecha alada, se precipitaram na direção dele. O espadachim investiu, golpeou e rapidamente derrubou vários corpos feridos, enquanto balas atingiam outros mais.

– Tire-a daqui – disparou Bran, sua voz firme e fria. – Tire todos eles daqui.

O espadachim agarrou Riley e praticamente a jogou para dentro do túnel. Então pegou Annika, enquanto ela dava uma série de golpes que derrubaram vários morcegos.

– Vá!

– Pegue Sasha – ordenou Sawyer e se posicionou ao lado de Bran. – Não vou deixar você sozinho, cara.

– Então se prepare para correr.

Pelo canto do olho, Bran viu o espadachim erguer Sasha, olhar para trás com uma espécie de pesar feroz e levá-la para o túnel.

– Vá quando eu mandar – disse Bran. – Não haverá tempo para hesitação. Estarei bem atrás de você. Tem a minha palavra.

– Se você não vier, vou voltar.

Bran sentiu Nerezza repelindo seu poder e soube que não tinha força suficiente. Não ali, ainda não.

– Agora. Vá! – gritou ele para Sawyer e lançou dois raios no chão.

A explosão sacudiu a câmara, enchendo-a de uma luz espantosa e uma densa fumaça.

Ele mergulhou no túnel atrás de Sawyer.

– Não pare – ordenou. – Não sei qual é o alcance do poder dela.

A rocha estremeceu sob eles. Ao contrário do ordenado, Sawyer parou depois de pular para fora do túnel, até Bran alcançá-lo. A fumaça branca saía em círculos da abertura.

– Eu diria que é um alcance bem longo. Bom trabalho – acrescentou enquanto eles corriam para a saída.

Do lado de fora, o homem com a espada estava em guarda com Riley, que argumentava, contrariada:

– Isso é uma espada, isto é uma pistola. Adivinhe quem vence. – Ela tentou limpar o rosto, sujando-o ainda mais com o sangue dos cortes na mão. – Não quero atirar em você, mas pode apostar que farei isso, se não sair do meu caminho. Vou voltar para buscar meus amigos.

– Se você atirar em mim, vai me irritar. – Então ele se virou ao ouvir pessoas correndo. – Eles estão vindo – disse e deu um passo para o lado.

No minuto em que eles apareceram, Riley deu um soco no peito de Bran, e depois o puxou para si. Então atirou os braços ao redor de ambos.

– Filho da mãe. Filho da mãe. Nunca mais me empurre assim. – Ela puxou a cabeça de Sawyer e lhe deu um beijo na boca, depois segurou a cabeça de Bran. – Você tem algumas explicações a dar.

– Este não é o momento nem o lugar.

Bran lhe deu um tapinha na bochecha e a afastou para ir até Annika, que estava sentada no chão junto de Sasha, cuidando dos ferimentos dela com o kit de primeiros socorros de Riley.

Ele se agachou e deslizou um dedo pela bochecha dela, até a marca vermelha no pescoço.

– Sinto muito não ter conseguido alcançá-la mais rápido. Sinto muito por ela tê-la machucado.

– *Quem é* você?

– Tudo que eu disse que sou. Talvez um pouco mais.

– A linda blusa dela está arruinada, mas os cortes não estão tão feios. – Annika pôs uma atadura no longo corte no braço de Sasha. – Mas ela está chocada.

– Em choque – corrigiu Riley. – Sasha sofreu a pior parte daquilo. Estava encurralada antes de você intervir com seu show de luzes. Simplesmente não

conseguimos continuar. – Então olhou de relance para trás e disse para Sawyer: – Boa mira, Tex.

– A sua também.

– Quem são vocês?

Eles olharam para o recém-chegado. Ele havia embainhado a espada às costas e estava em pé com as pernas abertas e a cara fechada.

Exatamente como Sasha o retratara, em detalhes, em um de seus desenhos. A brisa agitava-lhe os cabelos pretos ao redor de um rosto que poderia ter sido esculpido com navalha. As maçãs do rosto altas, a boca marcante que não sorria, o afilado nariz aristocrático. Seus olhos eram ferozes e de um verde aceso.

Riley o examinou, das botas surradas que iam até o meio das canelas às pernas longas em jeans gastos e à camisa salpicada de sangue sobre o peito largo. Então se levantou.

– Riley Gwin, arqueóloga; Sawyer King, atirador; Annika Waters, adorável lutadora.

– Uau! – exclamou Annika, deliciada.

– Sasha Riggs, vidente. E Bran Killian, mágico. Para dizer o mínimo. E você, quem é?

– McCleary. Doyle McCleary. E se vocês não tivessem ficado no caminho, eu poderia finalmente ter acabado com a desgraçada.

– Até parece – retrucou Riley.

– Podemos ter uma boa conversa sobre isso tudo longe daqui. Importa-se? – perguntou Bran, apalpando a mochila de Sasha.

Sasha deixou, e ele enfiou a mão na mochila e encontrou o desenho dos seis.

Levantou-se e foi até Doyle.

– Primeiro, quero lhe agradecer pela ajuda. Sasha estava ferida e não sei se eu teria contido a desgraçada e feito todos saírem a salvo se não fosse por você. Quanto a quem somos, bem, veja isto. – Ele mostrou o desenho. – Somos um time, e você é o último de nós.

– Quem desenhou isto?

– Eu. – A voz de Sasha saiu rouca da garganta machucada. – Semanas atrás.

– Como...?

– Agora não – interrompeu-o Bran. – Estamos feridos e sangrando. Temos um lugar em que podemos conversar. Em particular.

– Que inferno, como ele vai caber no jipe? – perguntou Riley.

– Tenho meu modo de resolver isso. – Doyle olhou para todos eles e depois para a caverna. Então balançou a cabeça. – Acompanho vocês e falaremos a esse respeito. – Ele estendeu o desenho para Bran. – Depois veremos.

– É o melhor a fazer.

Bran se voltou para Sasha e começou a erguê-la. Ela o dispensou.

– Posso andar.

Então se levantou. Estava com frio e enjoada, mas podia muito bem andar.

Para provar, começou a ir na direção do jipe.

– Sim, você tem algumas explicações a dar.

Riley deu um tapinha no braço de Bran e foi atrás de Sasha.

– Ela não sabia que você é um bruxo? – perguntou Doyle.

– Não. Não encontrei o momento certo para contar para ela ou para os outros.

Doyle deu o que pareceu um grunhido solidário e se afastou.

– Ela vai ficar bem. – Sawyer estendeu a mão para ajudar Annika a se levantar. – Você fez alguns movimentos fantásticos, Anni. Gostei principalmente daquele em que subiu correndo metade da parede e deu uma cambalhota para trás.

– É divertido. Eu não gosto é da luta em si.

– Talvez não, mas é boa nisso.

Enquanto prosseguiam, Bran olhou para trás. A fumaça branca bloqueava a entrada da caverna, mas já começava a se dissipar. Ainda havia muito a fazer. Ele ergueu a mochila ao observar Sasha andar – mancando um pouco, notou – pelo caminho acidentado.

Ainda havia muito a fazer, em várias áreas.

8

O modo de Doyle resolver aquilo estava logo adiante, entre os arbustos. Quando o trouxe para fora, Riley pôs as mãos na cintura, examinando.

– Clássica. Harley Chopper. Twin Vs?

– Isso mesmo.

– Aposto que anda bem.

Tal como as botas de Doyle, a moto exibia algumas cicatrizes de guerra – e, também como seu dono, parecia robusta, firme.

– O dragão! – Annika apontou para o dragão vermelho de asas abertas e garras curvadas pintado na parte do motor. – Sasha disse que você monta um dragão.

– Sim. Para onde vamos?

– Para oeste de Sidari – respondeu Bran. – Seria mais fácil se nos seguisse.

– Está bem. É seu? – perguntou ele, apontando para o jipe mais à frente.

– Sim.

– Posso ir no dragão também? – pediu Annika.

Doyle hesitou e depois deu de ombros.

– Detesto dizer não para uma mulher bonita – respondeu, passando uma perna por cima da moto. – Suba.

Sawyer ficou preocupado.

– Você tem de se segurar nele – disse para Annika. – E se inclinar para dentro nas curvas, não para fora. É só se inclinar um pouco, entendeu? Não se esqueça disso.

– Está bem. – Ela subiu atrás de Doyle e riu quando ele ligou o motor. – Ele ronca!

– Segure-se nele – repetiu Sawyer, e apertou o passo para alcançar os outros. – Ela vai ficar bem.

– Não acho que acabamos de passar por uma experiência dessas para ela cair de uma moto. – Riley se sentou ao volante. – Relaxe.

Bran entrou atrás.

– Vá na frente. Você está irritada e não quero discutir – disse ele para Sasha, enquanto Riley estudava o caminho para uma estrada. – Vou explicar quando voltarmos para o casarão e nos acalmarmos um pouco.

– Só quero dormir.

Dando as costas para ele e fechando os olhos, Sasha se surpreendeu fazendo exatamente isso.



Quando o jipe começou a sacolejar subindo a estrada para a casa, ela acordou com dor de cabeça, a garganta ardendo e o braço latejando.

Ao sair do carro, descobriu que estava com as pernas trêmulas e desejou voltar a dormir.

– Preciso tomar um banho. Podem começar sem mim.

Bran segurou o braço dela.

– Sasha.

Ela se soltou.

– Ainda a *sinto* em mim. Preciso de um banho.

Mesmo trêmulas, fez suas pernas se moverem e foi direto para a casa.

– Dê um pouco de espaço a ela – aconselhou Riley, acariciando rapidamente Apolo, que viera lhes dar as boas-vindas.

Ela olhou para Doyle enquanto Annika saltava da moto.

– Vamos comer alguma coisa primeiro, dar um tempo para Sasha se acalmar. – Ela olhou para as próprias mãos. – Também quero tomar um banho rápido.

– Certo. Vamos todos fazer isso.

– Vou tomar o meu na praia – decidiu Sawyer.

– Ah, sim, nadar um pouco! Vou com você.

– Ótimo. Pegue sua roupa.

– Roupa?

– Roupa de banho.

– Ah, sim, tenho uma.

Annika correu para a casa e Sawyer subia para o terraço.

– Qual é a dela? – perguntou Doyle para Bran.

– Temos muitas coisas para contar, se você esperar meia hora. Estamos sujos e sangrando, vamos antes nos lavar e comer alguma coisa. Há dois quartos sobrando, pode escolher o seu.

– Não sei se vou ficar.

– Tudo bem. Mas você está sujo de sangue e tripas de morcegos, e só Deus sabe mais o quê, assim como o resto de nós. Eu lhe mostrarei os quartos que sobraram, para escolher.

– Eu gostaria de tomar um banho.

– Entre e poderá fazer um pequeno tour até lá.

– Uma casa incrível em um lugar incrível. De quem é? – Doyle enfim reparou na bela construção.

– De um amigo de um amigo de um tio de Riley. Ela tem contatos – respondeu Bran.

– Isso vem a calhar.

– Sim. McCleary, não é? Sua família veio da Irlanda?

– Muito tempo atrás – disse Doyle enquanto eles começavam a subir a escada.

– A minha ainda está lá, a maior parte. Sligo.

– Clare, pelo que me disseram.

– Bem, McCleary, qualquer um destes dois quartos está disponível para você.

– Esse aqui está bom.

– Então é seu. Fique à vontade, e, quando estiver pronto, vamos comer juntos e conversar sobre tudo isso.

Bran prosseguiu até seu quarto, entrou, se despiu e deu uma boa olhada no corpo. Os cortes no braço não o incomodavam muito, mas as costelas exibiam arranhões e mordidas dos malditos morcegos que o atacaram quando tentava ir até Sasha.

Mortos agora, pensou. Ele os havia reduzido a cinzas, mas antes disso lhe arrancaram alguns pedaços. Foi até a cômoda e passou a mão sobre a gaveta para desfazer o feitiço de trancamento que lançara. Então pegou um estojo onde

guardava poções e unguentos, pegou aquele de que precisava e trancou o resto de novo.

No chuveiro, gemeu quando a água caiu sobre os ferimentos. Apoiou as mãos na parede de azulejos e deixou que fossem lavados.

Quando terminou o banho e a água havia afastado a maioria das dores, examinou os ferimentos de novo e lhes aplicou unguento. Imediatamente sentiu-se recuperado. Cobriu os ferimentos o melhor que pôde, se vestiu e desceu para encarar o restante do time.



Sasha chorou no chuveiro. O choro aumentou a dor de cabeça, mas a acalmou. Regulou a água para o mais quente que podia aguentar até não haver mais a sensação de aranhas rastejando em sua pele. Esfregou-a, ignorando a dor nos cortes e arranhões, e lavou os cabelos. Enxaguou e os lavou de novo.

E finalmente se sentiu limpa.

Depois de se enrolar em uma toalha, desembaçou o espelho e examinou o rosto, tocando o machucado no pescoço.

Fora fraca, pensou; não poderia ter sido e nunca mais o seria. Se era para continuar com aquilo, e sabia que continuaria, precisaria ser mais esperta, mais forte e mais bem preparada. Não se acovardaria uma segunda vez quando uma deusa dos infernos tentasse dominá-la.

– As pessoas a subestimam porque você se subestima – disse para o próprio reflexo. – Isso acabou.

Ela saiu do banheiro e parou ao ver Bran diante da porta aberta de seu terraço, olhando para fora.

– Preciso que você saia.

Bran se virou e a observou, os cabelos molhados, segurando a toalha enrolada no corpo. Havia raiva e indignação nos olhos de Sasha.

– Trouxe um unguento – disse ele, exibindo o pequeno pote. – Vai ajudar com os ferimentos e a dor.

– Não quero...

– Não seja boba. Você não é nenhuma idiota. Quer ficar irritada, fique – disse

Bran, agora também expressando mau humor. – Mas deixe para ficar irritada depois que eu explicar tudo. Agora se sente e me deixe ajudá-la.

– Você não é responsável por mim.

– Graças aos deuses não sou mesmo. Mas estamos todos nisso juntos e farei o que puder para ajudar os outros também. Só que você sofreu a pior parte daquilo. Agora se sente, e fique irritada *e* esperta.

Sasha se deu conta de que recusar, deixar a mágoa e a decepção embotarem seu julgamento, era sinal de fraqueza. Precisava estar bem e forte para lutar.

Então se sentou na beira da cama.

Bran se aproximou e pousou o pote. Então colocou as mãos gentilmente na cabeça dela.

– Não é aí...

– É claro que sua cabeça está doendo. Ela tentou entrar em sua mente, não foi? E você ficou chorando. Então sua cabeça está doendo. – Ele usou os polegares para lhe massagear as têmporas e a testa. – Não sou tão bom nisso quanto outras pessoas, mas como você é sensitiva...

– Não sou sensitiva.

– Pelo amor de Deus, garota, não discuta o que eu sei. – A impaciência se manifestou por um breve momento. – Você bloqueia a maioria das coisas, mas elas estão aí. Use isso agora, como uma estratégia reversa, e me ajudará a ajudá-la. Deixe-me sentir, abra-se e me deixe sentir. Começaremos com a dor de cabeça, porque depois você vai conseguir pensar com clareza.

Como ele tinha razão e demonstrava impaciência em vez de pena, Sasha fechou os olhos e ofereceu sua dor.

– Isso – murmurou Bran, massageando-lhe a cabeça. – É uma nuvem cinza. – Ele desceu as mãos e pressionou os polegares na nuca de Sasha. – Está se dissipando com uma brisa fresca. Sinta-a.

Sasha obedeceu e a horrível pressão diminuiu.

– Sim, melhorou. Melhorou – repetiu e afastou as mãos dele. – Obrigada.

– Você está com cortes, arranhões, hematomas e uma ou duas mordidas. O unguento dará conta disso, mas essa ferida profunda exige mais. Annika se saiu bem com as... Qual é mesmo o nome? Ataduras. Ela tem vários talentos. Deixe-me sentir isso.

Ele tocou o machucado.

– Está quente e latejando. – E deixaria uma cicatriz, se não conseguisse fechá-lo. Bran se surpreendeu com o quanto essa ideia o perturbava. – Mas está limpo. Não há nada infeccionado aqui.

– Como você sabe?

– Você sabe e posso ver o que sabe. Agora me ajude a esfriar e fechar isso.

Sasha se perdeu nos olhos dele. Mais tarde lhe ocorreu que Bran devia tê-la levado a um leve transe, mas seus sentimentos pareceram tocar os dele como pontas de dedos, e o calor no braço passou.

– Pronto. O unguento cuida do resto.

Um pouco zonza, Sasha baixou os olhos e viu o corte fechado, tendo restado apenas um arranhão comprido.

– Mas isso é...

– Magia? – sugeriu Bran. – É cura, e você está fazendo a maior parte do trabalho. E quanto à sua perna? Está evitando pisar com a direita.

– Não sei. Devo ter torcido o tornozelo na caverna. Quando os morcegos...

– Não vamos pensar neles agora. – Bran se abaixou e passou as mãos pelo tornozelo de Sasha, recuando quando ela se retesou. – Está sensível, não é? Vamos dar um jeito nisso.

Agora ela entendia e o deixou prosseguir. Imaginou o inchaço, os tendões e os músculos, enquanto Bran massageava, movendo os dedos em círculos.

Por fim, ele se levantou.

– O pescoço é a pior parte e a mais difícil. Foi onde ela a tocou.

– Ela não me tocou. Não fisicamente.

– Mas é o machucado mais profundo, entende? O poder dela contra o nosso. Acho que no início do processo de cura vai doer. Você tem de confiar em mim.

– Então vou confiar. Nisso.

– Mantenha os olhos nos meus. Não sou como você, mas o que tenho ajudará a trazer isso à superfície.

Lenta e gentilmente, Bran envolveu o pescoço de Sasha com as duas mãos, cobrindo os hematomas.

Doeu muito. Um súbito choque de dor lhe tirou o fôlego e a fez agarrar a beira da cama. Sasha tentou não gritar – fraqueza, fraqueza –, mas deixou escapar um gemido.

– Sinto muito. Só mais um pouco.

Então Bran murmurou palavras irlandesas que ela não entendia, mas o tom, que era um misto de conforto e de aflição, a ajudou a suportar. Depois, como o resto, passou. O alívio a deixou tonta.

– Melhorou.

– Precisa sarar. Não vou deixar a marca dela em você. Eu deveria tê-la detido.

– Você a deteve. Com raios de luz. Já está bom, não dói mais. – Ela se levantou. – Leve o unguento para os outros.

– Esse é para você. Tenho mais.

– Vou descer assim que me vestir. Temos muito sobre o que conversar.

– Tudo bem.

Mas Bran ficou onde estava e esperou.

– Você mentiu para mim – finalmente disse Sasha.

– Nunca menti.

– Omitiu a verdade...

– Nem sempre é mentira. Às vezes é apenas uma questão de escolha pessoal.

– Eu lhe disse tudo sobre mim, tudo que sabia, e você... O que você é? Um bruxo?

Bran estremeceu e tentou não se sentir ofendido.

– Alguns insistem em afastar essa palavra de seu significado original, que é quem pratica o mal, até mesmo forças demoníacas, e interpretá-la como um homem com poderes. Eu aceitarei o *bruxo*, até mesmo *feiticeiro*, mas prefiro mágico, que foi como me apresentei quando nos conhecemos.

Havia acusações e, pior ainda, muito pior, mágoa e desapontamento nos olhos de Sasha.

– Você sabe muito bem que eu nunca iria deduzir um significado mais fantasioso.

– Sei e houve uma omissão aí. Ainda assim, faço truques para ganhar a vida e me entreter. E meu sangue, minha arte, meu dom e minha honra estão ligados à magia branca. Mas é difícil contar isso para alguém que não confia nos próprios dons, *fáidh*. Qual teria sido sua reação se no início eu tivesse lhe mostrado mais do que um truque?

– Não sei.

– Minha família mantém nossa linhagem em segredo, não por vergonha, mas

por cautela. Gostaria de ter lhe mostrado o que sou de um modo menos dramático, mas Nerezza roubou essa escolha de mim.

– Ela queria me sugar.

– Não previ isso, então... peço desculpas. Por não ter planejado isso melhor ou encontrado um modo melhor. Mas não posso pedir desculpas por quem sou ou por esperar haver maior confiança para contar para você ou os outros.

– Você me beijou para criar confiança entre nós?

Bran praguejou, surpreendendo-a com um rápido olhar de raiva, enquanto andava pelo quarto.

– Isso é um insulto a nós dois. Droga.

Então a agarrou, puxando-a para si, sem o cuidado ou a gentileza que demonstrara na cura. A raiva continuou presente no beijo.

– Agora que sabe de tudo, por que acha que a beijei?

– Preciso pensar.

– Tudo bem, pense então.

– Vou descer quando estiver vestida.

– Ótimo.

Ele saiu a passos largos e bateu a porta, irritado.

Sasha foi até o espelho. Não havia marcas no pescoço e a cor voltara ao seu rosto. Não se sentia mais fraca.

Um ótimo começo.

Sawyer deu seu toque especial nos mistos-quentes. Novamente Annika decorou a mesa, dessa vez com guardanapos dobrados em forma de flores, arrumados ao longo de um rio sinuoso de pratos. Usando um de seus vestidos esvoaçantes, ela interrompeu o trabalho para dar um forte e caloroso abraço em Sasha.

– Você está bonita e se sentindo melhor.

– Sim, obrigada. Você se feriu?

– Só um pouco, mas Bran nos deu um unguento com um cheiro muito bom. Não fique zangada com ele.

– Estou tentando. Onde está...? Não lembro o nome dele.

– Doyle? Doyle McCleary. Andar no dragão dele é divertido. Ele desceu e

queria dar uma volta pela villa, fazer um reconhecimento do terreno.

– Não posso censurá-lo. Annika, obrigada por me ajudar quando eu estava ferida.

– Estamos aqui para nos ajudar.

Simples assim, pensou Sasha.

– Tem toda a razão. Vamos beber um vinho.

– Eu gosto de vinho.

– Vou buscar.

Ela entrou na cozinha, onde Sawyer arrumava o último dos sanduíches em uma travessa e Riley pegava cerveja da geladeira.

– O Atirador aqui tem habilidades ocultas – disse Riley. – Preparou salsa mexicana.

– Tinha tudo aqui. – Sawyer se virou. – Pronta para comer?

Sasha pensou que não conseguiria encarar comida, mas naquele momento percebeu que era exatamente o contrário.

– Mais do que pronta, e isso parece ótimo. Doyle e Bran não estão aqui.

– Foram dar uma volta. Deixar você relaxar – anunciou Riley. – Como está se sentindo?

– Bem. E vocês?

– Cortes e inchaços, nada que um banho quente e o unguento mágico de Bran não pudessem resolver. Acho que eu não deveria ter dito "mágico" – deu-se conta Riley.

– É o que ele é. Annika e eu vamos beber vinho.

Ela escolheu uma garrafa, pegou taças e voltou com elas.

– Ela se recuperou rápido – observou Sawyer.

– Homens... – Com pena dele, Riley pôs meia dúzia de cervejas em um balde que enchera de gelo. – Ela está com raiva, querido. Talvez agora ardendo em fogo brando, mas ainda assim com raiva e tentando descobrir como se sente em relação ao fato de que algumas horas atrás beijou um cara que se revelou um bruxo.

– Verdade? Beijou mesmo?

– Haja irritação.

Riley piscou para ele e ergueu o balde. Quando o levou para fora, viu Bran e Doyle vindo da villa. Já pareciam bastante à vontade um com o outro.

– Pode servir! – gritou ela para Sawyer.

Riley abriu uma cerveja e se deixou cair em uma cadeira. Esperou até Sawyer trazer a comida e os outros terem bebido vinho ou cerveja. Então ergueu a própria garrafa.

– A uma boa luta.

Quando Sasha apenas a olhou, Riley gesticulou com a garrafa.

– Toda luta da qual você sai inteiro e que acaba com uma cerveja gelada é uma boa luta.

– Isso é indiscutível. – Doyle pegou um sanduíche. – Boa cerveja, boa comida, gosto disso. Mas ainda não tenho respostas. O Sr. Mágico está sendo vago. Vamos ser específicos.

– Sr. Mágico. – Riley deu uma risada. – Essa é boa – disse, enquanto os outros ficavam em silêncio. – Sash, você deveria começar, já que fez as coisas acontecerem.

– Não acho que fiz nada acontecer, mas tudo bem. – Ela tomou um gole de vinho. – Sou artista plástica.

– Deu para ver, pelo desenho.

– Atualmente moro na Carolina do Norte. Sempre tive...

– Um dom – completou Bran, como se a desafiando a contradizê-lo.

Sasha simplesmente o ignorou.

– No início do ano, comecei a ter sonhos sobre nós, todos nós, e sobre as estrelas.

Ela contou o restante da história até a chegada ao hotel, em Corfu.

– Então você simplesmente pegou um avião e... seguiu seus sonhos?

– Eu não podia ignorá-los e não conseguia fazê-los parar. E, sim, foi o que fiz. Riley, você continua a partir daqui.

– Claro. A salsa está ótima – disse Riley, mergulhando uma batata frita na montanha de molho que pusera em seu prato. – Explorar lendas e mitos, encontrar artefatos e antiguidades, é o que eu faço. As estrelas estão no meu radar há muito tempo e obtive algumas informações que apontavam para cá. Eu havia acabado de terminar um trabalho, tinha algum tempo livre e decidi ver o que poderia descobrir aqui. – Ela pegou a garrafa e tomou mais um gole. – O fato é que... e ainda não mencionei isso... bem, eu não pretendia ficar naquele hotel. Desde o início, planejava vir para esta área, mas tive um impulso, é o melhor que posso

dizer. *Dê-se ao luxo de ficar em um bom hotel por um ou dois dias, Riley, faça uma pausa*. Então lá estava eu, fazendo uma pausa com um ótimo Bellini no terraço do hotel, quando vi a loira se aproximando.

Quando terminou a história, ela pegou outra cerveja.

– Você, Bran.

Ele havia se perguntado o quanto deveria contar. E, considerando todos os fatos, decidiu contar tudo.

– Geração após geração, alguém em minha família é incumbido de procurar as estrelas, protegê-las e um dia devolvê-las para o lugar de onde vieram, onde nunca poderão ser usadas para o mal. Nesta geração, a missão coube a mim. Descendemos de Celene.

– A deusa? – Riley pousou sua cerveja. – Você é um deus?

– Não. – O tom dele revelou impaciência. – Sou o que eu disse, um mágico, e descendo dela. Celene se uniu a um feiticeiro, um mortal, e teve um filho com ele.

– O semideus Movar – completou Riley –, concebido com o feiticeiro chamado Asalri.

– Isso.

– E Movar teve cinco filhos e três filhas. Conheço a lenda. Ou melhor – corrigiu-se Riley –, sua árvore genealógica.

– O dom da magia está no nosso sangue, assim como a busca pelas estrelas. Estou aqui porque, assim como você, Riley, obtive algumas informações. Examinando livros até meus olhos arderem, encontrei uma passagem que falava sobre uma estrela caída, uma estrela de fogo, esperando em uma terra verde. Você poderia pensar na Irlanda, mas havia algo mais que me convenceu de que era aqui. Estava escrito que as virgens de Korkyra a esconderam, fora das vistas da mãe das mentiras.

– Não muito diferente do que descobri – disse Riley. – E o momento certo? Você, eu, Sasha? Tudo reforça isso.

– Eu mal havia chegado e, como vocês, fiz a reserva no hotel em um impulso, porque pensava em alugar uma casa. Pela quietude e privacidade, porque precisava trabalhar e porque os hotéis nem sempre são... convenientes para certos trabalhos.

– Como os de magia – disse Annika, fazendo-o sorrir.

– Sim. Então saí para o terraço do hotel, irritado comigo mesmo por ter

mudado meus planos e rumos. Imaginem minha surpresa ao me ver atraído por duas lindas mulheres com histórias fascinantes para contar.

– Então vocês formaram um time – completou Doyle.

– Eu seria o último a ignorar o poder ou as manobras do destino. E, além das histórias, havia os desenhos brilhantes de Sasha, que deixaram claro que aquilo não era obra do acaso. Ainda assim, achei melhor guardar para mim o que estou contando agora. – Ele franziu o cenho enquanto olhava para a cerveja, depois deu de ombros. – Outros já foram enganados por rostos bonitos, histórias fascinantes, pelo sopro do poder e pela promessa de lealdade. Então esperei um tempo, e não se pode dizer que esperei muito, não é?

Seu tom revelou mau humor quando ele olhou para Sarah e prosseguiu:

– Um pouco de tempo até eu estar mais certo do que sentia, do que sabia ser verdade, e de que aquele encontro, aquela união de forças, era a coisa certa. – Ele fez uma pausa, pensando se tomava mais uma cerveja. – Então nós nos espremememos no jipe de Riley e fomos para onde eu planejava ir desde o início. E Riley, sendo dinâmica e bem relacionada, arranjou este lugar para nós. No caminho de volta, depois de pegarmos nossas coisas no hotel, encontramos Sawyer andando no acostamento, na direção deste lugar. – Optou pela cerveja. – E agora é sua vez – disse ele para Sawyer.

– A história das estrelas também me foi contada por minha família. Não sou um estudioso como Riley, por isso a maior parte do que sei veio através dessas histórias. E...

Ele coçou a nuca e franziu a testa, com um olhar distante.

– Também não nos contou tudo, não é? – perguntou Bran.

– Não exatamente. Esse é o tipo de coisa em que as pessoas não acreditam e, como você disse, não fazia muito tempo que nos conhecíamos. Uma coisa é vidência... quer dizer, muitas pessoas acreditam nisso. É uma indústria. Com todo o respeito.

– Tudo bem – garantiu Sasha.

– Mas depois de hoje, com morcegos mutantes do inferno, deuses malignos e... bem, Bran, isso poderia não parecer tão estranho. Assunto de família de novo. Um ancestral, talvez do século XIV, ninguém sabe ao certo. Era um navegador que naufragou em uma tempestade. Estava se afogando, e a história diz que foi salvo por uma sereia.

Doyle deixou escapar uma risada e Annika ficou boquiaberta.

– Sim, sim, eu sei, mas essa é a história. Ele, o único da tripulação a sobreviver, acordou na costa rochosa de uma ilha no mar do Norte. E a... bem, a sereia havia se ferido nas rochas ao salvá-lo. E estava morrendo.

– Ah, não! – exclamou Annika, ofegante.

– Ele mesmo estava bastante ferido, mas conseguiu um pouco de madeira e folhas secas e fez uma fogueira. Não sabia se deveria levar a sereia de volta para a água ou se ela acabaria se afogando, por isso colheu algumas plantas e fez um emplastro para os cortes dela. Alguns suprimentos e pedaços do navio foram trazidos pelas ondas e ele usou o que pôde, construiu um abrigo, a alimentou com o que tinha e cuidou dela.

– Ela melhorou?

– Sim, final feliz.

– Finais felizes são sempre bons.

– Uma noite ele acordou e a viu nadando para longe. E ficou só.

– Mas isso não é um final feliz – disse Annika.

– Espere. Dias depois, ela voltou e ele entrou no mar para recebê-la. Pela primeira vez, ela falou. Ela o havia tirado do mar porque era o destino dele, e dos que viessem depois dele, procurar as três estrelas. Ele deveria contar a história para seus filhos, que a contariam para os filhos e assim por diante, até que as estrelas fossem encontradas e levadas para casa. A sereia lhe deu um presente, uma bússola, e disse que ela o guiaria. Também deveria passá-la para seu filho, que a passaria para o filho, e assim seria através de gerações.

– Você tem a bússola? – perguntou Riley.

– Sim.

Ele procurou no bolso, a colocou na palma da mão e ergueu a tampa protetora.

– Bela peça. Importa-se? – Riley a pegou e examinou. – De bronze, com uma bonita rosa dos ventos, e você a manteve em bom estado. É antiga; eu diria que, provavelmente, do século XVII.

– Foi assim que a história me foi contada.

– Isso não explica por que você veio para Corfu – observou Doyle.

– Bem, isto vai explicar.

Ele tirou um cilindro de plástico do bolso e pegou cuidadosamente o mapa

enrolado dentro dele. Depois de afastar os pratos, abriu-o na mesa. Então fez um sinal com os dedos para que Riley lhe devolvesse a bússola.

– De um modo ou outro, sempre funciona.

Ele pôs a bússola sobre o mapa. Segundos depois, o bronze e a rosa dos ventos começaram a brilhar. Então a bússola deslizou sobre o mapa.

– Como um tabuleiro Ouija! – exclamou Riley.

– Não. – Observando o movimento, Bran balançou a cabeça. – Isso não abre um portal, apenas mostra o caminho.

– Basicamente isso. E estão vendo? – Sawyer bateu com o dedo no mapa. – Parou bem aqui, em Corfu. Eu segui o mapa.

– Isso já foi feito antes? – perguntou Sasha.

– Ah, sim, muitas vezes. Ninguém encontrou nenhuma das estrelas, mas, no meu caso, sempre me levou a algum lugar em que descobri algo novo sobre elas, confirmei uma informação ou apenas tive uma experiência. Desta vez, estão vendo como brilha?

– É linda – murmurou Annika.

– É mesmo, mas esse brilho é novo. Sempre brilha um pouco, mas não tanto assim. Tive de concluir que era muito importante vir para cá. E foi. Eu estava a caminho daqui quando vocês apareceram. Na noite em que cheguei, fui caminhar na praia e encontrei Annika. – Ele se virou para ela. – Sua vez.

– Eu fui enviada para ajudar. Para ser uma de vocês. – Ela inclinou a cabeça. – Não posso explicar. Não tenho uma bússola mágica ou poderes, como Sasha e Bran. Não sou inteligente como Riley, mas posso ajudar. Não gosto de lutar, mas lutarei com vocês. Não me mandem de volta.

– Ei. – Sawyer pôs um braço ao redor dos ombros dela. – Ninguém vai mandá-la para nenhum lugar.

– Eu vim para você. – Ela se virou para ele. – Você me encontrou.

– Está certo. Podemos deixar isso assim por enquanto.

Ele olhou para Bran, como se o desafiando a discordar.

– Você é uma de nós, Annika, e isso é mais do que suficiente. Nem todas as histórias precisam ser contadas imediatamente.

– E quanto a você, McCleary? – Riley se recostou, avaliando-o. – Qual é a sua história?

– Uma coisa de família e o dever que vem junto. E aqui? Um impulso que não

consegui conter me levou a Corfu e, depois, à caverna. É o mais perto que já cheguei.

– De onde você é? O que faz?

– De nenhum lugar específico, e faço o que precisa ser feito. Vocês estão juntos há pouco tempo, porém mais do que algumas horas, como é meu caso, então só vou lhes dizer isso até decidir contar mais.

– Você não confia em nós. Por que ele deveria confiar? – Sasha relanceou os olhos para Riley. – É verdade que nos conhecemos há pouco tempo, mas o que vivenciamos foi intenso, até mesmo íntimo. E hoje, na caverna, era viver ou morrer. Tanto você quanto Sawyer trouxeram armas, mas não nos contaram.

Sawyer mudou de posição na cadeira.

– Droga. Faca de combate também.

Riley puxou uma faca de sua bota.

– Faca de arremesso.

– O que só prova que ainda não chegamos ao ponto de sermos totalmente sinceros uns com os outros. Só sabemos sobre Bran porque ele usou seu dom para nos fazer sair vivos da caverna. E sabemos sobre a bússola porque Sawyer se sentiu culpado por não nos ter contado, depois que descobrimos sobre Bran. Annika não está pronta. E Doyle? Você ainda está irritado porque ficamos em seu caminho.

– Tem razão.

– Mas não ficamos no seu caminho, e no fundo você sabe disso. Todos nós estávamos hoje onde deveríamos estar. Todos escolhemos entrar na caverna.

– O quê? Esperem. – Riley apertou os olhos dourados. – Vocês acham que isso foi um tipo de teste?

– Não sei. Realmente sou nova nisso – disse Sasha. – Mas acho que os deuses são muito exigentes. Todos nós entramos na caverna. Lutamos. Quer dizer, todos vocês lutaram.

– Sasha...

Bran tentou segurar-lhe a mão, mas ela a puxou.

– Eu não lutei. Fiquei paralisada. Mas isso não vai acontecer de novo. Ainda assim escapamos e estamos aqui... Somos seis, agora. Não ouvi ninguém dizer que quer ir embora. Enfrentamos um deus e ninguém está fugindo para não ter de viver isso de novo. Então acho que passamos no teste.

– Outro cérebro inteligente – disse Riley para Sasha. – Você não deixa de ter razão. Em todas as tradições e lendas, os deuses são exigentes, caprichosos e frequentemente sanguinários. Nenhuma busca é concluída sem testes, sacrifícios e batalhas.

– O sangue de Sasha despertou a escuridão. – No momento em que falou, Annika pareceu aflita. – Me desculpem...

– Não, não se desculpe. Você está certa. Eu mesma senti, e talvez isso explique, em parte, por que fiquei paralisada. Não sei. Só sei que ela queria me sugar.

– Porque ela não está com seu pleno poder – opinou Riley.

– Se estivesse, teria reduzido você a pó. – Doyle pegou outra cerveja. – Mortal contra deus? Em quem você apostaria?

– Eu apostaria em mim mesma – retrucou Riley –, e em meus quatro amigos aqui. Ainda não sei sobre você, figurão.

– Somos mais do que mortais – salientou Bran. – Então eu diria que, embora caprichosos, os deuses nos deram alguma vantagem. Vamos usá-la.

– A estrela não está naquela caverna. Passei um tempo considerável procurando – continuou Doyle –, antes de as coisas se tornarem interessantes.

– Há outras cavernas. – Riley franziu a testa, olhando para sua cerveja. – Vou dar alguns telefonemas, providenciar um barco e equipamentos. Já falamos sobre tentar algumas cavernas submarinas. Talvez esse seja o próximo passo.

– Tenho algumas coisas que posso levar no caso de ela nos atacar de novo. Não estávamos preparados desta vez. – Bran se levantou. – Esse é o ponto principal. Se não estávamos, precisamos estar.

– Então estaremos. Vou cuidar da louça. – Sasha se levantou.

Tinha algumas ideias próprias.

9

Depois de arrumar a cozinha, Sasha foi para o quarto trabalhar com seu cavalete e suas tintas. Tiraria uma hora para si mesma e poria fim a qualquer irritação restante.

Preparou o terraço com uma das mesas, que cobriu com um pano de seu kit.

Depois de encher vários potes de água, pegou pincéis, espátulas e uma paleta.

Começou então a preparar uma tela. Escolheu uma tinta acrílica dourada fluida que daria à pintura que via em sua mente um brilho de fundo. Pintou as bordas primeiro e depois preencheu a tela com uma camada bem fina, que espalhou até ficar satisfeita.

Então pôs a tela no cavalete e começou a esboçar a cena. Nuvens e mar, a curva da areia, um penhasco, a forma do canal que o atravessava.

Uma visão geral, não o estudo mais elaborado que se sentira tentada a pintar. Não uma noite tempestuosa, mas um dia de sol. Sem figuras apanhadas na tempestade e nenhuma outra no penhasco, mas uma sugestão de pessoas na praia e no mar, gotas brilhantes de cor e vida.

Misturou cores – verdes primeiro: o verde-escuro do cipreste, o mais claro da oliveira e o mais forte das laranjeiras. Tudo contra o marrom queimado de sol dos penhascos.

Pintar lhe dava paz, a capacidade de expressar com tinta, pincel e tela não só o que via, mas também o que sentia.

Os azuis oníricos, corajosos, suaves e intensos – os toques de verde e água-marinha ao redor das rochas. O dourado pálido da areia se intensificando onde o mar avançava, recuava e avançava de novo.

Pintou as nuvens brancas como algodão contra o céu azul vibrante e depois trocou de pincel para acrescentar sombras, como um eco no mar.

O trabalho prazeroso a fez perder a noção do tempo. Com a luz à sua frente e na tela, as sombras escuras e frias da caverna na montanha não existiam.

Afastou-se para examinar o que havia feito, acrescentou uma pincelada. Parou ao ouvir a voz e os passos de Riley subindo para o terraço.

– Estou muito entusiasmada. Sim, sim, provavelmente às nove. Seria ótimo mesmo, diga a Ari que lhe devo essa. – Ela riu ao chegar ao alto da escada. – Não devo *tanto*. Mais tarde.

Ao ver Sasha e o cavalete, desligou o telefone e o enfiou no bolso.

– Oi, desculpe. Não sabia que você estava trabalhando. Acabei de conseguir um... Uau. – Ela parou diante da tela. – Vou repetir. Uau. É maravilhosa.

– Ainda não acabei.

– Você é quem sabe, mas para mim parece perfeito. Pesquisei a seu respeito no Google, sabe?

– Sério?

– Ah, sim, na primeira noite. Queria saber quem era o quê. Vi alguns quadros seus. Muito bonitos. Mas isso? É maravilhoso.

– Obrigada. Eu queria fazer algo ensolarado, claro e bonito. Purificante, talvez. – Ela teve uma ideia. – Vou lhe fazer uma proposta.

– Hein?

– Fique com esta tela.

– Já pesquisei o suficiente para ter uma ideia de quanto vale um original de Sasha Riggs.

Interessada, Riley enfiou as mãos nos bolsos e estudou o quadro de novo. Queria muito que fosse seu.

– O que você tem em mente?

– Você vai me ensinar a lutar.

– Quer que eu ensine você a lutar?

– Hoje, na caverna, fiquei paralisada. Agora que me acalmei e parei de sentir pena de mim mesma, entendo que não foi totalmente culpa minha.

– Uma deusa a estava segurando pelo pescoço, Sash. Tem de levar isso em conta.

– Sim. Mas o tempo todo meu instinto foi me proteger, ou fugir e me esconder. Não ficar e lutar. Você tinha a arma, mas agora vejo claramente que, enquanto

tudo explodia ao meu redor, você não apenas atirou. Deu socos e chutes. E Annika...

– Sim, ela apresentou um verdadeiro espetáculo do Cirque du Soleil.

– E eu apenas fiquei parada porque não sabia lutar. Você poderia me ensinar.

– Não precisa me dar a pintura para que eu lhe ensine alguns movimentos básicos. – Com os polegares enfiados nos bolsos, Riley estudou novamente o quadro. – Mas, como não sou boba, vou aceitar.

– Podemos começar agora? Só preciso limpar os pincéis.

– Por que não?

– Mas em algum lugar mais reservado.

– Vista uma regata ou camiseta, algo que lhe dê liberdade de movimentos. Me encontre no bosque de oliveiras, lá nos fundos.

– Combinado. Obrigada, Riley.

– Ei, vai ser divertido para mim e ainda vou ganhar a tela. Bem, vou só buscar algumas coisas.

Sasha limpou os pincéis, espátulas e potes e trocou a blusa que usava por uma regata preta. Quando chegou ao bosque de oliveiras, Riley já estava lá, com luvas de couro.

– Reservado o suficiente?

Sasha olhou para a casa, atrás de si. Dava para ver se alguém olhasse, mas não se sentiria tão exposta quanto se estivesse em um dos terraços ou no gramado da frente.

– Sim.

– Primeiro as lições mais importantes. Feche a mão. – Quando Sasha obedeceu, Riley balançou a cabeça. – Como eu imaginei. Se mantiver o polegar erguido assim, vai acabar...

– Ai! – Sasha puxou a mão depois que Riley forçou seu polegar para trás.

– Exatamente. Lembre-se disso e mantenha o polegar abaixado. Está vendo? – Ela mostrou como e Sasha a imitou.

– Polegar abaixado.

– Sempre para fora, nunca para dentro do punho. Isso, agora me dê um soco.

– Não vou bater em você!

Riley deu um sorriso meio maroto.

– Não vai mesmo. Mas tente. Vamos lá. – Ela tocou o nariz. – Bem na cara, ou

essa aula vai terminar agora.

Irritada e intimidada, Sasha deu um soco tímido. Riley se esquivou, deixando-a golpear o ar.

– Agora com vontade. Na minha cara, Sash. Garanto que não vai me machucar. Seja confiante.

Era a isso que tudo se resumia, não era? Confiança. Ela deu outro soco, pondo o suficiente de confiança nele. Quando Riley se esquivou, Sasha cambaleou para a frente.

– Está vendo? Você socou fraco.

– Eu *sou* fraca.

– Ninguém é fraco em uma luta. É um guerreiro. Você precisa distribuir seu peso, seu equilíbrio. Agora, trate de fincar bem os pés no chão. Joelhos um pouco flexionados, mas precisa se sentir firme.

Riley a circundou.

– Assim está melhor. Quando der um soco, não lance o corpo para a frente, soque a partir do ombro. *Erga* o ombro enquanto estende o braço. Não, não estique as pernas. A força vem das pernas, e quando você as estica ou se inclina para a frente, perde força e equilíbrio. Mantenha o corpo centrado. E expire ao dar o soco.

Riley assentia ou franzia a testa enquanto circundava Sasha, mandando que tentasse o mesmo com o braço esquerdo. Esquerdo de novo. Esquerdo e direito.

– Não abra os cotovelos como asas de galinha. Talvez esse golpe não seja sensual como um cruzado, mas é mais poderoso. Defesa, ataque. Soque, empurre, e o melhor de tudo é que isso pode distrair enquanto...

Riley desferiu um soco de esquerda, seguido de um cruzado de direita. Os dois punhos pararam a menos de 2 centímetros do rosto dela e vieram tão rápidos e fortes que Sasha perdeu o fôlego.

– Não viu o de direita vindo, não é?

– Não vi nenhum. Quantas vezes você já lutou?

– Não fico contando. Vamos lá. – Ela ergueu as mãos enluvadas, com as palmas voltadas para Sasha. – Soco na mão. Esquerda. Vamos, recruta, esquerda! Esquerda. Direita. Esquerda. Melhor. Guie-se pelos dedos. *Expire,* levante o ombro. Concentre-se. Quero que rode o braço, tudo de uma vez agora. Esquerda!

Sasha deu socos até os braços doerem.

Quando os abaixou, Riley a provocou.

– Vamos lá, você ainda nem começou a suar. – Pegou na mochila a garrafa de água que trouxera e a entregou para Sasha. – Mesmo assim, hidrate-se.

– Pensei que você ia me mostrar algumas artes marciais, não só me fazer socar suas mãos.

– Passos de formiga, Sash.

Ela abriu a garrafa e bebeu.

– Na verdade, nunca bati em ninguém.

Riley arregalou os olhos.

– Nunca imaginaria uma coisa dessas.

– Ah, cale a boca.

Movimentando os ombros doloridos, Sasha riu.



Bran pensou que arrancar algumas malditas ervas daninhas da maldita horta poderia purgá-lo do grande ressentimento. Aproveitaria para colher algumas ervas e raízes para usar depois.

Armado com uma enxada e luvas de trabalho que encontrara no galpão, além da própria faca boline para ceifa, dirigiu-se ao portão da horta. Acima do ocasional e familiar cacarejo das galinhas, ouviu a risada de Sasha.

Ela o atormentava, pensou, amargurado. Aqueles grandes olhos azuis cheios de sentimentos feridos. E, pior ainda, de *decepção*.

Como se dizer a todo mundo que você era um bruxo por hereditariedade fosse algo comum em uma conversa regada a uma maldita cerveja em um maldito pub.

Não fazia nem uma semana que a conhecia, pelo amor de Deus! Sem esquecer que, sendo o que ele era e usando o que tinha, a salvara de um péssimo destino.

Mas não antes de ela ser ferida, pensou. Saber que ela acabara machucada estava acabando com ele.

E ele não tinha tempo para isso. Estavam entrando em um terreno que poderia provocar muito mais do que cortes e hematomas, por isso não podia se dar ao luxo de se preocupar tanto com Sasha. Cada qual tinha de se virar sozinho, usar a habilidade ou o poder de que dispunha.

Havia muito mais em jogo do que uma mulher.

Podia desejá-la, pensou, olhando novamente na direção do bosque de oliveiras. Isso ele podia. Sexo nunca havia feito mal a ninguém se praticado direito e consentido pelos envolvidos. Ajudava muito mais a melhorar o humor e clarear a mente do que manejar uma enxada ou remover ervas daninhas.

Ele captou um movimento e, curioso, encostou a enxada na cerca e foi para o canto distante da horta.

Através das árvores, viu Sasha com uma regata preta justa socando as mãos abertas de Riley. Notou que ela havia prendido os cabelos em um coque, deixando a nuca exposta.

Entretido e encantado, ele se apoiou na cerca e observou o espetáculo.

Ensinando-lhe um cruzado de direita, percebeu.

Doyle se aproximou e ficou do outro lado da cerca.

– O que está acontecendo?

– Parece uma aula de boxe.

Doyle observou por um momento.

– A morena está em boa forma. A loira está fraca.

– Sim, mas aposto 20 euros que não estará mais quando Riley acabar os treinos.

Doyle observou por um momento Riley demonstrando técnicas ou segurando os ombros de Sasha.

– Bobagem, mas vou apostar assim mesmo. O que é a vida sem um jogo?

– Apostado. Veja bem, Sasha não vai desistir. E Riley não vai desistir dela. Pode não a transformar em uma lutadora, mas Sasha aprenderá a se defender, o que é necessário.

– Você pode desistir.

– Todos nós podemos. Mas nenhum de nós vai, fique sabendo. Levamos uma surra hoje e ainda assim estamos aqui.

Bran ergueu orgulhosamente o queixo, apontando-o para o bosque de oliveiras.

– E lá estão as duas, treinando sob as oliveiras. Acho que os deuses não conhecem a teimosia e a resiliência dos mortais. Por isso nos subestimam.

Doyle enfiou os polegares nos bolsos e observou Sasha dar uma combinação de golpes e cruzados nas mãos de Riley.

– Aula de boxe até faz sentido. Mais do que um feiticeiro com uma pá

arrancando ervas daninhas. Você poderia... – ele agitou os dedos – livrar-se delas.

– Mexer o corpo ajuda o cérebro e fui ensinado a não usar magia por preguiça. Ainda assim...

Em uma espécie de teste, Bran estendeu e abriu as mãos. Depois de não mais que um leve brilho, não restava nenhuma erva daninha.

– É mais rápido assim – comentou Doyle.

– É. Você não se surpreende muito com magia.

– Namorei uma bruxa.

Intrigado, Bran ergueu a sobrancelha com a cicatriz e se debruçou na cerca.

– É mesmo?

– Uma ruiva maravilhosa.

– Não deu certo?

– Durante um tempo, deu. Ela não se acanhava de usar o dom que tinha. Não se acanhava com nada – acrescentou Doyle, com um sorriso.

– Ela não podia ajudá-lo nessa aventura?

– Não que eu não tenha convidado. Mas ela me disse que haveria outros cinco, cada qual com um poder distinto. Uma vez unidos, poderíamos forjar a espada que perfuraria o coração de uma deusa vingativa. Também me disse que o amor perfuraria *meu* coração com caninos e garras e me levaria para o caminho da morte. – Ele deixou escapar uma risada curta. – Aquela ruivinha tinha um jeito todo dela... Então... você já ficou com a loira?

– Não. – Mentir lhe pareceu infantil, por isso emendou: – Sim.

– Era de se esperar. Ei, essa foi uma sequência decente. – Franzindo a testa, Doyle observou Sasha repeti-la. – Droga, vou ter de lhe pagar os 20 euros. Já estou vendo.

Como seria tolice pôr as ervas daninhas *de volta*, Bran colheu as ervas que queria e subiu a colina, passando por outro bosque de oliveiras em busca de raízes e plantas que lhe seriam úteis.

Decidiu continuar seus afazeres no quarto, porque não via sentido em esfregar

o que fazia na cara de todos. É claro que eles precisariam de mais unguento, a julgar por seu primeiro encontro com Nerezza.

Além disso, do modo como suas costelas começaram a doer, ele próprio precisava de outra aplicação. O preparo de unguentos e poções básicas era como qualquer tarefa doméstica: tedioso mas necessário.

Sendo assim, o trabalho na poção mais interessante e no feitiço que só havia começado teria de esperar.

Como não estava disposto a mais conversas, subiu a escada do terraço pretendendo se esgueirar para o quarto e fazer o que precisava.

Viu o cavalete e a pintura e parou, impressionado.

Era... gloriosa. Quase podia sentir o cheiro da brisa marinha exalando da tela. Tudo brilhava, como se iluminado não só pelo sol, como também por uma luz interior secreta.

Havia todos os tipos de magia, pensou, e Sasha tinha a sua própria.

Ele a ouviu se aproximar – a risada, mais como um gemido combinado com riso, e a voz dela misturada com a de Riley quando subiram juntas a escada. Em vez de se esgueirar para seu quarto, ele se virou.

Ela brilhava, pensou, como a pintura. Em virtude do sol, do exercício e, concluiu, de sua façanha.

– Estava admirando seu trabalho.

– Ainda não terminei.

– Não?

– E é meu – disse Riley, decidida –, portanto tire o olho. Se quiser alguma coisa, fale agora. Estou indo na rua comprar os ingredientes para minhas mundialmente famosas margaritas.

– Na verdade, quero algumas coisas.

– Faça uma lista ou venha comigo. – Riley indicou as ervas e plantas nas mãos dele. – Vai fazer o jantar?

– Não, tenho outros planos para isso. Bem, se é assim, vou lhe dar a lista que já tinha feito; ia mesmo lhe pedir o jipe emprestado para ir buscar essas coisas.

Riley olhou a lista e ergueu os olhos para ele.

– Vou ver o que posso fazer.

– Obrigado. – Ele tirou dinheiro do bolso. – Avise-me se for mais.

– Pode ter certeza. Vejo você na hora do coquetel.

– Quando vai ser?

– Assim que eu voltar. Vou procurar aquelas faixas para você – disse ela para Sasha e se afastou a passos largos.

– Como está seu braço?

– Está bem – respondeu Sasha um tanto formalmente. – Obrigada pelo que fez.

Bran pôs a mão no cotovelo dela e o examinou. Se ela tivesse lhe perguntado, ele a teria aconselhado a esperar pelo menos um dia antes de outra maldita aula de boxe. O arranhão estava mais rosado do que ele gostaria.

– Use o unguento mais uma vez à noite. Provavelmente amanhã vai estar curado.

– Certo.

– E o tornozelo?

– Está bem, Bran.

Ele ergueu aqueles olhos velados e os fixou nela.

– E você me diria, não é? Se não estivesse?

– Se vamos encarar Nerezza de novo, temos de nos manter fortes e saudáveis. Então, sim, eu diria. Para que é isso?

– Isso? A maior parte é para o que você chamaria de remédios. É melhor estar bem preparado.

Bran sentiu uma ardência na costela e por um momento sua visão ficou turva.

– O que foi? – perguntou Sasha. – O que está havendo? Ei! Você está sangrando.

Ele baixou os olhos para a queimadura e praguejou ao ver sangue na camisa.

– Droga.

– Está muito feio? Deixe-me ver. – Antes que Bran pudesse impedi-la, ela ergueu a camisa dele, comprovando que estava mais do que um pouco ferido. – Ah, meu Deus! Isso aconteceu hoje? Por que não *contou* para ninguém? Por que você é tão idiota?

– Está melhor que antes. Só fiquei sem unguento. Vou fazer mais e cuidar disso.

– E continua sendo um idiota. Ainda tenho bastante. Entre. Sente-se. Tire a camisa. – Ela tocou a pele em carne viva ao redor das feridas abertas. – Está quente.

– Acha que não sei?

Tão irritada quanto temerosa, Sasha pegou as plantas e as jogou sobre sua mesa de trabalho improvisada.

– Entre e se sente. Droga, você fazendo o maior escarcéu por causa de um corte de nada em meu braço quando está assim?

– Eu sei o que fazer – disparou Bran enquanto ela o empurrava na direção das portas.

– Ótimo. Então me diga. Não admira que não tenha feito isso direito quando insistiu em dizer que não precisava de ajuda. Não dá para alcançar essa parte do corpo sozinho e você não teria ficado sem unguento se tivesse guardado o suficiente.

– Pensei que tivesse sobrado. – Um calor o invadiu até ele achar que ia cair. – Eu disse que a cura não é meu ponto forte.

Ele se sentou na beira da cama de Sasha enquanto o quarto começava a girar.

– Achei que havia limpado os ferimentos, mas faltou alguma coisa.

– Tire isso. – Ela puxou a camisa de Bran e a usou para estancar o sangue. – Parece que alguns ferimentos estão sarando, como o do meu braço, e outros estão em carne viva e um pouco inchados. Mas esse perto das costas é o pior. Furos, vários furos.

Caninos, pensou.

– Não preciso ser médica para saber que infeccionou.

Ele se contorceu, fez cara de dor e se curvou até conseguir ver.

– Foi o pedaço que faltou, embora eu tenha passado um pouco de unguento aí, por isso agora... preciso de algumas coisas do meu quarto.

– Você está branco feito papel – disse Sasha, fazendo-o voltar à posição normal. – E o ferimento está úmido e muito quente. Diga-me do que precisa e vou buscar. Não tocarei em mais nada – disse ela por entre os dentes quando ele hesitou.

– Seria melhor se não tocasse. Preciso de uma faca, que deve estar na mesa que preparei para o trabalho. E há um estojo de couro, que posso destrancar daqui com um feitiço. Dentro há garrafinhas e frascos. Preciso da garrafinha com tampa em forma de diamante. Contém um líquido azul. Como seus olhos. Claro e cristalino. E... Por que não pensei nisso antes? Uma tigelinha de cobre. Três velas brancas, isso também seria ótimo. Estão em outro estojo, muito parecido com o primeiro. Com uma triquetra em cima.

– Está bem. Volto logo.

Descuido, disse Bran para si mesmo. Mas toda a lateral de seu corpo estava doendo muito e ele não conseguia ver os malditos furos nas costas. Como ela disse, a infecção estava se espalhando rápido para outros ferimentos próximos.

Ele sabia o que fazer e algo de bom podia advir disso.

Se não desmaiasse primeiro e morresse.

E de modo algum permitiria isso.

Ela voltou correndo com a tigela, as velas, a garrafinha e três facas.

– Eu não sabia qual.

– Culpa minha. – Concentrar-se para combater a dor fez seu coração disparar. Não conseguia desacelerá-lo. – A com cabo de prata seria melhor. Pode buscar água? Preferiria uísque, mas é pura questão de gosto. Água serve. Três gotas da garrafinha. Não; pensando bem, cinco.

Ela pegou um copo de água no banheiro, pingou cuidadosamente cinco gotas da garrafinha e a tampou.

– Para que serve?

– É como um antibiótico. – Ele olhou carrancudo para o copo e depois bebeu. – Ah, meu Deus! Uísque disfarça o gosto, mas, enfim, não estou em posição de reclamar. Você deveria chamar Sawyer ou Doyle para o resto.

– Por quê?

– Porque não consigo alcançar o maldito ferimento. Ele precisa ser aberto com a faca de um certo modo e temos de pôr o sangue envenenado na tigela. Pode ser útil.

– Sangue envenenado, útil?

– Não pergunte se não quer saber. Vai fazer muita sujeira, mas deve resolver. Então, se você chamar Sawyer ou...

– Você acha que sou fraca?

– De modo algum. – Ele oscilou e teve de se segurar na cama. – É só que...

Como temia parecer fraca, Sasha pegou a faca com cabo de prata.

– Como abro isso?

– Está bem, está bem. Preciso me levantar. – Ele agarrou uma das colunas da cama e se ergueu. O suor escorria de sua pele. – As velas no chão, formando os três pontos de um triângulo.

Sasha as arrumou.

– Precisam estar acesas? Devo pegar fósforos?

– Sim e não.

Ele estendeu a mão e os pavios se acenderam.

– Fique atrás de mim e segure a tigela debaixo do ferimento com a mão esquerda e a faca com a direita. Quando eu mandar, faça um círculo ao redor dos dois furos.

– Com a faca?

– Não precisa ser um corte profundo, só o suficiente para romper a pele. E, quando eu disser, abra cada furo fazendo um X em cima do círculo. Rápido e preciso, e se sentir que vai hesitar, chame alguém.

– Está bem.

Ele agarrou a coluna e olhou para as velas.

– Não importa o que você vir ou sentir, faça exatamente o que eu disser. – Ele demorou um momento para se firmar, se concentrar. – Airmed, Brigid, Dian Cecht, ouçam seu filho e servo. É pura luz que lhes ofereço, uma por três. – Enquanto ele falava, as chamas se ergueram, brancas. – Tirem a escuridão do meu sangue. Dentro deste círculo, clareiem-no. Agora, Sasha, o círculo. – Os dedos de Bran embranqueceram quando a ponta da faca cortou a carne inflamada. – Eu apelo para vocês, poder para poder e sangue para sangue, até que a escuridão desapareça e ele corra limpo. Que assim seja.

Ele se preparou.

– Abra-os e colha tudo que sair na tigela. Rápido e preciso.

Parecia que Sasha o cortava com uma lâmina incandescente, que queimava e ardia, indo bem fundo.

Então o fogo estava nele, correndo quente por seu sangue. Sua pele vibrava, os joelhos fraquejavam e ameaçavam se dobrar.

A voz de Sasha veio através da sua cabeça latejante.

– Aguente firme. Está acabando.

Bran se concentrou na voz de Sasha, também trêmula, mas ela continuou a conversar com ele.

– A vermelhidão está diminuindo. Quanto mais?

– Ainda não acabou. Está melhor, mas ainda não acabou. – Agora ele podia respirar e, quando a tontura passou, deixou de apertar tanto a coluna.

– Parece limpo agora.

– Quase – disse ele.

– Como vou saber quando... – As chamas das três velas brilharam em uma rápida e forte explosão de luz e depois se aquietaram. – Ah.

– Isso basta.

– Deixe-me pegar uma toalha para... Você parou de sangrar. Simplesmente parou.

– Bem, espera-se que três divindades de cura sejam capazes de estancar sangue se quiserem. Especialmente com uma boa ajuda.

Ele se virou e tirou a tigela das mãos de Sasha.

– Está preto. Saiu preto até... – O sangue fez o estômago dela se revirar. – O que faço agora?

– Se conseguir, cubra os furos com unguento. Posso alcançar agora. E isso deverá resolver.

Ela pegou o unguento que estava na cômoda, lambuzou os dedos e o espalhou o mais suavemente possível. Depois, passou no ferimento das costelas.

– Fique com este unguento – disse ela.

– Vou fazer mais.

– Quanto tempo demora para ficar pronto?

– Um pouco. – Sasha o havia ajudado, lembrou-se Bran, por isso precisava ser sincero com ela. – E um dia para curar.

Assentindo, Sasha pegou mais unguento, cobriu o próprio braço ferido, fechou o pote e, para surpresa e divertimento de Bran, o enfiou em um dos bolsos da calça cargo dele.

– Se eu precisar de mais, peço.

– Está bem.

Ela olhou para a tigela: o sangue vermelho e saudável cobria o preto e doente.

– O que você vai fazer com isso?

– Tenho algumas ideias. Por enquanto, vou vedá-lo. Você tem a mão firme, Sasha. Muito obrigado.

– Então não seja descuidado de novo. – Ela se abaixou para pegar as velas e as entregou para Bran. – Agora vou terminar a pintura de Riley e depois me preparar para as famosas margaritas dela.

– Gostaria muito de uma também. – Bran pousou as velas, deslizou a faca para o cinto e depois as pegou de novo. – Vejo você lá embaixo.

Ele já se dirigia à porta quando parou, voltando-se para ela.

– Nunca a achei fraca, nem por um momento. Espero que tenha parado de pensar em si mesma dessa maneira.

– Parei.

– Fico feliz.

Bran levou a faca, as velas e a tigela de cobre com o sangue envenenado e o limpo misturados para seu quarto e depois voltou para buscar as ervas e as plantas.

Um dia para curar, lembrou a si mesmo quando considerou adiar a produção do unguento.

Então limpou a faca, vedou o sangue e voltou a produzir as poções.

10



Riley preparou margaritas no terraço e considerou que atuar como bartender era sua contribuição do dia para o trabalho na cozinha.

Junto com a jarra cheia e copos, ela trouxe seus mapas.

Serviu-se do primeiro copo, ergueu um dedo enquanto provava e depois sorriu.

– Perfeita. Tem mais de onde isso veio – disse, sentando-se. – Consegui um RIB para nós.

– O que é isso?

– Um bote inflável de casco rígido – esclareceu Doyle. – Grande? – perguntou, enquanto Sasha murmurava:

– Inflável?

– Vinte e oito pés, com uma cabine de comando. Meu contato disse que pode atingir a velocidade de até 70 nós.

Bran examinou a jarra e decidiu: por que não? Serviu os copos.

– O amigo do amigo do seu tio?

– Desta vez, não. Primo do marido de uma amiga.

– Motor de popa? – perguntou Doyle.

– Isso. Você sabe conduzir um RIB?

– Sei, já conduzi um.

– Ótimo. Então somos dois.

– Quando você diz inflável... – começou Sasha.

– Rápido, aberto, estável. É um bom barco para mergulho – garantiu-lhe Riley. – Posso conseguir equipamento, mas vamos ter de abrir um pouco a mão.

– Posso abrir mãos, fazer tudo que você precisar – disse Annika.

– Pagar – explicou Riley. – Consegui um desconto, mas não é de graça.

– Não sei mergulhar.

– Vou estar ao seu lado quando chegar a hora. Imagino que começaremos pelas cavernas mais acessíveis. Sabe usar um snorkel?

– Não uso há anos.

– Vai se lembrar de como é.

Enquanto elas falavam, Sawyer estudou os mapas de Riley.

– Já pesquisei sobre algumas dessas cavernas. As mais acessíveis não serão um problema, o que para mim é o problema. Não vamos encontrar o que estamos procurando em um lugar em que qualquer um pode entrar.

– Bem observado. Mesmo assim, precisamos eliminá-las. – Bran olhou ao redor, esperando a aprovação dos outros. – E praticar, também.

– E quanto à sua bússola? – Sasha tomou um gole de margarita e pensou que Riley tinha razão. Perfeita. – Ajudaria na localização ou no rumo que devemos tomar?

Prontamente, Sawyer a pegou e a pôs sobre o mapa; a bússola ficou parada.

– Bateria descarregada? – sugeriu Riley.

– Ah. Geralmente significa que só posso esperar milagres depois de trabalhar um pouco.

– É justo – disse Annika. – Para merecer milagres, é preciso esforço e fé. Está muito boa – disse para Riley enquanto bebia.

– Não é à toa que é mundialmente famosa. Tudo bem, posso nos equipar e nos pôr em marcha pelo custo de combustível, oxigênio e 100 euros por dia. Se vocês concordarem, pegamos o barco amanhã de manhã.

– Um preço mais do que justo – disse Bran, olhando para os mapas. – Eu diria que poderíamos explorar e/ou eliminar várias dessas cavernas em um ou dois dias. Depois, partimos para as menos acessíveis.

– Por mim, tudo bem – disse Riley.

– Você vai conseguir mergulhar? – perguntou Sasha e viu o brilho de irritação nos olhos de Bran, mas continuou: – Ele se feriu mais seriamente do que nos contou. E não adianta ficar zangado comigo. Somos um time – lembrou-lhe. – Portanto, a saúde de um é da conta de todos nós.

– Que droga, irlandês – falou Riley.

– Não é bem isso. Achei que fosse menos sério, mas, como já cuidei, não

havia por que mencioná-lo.

– Vamos ver. – Riley traçou um círculo no ar com o dedo. – Mostre. Ninguém mergulha se não estiver bem. É questão de bom senso.

– Droga – xingou Bran, então se levantou e ergueu a camisa.

Annika emitiu um som de solidariedade, mas Riley foi examinar cuidadosamente os ferimentos.

– Está bem, a desgraçada o pegou feio, mas está sarando. Da próxima vez, não banque o herói.

– O que ele disse é verdade: não conseguiu ver o ferimento nas costas e acabou infeccionando bastante – acrescentou Sasha. – Deveríamos usar um sistema de apoio se... quando isso acontecer de novo. Qualquer um de nós poderia não ver a gravidade do ferimento e acabar infeccionando.

– Boa ideia. Podemos pegar o barco amanhã às nove. Todos de acordo? – Riley obteve sinais afirmativos com a cabeça e outros gestos de concordância. – Combinado – declarou e se serviu de mais margarita.

Sasha decidiu ir para a cama cedo. Combater deuses de manhã, ter aulas de boxe à tarde, tomar margaritas à noitinha e depois preparar uma refeição razoável para seis eram tarefas que exauriam qualquer um.

E não queria pensar na ideia de prender um tanque de oxigênio nas costas e pular de um maldito barco inflável.

Foi se deitar com o bloco de desenho, deixando as portas do terraço abertas para ouvir o mar. Acalmou os pensamentos desenhando o bosque de oliveiras e depois se divertiu acrescentando Riley e a si mesma com shorts e luvas de boxe.

Fez um estudo de memória da pera espinhosa florindo e considerou a ideia de pintar uma série de telas – menores e quadradas – tendo como tema a flora local.

Adormeceu com as luzes acesas antes de concluir o estudo de um pé de tangerina.

Em seu quarto, Riley trabalhava no laptop, alternando pesquisas e anotações no

diário. Em sua opinião, o conhecimento era uma arma; quanto mais soubesse, mais bem armada estaria.

Havia mapas presos no espelho para facilitar as consultas. Baixara alguns livros para o tablet, mas havia muitos que não estavam disponíveis para download. Por isso, tinha uma pilha de livros antigos próxima e já providenciara o envio de outros de sua biblioteca.

A experiência na caverna lhe mostrou que eles estavam longe de saber o suficiente. Por enquanto.

Assim como Sasha, deixara as portas do terraço abertas e ouvia o ruído do mar misturado com os roncos de Apolo, esparramado ao lado de sua cadeira.

Estava com a arma carregada e fora do coldre, bem a seu alcance. Estendeu a mão para pegá-la ao ouvir um novo som – passos nas pedras.

Relaxou quando viu Sasha entrando pelas portas abertas.

– Oi. Achei que você já tinha capotado.

– Bran não está no quarto.

– Ele ainda deve estar lá embaixo. Eu tinha um trabalho que queria... – Parou de falar quando viu os olhos de Sasha ao luar. – Ah, tudo bem. Sonambulismo.

Ela se levantou. Apolo deu um ruidoso e heroico bocejo e se mexeu.

– Você precisa de Bran?

– Ele deveria saber. Vocês todos deveriam saber.

– Sem dúvida. Vamos encontrá-lo. – Ela foi até Sasha e pôs a mão na cabeça de Apolo para evitar que ele a esfregasse em sua amiga. – Podemos descer por aqui.

– Sim, vamos juntas. – Sasha olhou para Riley, depois seguiu com ela, olhando para o céu. – Logo a lua estará cheia.

– Sim. Você já sonhou com a lua?

– Ainda não.

Elas desceram e foram em direção às vozes.

Os três homens estavam sentados à longa mesa, cada qual com uma cerveja.

Annika não estava presente, Riley notou. Uma reunião só de homens despertava suspeitas.

– Rapazes, falando sobre esportes e mercado de ações?

Doyle a encarou.

– E vocês, garotas, fazendo uma festa do pijama?

– Vamos fazer penteados na Sasha quando ela acordar. Onde está Annika...? Ah, lá vem ela.

– Sasha está tendo um episódio de sonambulismo. – Bran se afastou da mesa. – Tomem cuidado com ela.

– Ela me procurou porque não conseguiu encontrá-lo. Você está molhada – disse Riley para Annika.

– Fui nadar. Algum problema?

– Não. – Muito gentilmente, Bran tocou no ombro de Sasha. – Você queria me ver?

– Eu quero. Eu tenho. Eu vou. Há segredos aqui, todos os guardam. Vou guardá-los até de mim mesma, até... Ela não pode vê-los. Embora quisesse saber e observar. Está observando até mesmo agora, no Globo de Todos.

– Globo de Todos? – repetiu Bran, relanceando os olhos para a mão em concha que Sasha estendia.

– É precioso para ela, mas não é dela. O que é obtido com mentiras e derramamento de sangue não pode ser seu. Mas lhe serve. E nós estamos lá. – Ela pôs a outra mão em concha acima da primeira. – Presos no globo para ela ver.

– Então ela deveria ver isto.

Doyle ergueu o dedo do meio.

– Ela virá. Sua espada é necessária. Isso exigirá armas e guerreiros, mas também truques, fé e coragem. A união só vem através da confiança e da verdade. Ela observa. – Sasha pôs a mão no coração de Bran. – Você pode fechar a cortina?

– Posso tentar.

– Faça ou não faça. Tentativa não há. Desculpe – disse Sawyer imediatamente.

– Yoda nunca está errado. – Riley deu um tapinha no ombro dele. – Onde devemos procurar, Sasha?

– Onde ninguém procurou. Ela observa, mas espera. Seu fogo frio sob a luz azul, espera, a primeira das três no coração receptivo. Ela não pode ver e me sugaria para melhorar sua visão.

– Ela não vai fazer isso. – Bran entrelaçou a mão na de Sasha. – Eu juro.

– Ela destrói o que ama, porque não ama. Quando ela vier, trará a morte.

– Quando e onde? – perguntou Doyle. – Pode ver isso?

– Eu... – Ofegante, Sasha segurou a cabeça com as mãos. – Ela está com as garras em mim. Dentro da minha cabeça. Rasga e morde. Feche a cortina. Ah, meu Deus, feche a cortina.

– Acorde. – Bran agarrou os braços dela e a sacudiu. – Sasha, acorde.

– Trancada dentro. Ela me trancou dentro.

– Não, você tem a chave. – Bran a ergueu na ponta dos pés para os olhos deles ficarem nivelados. – Você é a chave. – Ele a beijou, não gentilmente. – Use o que você é. – Beijou-a de novo e foram envoltos em luz. – Acorde! Acorde!

Sasha tomou fôlego como se viesse à superfície das profundezas do mar. Quando ela fraquejou, Bran a segurou e se sentou com ela no colo.

– Está tudo bem.

– Minha cabeça.

– Você voltou muito rápido. Respire. Annika, pode trazer um pouco de água para ela?

– O que aconteceu? Por que... – Sasha se interrompeu ao perceber que estava sentada no colo de Bran, ao ar livre, usando nada além de uma camisola. – Ah, meu Deus! De novo?

Quando ela puxou a camisola por cima das coxas, Riley deixou escapar uma risada que pareceu de alívio.

– Relaxe, você está coberta. Se fosse eu a sonâmbula, estaria andando nua. Tenho analgésicos fortes para emergências.

– Posso cuidar disso. Respire – repetiu Bran. – E relaxe.

Ele pôs as mãos sobre a cabeça de Sasha, a acariciou, passou os dedos pelos cabelos e pela testa, seguindo pelo couro cabeludo até a nuca.

– Ponha isso nas minhas mãos – murmurou enquanto Annika voltava correndo com um copo de água. – É só dor. Posso aliviá-la se a puser nas minhas mãos.

– Eu me lembro.

– Ótimo. Lembrar significa que não está lutando contra isso. Quanto menos você lutar, menos abertura dará para ela.

– O Globo de Todos. – Ela bebericou a água. – O que é isso?

– Não sei. Mas vou descobrir – prometeu Riley.

– Ela o tinha, na caverna. Na mão. Vocês não viram?

– Uma esfera de vidro – respondeu Sawyer. – Não olhei direito, porque

estava um pouco ocupado, mas havia movimento na bola. Você disse que não era dela.

– Eu não sei de quem era. Sinto muito.

– Vou descobrir – garantiu Riley. – É isso que eu faço. Agora, o que era aquele papo sobre cortina?

– O que acontece quando você fecha uma cortina? – Bran continuou a massagear a cabeça de Sasha. – Bloqueia ou esconde coisas. Vou trabalhar nisso. Fechar cortinas ao redor de nós, para não ficarmos expostos a ela.

– Está melhor agora. Obrigada.

Quando ela tentou se levantar, Bran a impediu.

– Você está bem onde está.

– Não posso acrescentar mais nada, pelo menos não agora. Não sei a metade do que eu disse e estou cansada demais para pensar. Preciso dormir.

– Vou levar você.

– Não precisa...

– Tenho que pegar algumas coisas no meu quarto.

Ele a conduziu para cima e a segurou por um momento junto à porta.

– Posso protegê-la, pelo menos até certo ponto.

– Como?

– Com amuletos e feitiços – disse, e a afastou. – Eu gostaria da sua permissão para isso.

– Para bloqueá-la – refletiu Sasha.

– O máximo que eu puder. O resto cabe a você. Você é a chave, Sasha. Senhora do próprio dom.

– Não parece. Sim. Bloqueá-la não só me ajudará, como ajudará a todos nós.

– Então vá para a cama e começarei a fechar a cortina.

Bran foi para o quarto, reuniu o que precisava e pegou seu livro. Fez dois amuletos especificamente para Sasha. Quando voltou para o quarto dela, a encontrou dormindo.

Pôs um amuleto debaixo do travesseiro e depois ergueu a cabeça de Sasha para colocar ao redor do pescoço dela as pedras que pusera em um fino cordão de couro.

Por enquanto aquilo serviria, pensou.

– O resto cabe a você – sussurrou.

Então pôs os dedos na testa de Sasha e murmurou o feitiço que lhe daria um sono tranquilo e sem sonhos até o dia seguinte.

Depois saiu para fazer o verdadeiro trabalho da noite.

Encontrou os outros ainda no terraço.

– Ela está bem? – perguntou Riley.

– Dormiu.

– O que tem aí nessa sua sacola?

– Um pouco de tudo. – Ele deu um passo para trás a fim de observar a casa. – A casa é grande e vamos precisar cobrir cada porta e janela.

– Podemos ajudar. Queremos ajudar – disse Annika.

– Para proteção mais comum, há feitiços básicos, cânticos e amuletos. Mas quando estamos enfrentando uma deusa... Mesmo assim, vocês podem ajudar. Vamos fazer um círculo, só que primeiro precisamos de uma vassoura.

– Sério? – Sawyer sorriu.

– Duas vassouras poupariam tempo e, como duvido que tenhamos um caldeirão, que vou providenciar em breve, preciso de uma panela grande com água e três tigelas, de vidro ou metal.

Enquanto os outros iam buscar o material, Bran desceu para o gramado e dispôs velas brancas em um grande círculo.

Pôs no centro a panela que Sawyer lhe trouxera, cruzou as duas vassouras na frente dela e arrumou as tigelas. Carregando a sacola, entrou no círculo.

– Vamos formar um círculo dentro do círculo – disse ele, pousando a sacola. – Vocês precisarão limpar e abrir suas mentes o melhor que puderem. E não rompam o círculo.

Bran ergueu os olhos para as portas de Sasha.

– Ela pediu confiança, então confio em que partilhar o que eu tenho é a coisa certa a fazer.

Ele estendeu os baços, e as velas brancas se acenderam.

Annika aplaudiu e depois se agachou, cruzando os braços.

– Sinto muito.

– Não há por quê...

– Isso é sério.

– É, mas sempre deve haver alegria. – Ele virou as palmas das mãos para cima, mantendo os cotovelos na altura da cintura. – Nesta noite, nesta hora, eu

evoco os poderes antigos. Nós lançamos o círculo ao alcance desta luz e aqui fazemos magia branca. Sou seu servo, soldado e filho. Tudo que pediram eu tenho feito. Estes corações, mentes e destinos interligados se unem a mim aqui traçando nosso destino. Que assim seja. – Ele prosseguiu: – Fogo brilhante, luz de velas. – Chamas surgiram sob a panela. E as velas irradiaram luz branca. – Terra se erga, ar se erga.

O chão sob as tigelas se ergueu em pequenos montes. As vassouras cruzadas se ergueram cerca de 30 centímetros do chão.

– Água clara, ferva aqui.

Enquanto a água começava a borbulhar e fumegar, Bran tirou cristais da sacola e os fechou nas mãos. Quando as abriu, despejou o pó que se tornaram na água fervente.

Vapor e fumaça azul subiram.

– Aqui eu fervo e formo o véu de branco. Que tudo dentro dele esteja protegido da visão. Seguro em corpo, mente e alma. – Enquanto falava, ele circundou a panela e desenhou um círculo no ar, agitando o vento. – Que nenhum poder possa abrir esta cortina. Selada pelo meu sangue, para que tudo dentro permaneça oculto.

Bran tirou a faca do cinto, a passou pela palma da mão e deixou o sangue pingar dentro do vapor.

Por um instante, o vapor ficou vermelho e pareceu pulsar. Então se tornou denso e branco.

– Está feito – afirmou.

Olhou de cenho franzido para a mão e a fechou.

– Até eu estou com vontade de aplaudir. – Riley olhava para as vassouras flutuando e mal resistiu a tocar em uma delas para ver o que acontecia. – Foi um espetáculo e tanto, irlandês.

– Nas palavras imortais? Você ainda não viu nada. – Ele sorriu. – Pegue uma vassoura.

Ela fez isso e correu os dedos pelo cabo.

– Parece uma vassoura.

– Porque é. Pegue a outra, Annika, e varra cada porta e cada janela.

– Todas?

Rindo, ele deu um tapinha no ombro de Riley.

– Como eu disse, a casa é grande. Doyle e Sawyer, cada um de vocês encha uma tigela com a água da panela. E borrifem um pouco nos peitoris e nas soleiras. Pensem nisso como a base.

Assim como Sawyer, Doyle pegou uma tigela e a mergulhou na panela.

– Qual é o segundo ato? – perguntou.

Bran pegou a última tigela e também a mergulhou na panela. Então, segurando-a com as duas mãos, sorriu de novo.

– Vou abaixar a cortina do alto.

Assim dizendo, ele levitou, erguendo-se acima do gramado e, depois, da casa.

– Cacete – murmurou Sawyer.

– Ele tem mais do que nos mostrou. – Considerando isso, Riley pôs a vassoura no ombro. – Ok, Anni, vamos varrer.



Embora mal houvesse amanhecido, Sasha desceu para a cozinha. Pensou em preparar o café da manhã, porque queria se ocupar e também fazer todos esquecerem de que perambulara seminua na noite anterior.

Na primeira chance, investiria em pijamas.

Encontrou Riley já na cozinha, tomando café.

– Pensei que eu tinha sido a primeira a acordar.

Riley continuou a tomar o café e balançou a cabeça.

– Pesquisei até tarde e dormi algumas horas. Acordei ansiosa e irrequieta. Louca por café. Pensei em preparar alguns ovos ou qualquer coisa para o café da manhã, mas já que você está aqui...

– Eu cuido de tudo.

– Ótimo. Belo colar.

Sasha pôs a mão no colar enquanto se dirigia à geladeira.

– Eu o estava usando quando acordei. Imagino que signifique alguma coisa.

– Deixe-me ver melhor. – Riley deslizou o dedo por baixo do colar e analisou as pedras e os cristais. – As pesquisas me dizem que essas são pedras protetoras. Para afastar as intenções e os pensamentos negativos a seu respeito. Como é fácil de fazer, Bran o pôs em você, e eu diria que é potente e que tem como alvo Nerezza. Sua cabeça melhorou?

– Sim. Preciso de pijamas.

Com uma gargalhada, Riley foi buscar mais café.

– Não acho que a camisola que você estava usando tenha sido o que causou mais impacto. Não que você não estivesse bonita.

– Vá se danar, Riley.

– É assim que se faz. Além do mais, aquilo só foi o começo.

– O quê? – Sasha quase derrubou os ovos que havia pegado. – O que aconteceu?

– Bran. – Ela se recostou no balcão. – Sabe, já vi todos os tipos de rituais e cerimônias, assisti a muitas coisas loucas em minha vida, mas ele superou tudo. Temos bacon?

– Sim. Pelo amor de Deus, Riley, fale.

– Estou com fome. Não há nenhum motivo para você não preparar o café da manhã enquanto eu falo.

– Você sabe como usar um espremedor de frutas elétrico? – perguntou Sasha.

– Posso descobrir.

– Laranjas. – Sasha apontou para a tigela. – Espremedor. Fale.

Enquanto o bacon chiava e o espremedor girava, Riley contou os detalhes.

– Ele... voou?

– Foi mais como se flutuasse. Annika e eu ficamos encarregadas de varrer, e confesso que cheguei a montar na minha vassoura para ver se voava. Sem sucesso. Mas volta e meia nós, digamos, alcançávamos aquela pequena área de... escuridão. Apenas algo como uma sombra, porém mais palpável, e quando a alcançávamos com a vassoura, *puff*. Desaparecia. E os outros rapazes borrifavam água e de vez em quando surgia um vapor branco que durava um segundo. Uma coisa louca. O tempo todo Bran ficou flutuando com sua tigela, e o vapor descia sobre a casa. Como a cortina de que você disse que precisávamos.

Riley pegou um pouco de suco para provar.

– Gostoso. Você realmente perdeu, Sash. E quer saber minha opinião? Ele tem muito mais do que nos mostrou.

Sasha hesitou e relanceou os olhos para a porta.

– Eu sonhei com ele.

– É, você disse isso.

– Eu não... não disse tudo. – Ela havia falado, ou profetizado, sobre a

necessidade de confiança, mas não demonstrara a sua própria. – Lá fora, no penhasco, Bran e eu. Na tempestade. Raios, trovões, vento e o mar batendo. Ele evocou a tempestade. Ele segura o raio como rédeas. E estávamos juntos. Não quero dizer apenas no penhasco.

– Sei o que você quer dizer. Por que isso a preocupa? Estar com ele?

– Porque eu nunca estive com ninguém.

– Admito que eu pensaria duas vezes antes de transar com um bruxo, mas... Espere aí. – Riley parou e se virou totalmente. – Ninguém? Nunca? Jamais?

– Todas as vezes que eu me relacionava com um homem e me sentia próxima dele, dizia ou fazia algo que estragava tudo, e ele desistia de mim.

– Primeira lição. Como a de boxe. Por que a culpa é sua? Às vezes é, claro. Todos nós estragamos uma coisa ou outra. Mas sempre é você quem ferra? Isso é besteira.

– Era eu quem dizia ou fazia algo. Eu me esquecia de tomar cuidado e deixava escapar alguma coisa. Então me tornava uma aberração em vez de uma pessoa. Ou, no mínimo, uma mulher estranha. E percebia que os sentimentos dos homens mudavam.

– Isso era problema deles. Eu diria que você escolhia os homens errados, mas é preciso experimentar alguns para ver qual é o certo. Então talvez deva tentar com Bran. Você não é uma aberração para nenhum de nós, muito menos para Bran.

– Esse não parece o momento para... experimentar ninguém.

– Mais besteira. A gente pode perder. Não é o que pretendo, mas você tem de levar isso em conta. Prefere continuar sem saber? Pense nisso – disse Riley ao ouvir botas se aproximando. – Dê uma chance para si mesma e, na minha opinião, para ele.

Decidiu pensar sobre aquilo. Não sabia ao certo o que causava mais estresse. Pensar em ficar com Bran ou em andar em um bote inflável e depois fazer mergulho. As duas coisas a deixavam nervosa.

Depois do café da manhã, ela pôs na mochila filtro solar, uma blusa extra e o bloco de desenho. Então parou de embromar e se dirigiu às portas do terraço de Bran.

Ele ergueu os olhos do conteúdo de um de seus estojos, que estava estudando, e falou:

– Já pronta? Estou quase.

– Eu queria... lhe agradecer. Encontrei a sacolinha, o amuleto debaixo do meu travesseiro. E isto. – Ela tocou no colar.

– Ajudaram?

– Sim.

– Isto – ele se aproximou e tocou em uma das pedras do colar – foi feito um pouco às pressas.

– Eu gostei. Queria lhe dar isto.

Então ela abriu a mochila, pegou o bloco e tirou um desenho.

O sorriso no rosto de Bran desapareceu, e seus olhos se tornaram atentos ao pegá-lo.

– Quando desenhou isto?

– Antes de conhecê-lo. Esse era um dos meus sonhos mais fortes e recorrentes. Até mesmo o pintei. Senti que tinha de fazer isso. Sei que as coisas podem mudar. Uma escolha diferente, um resultado diferente. Pelo menos em alguns casos. E percebi que não mostrar para você significava não lhe dar escolha.

– E quanto à sua escolha?

– Eu a fiz. Acho que quando lhe dei isso. – Reunindo coragem, ela lhe segurou o rosto com as mãos e roçou os lábios nos dele. – Estão esperando por nós – disse, e se virou para as portas.

Bran as fechou com um pensamento antes de Sasha alcançá-las.

– Você acha que preciso de um desenho para decidir se a quero?

– Achei que você deveria saber disso, agora que estamos os seis reunidos... É parte de tudo. E você não deveria se sentir levado por isso, não para algo tão pessoal.

Com os nervos em frangalhos, Sasha se virou e girou a maçaneta.

– Pode abrir as portas? – pediu ela.

– Não.

– Eles estão esperando por nós.

– Podem esperar. – Ele foi até Sasha e apoiou as duas mãos no vidro, em cada lado da cabeça dela. – Nervosa, não é?

– Você está me deixando assim de propósito.

– Era para estar mesmo. Como também com um pouco de medo do que o homem que você desenhou é capaz de fazer.

– Você não vai me machucar e não sou indefesa. Não mais.

– Você nunca foi. Minha escolha? É isso que está perguntando?

Ele lhe deu um beijo, intenso e rápido, prendendo-a contra a porta com seu corpo e tomando as mãos de Sasha nas suas.

– Essa é minha escolha. Foi a minha escolha desde que você veio bater à minha porta, sonâmbula. Não são os meus sonhos que estão me levando a isso. É você que está.

Ele a beijou de novo, mas dessa vez ela correspondeu e se entregou.

– Eu o quis desde antes de o conhecer. Eu quero...

Ela se interrompeu ao ouvir a batida à porta.

– Estamos esperando! – gritou Doyle.

– Está bem. – Mas Bran a beijou de novo. – Vamos terminar o que começamos aqui, *fáidh*.

– Sim. – A risada veio do coração dela. – Vamos. Mas agora você precisa abrir as portas.

11



Aquilo não parecia um bote inflável. Sasha tinha imaginado um grande bote salva-vidas amarelo com remos e foi um grande alívio ver o barco com motor, cabine coberta e bancos – e que permaneceu razoavelmente firme quando ela subiu a bordo.

Até ver o equipamento de mergulho.

– Coragem. – Riley lhe deu um tapinha no ombro. – Você vai se sair bem. E quanto a você, irlandês, e essa história de os bruxos não serem capazes de andar sobre a água?

– Não é tanto não poder; preferimos não atravessá-la. – Ele tirou um pequeno frasco do bolso e engoliu o conteúdo. – Também vou me sair bem. Quem vai pilotar esta coisa?

Riley hesitou e depois olhou de relance para Doyle, que checava o equipamento na cabine de comando.

– Você consegue fazer isso?

Ele deu de ombros.

– Claro.

– Vou lhe dar as coordenadas. Assim poderei revisar o equipamento e os princípios básicos com os novatos.

– Ela está se referindo a mim – disse Sasha. – Alguém precisa ficar em terra? Eu posso ficar.

– É para isso que servem as âncoras e boias. Você já mergulhou? – perguntou Riley para Bran.

– Sim, algumas vezes.

– E você?

Sawyer assentiu.

– Mais do que algumas vezes.

– Eu sei mergulhar – disse Annika, antes de Riley perguntar.

– Ok, peguem seus macacões e vamos em frente. – Ela foi até a cabine de comando.

Sasha podia estar cheia de dúvidas, mas se tranquilizou. Nadava bem, por isso, na pior das hipóteses...

Tirou a roupa, ficando com o traje de banho – um maiô preto simples, muito diferente do biquíni microscópico de Annika –, então tratou de se enfiar no macacão de mergulho, enquanto Doyle soltava as amarras do barco.

– Isso é divertido – disse Sawyer, fechando o zíper do macacão. – Uma experiência totalmente nova.

– Parece que todo dia estou tendo experiências totalmente novas desde que cheguei a Corfu.

Doyle sorriu e foi conferir os tanques.

– É o que torna tudo divertido.

Quando o viu erguer e examinar um arpão, Sasha pensou que ele, ou melhor, todos eles tinham de se preparar para mais do que diversão.

– Ok. – Riley voltou para o convés e abriu a tampa de um banco baixo e comprido. – O primeiro local a explorar fica a apenas alguns minutos daqui. Máscaras, reguladores, cintos. Vamos examinar tudo – prometeu para Sasha. – O capitão Blight não está muito feliz, mas começaremos com um mergulho fácil e agradável. Provavelmente não encontraremos uma estrela flamejante à nossa espera, mas todos terão uma chance de... molhar os pés. A visibilidade deve estar boa, então vamos permanecer juntos. Sistema de apoio padrão.

– Eu cuido dela, Riley. – Bran pegou sua faca de mergulho da mochila. – O nervosismo vai passar quando ela entrar na água.

– Vai? – duvidou Sasha.

– Confie em mim.

– Vamos examinar o equipamento. – Riley pegou um colete. – Seu BCD, dispositivo de controle de flutuabilidade. Isso segurará o cilindro e os ajudará a manter a flutuabilidade neutra. Esse é o objetivo. Na superfície tendem a flutuar, mas, como tem pesos, ajudam a descer. Quanto maior a profundidade, menor a flutuabilidade. O BCD ajuda a regulá-la. Vocês querem a explicação científica?

– Acho que não.

– Aqui temos clipes para acessórios e o que for necessário: regulador, medidor de profundidade, faca... Mantenham tudo preso.

Riley começou a falar sobre arrastar, nadar do modo “correto” e utilizar as técnicas de respiração. Tudo isso fez a cabeça de Sasha girar enquanto os vários equipamentos eram explicados e presos ou postos nela.

Doyle logo desligou o motor.

– Vamos descer por uns trinta minutos e ver o que acontece.

– Meia hora? Lá embaixo?

– Vai passar mais rápido do que você imagina – disse Bran, examinando cuidadosamente o próprio equipamento.

Doyle içou a âncora, e Riley lançou a boia indicadora.

– A caverna fica a oeste. – Ela apontou para a face do penhasco. – Sawyer, por que você e Annika não entram primeiro? Sasha pode ir em seguida, com Bran. Doyle e eu estaremos logo atrás de vocês. Sasha, espere alguns minutos e você logo se acostuma – disse, vestindo um colete.

Sawyer pôs a máscara, ajustou o bocal do snorkel e, sentando-se na beira do barco, ergueu um polegar antes de cair de costas na água.

Sasha teve tempo de pensar “Ah, meu Deus!” antes de Annika rir e imitá-lo.

– Se preferir, pode pular – começou Bran.

– Tem uma escada à esquerda – disse Doyle, fechando o zíper do macacão. – Posso ajudá-la a descer.

Ajudá-la, pensou Sasha. Cuidar dela, protegê-la.

Bastava disso.

Ela andou desajeitadamente com os pés de pato até a beira do barco e se sentou.

– Segure a máscara com uma das mãos. É só se jogar para trás. – Bran deu um tapinha na perna dela para tranquilizá-la. – Vou dois segundos depois de você.

Antes que pudesse mudar de ideia, Sasha fechou os olhos e se jogou.

Foi uma queda mais longa do que havia esperado. Quando atingiu a água, deu um pequeno grito e inalou muito ar. Começou a voltar à superfície, mas Bran estava lá, segurando-lhe a mão.

Ele fez um lento movimento para baixo com a mão livre, claramente lembrando a ela de se acalmar, relaxar. Embora ela quisesse subir para a luz e o ar, Bran apontou para baixo e a puxou consigo.

O pânico lhe apertou a garganta e trouxe uma estranha tontura. Sasha sabia que estava respirando rápido demais – exatamente o que Riley lhe dissera para não fazer –, mas não conseguia se controlar.

Então viu Annika através da água incrivelmente clara, dando cambalhotas fluidas, iluminada pelo sol que vinha da superfície.

Ah, ser livre assim, pensou. Então percebeu que ela própria também era ou que podia ser. Nada a impedia além dos próprios medos. Talvez não estivesse pronta para cambalhotas, mas isso não significava que precisava desistir.

Tentou controlar a respiração – ainda rápida demais, porém melhor – e apertou a mão de Bran para lhe indicar que estava bem.

E finalmente se permitiu ver o mundo ao redor.

As cores dos corais, tão vivas, as plantas ondulantes, os peixes nadando, tão rápidos e ousados. Muito mais do que ela havia experimentado em seu mergulho muito rudimentar com snorkel quando havia se convencido a passar férias em Aruba, alguns anos antes.

Dessa vez, não estava só olhando para o mundo subaquático, como se através de um vidro. Era parte dele.

Com Bran, nadou ao longo do recife, gesticulando maravilhada quando avistou uma estrela-do-mar cor de abóbora agarrada em uma rocha. Avistou outra, além de uma esponja muito vermelha, e observou uma lagosta andando apressadamente no fundo de areia, como se estivesse atrasada para um encontro.

Quando viu a boca da caverna, o pânico quis ressurgir. Então Riley se apressou a ir para seu lado, olhou para trás e fez um rápido aceno antes de nadar diretamente para a boca escura e pouco profunda logo à frente.

Doyle foi atrás dela, mas Riley o impediu de entrar.

Estavam esperando por ela, percebeu Sasha, os quatro, com Annika nadando em um círculo ao redor dos outros três. Com um movimento dos pés, ela se impulsionou para a frente, com Bran ao lado.

Dois a dois, os seis entraram na caverna escura. Ali o mundo era de um verde sombrio e o que vivia nele pareciam borrões. Os borrões se tornaram uma longa e sinuosa enguia e alguns polvos. Sasha imaginou que as plantas escondessem coisas capazes de picar e morder.

Ela ouvia as batidas do coração na própria cabeça, enquanto nadava através da misteriosa luz verde do túnel.

O túnel se abriu, lembrando a caverna em terra firme que considerava de Nerezza. Olhou para cima, quase esperando ver morcegos voando e descendo em círculos, mas vislumbrou luz, árvores e, maravilhada, o teto aberto entre mundos.

Outro polvo, sem nenhum interesse neles, atravessou o fundo da caverna enquanto um cardume de peixes prateados passava, e ela estendeu a mão para tocá-los. Esqueceu o medo ao explorar as formas loucamente artísticas dos corais, as esponjas vivas, o movimento estranhamente fluido de uma estrela-do-mar que saiu de seu lugar quando perturbada.

Pensou na pintura que poderia fazer se guardasse tudo aquilo na mente. Com a emoção de explorar, por um tempo ela esqueceu seu objetivo ali.

Surpreendeu-se quando Riley lhe deu um tapinha no ombro e apontou para o relógio e depois para o túnel. Com uma relutância que ela não havia esperado, saiu com os outros.

Quando Sasha emergiu, a luz brilhante do sol, o sabor do ar e a sensação dele em sua pele a desorientaram. Subiu no barco, onde ficou com a máscara na mão olhando para a água. Sabendo o que vivia dentro dela.

– Você nasceu para isso. – Riley deu um soquinho no ombro de Sasha, antes de se sentar para tirar os pés de pato. – Pronta para outra?

– Sim.

– Acho que devemos explorar mais uma ou duas cavernas fáceis hoje. Você não se sentiu mal lá embaixo?

– Mal? Ah. Não. Mas não pensei nas estrelas, não enquanto nadávamos. Eu deveria ter...

– Acho que pode vir mais naturalmente se você estiver relaxada. – Bran lhe entregou uma garrafa de água. – Todos nós. Você gostou.

– Você tinha razão. Trinta minutos passaram muito rápido e não foram nem de longe o suficiente.

– Você fez tudo certo. – A um sinal de cabeça de Riley, Sawyer tirou uma Coca-Cola do isopor, a jogou para ela e pegou outra para si mesmo. – Nem todos que sabem nadar demonstram isso no mergulho, não de primeira. Essa aqui? – Ele pegou outra Coca-Cola e a entregou para Annika. – Ela é como um peixe.

– É divertido nadar com amigos.

– As chances de encontrarmos o que estamos procurando nas outras duas cavernas que você escolheu aqui são zero. – Doyle abriu uma garrafa de água.

– É assim que vamos eliminá-las da lista e proporcionar um pouco de treino para Sasha.

– Gostaria que vocês não se atrasassem por minha causa. Vou me sair bem.

– Sim, provavelmente vai mesmo. Mas precisa considerar que a água não é seu ambiente e só consegue viver lá embaixo porque tem um equipamento que torna isso possível. E se tivermos algum problema enquanto estivermos lá como tivemos na caverna em terra? Sair dela vai exigir um pouco de experiência.

Virando-se para Doyle, Riley passou a mão pelos cabelos molhados.

– Estou errada?

– Não. – Ele tomou um longo gole de água. – Não, não está. E não é como se não tivéssemos tempo – disse ele para Sasha.

– Mas vocês já estão prontos.

– Eu estou mais do que pronto. – Ele balançou a cabeça e bebeu de novo antes de se virar na direção da cabine de comando. – Mas temos tempo.



Eles mergulharam mais duas vezes, e a cada uma delas Sasha se sentiu mais confortável. Mas tinha de admitir, pelo menos para si mesma, que a ideia de se deparar com uma deusa da escuridão nas profundezas lhe causava considerável ansiedade.

Dor, lembrou-se. Seus sonhos sempre foram marcados por dor, sangue e batalha. Mas não se lembrava de nenhum sobre afogamento.

Talvez fosse um bom sinal.

Eles voltaram para reabastecer os tanques e, por votação, decidiram almoçar no vilarejo. Comeram no calçadão, mantendo a conversa em torno de mergulhos, em vez de falar sobre o objetivo.

A combinação de comida, sol, vozes e agitação ao redor transformou a euforia de Sasha em cansaço.

Já acostumada com a direção de Riley, ela cochilou no curto caminho de volta para o casarão, sonhando com sua cama no silêncio do quarto.

– Quero conferir algumas coisas. – Riley saiu do carro enquanto o cão veio trotando. – Eu disse que voltaríamos. – Ela lhe fez um bom afago. – Temos o que

fazer amanhã, por isso acho melhor definirmos uma estratégia e tentar pelo menos um dos mergulhos mais difíceis.

– Posso usar o jipe? Quero buscar algumas coisas – explicou Sawyer.

– Acabamos de voltar do vilarejo.

– Não queria fazer ninguém esperar.

Dando de ombros, Riley lhe atirou as chaves.

– Posso ir com você? – pediu Annika. – Quero fazer compras.

– Ah, bem... – Mas Sawyer cometeu o erro de fitar os olhos brilhantes de Annika. – Claro.

– Homem vencido – comentou Doyle.

– Mais tarde você pode pegar as moedas, Bran. Tenho um contato que pagará a Annika um preço justo por algumas delas. Posso separá-las e podemos fazer essa parada antes de entrarmos no barco de manhã. Você precisa de um pouco de dinheiro para despesas – disse Riley para Annika.

– Dinheiro para compras.

– Sim, isso também. Vou entrar em contato com ele. Traga o jipe de volta inteiro – acrescentou e caminhou na direção da casa com Apolo.

– Tenho o que fazer – disse Doyle, seguindo-a.

– Você deveria trazer alguns suprimentos frescos – Sasha falou a Sawyer.

Sawyer deu uma olhada para ela, enquanto se sentava ao volante.

– Droga. É, pensei nisso. Vou trazer.

– Quero brincos novos. – Annika pulou para o banco do passageiro.

– Por que as mulheres gostam tanto de brincos? – quis saber Sawyer.

– São bonitos. Tchau. – Ela acenou para Sasha e Bran. – Vamos fazer compras!

– Que os deuses tenham piedade dos dois – disse Bran, depois pegou a mão de Sasha para conduzi-la na direção da escada do terraço.

– Sinto que deveria fazer algo produtivo. Ainda nem são três da tarde – disse Sasha.

– Produtivo – repetiu Bran.

– Deveria desenhar o que está na minha cabeça, o que vi hoje. A luz na caverna. Quero captá-la. Mas sei que não deveria nem tentar com tanta preguiça.

– Então faça quando estiver mais disposta. Nesse meio-tempo...

Bran entrou no quarto com ela, fechou as portas e a virou para encostá-la

nelas.

– Acho que foi onde paramos.

Ele a abraçou e beijou.

– Agora?

– Ah, com certeza. – Seus lábios desceram preguiçosamente pelo pescoço de Sasha. – Algum problema nisso?

Tudo dentro dela vibrava.

– Não, não, pode ser agora. – As mãos dele lhe acariciaram os seios. – Agora seria maravilhoso.

Desejosa e receptiva, ela o abraçou, maravilhada com a aceleração do próprio pulso e o fluxo de suas necessidades. Necessidades contidas durante tanto tempo... Havia muita alegria nelas.

Ela riu, um pouco nervosa, quando ele a virou de novo e a levou na direção da cama, ainda a beijando avidamente.

Então estava deitada com ele. E, ah, que sensação, o peso e a forma do corpo de Bran junto ao seu, sentir o próprio desejo. As mãos dele, tão fortes e seguras, moldando-a como barro até seu sangue correr quente sob a pele.

Queria tocá-lo e temia fazer algo errado enquanto tentava lhe tirar a camisa. Queria sentir sua pele, seus músculos.

– Preciso dizer... – começou Sasha.

Bran lhe mordiscou o pescoço, Sasha afundou os dedos nas escápulas dele.

– Caso eu faça algo errado...

– Nada pode ser errado.

Bran lhe abriu os botões da blusa, seus lábios seguindo os dedos.

– É só que... Ah, meu Deus, é tudo tão incrível. Nunca fiz isso antes, então posso cometer algum erro.

Quando tudo parou, ela percebeu que acabara de cometer um. Fechou os olhos e se perguntou por quê, *por que* não podia apenas ter deixado continuar, ficando calada até terminar.

– Nunca fez exatamente o quê?

Ela abriu os olhos e encontrou os dele, tão escuros e penetrantes nos seus.

– Sexo. Não devia ter dito nada. Por que isso importa?

Bran se sentou, puxando-a para si. Ela sentiu toda a alegria e prazer se transformarem em mortificação.

– É claro que você deveria ter me contado e é claro que importa.

– Ou você me quer ou não me quer. – Ela tentou demonstrar raiva, qualquer coisa que encobrisse a humilhação das lágrimas que queriam surgir.

– Não é essa a questão. Isso é importante – repetiu ele, tomando-a nos braços quando Sasha tentou se afastar. – Para a abordagem, o tom. A primeira vez deveria ser sem pressa e ânsia, e eu estava sentindo as duas coisas.

– Eu também, então por que não podemos...

– Porque você não sabe. Mas saberá. – Ele pegou a mão de Sasha e beijou levemente a palma. – Se tiver certeza. Isso é um presente que não pode ser tomado de volta.

– Eu tenho certeza. Quero sentir o que você me faz sentir. Quero ficar com você. Agora.

– Então confie em mim.

– Eu não estaria aqui se não confiasse.

– Nós queremos luar e estrelas. – Enquanto ele falava, o quarto se tornou azulado. Nele brilharam luzes... velas?... estrelas? – A canção do mar, o perfume das flores.

Sasha ouviu o sussurrar de ondas enquanto ele a deitava no que se tornara um gazebo.

– Você é muito mais do que nos mostrou.

Ilusões, pensou Bran, mas o momento as exigia. E também romance e ternura. Ele descobriu que tinha esses sentimentos por ela e podia manifestá-los tão facilmente quanto podia agitar o vento.

Então lhe segurou o rosto com uma das mãos e a beijou lenta e cada vez mais profundamente, até senti-la derreter em seu leito de plumas e flores.

Podia seduzi-la, pouco a pouco, tornar tudo esplendoroso para ambos. Sasha sentiu o cheiro do mar, o gosto de mel. E, sob as mãos dele, sua pele era macia como cetim.

Impulsivamente, Bran passou as mãos pelos cabelos dela e espalhou pequenos botões de rosa neles. Então baixou os olhos para apreciar seu trabalho.

– Você parece uma rainha das fadas. Se eu tivesse o seu dom, a pintaria exatamente assim. Ou...

Ele agitou um dedo no ar, e então se viu nua, exceto por pétalas de rosas espalhadas.

– Ah!

Instintivamente, Sasha ergueu a mão para cobrir os seios, mas Bran a segurou e levou aos lábios enquanto a olhava.

– Sim, exatamente assim. Eu a encarrego de fazer esse autorretrato. Diga-me seu preço – murmurou, beijando-a de novo.

Como ela poderia saber que era capaz de flutuar e voar, planar e mergulhar, tudo ao mesmo tempo? Que era capaz de arder e estremecer. E desejar, desejar, desejar.

Ele a beijou com uma profundidade que pareceu lhe tocar a alma e sussurrou palavras que ela não compreendia. E deslizou as mãos sobre ela, despertando novas sensações.

Roçou os polegares nos mamilos, depois a língua, despertando algo em suas entranhas. E quando a beijou na boca, aquela agitação se transformou rapidamente em um prazer chocante.

Sasha gritou e arqueou o corpo enquanto aquilo a atingia como uma flecha.

– Você é rápida – murmurou Bran.

– O quê? O quê?

– Isso é só o começo. Apenas uma amostra. – Ele pressionou os lábios contra o coração pulsante dela. – Desta vez você receberá, e recebendo, dará.

Ele lhe agarrou as mãos, porque o toque e as explorações dela o tentavam a se apressar. Então usou apenas a boca, descendo pelo tronco e apreciando quando a barriga de Sasha estremecia sob sua língua.

Ela gemeu por ele, moveu-se para ele, e a mistura de desejo e de rendição incendiou o sangue de Bran. Em outro momento, poderia ceder a isso, deixar aquela ânsia se manifestar. Mas agora iria seduzi-la, atormentar a ambos.

Então roçou os lábios na coxa de Sasha, e depois a língua na linha que o separava do centro do prazer. E os dentes, leves, muito leves, até a respiração de Sasha se transformar em longos gemidos e suspiros e o corpo dela ondular.

Ele a encontrou quente e úmida, pronta para voar de novo.

Aquilo foi como ser inundado de ouro líquido quente, joias derretidas. Cada centímetro dela reluzia, brilhava. O mundo era quente e macio, envolto em flores e luar.

E era só dele.

Quando Bran a beijou de novo e Sasha estava com as mãos livres para tocar e

acariciar, ela pensou que nada poderia ser mais belo.

– Pode olhar para mim agora? Olhe para mim, Sasha.

Ela abriu os olhos escuros e pesados de glorioso prazer.

– Bran.

– Isso é seu, somente seu.

Ele pôs fim até mesmo à ideia da dor quando a penetrou. E Sasha soube que ali havia mais beleza. Então ela se abriu, receptiva. Mantendo os olhos nos de Bran, moveu-se com e para ele e lhe tocou o rosto.

– Sim, sim – sussurrou e se deixou deslizar para baixo.

Sasha imaginou seu corpo emitindo luz. Uma luz pálida, rosada e dourada. Quente, suave e linda. Bran estava totalmente dentro dela, então imaginou que a luz pulsava através dele também, enchendo o quarto de cor.

Se essa é a sensação produzida pelo sexo, como as pessoas conseguem fazer qualquer outra coisa?, perguntou-se ela.

– Bem, isso pode ser um pouco preocupante.

– O quê? Eu falei em voz alta?

– Sim. – Ele ergueu a cabeça e estudou o rosto dela com olhos escuros e sonolentos. – E foi um elogio para mim.

– Você me deu um leito de flores e luar. Sou toda elogios.

Bran mudou de posição para poder colocá-la a seu lado.

– Quero aquela pintura.

Sasha riu, feliz em repousar a cabeça no ombro dele.

– Não sei qual era a minha aparência.

– Vou fazer com que saiba. Este é um mau momento para lhe perguntar por que nunca esteve com alguém antes?

– Não. Eu sentia que tinha de ser honesta em relação a isso antes de ir para a cama com alguém. E quando as coisas chegavam a esse ponto, o homem ou ficava desconcertado ou interessado demais nessa parte minha. Então aquilo deixava de ter a ver comigo, com *me* querer. Você já sabe. E você tem algo... que equilibra as coisas. Isso parece calculado.

– Não, parece humano.

Então foi ela quem mudou de posição, erguendo-se para poder ver o rosto de Bran.

– Isto? – Ela apontou para as flores e o luar. – O que você tem e é? É

fascinante e irresistível. Mas não é o que me faz estar aqui com você agora.

– Isto? – Ele pôs a mão na testa dela. – O que você tem e é... é fascinante e irresistível. Mas não é o motivo pelo qual eu a quero aqui.

Satisfeita, Sasha se deitou de novo.

– Temos de lidar com muitas coisas, há muito a descobrir. Deuses, estrelas, cavernas e ilhas que desaparecem. Neste momento, nada disso parece real. Mas é.

– E faremos o que precisa ser feito. Encontraremos a estrela que está à nossa espera aqui. Você viu isso.

– Nem tudo é exatamente como eu vejo.

– Vamos acreditar que será, e continuar a procurar até a encontrarmos.

– Você teve mais tempo do que eu para acreditar. Ainda estou tentando. Acho que deveríamos descer e começar a planejar a busca de amanhã.

– Sermos bons soldados – concordou Bran, descendo a mão pelo braço dela.

– Primeiro posso lhe fazer uma pergunta?

– Acho que nas atuais circunstâncias você pode perguntar qualquer coisa.

– É sempre assim? O sexo? Bem, pelo que li e ouvi, não. Mas acha que foi maravilhoso porque foi a primeira vez ou por sermos nós?

– Não sei dizer, mas de uma coisa tenho certeza: vamos descobrir.

Quando ele rolou para cima de Sasha, ela riu.

– Acho que eles podem começar sem nós.

12

A segunda vez foi maravilhosa – e quanto à terceira, sexo no chuveiro, foi uma experiência que ela definitivamente desejou repetir. Com frequência.

Sasha se perguntou se a abstinência em que vivera até então lhe dera um apetite voraz por sexo. Fosse como fosse, sentia-se bem e estava totalmente saciada, e desceu para a cozinha para saciar outro tipo de apetite.

Estava morrendo de fome.

Pegou uma maçã na tigela e se serviu de uma taça de vinho antes de vasculhar a geladeira.

Notou que alguém fizera compras. Como não contribuíra para nada, se ninguém se opusesse, sabia o que fazer com as costeletas de cordeiro.

Cantarolando, preparou uma marinada, procurou uma tigela em que coubessem costeletas, despejou tudo dentro e reservou.

Virando-se, soltou um pequeno grito ao ver Riley apoiada na ombreira da porta.

– Meu Deus! Que susto. Não ouvi você chegar.

– Você estava ocupada demais cantarolando como se estivesse vendo pássaros azuis e borboletas e um arco-íris.

– Estou marinando o cordeiro.

– Uhum. – Riley olhou para a garrafa de vinho e se serviu de uma taça. – Bem, tenho de deixar de lado minha ideia de usar você se precisarmos sacrificar uma virgem.

– O quê? Ah.

– Não preciso perguntar se você está bem, porque há um arco-íris saindo de suas orelhas.

– Foi maravilhoso. Não paro de repetir essa palavra. Tem de haver uma melhor.

– Essa está boa. – Riley brindou. – Parabéns.

– Alguém sabe que... nós...

– Todos que não tiveram morte cerebral. Onde está seu bruxo garanhão?

Sasha estremeceu e olhou na direção das duas portas.

– Ele tinha algumas coisas a fazer, e eu estava morrendo de fome.

– Sexo bom queima muitas calorias.

Sasha ergueu três dedos.

– Três vezes? Agora você está me deixando com inveja.

– Isso é comum? Provavelmente é uma pergunta boba, mas não tenho ninguém a quem consultar.

– Preciso lhe dar parabéns de novo. – Com um impulso, Riley se sentou na mesa. – Três é muito para a primeira vez, mas você ainda parece bastante inexperiente. E vou repetir: garanhão.

– Ele tornou tudo mágico. Literalmente. Talvez eu não devesse contar essas coisas para você.

– Ah, *au contraire*. Deve contar sim, nos mínimos detalhes. Quanto tempo isso fica marinando? – Riley apontou com a taça para a tigela.

– Uma hora basta.

– Ótimo. Vamos dar uma caminhada e você poderá me falar sobre as preliminares. – Riley se ergueu de um pulo. – Olhe, Annika pode ser mais feminina, mas sou feminina o suficiente para saber que, quando se trata de sexo, especialmente as preliminares, você pode contar. Além disso, estou há tanto tempo sem sexo que preciso me distrair.

– Onde está todo mundo?

Riley encheu novamente as duas taças.

– Sawyer, a quem podemos agradecer pela despensa cheia, desceu para nadar na praia. Parecia meio traumatizado, porque Annika o arrastou pelo vilarejo para comprar brincos. Quanto a ela, ou está lá em cima admirando os tais brincos ou também desceu para nadar. O Sétimo Samurai...

– Quem?

Enquanto caminhavam, Riley fingiu desembainhar e brandir uma espada.

– Ah, Doyle – entendeu Sasha.

– Sim, como os outros estavam, digamos, ocupados, ele e eu fomos estudar os mapas. E batemos cabeça para decidir onde procurar amanhã. Ele é um grande cabeça-dura.

– O que decidiram?

– O que eu escolhi. E ele também – acrescentou Riley. – Vamos procurar nas duas cavernas antes que haja derramamento de sangue. Partimos às sete e meia. Agora pode descrever o sexo mágico, nos mínimos detalhes, enquanto pratica seus golpes.

– Meus golpes? – Embaraçada, Sasha fechou a mão. – Mas agora eu estou bebendo.

– Sash. – Balançando a cabeça, Riley atirou a taça no muro de pedra. – As melhores brigas acontecem quando se está bebendo. – Ela se virou e girou os ombros. – Me mostre alguma coisa.

– Está bem. Mas não sei como vou dar socos e falar de sexo ao mesmo tempo.

– Multitarefa.

Enquanto preparava as poções, Bran percebeu o movimento lá fora. Parou, foi até as portas abertas e viu Sasha praticando boxe com Riley.

Dessa vez, não sob o véu do bosque de oliveiras, mas no descampado. Ela havia se aberto a muitas novidades.

Parecia um milagre que menos de uma semana se passara desde que ele havia saído para o terraço daquele hotel e a vira pela primeira vez. Destino, nunca questionou isso. Era o destino deles seis, todos tão diferentes, todos de outros lugares, se encontrarem ali. Unirem-se na busca que havia sido parte do legado de sua família, seu dever, por incontáveis gerações.

Mas era seu destino nutrir sentimentos tão fortes pela relutante vidente americana? A atração, o desejo era normal, simples, mas o resto... Precisava de tempo para explorar e avaliar. E estava tão ocupado...

Ele havia suportado mais do que deveria para estar com ela naquele dia. Estava suportando mais agora apenas para observá-la. Mas não era lindo vê-la rir ao ser empurrada por Riley, lançando os braços para trás e caindo no chão como se nocauteada?

Aquilo era amizade, pensou. Uma amizade estranhamente forte para tão pouco tempo. Entre a obstinada pequena cientista e a artista insular.

Enquanto ele pensava nisso, viu Annika subir a escada do penhasco com um

sarongue florido ondulando ao redor do minúsculo biquíni.

Outra coisa estranha, pensou, enquanto Annika ia na direção delas. Sasha deu um chute lateral, ao que pareceu, e Riley balançou a cabeça, mal escondendo seu divertimento e comiseração.

As três ficaram à luz débil do sol, todas bonitas à sua própria maneira. Annika envolveu Sasha em um de seus alegres abraços e depois saltou, dando estrelas que fizeram o sarongue voar. Apolo saiu correndo atrás dele.

Para não ficar para trás, supôs, Riley deu um salto mortal. Annika respondeu com um mortal para trás.

As duas começaram a dar instruções a Sasha – que claramente precisava. Bran observou por mais um momento, impressionado com o brilho do sol poente se irradiando sobre elas e a brisa do anoitecer que levava as risadas até ele.

Então entrou para terminar seu trabalho. As risadas eram um tônico, pensou, mas as aulas serviam para aperfeiçoar suas defesas.

E ele faria o mesmo.

Quando voltou para dentro, Sasha encontrou Sawyer cheirando as costeletas que marinavam.

– Tem planos para isso?

– Ah, você tinha pensado em algo?

Ele deu de ombros e respondeu:

– Ia só jogá-las na grelha. Isso que você fez parece mais sofisticado.

– Nem é. Pensei na Grécia e em cordeiros, e procurei algumas receitas ontem à noite. Essa é bem básica e rápida. Dourar em azeite e alho e temperar com um pouco de suco de limão.

– Faça assim, então.

– Não pensei nos acompanhamentos e já é mais tarde do que imaginei.

– Eu cuido dessa parte. – Sawyer pegou uma cerveja. – Trabalho em equipe. – Ele abriu a cerveja e tomou um gole. – Você está com um ar... saudável.

– Saudável?

– Sim. – Ele sorriu. – Saudável. Vou colher algumas ervas.

– Seria bom um pouco de tomilho para o cordeiro.

– Vou trazer. – Ele deu um tapinha na bochecha dela ao passar. – Saudável.

Ótimo, pensou Sasha, indo lavar a louça. Não havia nada de errado no fato de uma mulher adulta parecer saudável. Só não sabia ao certo como se sentia por transparecer isso tão abertamente.

Ela pegou uma enorme frigideira, azeite e uma cabeça de alho. Annika entrou rapidamente para buscar pratos. Enquanto Riley e Doyle conversavam lá fora, Sasha prendeu os cabelos para cozinhar.

Enquanto ela picava o alho, Sawyer voltou com as ervas. Ele pôs uma panela com água no fogo antes de jogar algumas batatas na pia.

– É preciso cozinhar até ficarem macias – disse ele, esfregando-as. – Depois, dourar com manteiga e temperos e carregar no alecrim. Parece sofisticado, como suas costeletas, mas não é.

– Trabalho em equipe.

– Totalmente.

Ela sorria para ele, quando viu Bran entrar. E se sentiu muito, muito saudável mesmo.

– Uma cena bem doméstica e tranquila. Precisam de ajuda?

– Sabe preparar aspargos? – perguntou Sawyer.

– Não faço a menor ideia – respondeu Bran, apropriando-se do vinho de Sasha.

– Já vai aprender.

Enquanto as batatas cozinhavam, Sasha aqueceu o azeite e pegou uma taça de vinho para Bran, que ouvia Sawyer instruí-lo sobre o preparo de aspargos. Riley entrou para alimentar o cão; Doyle pegou uma cerveja e perguntou quando sairia o almoço afinal. Annika veio buscar mais velas.

Como uma família, pensou Sasha. Eram como uma família.

Independentemente do que acontecesse no dia seguinte, hoje ela tinha uma família.

Sasha descobriu como era dividir a cama com um homem. Bran ocupava um espaço considerável, mas tornava a experiência de acordar algo totalmente novo.

Enquanto Bran cuidava do café da manhã, ela teve tempo de enviar um e-mail

para a mãe, com fotos. O que omitiu em detalhes – sexo, deuses vingativos e aulas de boxe –, compensou com agradável conversa.

Pensou no quanto a mãe ficaria satisfeita por ela estar se divertindo nas... férias. E fazendo amizades.

Depois que enviou o e-mail, Sasha pegou as faixas que Riley lhe emprestara e as usou conforme tinha sido instruída para exercícios de bíceps, tríceps, costas e ombros.

Achou que havia mais, porém não conseguia se lembrar e, com os braços cansados, deu por encerrado o treino.

Pegou a mochila e o chapéu e saiu para o terraço.

O sol, brutalmente brilhante, a fez erguer a mão para proteger os olhos enquanto com a outra procurava os óculos escuros. Quando chegou ao pé da escada, conseguiu colocá-los e o mundo se tornou escuro como se fosse noite.

– Ali – disse ela, erguendo o braço para apontar na direção do mar. – Os cães pretos dela estão vindo. Vira-latas malformados atravessando a noite montados em asas de morcego. Criados para matar. Prontos para cortar e rasgar. Mas o fogo, vermelho como sangue, quente como o inferno de onde eles vêm, deve arder, arder e arder. A estrela é vermelha, o fogo é seu coração. O fogo a protegerá. O tempo de transformação chegou. A lua e a magia são brancas e brilhantes, com os seis escolhidos e tudo que são. Ela luta contra isso. Nós lutamos contra ela até a vida ou a morte. Para isso nascemos e para isso nos unimos. E mundos esperam, porque o destino deles está em nossas mãos.

Quando ela oscilou, Bran pôs um braço ao redor de sua cintura para ampará-la.

– Meu Deus, que dor de cabeça!

– Você vai combatê-la – disse ele suavemente, e a levou até a mesa para se sentar.

– Isso é automático. Hábito.

– Um pouco de suco. – Annika se agachou ao lado dela. – Prefere água?

– Não, obrigada. Suco está bom.

Ainda trêmula, Sasha tomou um gole.

– Você se lembra do que disse? – perguntou Doyle.

– Não a pressione! – censurou-o Riley.

– Foi só uma pergunta.

– Tudo bem – disse Sasha. – Acho que lembro. Vi o dia virar noite. Como se tivessem acionado um interruptor. E os vi sair voando da água. Como os morcegos na caverna, mas maiores.

– Você os chamou de cães – disse Bran.

– Sim, algo assim. Como... gárgulas. Corpos retorcidos, cabeças enormes. Garras, caninos. Atacando.

– Quando será isso?

– Não sei. Não ficou claro. À noite. Esta noite? Amanhã à noite? Na próxima semana? Não sei. Ela está com eles, e quando eles sangrarem, ou nós sangrarmos, se alimentará de sangue. Como uma vampira. Ela se alimenta de sangue e morte.

– Você falou em fogo. Como uma arma e proteção para a estrela.

– Queria muito saber o que isso significa – disse Sasha.

– Magia brilhante. – Bran lhe acariciou os cabelos. – Magia branca. É como combatemos Nerezza, e é do que Nerezza se defende. Só que há algo mais. Vou tentar descobrir.

– E nesse ínterim? – perguntou Doyle. – Esse tempo de transformação? O que é?

– Não estou falando de Transformers – interpôs Sawyer. – Mas de certo modo estamos mudando. Parando de agir sozinhos para agir como um time. Talvez ainda não tenhamos conseguido totalmente, por isso temos de nos empenhar mais.

– Talvez, mas, embora essa transformação esteja acontecendo, haverá uma batalha. Mais cedo ou mais tarde – disse Doyle. – Acho que estamos contando muito com bruxaria.

– Quando eu for enfrentar uma deusa homicida, vou gostar de ter um bruxo ao meu lado – retrucou Riley.

– Não é isso. Se vamos lutar contra uma deusa homicida, precisamos ter alguns planos de batalha – refletiu Doyle.

Riley assentiu.

– Deixe isso comigo. Agora, vamos comer e sair. Podemos começar a pensar nesses planos no barco. Café da manhã frio ainda é café da manhã – disse ela, sentando-se.

Bran agitou a mão sobre a travessa de bacon e ovos.

– Agora está quente.

– Estão vendo? – Alegremente, Riley encheu o prato. – Ter um bruxo por

perto vem a calhar. – Ela esfregou afetuosamente a coxa de Sasha por baixo da mesa enquanto colocava ovos no prato da amiga. – Mesmo que você se sinta um pouco indisposta, isso vai acalmá-la. E será um longo dia de trabalho.

Daria conta do recado, prometeu Sasha a si mesma. E, apesar de se sentir um pouco indisposta, pegou o garfo e comeu.



A caminho da primeira caverna, Sasha tentou se acalmar. Havia feito tudo certo nos mergulhos do dia anterior e até mesmo gostara um pouco. Mas a visão que tivera naquela manhã a deixara abalada e inquieta. Esperava que o vento frio e úmido e o brilho do sol sobre a água a tranquilizassem. Como isso não aconteceu, pegou o bloco de desenho.

– Vamos conseguir – disse Bran. – Quando ela o olhou, ele pôs o dedo em sua testa. – Não é preciso ser vidente para saber. É melhor relaxar. Estamos aqui com um objetivo e não vamos perder antes mesmo de começar.

– Eu senti cheiro de sangue – disse ela em voz baixa. – Ouvi os gritos daqueles bichos enquanto se precipitavam do céu. E senti a loucura neles. Criações dela, Bran, formados por puro ódio e loucura. Seu único objetivo é a morte.

– O nosso é a vida. Acredito que a vida, quando há o desejo de lutar por ela, vence. Acredite na vida. Acredite em si mesma e no que há em você.

– Estou tentando.

Quando já estavam a postos com seus equipamentos, Sawyer prendeu uma câmera ao dele.

– Comprei isto no vilarejo ontem. Profundidade estimada de 60 metros. Achei que deveríamos começar a documentar.

– Estou fazendo um diário. – Riley examinou a câmera. – Realmente é um belo brinquedo. Boa ideia, Sawyer. Foto e vídeo?

– Sim. Vou fazer um pouco dos dois e ver no que dá.

O mergulho se revelou bonito e agradável, até mesmo divertido quando Annika fez ginástica subaquática para a câmera. Não encontraram nada além de vida marinha. E, embora Sasha se pegasse olhando para trás, meio que esperando

ver uma nuvem preta de criaturas aladas atravessando o mar, sentia-se mais confiante em suas habilidades básicas de mergulho quando subiu para o convés.

– Hidratem-se. – Depois de guardar o tanque, Riley pegou garrafas de água no isopor. – Com essa, eliminamos três. A próxima foi escolha minha – acrescentou, atirando uma garrafa para Doyle.

– Vou dar uma olhada nas fotos.

– Também quero ver. – Annika se sentou ao lado dele.

Quando Annika se inclinou, apoiando a mão no ombro de Sawyer, Sasha sentiu a força do desejo nele. Surpresa com a clareza com que isso lhe veio e envergonhada de não ter bloqueado, ela se afastou um pouco.

Era compreensível, pensou, quando Annika chegou ainda mais perto dele. Mas entender isso e *senti-lo* eram coisas diferentes. Para respeitar a privacidade de Sawyer, Sasha foi para o outro lado do convés, onde Doyle estava debruçado sobre mapas.

– Você tem outro local em mente? – perguntou ela.

– Há muitas possibilidades. Temos de acelerar.

– Estamos lentos porque sou inexperiente.

– Você está fazendo tudo certo.

Ele ergueu os olhos, e Sasha sentiu nele algo tenso e muito bem guardado.

– Procurando alguma coisa?

Sasha respondeu tão friamente quanto ele havia falado:

– Evitando fazer isso.

Ainda a observando, ele pegou a água que tomava.

– Alguém mais em sua família tem o dom da visão? Isso costuma ser passado através das gerações.

– Não que eu saiba.

Ocorreu-lhe que ela não o conhecia, não como sentia que passara a conhecer os outros. Ele se mantinha um pouco distante. Por outro lado, isso significava que ele também não a conhecia. Talvez devessem resolver essa questão.

– Além do mais, não convivi muito com minha família – continuou ela. – Meus pais eram filhos únicos e eu só via meus avós esporadicamente. Meu pai foi embora quando eu tinha uns 12 anos. Ele não conseguia aceitar o que eu tenho. Minha mãe arranjava desculpas para mim, e depois para ele. Eu me ressentia, embora não fosse justo. Afinal, ela fez o melhor que pôde. Ainda faz. Mas, por

isso, decidi morar sozinha, para não precisar enfrentar o que tenho. Em um lugar onde eu pudesse me concentrar na arte. E acabei gostando.

Ela olhou para trás, onde os outros passavam a câmera de Sawyer de um para outro.

– Prefiro assim. Mesmo sabendo o que poderia acontecer e um pouco do que acontecerá, prefiro assim. E quanto a você?

– Eu? – perguntou Doyle.

– Tem família?

– Não. Não mais.

– É difícil viver sem família. A gente só percebe isso quando... – Ela olhou para trás de novo. – Parece fácil ficar sozinha até você perceber que não é.

– Tem suas vantagens. Apenas uma pessoa com quem se preocupar. Você quer ir para a esquerda e vai, porque não há ninguém insistindo para ir para a direita.

– Eu preferiria ir para a direita, ou pelo menos tentar, a ficar sozinha de novo. Gosto de como Sawyer fala da família dele, especialmente do avô. E Riley e Bran. Eles não conhecem a solidão, não como nós. E Annika...

Sasha não conseguia imaginar Annika sozinha, mas lhe ocorreu que nunca havia perguntado sobre isso a ela.

– Annika? Você tem família?

– Família? – Atirando a longa trança para trás, Annika sorriu. – Sim. Tenho seis irmãs.

– Seis... – repetiu Sawyer.

– Todas mulheres? – completou Riley.

– Sim. Sou a mais nova. Chantalla é a mais velha, depois vem Loreli, depois...

– Você é a sétima irmã – concluiu Bran.

– Meu pai disse que lançaram nele a maldição das mulheres. Ele estava brincando – acrescentou.

– Sua mãe tem irmãs? – perguntou Doyle.

– Seis, como eu.

– E ela é a mais nova? – Bran olhou de relance para Doyle enquanto Annika assentia.

– Caramba! – Riley devolveu a câmera para Sawyer. – Temos uma sétima filha de uma sétima filha. Você tem o dom da visão, Anni?

– Ah, não como Sasha. Eu sei das coisas. Às vezes simplesmente sei. Sabia que tinha de estar na praia com Sawyer. Estar aqui, neste momento, neste lugar. Então vim. Não gosto de lutar, mas sabia que lutaria. Lutarei. Sasha vê coisas que ajudam. Alertam. Eu só vejo o que devo fazer.

– Isso também pode ajudar – opinou Sawyer. – Você precisa nos contar.

– Eu quero ajudar. Quando encontrarmos a Estrela de Fogo, nossa missão vai ficar mais difícil. Ela vai ficar irritada, pois temos o que ela quer.

– Pode apostar – concordou Riley.

– Defina o rumo, Doyle. – Os olhos de Bran brilharam. – E vamos ver se realmente conseguimos irritá-la.

Não encontraram nada, mesmo depois de três mergulhos. A fadiga pairava sobre o barco como uma nuvem, na volta para a marina. Sasha tentou afastá-la, lembrando-se de que eles mal haviam começado. Provavelmente não seriam recompensados sem muito suor e esforço.

Mas a sensação de aventura do dia se dissipara, restando apenas uma leve sombra de apreensão.

Parecia contagiosa.

Sawyer brincava com a bússola, matutando. Riley estava debruçada sobre seus diários. Até mesmo Annika perdera um pouco da alegria e estava encolhida em um banco, olhando para a água.

– Sua visão – disse Bran finalmente. – No penhasco, na tempestade. Evocando a tempestade. O raio. Talvez esteja na hora.

– Não.

O pânico fez o estômago de Sasha se contrair.

– Você não pode deixar o medo obscurecer isso.

– Mas obscurece. E não é só isso. Há algo urgente, imediato, até mesmo desesperado nisso. Além do perigo, além até mesmo do poder. Não é para ser agora. Não sei quando nem por quê, mas sei que não é para ser agora.

– Você dirá quando souber? – Ele fechou a mão sobre a de Sasha antes de ela responder. – A verdade, Sasha. Prometa.

– Sim. Acho que você também saberá, mas sim.

Isso acrescentou outra camada de apreensão, enquanto eles lidavam com o equipamento. Queria pintar, decidiu Sasha. Perder-se nas tintas por uma hora. Enquanto Riley subia a estrada para o casarão, com a moto de Doyle roncando atrás, Sasha já havia feito planos para começar a série sobre a flora local.

– Vou voltar para o vilarejo – anunciou Riley. – Há algumas pessoas com quem quero falar, algumas coisas a esclarecer.

– Vou com você – disse Annika.

– Não vou fazer compras. Não me esperem para o jantar – acrescentou. – Na verdade, não me esperem acordados. Pode ser que isso acabe em um encontro.

– Talvez você não devesse ir sozinha – disse Sawyer.

– Sei me cuidar, caubói. – O cão enfiou a cabeça no jipe, abanando o rabo. – Fique aqui, garotão. – Embora lhe tivesse agitado o pelo, ela o afastou. – Não sei a que horas volto.

O cão pareceu triste quando ela se afastou com o jipe, então encostou o grande corpo em Annika.

– Está tudo bem. Vou brincar com você.

Depois que os outros se afastaram, Sasha ficou olhando para a poeira deixada pelo jipe na estrada estreita.

– O que foi? – perguntou Bran.

– Não sei. Um pressentimento. Alguma coisa.

– Abra-se para ela, Sasha. – Ele massageou seus ombros.

– Não consigo ver. Ela não quer que eu veja. Só sei que ela não estava dizendo a verdade, ou pelo menos não toda a verdade. Preciso que isso fique um pouco mais claro. Vou pintar um pouco.

– Também tenho trabalho a fazer.

– Não estamos mais em unidade – disse Sasha, enquanto se dirigiam para a casa. – Não estou me referindo a mim e a você, mas a todos nós. Na noite passada, senti que estávamos... muito próximos. Mas agora parece que estamos todos fechados, cada um no seu espaço. Talvez seja isso que falte.

– Eu diria que estamos apenas cansados. Foi um dia longo.

– Deve ser só isso.

Mas, enquanto eles subiam a escada para o terraço, ela olhou novamente para trás, na direção da estrada e da poeira que baixava.

13



Sasha pintou até o sol sangrar no horizonte. Não conseguiu afastar totalmente a tensão, mas a suavizou. Esperara ver o jipe voltar quando limpou os pincéis, mas nada surgiu na pequena estrada acidentada. Nenhum sinal de Riley.

Queria a amiga de volta, queria sua recém-descoberta família sob o mesmo teto, por mais que isso parecesse bobo. Como havia sentido que Riley queria exatamente o oposto – e Sasha também entendia a necessidade de solidão –, forçou-se a descer.

Supôs que se encarregaria do jantar – de novo – e não havia nenhum motivo para se ressentir disso só porque estava de mau humor.

Mas quando entrou na cozinha, encontrou Annika picando pimentões meticulosamente.

– Sawyer está me ensinando a cozinhar. É legal.

– Você aprende rápido – disse ele. E depois, dirigindo-se a Sasha: – Estou fazendo um refogado. Pensei em apenas jogar tudo dentro. O que você não gostar, é só não comer.

– Posso ajudar. Algo mais que eu possa fazer?

– Pode abrir uma garrafa de vinho branco. Qualquer um. Um pouco para o refogado, um pouco para nós.

– Posso fazer isso também.

Observar Sawyer ensinando Annika a picar e fatiar, e tomar vinho enquanto os outros cozinhavam fizeram a tensão de Sasha diminuir mais um pouco. E mais ainda quando Bran entrou e lhe deu um beijo.

– Isso é bonito – disse Annika, com um longo suspiro. – Beijar é bonito.

– Vamos ser bonitos de novo.

Bran voltou a segurar Sasha e dessa vez a curvou um pouco.

– Eu diria que você não está cansado agora.

Embora estivesse com o pulso acelerado, Sasha se virou para pegar uma taça para Bran.

– Estou fazendo algum progresso em um feitiço. Ainda não cheguei lá, mas estou avançando.

– Isso não é o tipo de coisa que se ouve todo dia: progresso em um feitiço.

– No meu mundo, é. – Bran pegou a taça que ela lhe ofereceu. – Não sei o que você está cozinhando aí, Sawyer, mas está com um cheiro ótimo.

– Daqui a uns dez minutos, vamos ver se o gosto também está.

– Como esta noite Annika está auxiliando o chef, vamos pôr a mesa. – Sasha se virou, começou a empilhar seis pratos e então se lembrou. – Acho que Riley está jantando com um de seus contatos, mas alguém deveria avisar Doyle de que o jantar vai ser servido.

– Eu levo isso. – Bran pegou a pilha com cinco pratos. – E aviso a ele.

– Talvez ela volte a tempo – disse Sawyer.

Annika roçou o braço dele.

Não se preocupe. Riley é muito esperta e muito forte.

Sasha achou um ótimo conselho e tentou segui-lo. Quando terminaram a refeição – com elogios ao chef e à assistente –, da qual não sobrou nem um grão de arroz, o sol havia se posto e a lua, gorda e branca, se erguia no céu.

– Talvez alguns de nós devessem ir procurar por ela – disse Sawyer.

Doyle arqueou as sobrancelhas.

– Como?

– Com sua moto?

– Ela não tem hora para chegar, papai. Se fosse uma donzela em apuros, poderíamos matar o dragão por ela. Mas ela tem uma Beretta, uma faca de combate e é um gênio. Sabe se virar. Além disso... – Ele gesticulou com a cerveja. – Se estiver transando com um de seus *contatos*, vai ficar uma fera com essa coisa de cavaleiro branco.

– Olha, também estou preocupada. Achei que ela voltaria. E... – Sasha ergueu seu telefone. – Não está respondendo às minhas mensagens.

– Ela respondeu às minhas – comentou Bran.

– Suas? Quando?

– Antes de eu descer. Mandei uma mensagem perguntando se estava tudo bem. Ela respondeu: tudo em cima. Exatamente isso.

– O que exatamente significa *tudo em cima*?

– Tudo bem – explicou Doyle. – Está tudo bem.

– Disse que provavelmente dormiria na vila, na casa de um amigo.

– Que amigo? – Sasha suspirou. – Não é da nossa conta. E Doyle tem razão: se alguém é perigoso armado, é Riley Gwin. Só estou nervosa porque me acostumei com todos juntos aqui. – Sasha se levantou e recolheu os pratos vazios. – Vou lavar a louça até o nervosismo passar.

Como não foi o suficiente, ela lavou a cozinha. Estava procurando algo mais para limpar quando viu Bran à porta, observando-a.

– Então, ainda está nervosa?

– Não consigo evitar.

– Tenho a solução para isso. – Ele pegou uma garrafa de vinho, duas taças e segurou a mão dela. – Venha comigo.

– Para onde?

– Vamos beber no terraço, você e eu. Como você disse mais cedo, parece que todos se fecharam no próprio espaço. Talvez precisemos disso por uma noite. Mas, em minha opinião, você e eu temos outra necessidade. Vamos ter um encontro.

– Um encontro?

– Sim. Beber no terraço ao luar, não falar de nada que traga preocupação. E quando o vinho a tiver acalmado, vou levá-la para dentro e transar com você.

– Não precisamos de vinho para isso.

– Você é um presente para mim, *fáidh*, essa é a verdade, mas vinho e conversa são um bom prelúdio. – Após uma pausa, ele disse: – Você conversou com Doyle no barco.

– Ele me perguntou se eu havia herdado o dom da visão. Sabe, nunca pensei nisso. – Surpresa consigo mesmo, ela balançou a cabeça. – Nunca perguntei se mais alguém na família já o teve. Ninguém nunca falou sobre esse assunto, então presumi que fosse só eu. A estranha.

– Há uma diferença entre ser estranha e ser especial.

– Estou começando a entender isso. Acho que éramos... somos muito fechados em minha família. Se há um problema, ignore ou encubra com desculpas.

– Você não é um problema e ninguém, nem mesmo você mesma, deveria pensar assim.

– Talvez seja por isso que tem sido tão fácil fazer parte disso. Ninguém aqui me considera um problema. E também por isso foi tão fácil sair de casa. Eu amo minha mãe, mas ficamos bem com telefonemas, e-mails e uma rara e breve visita. Acho que não temos muito em comum e pronto.

– Você perguntaria a ela se houve mais alguém na família com seu dom?

– Poderia, se sentir que preciso saber. Ela me diria, se eu insistisse. Não acho que mentiria para mim, e eu saberia se mentisse. Mas... – Sasha olhou para a lua cheia acima do mar escuro. – Isso não parece mais muito importante.

Ela bebericou o vinho e sorriu quando Bran segurou sua mão.

– Eu detestava encontros, por isso desisti deles. Agora, mudei de ideia.

– Teremos de arranjar tempo para um de verdade.

– Este é de verdade.

O mais verdadeiro, mais real e o melhor que já tivera. Em sua opinião, perfeito. Uma noite agradável, a lua cheia, a canção das ondas e ele segurando sua mão.

Ele lhe dera romance de novo.

Quando Bran se levantou, ela fez o mesmo e se virou para ele.

– Está nervosa agora?

– Não, mas acho que vou ficar. – Sasha o abraçou. Dessa vez, foi ela quem o beijou. E ficou feliz por poder fazer isso. – Vamos nos retirar – murmurou –, para nosso espaço.

– Você me desconcerta, Sasha.

Bran a levou para o quarto e fechou a porta. O pálido luar era suficiente, deixando o quarto azulado.

Foi como uma dança abraçá-lo e girar com ele, indo na direção da cama. Sasha ficou na ponta dos pés para beijá-lo e pensou na maravilha que era ter conseguido tanto em tão pouco tempo. Poder se afastar de tudo, exceto dele.

Saber que naquele momento ele lhe pertencia.

Bran lhe tirou o grampo dos cabelos, soltando-os. Luz do sol competindo com a da lua. Sasha era como seda morna em suas mãos, e Bran pensou no milagre de se entregar a alguém tão total e francamente. Além do rosto e do corpo que o

atraíram desde o princípio, ele lhe admirava a generosidade de espírito e a coragem que ela não reconhecia em si.

Ter uma parceira assim naquela busca sombria era mais do que ele havia esperado.

As mãos de Sasha, aqueles dedos fortes de artista sob sua camisa, acenderam novas chamas de desejo. Ele a deitou na cama, dizendo a si mesmo para ter cuidado. Ainda havia inocência nela.

Sasha se deslocou para cima dele, e até mesmo aquele movimento casual pôs em risco seu controle. Sorrindo, ela correu os dedos por seu rosto.

– Eu conheço esse rosto tão bem... Foram tantos sonhos! Eles me apavoravam.

– Por quê?

– E se...? – Ela deslizou os dedos pelas maçãs do rosto, a boca e a linha do queixo de Bran. – E se eu pudesse criar meu par perfeito? O homem dos meus sonhos. E ele só existisse lá. – Ela suspirou e por um momento encostou a testa na dele. – Na minha tela, na minha mente. Somente lá. E quando eu acordasse ou pousasse o pincel, me veria sozinha.

– Você não está sozinha.

– Eu achava que era melhor estar, então me convenci de que era o que queria. – Ela encostou os lábios nos de Bran. – Quero muito mais agora. Isso também é um pouco assustador. – Então roçou os lábios onde seus dedos haviam deslizado. – Sonhei tantas vezes com nós dois assim! Quero tentar lhe mostrar.

Como havia sonhado, encostou os lábios muito de leve nos de Bran, quase como um sussurro. Uma, duas vezes, antes de tirar a camisa dele. O corpo dela para lhe dar prazer agora, em toda a sua extensão. A boca para seduzi-lo com outro roçar e outro sussurro.

Os lábios de Sasha deslizaram pelo queixo e pelo pescoço de Bran. Havia uma pulsação ali, e ela conheceu a emoção de acelerá-la.

Conheceu o poder e prazer de se mover para baixo, descobrindo os segredos dele, enquanto ele descobria os dela.

Bran agarrou as costas da sua blusa, lutando contra o desejo brutal de simplesmente arrancá-la. Permitiu que ela estabelecesse o ritmo, o tom, e as lentas e, sim, sonhadoras explorações dela o fizeram conhecer a tortura do prazer.

No luar e nas sombras, com suspiros e sussurros, Sasha o despiu. E o cobriu

de camadas e mais camadas brilhantes de sensações que fizeram o ar parecer mais denso, os movimentos mais lânguidos e os pulsos latejantes.

O corpo de Sasha deslizou sobre ele de novo, centímetro a trêmulo centímetro, até os lábios de ambos se encontrarem. Dessa vez não houve um roçar e sussurro, mas um beijo profundo que o encheu de emoções até ele arder de desejo.

Sasha se ergueu, iluminada pelo luar, atirando os cabelos para trás enquanto cruzava os braços para tirar a blusa. Quando Bran estendeu a mão, ela balançou a cabeça e se despiu, como o despira.

De forma lenta e torturante.

– Meu sonho – lembrou-lhe.

Agarrando-se a isso, ela montou nele. E, com os olhos fixos nos dele, lentamente o recebeu.

Quando Bran lhe apertou os seios, sentiu-a ofegar.

– Eu preciso... Eu preciso...

Ela começou a se movimentar, começou a cavalgar.

Você me desconcerta, dissera ele, mas não sabia como ela podia dominá-lo. Estava encantado, enfeitiçado, subjugado, quando Sasha o recebeu com quadris ondulantes. Ela estava banhada em luar, os cabelos eram uma pálida cortina de luz do sol na penumbra. O corpo fluido como água, depois tenso como uma corda de arco à medida que prosseguia.

Quando ela atingiu o clímax, Bran se ergueu para ela e a abraçou. Coração contra coração, a excitou de novo e se permitiu voar com ela.

Ele manteve o abraço, acariciando-lhe os cabelos e as costas, tentando se recuperar. Nenhuma mulher jamais o possuíra tão completamente, jamais envolvera corpo, coração e mente de forma tão completa.

Não estava bem certo de como se sentia em relação a isso.

Quando Sasha sussurrou seu nome, apenas seu nome, ele decidiu que pensaria nisso depois.

– Sobre esses seus malditos sonhos...

Ela riu e suspirou.

– Faz uns três meses que começaram.

– Então vamos ficar muito ocupados. – Bran se afastou para olhar para ela. – Mas agora você está sonolenta. Posso ver.

– Relaxada.

– É melhor assim. O dia de amanhã deve exigir tanto de nós quanto o de hoje.

– Você acha que Riley já voltou? Talvez eu devesse conferir.

– Ela vai estar de volta pela manhã.

Bran a fez se deitar, aconchegando-a junto a ele. Quando Sasha adormeceu, ele se esgueirou para fora da cama e foi trabalhar.

Em uma hora ou duas, pensou, poderia ter algo que pudesse usar, se a visão dela naquela manhã se concretizasse.



Passou mais tempo trabalhando do que planejara e calculou ter três horas de sono ao lado de Sasha antes de o dia raiar. O poder que atraíra ainda fazia sua pele formigar. Talvez fosse por isso que Sasha murmurava durante o sono e tremia um pouco.

Novamente a aconchegou a ele, acalmando ambos até adormecer.

Acordou no escuro.

Sasha estava ao luar, com o corpo retesado, de costas.

– O que foi?

– Eles estão vindo. Levante-se, vista-se. Não temos muito tempo.

Bran agitou uma das mãos para iluminar o quarto. Sonâmbula, notou nos olhos dela.

– Quem está vindo?

– Os cães dela. Nosso cão sabe disso. Não os está ouvindo uivar? Vamos logo. – Ela agarrou suas roupas e começou a vesti-las às pressas enquanto Bran saía da cama. – Onde está meu arco? – perguntou.

– Seu arco?

– Aí está. – Ela pegou... nada. Fez movimentos como se pusesse uma alça às costas. – Ande logo, Bran, temos de acordar os outros.

– Eu faço isso. – Ele vestiu a calça. – Fique aqui. Sasha, espere por mim.

– Vamos logo.

– Fique aqui.

Ele foi bater à porta de Sawyer.

– Acorde! – gritou. – Acorde os outros. Algo está vindo.

Ele não esperou, mas se virou na direção do próprio quarto, antes de Sawyer abrir a porta.

– O quê?

– Não sei o que é. – Bran continuou em frente. – Mas chame os outros e se preparem.

Bran levou um tempo para pegar uma camisa, uma faca e várias ampolas da poção que acabara de fazer. Planejava deixá-las descansar por várias horas, mas teriam de servir como estavam.

Quando voltou para o quarto de Sasha, ela havia calçado botas e vestido uma jaqueta. Ainda não estava acordada, mas parecia... mais severa, mais destemida.

Bran ponderou por um momento, mas quando ouviu Apolo dar um longo uivo de aviso soube que não podia deixá-la sonhando.

Foi até Sasha e pôs as mãos nos ombros dela.

– Acorde – ordenou. – Acorde agora.

Sasha pestanejou e cambaleou para trás.

– O que...

Apolo uivou de novo, e o chamado foi respondido. Um uivo mais intenso, mais selvagem.

– Não foi um sonho – percebeu ela.

– Pegue isto. – Bran pôs uma faca na mão dela. – Está enfeitiçada. Confie nela e em si mesma. Preciso que fique perto de mim, Sasha.

– Eles estão vindo. Como eu vi hoje de manhã.

– Acho que sim. Não podemos nos arriscar a ficar aqui dentro esperando para ver o que farão.

– Não. – Ela baixou os olhos para a faca, aquele brilho prateado. E rezou para sua mão não tremer. – E os outros?

– Estão vindo. Você nos avisou a tempo. Perto de mim – repetiu, já se dirigindo às portas do terraço.

O vento entrou, sinalizando algo ruim. Sasha se surpreendeu quando Bran o recebeu sem hesitação. Ela tomou fôlego, apertou a faca e saiu com ele.

– Feche as portas – disse Bran enquanto examinava o mar e o céu. – Não há por que lhes fazermos um convite.

– Ainda não estou vendo nada. Mas...

– Eles estão vindo. Você tinha razão sobre os enfrentarmos fora de casa.

– Em um terreno mais aberto – disse Doyle, atravessando o terraço na direção deles com a barra do casaco esvoaçando na altura dos joelhos. – Cercados pelo bosque de oliveiras. Cobertos por ele, se precisarmos. – Ele cheirou o ar como um lobo. – Fumaça do inferno.

Sawyer, com uma arma de cada lado do corpo, foi na direção deles com Annika.

– Tranquei Apolo lá dentro – disse Annika, enquanto o cão continuava a uivar. – Ele poderia se ferir se saísse.

– É melhor mesmo. – Sawyer lhe apertou o ombro. – Riley não voltou, então estamos com um a menos. Mas... – Deu um tapinha em suas armas. – Estamos prontos.

– Falta mais ou menos uma hora para o dia raiar – disse Doyle enquanto desciam juntos. – Uma espécie de transição de tempo, certo? Talvez fosse isso que você quisesse dizer.

– Não sei. – Sasha balançou a cabeça. – Mas o luar está desaparecendo, não está? Isso é bom para eles.

– Ou para nós.

Bran pegou as ampolas.

– O que você trouxe aí? – perguntou Sawyer.

– Algo que queria ter mais tempo para preparar, mas que há de servir. Preciso colocá-las nos pontos da bússola.

– Olhem. – Sasha apontou para a nuvem acima do mar. – São eles.

– Bem, mantenha-os longe de mim o máximo possível... e ela também – acrescentou Bran –, até eu acabar aqui. Vamos conduzir quantos pudermos na direção dos pontos. Isso deve equilibrar as coisas.

Quando Bran se afastou correndo, Sasha quis chamá-lo de volta, mas Doyle já estava disparando ordens.

– Formem um círculo. Atraiam-nos até o Sr. Mágico fazer o que precisa ser feito.

Sawyer sacou suas duas armas.

– Sem problemas.

O vento formou um redemoinho, açoitando as árvores. Uivos vieram com ele em uma espécie de desespero selvagem. Depois vieram os gritos estridentes da horda que se agitava acima do mar.

O medo quis sair da garganta de Sasha como um grito. Doyle ouvia a respiração dela sibilar enquanto se posicionava ao seu lado.

Não pense, ordenou a si mesma. Se ela se permitisse pensar no que estava vindo, talvez quisesse fugir. Lembre-se. Lembre-se dos sonhos com batalha e lute.

Os primeiros tiros a sobressaltaram, e ela viu dois daqueles corpos retorcidos cintilarem e caírem da nuvem fétida. Depois mais, até o ar cheirar a pólvora e à fumaça viscosa que crescia.

E eles se precipitaram para baixo em uma onda, armados com presas e garras.

Sasha viu a espada afiada de Doyle separando cabeças obscenas de corpos. Enquanto os tiros continuavam e Annika dava chutes, ela descobriu que seus braços, pés e punhos sabiam o que fazer.

Atacou, socou, girou. O sangue quente que caía dos corpos fumegantes ardia na pele. Não viu Bran enquanto lutava com a faca e rezou para que ele não tivesse sido ferido.

Com um uivo furioso, Apolo passou correndo por ela, mordeu e sacudiu um dos cães alados. Sasha quase foi até ele ao ver uma parte da nuvem se separar para atacá-lo.

Foi quando uma sombra escura saltou rapidamente e pairou acima das costas de Apolo, que atacava e mordia os agressores. A espada de Doyle desceu atrás dela segundos antes de caninos afundarem em suas costas.

– Guarneça a retaguarda, loirinha.

As palavras ecoaram em sua cabeça, junto com tiros, gritos e uivos, enquanto ela tentava atingir uma das criaturas de Nerezza.

Então de repente ela soube.

– Norte. Bran precisa que sejam atraídos para o norte! – gritou.

Sasha não esperou. Correu. Xingando, Doyle foi atrás dela. Apolo passou veloz por eles, nos calcanhares do cão preto – não era um cão, ela via agora, mas um lobo.

Os tiros continuavam rasgando asas e estraçalhando corpos, mas ainda assim eles vinham.

Através da fumaça, ela viu Bran em pé de braços erguidos, como se atraindo as feras para si. O medo a atingiu como uma flecha e vibrou em sua voz quando gritou o nome dele. Mas Bran continuou calmo mesmo quando a nuvem foi em sua direção.

– Preparem-se! – gritou Bran.

Ele abriu os braços.

A luz brilhou, vermelha como sangue, quente como línguas do inferno. A força teria atirado Sasha para trás, se Doyle não a tivesse segurado. Cega pela luz, Sasha só contava com seu instinto e a lembrança do sonho.

– Leste – conseguiu dizer. – Sentido horário. Vamos atraí-los para o leste.

Tudo aquilo girou em um louco borrão, a insanidade de morte e batalha, o sangue quente e o fedor da fumaça. A luz brilhou de novo, erguendo-se como um cogumelo atômico para encher o mundo com seu poder e destino. Garras se engancharam nos cabelos de Sasha. Enquanto se livrava delas, o lobo pulou. Mas em seguida uivou e desapareceu na névoa.

Uma luz explodiu no sul e dessa vez seu poder a derrubou. Ofegante e com os ouvidos latejando, ela ficou de quatro. Quando conseguiu se levantar, havia perdido todo o senso de direção.

Uivos, tiros, gritos, tudo abafado pela névoa. Sasha via as sombras dos outros de seu time, as silhuetas retorcidas dos que atacavam. Virou-se na direção deles, mas um súbito bater de asas não lhe deixou alternativa além de recuar.

Quando estava quase caindo pela segunda vez, sentiu os braços de Bran ao seu redor.

– Você está perto demais. Fique atrás de mim. Atrás de mim, Sasha, e cubra os olhos.

Ela sentiu o chão sacudir, vibrar como nervos abalados em seu corpo. Mesmo com um braço sobre os olhos, aquela luz vermelha encheu sua cabeça.

O poder que ele liberou lhe queimava a pele, nadava em seu sangue.

Quando suas pernas falharam, ela caiu de joelhos, os dedos agarrando a grama enquanto o chão tremia.

– Mantenha a calma! – gritou ele. – Fique atrás de mim e me deixe terminar isso. – Então ele bradou: – Em minha luz você arde! Em nossa fúria se agita! Deixe o que a fez ver nosso poder e saiba que nesta hora, como previu nossa vidente, enviamos seus cães de volta para o inferno. Pelo poder que me é dado. Que assim seja.

Houve um grito terrível, como se mil vozes se erguessem em fúria.

Não mil, percebeu Sasha. Apenas uma.

Nerezza.

– Você está ferida?

Bran a levantou.

– Não sei. Você está sangrando.

O rosto dele, ela percebeu. E também braços, as mãos.

– Provavelmente todos nós estamos. Mas acabou por esta noite. Deixe-me dissipar um pouco dessa maldita fumaça – falou Bran e, nesse momento, Sawyer a atravessou com um braço ao redor de Annika para apoiá-la.

– Ela está ferida. O pior é a perna.

Sangue escorria do ferimento no joelho para o tornozelo de Annika.

– Vamos levá-la para dentro. Onde está Doyle?

Algo gemeu, baixo porém intensamente.

– Vá – disse Bran, agitando a mão para a névoa.

Sawyer sacou a arma de novo.

O lobo estava ao lado de Apolo. O grande cão branco estava deitado com o pelo manchado de sangue e a respiração chiada.

Doyle estava a meio metro de distância, com a espada erguida pingando sangue.

– Não! Não!

Sasha avançou.

Annika se soltou de Sawyer e, mancando, correu na direção de Doyle. Pôs-se na frente da espada e abraçou o lobo, enquanto Sawyer corria atrás dela.

– Annika! Pelo amor de Deus!

Sawyer a teria afastado, mas ela se agarrava ao lobo. Sasha empurrou Sawyer.

– Pare! É Riley.

– Ela está ferida. Apolo também se feriu. – Cantarolando, Annika acariciou os dois. – Ajude-os.

– Você está brincando comigo. – Sawyer pôs a arma de volta no coldre. – Riley é um lobisomem?

Ela rosnou para ele, o que o fez dar um passo cauteloso para trás.

– Calma, garota. Annika, precisamos levar você para dentro, para estancar esse sangue.

– Apolo primeiro. Ele é inocente. Veio nos ajudar, e essa briga não é dele. Ajude-o. – Ela lançou um olhar suplicante para Sawyer. – Por favor.

– Sim. Claro. Tudo bem. Mas não me morda – disse para o lobo. – Só vou ver se ele está muito ferido.

– Deixe-me ver o que posso fazer aqui. – Bran se agachou e passou as mãos sobre Apolo. – Um segredo e tanto esse que você guardava, hein, Dra. Gwin. Isso não está tão feio. – Ele acariciou o cão. – Mas até os ferimentos superficiais são nocivos. E isso vale para todos nós. Tenho algumas coisas para cuidar disso lá dentro.

Enquanto ele falava, as últimas estrelas desapareceram. O sol começou a nascer no leste.

O lobo uivou uma longa nota que poderia significar tanto dor quanto triunfo.

E começou a se transformar.

Acocorou-se, músculos e pelos tremendo. Ossos pareceram mudar, se retorcer. Somente os olhos continuaram os mesmos. Quando a luz brilhou, a mulher surgiu.

Riley estava sentada nua, abraçando os joelhos junto ao peito.

– Caramba, e vamos acrescentar um "uau".

Ao ouvir o comentário de Sawyer, Riley ergueu a cabeça.

– Sem querer bancar a tímida, mas alguém poderia me emprestar uma camisa? Tive de deixar a mochila no carro.

Sem dizer nada, Doyle tirou o casaco e o jogou para ela.

– Obrigada. Podem me poupar de perguntas e comentários até entrarmos e começarmos a triagem dos ferimentos? Ele não está mal, como você disse, Bran. Mas está com muita dor.

Novamente mantendo o silêncio, Doyle pegou o cão por baixo e ergueu seu considerável peso. Riley conseguiu enfiar os braços nas mangas do casaco e se cobrir. Fazendo sons carinhosos para Apolo, caminhou junto com Doyle.

Annika deu três passos vacilantes antes de Sawyer pegá-la no colo.

– Riley é um lobisomem!

– Licantropa – disparou ela por cima do ombro. – Se me chamar de lobisomem de novo, vou morder sua bunda.

– Você consegue andar? – perguntou Bran para Sasha.

– Sim. Estou apenas... nem sei.

– Como soube que era Riley?

– Apenas soube. Quando ele, quer dizer, ela veio da escuridão, eu soube. Isso

nem me surpreendeu. Naquele momento. Agora estou meio atordoada.

Enquanto o sol subia, ela, uma mulher que menos de uma semana antes nunca havia segurado uma arma, voltou para o casarão carregando uma faca ainda manchada de sangue.

14

– Apolo primeiro.

Usando só o casaco de Doyle, Riley se sentou no chão com a cabeça do cão no colo.

– Vou precisar de algumas coisas – começou Bran. – Tenho material para cura em meu quarto.

– Tenho um kit de primeiros socorros não mágico no meu, se ajudar – completou Riley.

– Vou pegar isso também. Vamos precisar de muitas toalhas, mas, por enquanto, pode deixar sangrar.

Quando Bran saiu, a passos largos, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Sasha sentiu as palavras martelarem sua testa.

– Depois a gente conversa – disparou, surpreendendo todos e os fazendo se calarem. – Doyle, toalhas. Sawyer, ponha Annika na mesa.

Enquanto dava ordens, ela tirou a fruteira da mesa e pegou a maior panela de um armário. Após abrir a torneira para enchê-la, passou as mãos nos cabelos e se virou.

– Ah, Sawyer, traga a tigela de água do Apolo e alguns petiscos para ele. Se Bran for medicá-lo, isso deve facilitar as coisas.

– Entendido, capitã Sasha – comentou Riley.

– Estou improvisando.

Ela pegou algumas toalhas da mão de Doyle e as dobrou sob a perna de Annika para elevá-la. Ficou aliviada quando Doyle voltou.

Ele assentiu quando ela pôs a panela de água para ferver.

– Bem pensado. Mas vamos acelerar isso. – A um gesto de Bran, a água

borbulhou. – Dez gotas de cada um destes três frascos – orientou Sasha. – Nesta ordem: marrom, azul, vermelho. Exatamente dez. Você dá conta?

– Sim.

Bran se ajoelhou ao lado do cão.

– Mantenha-o calmo e imóvel – disse para Riley, afogando Apolo. – Primeiro preciso limpar os ferimentos, combater qualquer veneno que houver. Como ele saiu da casa?

– Passou direto pela janela do meu quarto. Vamos ter de consertá-la – acrescentou Riley, esboçando um sorriso. – Não quero perder nossa caução.

Ele lhe deu um tapinha no braço.

– Sasha, já acabou aí?

– Sim, exatamente dez. Marrom, azul, vermelho.

– Agora fique longe da panela.

Ele estendeu a mão na direção da panela, com o olhar fixo. Ao murmurar o encantamento, uma luz se ergueu da água borbulhante, explodiu e depois desceu em espiral, como líquido escorrendo por um ralo.

– Agora um dos frascos grandes vazios. Segure-o. Não se preocupe. Não vou errar.

A mistura saiu da panela e entrou no frasco.

– O próximo – disse, e repetiu o processo. – Dê um para Sawyer. Você precisa despejá-lo lentamente no corte na perna de Annika. Saberá que acabou quando o sangue sair claro. Vai doer um pouco, querida – disse para Annika.

– Deixe-me fazer isso. – Doyle pegou o frasco de Sasha. – Por que não se apoia nele?

Assentindo, Annika virou o rosto para o peito de Sawyer.

– Traga-me aquele, Sasha. Vocês duas podem manter o cão calmo e quieto.

Enquanto Bran trabalhava, Sasha sentiu a dor de Apolo como um lento ardor e também o medo dele. O cão estremeceu sob suas mãos e virou a cabeça para o colo dela, como se implorando que ela fizesse aquilo parar.

Sentiu a dor de Annika, aquele horrível aumento de calor, uma fina linha de fogo.

Sentiu a raiva mal contida de Sawyer, o controle frio de Doyle, o esforço de Riley para reprimir as lágrimas. E a concentração absoluta de Bran.

Sentiu todos eles. A dor, a aflição, os objetivos, num tumulto de emoções.

Desejou se afastar, bloqueá-los. Então a mão de Bran roçou na sua.

– Quase acabando – disse calmamente. – Quase lá. Consegue aguentar?

Ela assentiu. Lágrimas transbordaram – lágrimas de Riley, percebeu, sentindo-as escorrer pelo próprio rosto.

– Uma segunda vez, Doyle. Não vai ser tão ruim agora. Está mais frio. Mais limpo. O que queima desaparece. O que é escuro se transforma em luz. – Bran continuou: – Não quero parar, Sasha, mas vou precisar do frasco, aquele que você me trouxe quando pedi. Pingue quatro gotas na água para Annika e depois traga o frasco aqui para Apolo, está bem?

Sasha fez o que ele pediu e entregou a mistura para Annika.

– Beba tudo – disse ela. – Depois é o unguento, não é?

– Isso.

A um sinal de Bran, ela tirou o unguento da caixa e o entregou para Sawyer.

– Quando você terminar, vou precisar disso para Apolo. Quantas gotas para ele? Posso pôr na tigela de água.

– Quatro. Faça-o beber tudo, Riley, e depois cubra os ferimentos com o unguento. Ele vai dormir – acrescentou. – E vai sarar enquanto dorme.

Então Bran se levantou e foi até Annika.

– Ótimo. Veja, já está sarando. Onde mais feriram você, querida?

Depois de tratá-la, ele se virou para Sasha.

– Agora, você.

– Alguns arranhões, só isso. Foi a faca, não foi? A faca que você me deu.

– Fico feliz em saber que funcionou. Não tinha certeza – disse ele, erguendo o braço dela e começando a tratar dos arranhões a partir do ombro.

– Sawyer ficou pior. Mas você... – Sasha olhou para Doyle. – Você saiu ileso.

– Pura sorte, eu acho.

Não, pensou ela. Ainda havia segredos ali.

– Riley está sarando sozinha.

– Ferimentos infligidos quando estou na forma de loba saram rápido. Uma das vantagens. – Como Apolo havia dormido, ela se levantou. – Sei que vocês têm perguntas a me fazer, mas preciso comer alguma coisa. A metamorfose é como correr uma maratona; e não foi só isso, então estou me sentindo fraca.

– Acho que as perguntas, que serão muitas, podem esperar até todos nós tomarmos banho. Onde está pior, Sawyer? – perguntou Bran.

– Nas costas.

Riley abriu a geladeira e pegou um vidro de azeitonas, a primeira coisa à mão.

– Vou tomar um banho rápido.



Depois de limpar o sangue, arrumar a cozinha e tomar um banho, Sasha estava morrendo de fome.

Ao descer, encontrou Riley e Bran preparando o café da manhã.

– Achei que assim eu poderia ir comendo – comentou Riley.

– Sua cor está voltando – disse Sasha, e foi direto até o café.

– Porque sarei. Olhe, me desculpe. Você está chateada, eu entendo. Desculpe.

Sasha apenas assentiu e saiu com sua caneca.

– Você faz amizades com facilidade, não é? – perguntou Bran, terminando de empilhar os ovos na travessa.

– Acho que sim.

– Ela não, até conhecer você – explicou Bran.

– Droga.

– Leve isto lá para fora. Eu levo o resto. Você pode se explicar enquanto comemos.

Já que não sabia como fazer isso, Riley encheu seu prato e comeu até se saciar.

– Talvez vocês devam fazer perguntas, me dar uma espécie de ponto de partida.

– Você foi mordida? – perguntou Sawyer.

– Não. Isso é hereditário.

– Veio de uma família de... licantropos?

– Sim. Mas vou logo dizendo que não comemos gente. Não mordemos nem comemos. Não que não haja alguns que façam isso, mas minha matilha, minha família, não caça e não mata. E não estamos interessados em produzir mais licantropos por infecção. Fazemos isso do modo antigo, por acasalamento.

– Você acasala com humanos? – perguntou Annika.

– Não se escolhe por quem nos apaixonamos, não é? Sim, isso acontece.

– E geram filhos?

– Claro. Com cinquenta por cento de características licantrópicas. Por isso, todas as crianças são treinadas para a metamorfose. A primeira acontece na puberdade, como se já não fosse uma fase cheia de mudanças. Há uma grande cerimônia, presentes. Comemoração. Cada criança faz um juramento de não caçar, não matar e não infectar.

– Alguém já quebrou o juramento? – perguntou Doyle.

– Claro. E quem quebra é punido ou banido, dependendo do crime e das circunstâncias. Somos animais de matilha. – Ela olhou para Apolo, que dormia tranquilamente ao lado de sua cadeira. – Banimento é pior, pior que execução. Somos civilizados, ok? Temos regras, um código. Três noites...

– Véspera de lua cheia, noite da lua cheia, noite seguinte – completou Sawyer.

– Sim, três noites, exceto no caso de uma lua azul, quando temos seis, nós nos transformamos do pôr ao nascer do sol. Durante esse período, jejuamos.

– E você se transformando, meu Deus, Riley, eu poderia ter atirado em você. – Sawyer apontou o dedo para ela. – Quase atirei.

– A menos que as balas fossem de prata, não teriam me ferido muito.

A expressão dele tornou-se de relutante prazer.

– Verdade? Balas de prata?

– Balas de prata, lâmina de prata. O tiro ou o corte doem, mas não são fatais.

– Você nos abandonou – disse Sasha baixinho. – Em vez de confiar em nós, mentiu e se esquivou.

– Não fui longe e voltei assim que percebi o que estava acontecendo. Não podia arriscar ficar aqui. Em primeiro lugar, Apolo teria sentido a metamorfose começando. Sentiria o cheiro de lobo em mim. E mesmo que eu me trancasse no quarto, e se algum de vocês entrasse?

– E se nos tivesse dito a verdade? – contrapôs Sasha. – Como eu fiz. Bran no início a omitiu, e você sabe como foi perturbador. Há uma semana estamos juntas dia e noite, lutamos juntas. Seria a segunda agora. Se você tivesse falado a verdade antes do nascer do sol.

– Eu tentei – disse Riley. – Não achei que faria um grande bem. Você sabia. Soube antes de eu voltar a minha forma humana. O que pesa a meu favor. Isso faz parte do juramento, Sash. Um juramento sagrado que fiz aos 12 anos. Não contarmos o que somos sem permissão do Conselho Legal.

– E se você contasse? – perguntou Bran.

– A punição, sendo o primeiro delito? Ser trancafiado por três ciclos, sem nenhum contato. Pode não parecer muito, mas ser acorrentado em forma de lobo é horrível. Some-se a isso a perda da honra e confiança.

– Um juramento é uma coisa sagrada – afirmou Annika.

– Sim. É um pouco tarde para isso, mas pedi permissão três dias atrás. Essa é a política, então tem de haver muita discussão e debate. Achei que ia obter, considerando tudo que estamos fazendo, mas o processo leva algumas semanas.

Annika estendeu a mão.

– Vão puni-la?

– É improvável. Eu já havia pedido permissão e só quebrei a confiança porque fomos atacados. Alguns membros do conselho são muito conservadores, mas isso vai equilibrar as coisas. Na pior das hipóteses, adiarão o julgamento e, se encontrarmos as estrelas, vai ser muito difícil eles trancafiarem quem as encontrou. Seja como for, eu resolvo.

– Você pediu permissão para nos contar – disse Sasha.

– Isso é um processo, acredite em mim. Não teríamos sobrevivido como espécie se não tivéssemos guardado nosso segredo sagrado. Portanto, revelar o que somos exige um processo, e mais pedidos são negados do que aceitos. Mas somos diferentes, e o que estamos fazendo pesa muito. Eu teria obtido permissão antes do meu próximo ciclo, mas não haveria tempo suficiente antes deste.

– Um juramento é uma coisa sagrada. Eu entendo – falou Sasha.

– Você ainda está chateada.

– Vou superar. Precisamos de você ontem. Você veio e lutou.

– E nos saímos bastante bem – interpôs Sawyer.

– Foi fácil demais – disse Doyle, continuando a comer.

– Fácil? Chama isso de fácil?

– Apenas um de nós e o cão com ferimentos sérios, e os vencemos em uns vinte minutos. – Ele olhou de relance para Bran. – Você concorda.

– Um teste, para ver o que temos, do que somos capazes. Ela virá com mais força na próxima vez. Estou pensando nisso.

– Você está pensando nisso – murmurou Sasha e se levantou da mesa. – Trabalho em equipe. Ficamos falando que somos um time, mas não somos.

Lutamos na noite passada, mas não como uma unidade. Você me deu uma faca que tinha algum tipo de proteção, mas não me explicou o que é.

– Eu não tinha certeza se ia funcionar.

– Você não me contou – repetiu ela. – E não nos contou o que estava fazendo com a luz. Não nos contou que tinha poderes, até ser obrigado. Exatamente como Riley não nos contou o que era. Havia bons motivos para isso, claro. Sempre há bons motivos. Estou certa de que todos vocês têm bons motivos para os segredos que escondem. Então podem guardá-los, a escolha é de vocês. Mas sei que não temos nenhuma chance de vencer enquanto não formos uma *unidade*. Então pensem bem, porque da próxima vez esses segredos podem nos levar à derrota.

Sasha se afastou a passos largos, subiu para o terraço e fechou a porta do quarto com um clique decidido, para se proporcionar o que sempre havia buscado.

Sossego e solidão.

Dormiu, e acordou se sentindo mais descansada – mas tão irritada quanto antes.

Se eles planejavam sair para jantar mais tarde, pensou, teriam de ir sem ela. Pretendia dar uma boa caminhada na praia, desenhar um pouco e pensar muito.

Pôs tudo que queria em uma bolsa e saiu. Bran veio para o terraço segundos depois.

– Vou dar uma volta – disse ela.

– Preciso fazer o mesmo, comprar mais material. Quer ir comigo para me ajudar? – Ele deu um passo na direção de Sasha. – E depois, se tiver um pouco de tempo, vou ensinar você a preparar alguns dos ingredientes. Isso me ajudaria.

– Por quê? Você tem se saído bem sozinho.

– Tenho mesmo. Mas me sairia melhor com sua ajuda. Você está certa em tudo que disse. Não posso falar pelos outros, mas prometo que não haverá mais segredos entre nós. Não foi por falta de confiança, Sasha, mas questão de hábito. Agora estou pedindo sua ajuda e fazendo o possível para me acostumar a pedir.

– Então seria maldade recusar. Sinto que já esgotei minha cota de maldade de hoje.

– Você a usou bem. Olhe, preciso de uma bolsa e de algumas ferramentas.

Ele voltou com uma bolsa pendurada no ombro e a faca que lhe dera, em uma capa de couro.

– Eu deveria ter lhe dito o poder que atribuí a ela. – Ele a prendeu ao cinto de Sasha. – Mas saiba que, se Nerezza fizer um tipo diferente de ataque, o resultado pode não ser o mesmo.

– Quando isso acontecer, se acontecer, vamos descobrir.

Bran lhe segurou a mão enquanto começavam a descer.

– Você não está com medo.

– Há uma parte de mim que ainda está apavorada. Essa parte quis fugir gritando hoje de manhã. Não sei ao certo que parte de mim se recusa a fazer isso, mas estou tentando me acostumar com ela. Onde está todo mundo?

– Riley está dormindo. Não dormiu nada na noite passada e acho que, apesar de toda a bravata, está preocupada com a decisão do conselho.

– Se eles decidirem puni-la por lutar por nós, vão ter de passar por cima de nossos cadáveres.

– Escuta só como você está falando. Muito feroz!

– É perda de tempo ficar zangada com ela, embora eu ainda esteja um pouquinho. Sei o que é guardar segredos, mas...

– Você contou os seus para ela. Para mim. E nós não lhe contamos os nossos.

– E eu entendo por quê. Isso ainda dói, mas entendo.

– Ajudaria se eu lhe dissesse que, quando você saiu da mesa, Sawyer pareceu pensativo e perturbado? Se há algo mais sobre ele e a bússola, está refletindo se deve nos contar ou não. E Annika? Há algo profundo ali.

– Eu sei que ela nos contará tudo que puder. Quanto a Doyle...

– Ah, Doyle. Seja lá o que for que ele guarda, vai manter bem guardado até estar totalmente pronto para contar. Mas confio nele.

– Por quê?

– Ele é essencialmente um guerreiro. Vai lutar até a morte para defender os que lutam ao seu lado. E isso inclui um cão. Ele carregou Apolo.

– Sim. – Ela suspirou. – Sim, é um bom motivo para confiar nele. Por enquanto. O que estamos procurando aqui?

– Certas plantas, raízes. Colheremos ervas no caminho de volta. Também seria bom encontrar ossos.

– Ossos?

– De pássaros, lagartos, pequenos mamíferos. Coisas naturais que podem servir aos meus objetivos. Vou ter de encomendar alguns ingredientes mais

complexos ou plantas que não crescem aqui, mas podemos aumentar o que tenho. Para começar, essas papoulas.

Ele lhe mostrou como colher plantas, raízes e folhas. Quando identificava algo que Sasha não conhecia, ela o desenhava.

Ao voltarem para a casa, Bran lhe ensinou a usar o pilão para macerar, armazenar e rotular.

– Nem tudo é feito apenas com um estalar de dedos ou girar de pulso – observou Sasha, anotando no bloco de desenho os passos para destilar papoulas.

– O poder exige trabalho, tempo e esforço. E cuidado – acrescentou –, como quase tudo. Estou acostumado a fazer essas coisas sozinho – admitiu. – Ou com outro mágico. Mas você aprende rápido e sua ajuda me poupa um pouco de tempo.

– É importante para mim.

– Estou vendo.

– Você poderia me ensinar mais. Especialmente remédios. Você e Doyle acham que esse último ataque foi um teste e que o próximo será pior.

– Acho mesmo.

Ele estendeu a mão sobre um pequeno caldeirão borbulhante, avaliando o progresso.

– Se eu me permitir, posso sentir os ferimentos. Mas não sei como usar o que você faz para tratá-los. Pelo menos não o suficiente.

– Eu mesmo preciso aprender mais, porque essa nunca foi minha especialidade. Vamos trabalhar nisso. – Ele a olhou através da fina nuvem de fumaça. – Juntos.

Bran lhe deu um livro sobre artes curativas. Sasha decidiu ficar um tempo na beira da piscina estudando-o, familiarizando-se com o básico.

Fez anotações sobre como usar confrei em queimaduras e cardo de leite em torções. Como preparar equinácea para seus muitos usos. Ergueu os olhos ao ver Doyle a certa distância no gramado, aparentemente fazendo algo com... lona ou aniagem.

Sozinho, claro, pensou, com uma pontada de ressentimento.

Viu Riley subindo a pequena ladeira na direção da piscina, carregando duas taças de boca larga cheias de um líquido gelado.

– Margaritas magníficas – disse ela, estendendo uma.

– Obrigada.

– Ainda está com raiva?

Sasha tomou um gole. Estava realmente magnífica.

– Estou cansada de ficar com raiva.

– Então vou me sentar. Leitura pesada – acrescentou Riley, olhando para o grosso livro com capa de couro.

– Vou aprender para ajudar Bran a tratar de ferimentos.

– Você fez isso hoje de manhã, sem livro. Não me saí muito bem – continuou Riley. – Me transformar em público... No início fiquei um pouco mal. E Apolo...

– Onde ele está?

– Desceu para a praia com Annika. Ele está bem. Como se nada tivesse acontecido.

– E você?

– Como eu disse, se sou ferida como loba, me curo rápido, mesmo depois da metamorfose. Olha, sei que omitir ainda é mentir, que não deveria ter feito isso, mas...

– Você fez um juramento.

– Mas eu também jurei para você.

Pois é, pensou Sasha. E o resto de sua raiva passou ao ver que sua amiga a entendia.

– Sim, jurou. E agora que estou cansada de ficar com raiva, vejo que tomou providências para cumprir os dois juramentos, e rápido. Parece que foi uma eternidade, Riley, mas só se passaram alguns dias. Dias. Eles não vão trancafiá-la.

– Você não tem nenhuma influência sobre isso.

– Ah, acho que terei, sim. – Ela tomou mais um gole. – Acho que todos nós teremos. E eles só terão de ouvir.

– Desde quando você é tão determinada?

– Acho que desde que parei de sentir pena de mim. Se as pessoas acham que sou fraca, se Nerezza pensa que sou fraca, é porque fui. Ela pode continuar a pensar assim, e talvez isso seja uma vantagem, mas ninguém mais vai. Nem mesmo eu.

– Se minha opinião importa, nunca a achei fraca. Você está se saindo bem

nessa grande curva de aprendizado. Apenas um mês atrás você acreditava em bruxos?

– Eu sonhava com um bruxo. Ele. Mas não, não acreditava.

– Em licantropos?

– De jeito nenhum. Ainda estou tentando acreditar.

– Mas aqui está você, e isso não é fraqueza. Bússolas mágicas, feitiços, transformações. O que quer que Annika esteja escondendo além do fato de ser a sétima filha de uma sétima filha não me surpreenderia, dada a minha origem e criação.

– Você também acha que ela esconde algo.

– Como alguém pode ser tão feliz? E tem a bolsa de moedas. Eu suporia fadas, mas fadas são cautelosas.

– Vai me dizer que fadas existem.

– Segundo minha experiência, tudo que há no folclore se baseia em fatos. Provavelmente ela contará para Sawyer primeiro. Está muito interessada nele. E ainda tem o garotão.

Riley tomou um gole devagar enquanto observava Doyle erguer algo grande e circular.

– Ele fica calado, mas ouve tudo.

– Está escondendo alguma coisa – afirmou Sasha.

– Sem dúvida. Talvez alguma variedade de demônio.

– Ora, por favor, Riley.

– Nem todos os demônios são saídos do inferno, como nem todos os licantropos são comedores de gente. Ele gosta muito de Bran e respeita a visão e os objetivos de Sawyer. Independentemente do que seja, tenha ou saiba, acha Annika atraente. Ainda não se decidiu quanto a mim e você.

– Não discordo de nada disso.

– E não confia totalmente em nenhum de nós. Preferiria fazer tudo sozinho.

– Também concordo com isso, mas vai ter de superar. Que diabo ele está fazendo?

Então Sasha se levantou, porque o único modo de saber era indo lá. Pôs o livro debaixo do braço e foi na direção de Doyle. Dando de ombros, Riley se levantou para acompanhá-la.

Ela o viu prender um alvo num tronco de árvore e se perguntou por que

alguém que preferia espada precisaria treinar tiro ao alvo.

Então ele abriu o zíper de um estojo no chão.

A besta era preta, brilhante e letal. Sasha sentiu a pele formigar enquanto Doyle punha o pé no apoio e o erguia. Ele deu uma olhada na direção delas e ajeitou uma aljava de flechas sobre o ombro.

Carregou uma, ergueu o arco e mirou. A flecha errou a mosca por uns 5 milímetros.

– Bom – elogiou Riley. – Stryker, não é? Modelo novo. Qual é o peso da puxada?

– Cento e cinquenta e cinco libras.

– Achei que você conseguisse mais.

– Essa é minha média. Quanto você consegue puxar?

– O mesmo.

Ela entregou a taça para Sasha e estendeu a mão. Doyle hesitou, mas lhe entregou a besta.

– Bonita, leve. Boa para caçadas.

Como ele tinha feito, Riley pôs um pé no apoio e, retesando os bíceps, ergueu a besta. Pegou uma flecha na aljava e a lançou.

Como Doyle, errou a mosca por muito pouco.

– Supressor com um toque agradável. Silencioso. A potência seria de uns 300 FPS?

– Por aí – respondeu Doyle, e olhou para Sasha. – Bran me disse que você estava procurando uma besta.

– Sim.

– Estava mesmo? Quer aprender a atirar, Sash?

– Gostaria de tentar.

Riley devolveu gentilmente a besta para Doyle e pegou as taças e o livro de Sasha.

– Vai ser muito pesado para você, mas tenho um dispositivo para erguê-la.

– Preciso aprender a fazer isso sem ajuda.

Ela pegou a besta e, como eles haviam feito, pôs o pé no apoio.

Mas Doyle tinha razão.

– Vou ficar mais forte. E Bran pode fazer algo para que eu consiga erguê-la. Você me ajuda desta vez?

– Claro. Você precisa se acostumar com o peso, o toque. Vamos para mais perto do alvo.

– Não. Daqui.

Ele deu de ombros.

– Flecha de carbono. Não faz sentido perder tempo com menos. Você precisa estar bem posicionada, senão...

– Quero tentar uma vez.

Ela pegou a flecha e a carregou. Num movimento, mirou e lançou.

A flecha ficou entre as deles, acertando bem na mosca.

– Me belisquem para eu ter certeza de que não estou sonhando. – Riley olhou boquiaberta para o alvo e deu uma gargalhada. – Isso não me parece sorte de principiante.

– Eu usava uma dessas nos sonhos. Parece igual. – Ela abaixou a besta para examiná-la. – Conheço isto. FPS, você disse. Pés por segundo em inglês, né?

Doyle foi até o alvo e arrancou as três flechas. Quando voltou, pegou o arco e o ergueu.

– Lance mais uma.

Ela acertou bem no centro pela segunda vez.

– Não, não é sorte. Você tem de ficar mais forte – acrescentou Doyle –, ou usar o dispositivo para erguê-la, ou então veja o que Bran pode fazer. Fique com isso, e com algumas dúzias de flechas.

– Obrigada pelo empréstimo.

– Cuide bem dela. Quando terminar o treino, devolva. – Ele ergueu a besta mais uma vez e olhou para o alvo. – Achei que passaria o dia só ensinando você a mirar. Vou tomar uma cerveja.

Quando ele se afastou, Riley tomou um gole da margarita.

– Acho que você acabou de receber o Selo de Aprovação de Doyle McCleary.

– Mais do que isso. – Ela acertou uma terceira flecha a um milímetro da primeira. – Ele teria passado o dia aqui me ensinando.

– Está sentindo o cheiro de espírito de equipe?

– Acho que sim.

Dessa vez, ela mesma arrancou as flechas do alvo. Também aquilo lhe era familiar. Rotineiro.

– Não vou usar o dispositivo. Nunca o usei nas visões. Vou falar sobre isso com Bran, porque acho que é assim que conseguirei erguê-la. Até eu ficar mais forte.

Ela começou a guardar a besta e as flechas no estojo.

– Aonde você foi ontem, Riley?

– Não fui longe. Precisava tirar o jipe de vista. E sair de vista também. Ficar nua antes da transformação poupa meu guarda-roupa. Depois que o sol se pôs, voltei e fiquei por perto, para vir se algo acontecesse. E aconteceu.

– Você não precisa sair esta noite.

– Acho que não, já que não é mais segredo.

– Como é a transformação?

– Dolorosa. Poderosa. Há uma grande pressa. Tudo em você corre. E quando a loba se liberta, tudo é intensificado. O olfato, a audição, a visão, a velocidade. Mas não deixo de ser eu. O que é humano sempre está presente, assim como a loba está presente em mim agora. – Riley terminou a margarita. – Bem, como vou me isolar mais tarde, vou tratar de beber mais uma. Me acompanha?

– Por que não?

Em sua caverna, Nerezza criara um palácio. Afinal de contas, não merecia menos que isso, e se cercou de ouro, prata e joias que brilhavam à luz das tochas. Ela havia nascido para reinar, e em breve a espera chegaria ao fim.

Destruiria mundos para atingir seus objetivos. As estrelas lhe dariam todo o poder necessário, e quando as tivesse e voltasse para a Ilha de Vidro para ascender ao trono, como era seu *direito,* criaria o que desejasse.

Mundos de fogo e tempestades. Mundos de escravos e sofrimento. Mundo após mundo para servi-la. Isso era reinar, e seu reinado seria eterno.

No globo, observou a vidente usar a arma estúpida. Deixe-os brincar, pensou, deixe-os saborear o que consideraram uma vitória – a vidente, a loba, o bruxo e...

Ela deu um soco no braço dourado de seu trono, fazendo as paredes de pedra balançarem. Uma névoa surgiu ao redor do globo, bloqueando grande parte de sua visão. O bruxo, pensou. Daria um jeito nele. Ah, se daria...

Mas o que a enfurecia mais era não ser capaz de ver os outros como eram.

Obra de Celene, Luna e Arianrhod. As estrelas haviam bloqueado o conhecimento até mesmo no globo. Mas isso não lhes faria nenhum bem, não mesmo.

Eles se revelariam, como a loba. E quando isso acontecesse, o conhecimento lhe mostraria como destruí-los.

Quando chegasse a hora, pensou, e ergueu um espelho cravejado de pedras preciosas para se admirar.

Primeiro os usaria, deixaria que a conduzissem até a Estrela de Fogo.

Depois os esmagaria e a pegaria. E a primeira estrela a levaria para as outras. Pegaria o que tinham, sugaria, se fartaria e deixaria suas cascas para apodrecerem.

E ela seria eterna. Eternamente jovem, mais bela que o sol, mais poderosa que todos os deuses.

Mas enquanto se olhava, o reflexo no espelho começou a murchar, a pele caiu em dobras, recuou na direção do crânio. Seus cabelos cor de ébano ficaram ralos, grisalhos e secos, à medida que o vidro mostrava seus anos de envelhecimento, décadas, séculos.

Gritando de raiva, atirou longe o espelho, estilhaçando vidro e pedras preciosas.

Com a mão trêmula, ergueu a taça ao seu lado e bebeu rapidamente. E, com sua poção, recuperou juventude e beleza.

Como havia dado muito de si mesma no ataque da noite anterior, precisava de mais um pouco da poção. Seu banimento da Ilha de Vidro lhe tirara o direito à juventude e à beleza.

Tinha envelhecido. Não como os insignificantes humanos. Não, mesmo essa humilhação não fora tão grande. Mas envelhecera. Seu corpo perdeu gradualmente a forma; a pele, a textura; o rosto, a beleza.

Ela os teria de volta, e não a ilusão deles, mas de verdade. E transformaria em pó aqueles que a haviam rebaixado a isso.

Seria a rainha de todos, e todos os que a haviam desafiado pereceriam.

Mas sofreriam primeiro.

15



Como todos os outros pareciam ter, convenientemente, desaparecido, Sasha pensou no que fazer para o jantar. Faltava apenas uma hora para o pôr do sol, conferiu. Se Riley realmente jejuaria até o alvorecer do dia seguinte, precisava fazer uma boa refeição agora.

Intimamente, admitia que estava cansada de cozinhar para seu pequeno exército, mas, devido à lua cheia, não podia sugerir que tirassem uma folga e fossem jantar no vilarejo.

Estava quase se decidindo por massa de novo quando Doyle entrou com três grandes caixas de pizza.

– Eu estava com vontade.

– Ah, acho ótimo – disse ela com sinceridade.

– Provavelmente é preciso aquecê-las ou pedir para Killian brandir a varinha mágica.

– De qualquer maneira, vai me livrar de cozinhar.

– Você precisa fazer uma lista de tarefas, para não ficar tão sobrecarregada. Esse é meu modo de cozinhar, portanto já fiz minha parte.

– Bastante justo.

Ele foi até a geladeira, guardou as cervejas que comprara junto com as pizzas e pegou uma para si mesmo.

– Você tem outras habilidades que apareceram nos sonhos? – perguntou-lhe Doyle.

– Luto melhor neles. Não sou tão boa em giros, pulos e chutes quanto Annika ou Riley, nem mesmo nos sonhos, mas não faço feio. – Sasha se serviu de um copo de chá gelado que alguém fizera naquela tarde e prosseguiu: – Mas nada

como a besta, não. Annika tentou me ensinar os princípios básicos do salto mortal um dia desses. Minha nota foi menor que 5.

– Você precisa fortalecer o tronco e também melhorar a forma física. Aquelas faixas elásticas que Riley lhe deu não são suficientes. Comece a nadar. Fazer flexões e puxadas em barra fixa. Você pratica ioga?

– Um pouco.

– Pratique mais. Pranchas, *chaturanga*, use o peso do próprio corpo. Não faça a mesma coisa todos os dias. Alterne, mas faça algo todos os dias. Vá aumentando o tempo até realmente sentir fadiga muscular.

– Está bem.

– O que foi? – perguntou Doyle quando Sasha apenas continuou a olhar para ele.

– Estamos tendo uma conversa de verdade, que você iniciou.

Ele deu de ombros e bebericou a cerveja.

– Não faz sentido conversar quando não se tem nada a dizer. Você se saiu bem ontem. Em parte por causa da faca que Bran lhe deu. Mas principalmente porque teve coragem. Quando a conheci, eu diria que você não tinha.

– Você não estava errado em pensar isso.

Aqueles olhos muito verdes a examinaram.

– Estava, sim. Venho de fora. Você formou seu grupo pouco antes de eu chegar, mas o formou. Você é quem os une.

– Eu os uno... – A ideia a surpreendeu e a fez ficar em silêncio.

– Sim. E o que você disse hoje estava certo. Verdade é verdade, mesmo quando a gente não quer ouvir. Não quer dizer que agora todo mundo vai entrar na linha, porque as pessoas não são assim, ainda mais as que estão acostumadas a agir à própria maneira. Mas você tem razão. Saímos na noite passada e repelimos um ataque. Tivemos sorte, porque não lutamos como uma unidade. Isso tem de mudar, e eu posso ajudar.

– Como?

– Planos de batalha, loirinha. Treinamento. Disciplina.

– Isso parece... militar.

– É por isso que os soldados lutam nas guerras.

Ele começou a erguer a tampa de uma das caixas de pizza.

Sasha o impediu.

– Vamos comer juntos. Isso também faz parte do treinamento, não é?

– Está bem. Melhor comermos aqui dentro. Está vindo uma tempestade.

– Então vamos chamar os outros. – Sasha ia sair, mas olhou para trás até ele se afastar do balcão e segui-la. – Posso experimentar sua outra besta?

– Puxada de 180 libras. Mesmo que já fosse mais forte, você não conseguiria usá-la.

– Mesmo assim, gostaria de tentar.

– Faça mais flexões – disse ele.

O primeiro trovão soou quando ela começou a subir a escada.

Quando todos já estavam reunidos à mesa da cozinha, o céu se mostrava triste e sombrio. Com o aumento dos raios, vieram os estrondos e um vento forte.

– Nada melhor que uma boa tempestade – disse Riley. – Tirando essa pizza.

– Até mesmo pizza ruim é boa. – Sawyer pegou uma fatia e deu uma mordida. – E essa aqui não está nada ruim.

Observando-o, Annika pegou também uma fatia e mordiscou.

– Maravilhosa.

– Qual a melhor pizza que vocês já comeram? Onde foi?

– Nova York – respondeu Bran imediatamente, e Riley balançou a cabeça enquanto engolia.

– Num restaurantezinho de uma família, na encosta de uma colina de um vilarejo na Toscana. Maravilhosa. E você, Sash?

– Uma vez, comi uma muito boa em Paris.

– Pizza francesa? – retorquiu Sawyer. – Pode esquecer. Empate entre Nova York e essa trattoria em Florença. E você? – perguntou a Annika.

– Esta – disse ela, e deu outra mordida.

– Kildare – disse Doyle quando todos olharam para ele.

– Pizza irlandesa? – Riley riu e pegou outra fatia. – É pior que a francesa.

– Em um restaurante de italianos – acrescentou. – Foi a melhor porque não esperava que fosse boa.

– Falando em melhor – interpôs Sasha –, deveríamos discutir a ideia de que fomos melhores na noite passada porque Nerezza estava nos testando. Doyle falou sobre a necessidade de planos de batalha e treinamento.

– Treinamento? – Riley apertou os olhos. – De que tipo?

– Bran faz magia. – Doyle pegou outra fatia da mesma pizza que Riley estava

comendo, a de linguiça e pepperoni. – É uma habilidade específica que ninguém mais aqui pode desenvolver. Mas Sasha estava certa. Agimos individualmente na noite passada. Não podemos nos arriscar a fazer isso de novo. Precisamos saber o que Bran tem... na manga.

– Tem razão – assentiu Bran, servindo-se de vinho. – E saberão daqui para a frente. Precisamos de estratégias e planos. Se apenas reagirmos, e ainda mais se reagirmos individualmente, perderemos.

– Sem dúvida, mas que tipo de treinamento? – continuou Riley. – Já estou treinando Sasha e Annika em defesa corporal. E agora sabemos que Sasha usa uma besta como um verdadeiro Daryl Dixon.

– Besta? – Sawyer parou com uma fatia de pizza a meio caminho do prato. – Como perdi isso?

– Quem é Daryl Dixon? – perguntou Sasha.

– *The Walking Dead* – respondeu Sawyer. – Você sabe atirar com besta?

– Aparentemente.

– Se ela sabe? Ela... *arrasou*! – Riley imitou o lançamento. – Acertou bem na mosca. Eu ficaria no time dela em um apocalipse zumbi.

– Fico lisonjeada, mas acho que Doyle quer dizer que precisamos começar a trabalhar e treinar juntos. Falamos muito sobre sermos um time. Precisamos treinar como um. Bran está me ensinando a fazer remédios.

– Eu poderia aprender isso – disse Annika. – Gosto de aprender.

– Todos deveríamos saber o básico. Que poção, que unguento, que tintura usar em qual lesão. Vocês conhecem os princípios básicos dos primeiros socorros comuns – acrescentou Bran. – Mas não estamos lidando com algo comum.

– E se vocês se ferirem, não saberemos o que usar. Tudo bem – concordou Riley. – Vamos reservar um tempo para algumas aulas de medicina mágica.

– Outras habilidades devem ser incluídas. Você e Sawyer? – Doyle assentiu, com relutante admiração. – Posso dizer que nunca vi melhores atiradores, e vocês mantêm a cabeça fria. Comecem a praticar tiro com os outros.

– Não gosto de armas de fogo – apressou-se a dizer Annika.

– Você não precisa gostar, gata, só aprender a usá-las. E você sabe alguns golpes.

– Eu apostaria nela contra a Viúva Negra. Vou comprar algumas histórias em quadrinhos para vocês – disse Sawyer quando Annika pareceu confusa.

– Você precisa ensinar a Sasha esses golpes e melhorar os de Riley. Você também sabe alguns deles, Riley, mas os de Annika são mais rápidos e fluidos.

– É mesmo? E quanto a você? Bran, Sawyer?

– Todos nós treinaremos. Juntos. Vocês precisam dedicar pelo menos algumas horas por dia a isso. Sarah pode planejar os horários.

– Posso?

– Foi você quem começou isso, loirinha. E com razão. Agora, precisa dar continuidade.

Riley acabou com sua segunda fatia de pizza.

– Você está muito falante hoje, McCleary.

– Sim, porque tenho o que dizer. – Um raio brilhou e um trovão explodiu logo em seguida, fazendo Apolo se arrepiar debaixo da mesa e pôr a cabeça nos pés de Riley. – Lutei com vocês duas vezes e o que vi foi muita habilidade e nenhuma unidade.

– Então vamos aperfeiçoar as habilidades e nos unir – completou Sawyer. – Estou atrasado. Na frente unida, acho...

– Desculpem. – Riley se levantou. – Vou ter que sair correndo.

– Sair? – Sawyer olhou para a janela enquanto a chuva começava a se tornar torrencial. – Para onde?

– Para meu quarto. O sol está quase se pondo e prefiro não me despir aqui na cozinha. Vou subir.

– Você pode voltar – disse Sasha. – Não precisa ficar trancada no quarto.

– Sim, eu sei, obrigada. Tenho que ir. Com ou sem tempestade, preciso consumir a energia inicial. Vou voltar. Se sobrar pizza, como de manhã.

Ela pegou uma terceira fatia e saiu com Apolo.

Bran a viu se afastar, então se voltou para Sawyer.

– Sobre o que você estava falando?

– Ah... esqueci. Acho que... sobre unidade. Concordo totalmente com o treinamento com armas. Onde conseguiu a besta?

– Doyle – respondeu Sasha. – Ele tem duas.

– Já usou alguma, Sawyer?

Sawyer fez um sinal negativo com a cabeça.

– Mas vou praticar. Depois da noite passada, acho que eu e Riley vamos precisar de mais munição. Parece que precisamos de uma lista de suprimentos e

do que poderíamos chamar de gerente de estoque. Eu nomearia Riley. É ela quem tem mais contatos.

– Suprimentos são mais do que armas. Comida também – salientou Sasha. – E produtos para casa.

– Eu poderia nomear a mim mesmo. Ou você. E quanto aos seus suprimentos? – perguntou Sawyer para Bran.

– Estou cuidando disso. Há coisas que posso adquirir com facilidade, mas outras terei de encomendar. Temos nos organizado bem com a maioria das atribuições na casa e nos arredores, mas acho que poderíamos ser mais organizados em relação a isso.

– Não me importo de fazer o jantar com Sawyer, mas é bom termos um dia de folga.

– Noite de pizza. – Sawyer sorriu. – Uma vez por semana.

– Combinado. – Bran brindou à ideia. – E como Sasha e Sawyer se encarregarão dos outros jantares, proponho que sejam liberados da tarefa de sair para comprar a pizza. Podemos nos revezar nisso também.

– Gosto de pizza. – Após saborear a primeira fatia, Annika escolheu uma segunda.

– Lamento pelos que não gostam. Quanto às estratégias... – Bran ergueu a sobrancelha para Doyle.

– Acho que nós três podemos cuidar disso.

– Quer dizer vocês três. Os homens.

Doyle deu de ombros.

– Já lutou numa guerra, loirinha?

– Até agora não.

– Já brincou de guerra? – perguntou Sawyer. – Quando era criança?

– Bem, não. – Como Annika não parecia se importar de ser preterida, Sasha sentiu o peso do poder feminino em seus ombros. – Aposto que Riley já brincou.

– E aposto que ela já se meteu em muitas brigas. Vamos ver o que ela tem a dizer sobre isso – opinou Bran.

Foi a vez de Doyle dar de ombros.

– Está bem.

– Mas temos de continuar nossa busca. – Annika ficou olhando de um para outro. – Não podemos parar.

– Não vamos parar – garantiu Bran. – Mas parece que teremos dias mais regrados, pelo menos por enquanto.

– Vou fazer minha parte da lista de coisas a comprar. – Sawyer se levantou. – Mas primeiro quero acender a lareira na outra sala. A tempestade provavelmente baixou a temperatura, então teremos alguns... canídeos molhados.

– Ajudo você. – Annika também se levantou. – E vou lavar a louça. Deve ser a minha vez.

Feliz em repassar a tarefa, Sasha se recostou na cadeira com sua taça.

– E qual é minha missão?

– É melhor você verificar os produtos domésticos necessários. E acho que Doyle e eu concordamos que você deve definir nossas tarefas e horários de um modo justo. Nunca fizemos isso. E eu diria que o horário de treinamento deveria ficar a seu cargo, Doyle.

– Bem, é melhor começarmos cedo, porque um de nós ainda terá mais um dia que termina ao pôr do sol.

– O que seria cedo para você? – perguntou Sasha.

– Ao nascer do sol. Calistenia. Se você quer se fortalecer, esse é o jeito de começar. Depois do café da manhã, repleto de carboidratos. Eu diria que precisamos de um dia aqui, estabelecendo nossas estratégias e começando o treinamento em armas, antes de sairmos para mergulhar. Quando Sawyer acender a lareira, podemos delinear alguns planos básicos. De ataque e defesa.

Doyle se levantou.

– Primeiro vou dar uma volta.

– Está caindo uma tempestade lá fora – lembrou-lhe Sasha.

– Não me importo de me molhar.

– Ele vai subir – disse Bran depois que Doyle se afastou – e pegar a espada e o casaco. Vai fazer a ronda, digamos assim. E por volta da meia-noite ele faz de novo.

– Um soldado.

– Verdade.

– Mas ele ainda não está pronto para nos falar sobre isso. Sawyer está. Ele ia nos contar algo quando Riley o interrompeu.

– Você acha?

– Tenho certeza. Não sei o que é, mas ele está pronto para nos contar algo

mais. Bran...

Ele sorriu.

– Sasha.

– Preciso de outro tipo de treinamento e acho que você pode me ajudar. Não esse que está pensando – disse ela rindo, ao vê-lo sorrir. – Quer dizer, esse também. Podemos chamá-lo de treinamento. Mas preciso aprender a ser mais receptiva ao que tenho.

– Você já é. Eu soube sobre a besta porque a observei. Não houve nenhum momento de hesitação em você. Você a pegou e usou. Porque sabia.

– Mas quero saber de forma consciente. Não acho que algum dia poderei controlar isso, não totalmente. Nem acho que é para ser assim. Mas para eu realmente fazer minha parte, preciso ter um pouco de controle. Passei muitos anos reprimindo meus dons e agora quero usá-los. Você pode me ajudar?

– Acho que sim.

– Ótimo. Vou subir, verificar os materiais que faltam, cumprir minhas tarefas. E deixar vocês com seu conselho de guerra.

Ele segurou a mão de Sasha antes de ela sair e a beijou.

– Os seis vão participar desse conselho antes de isso tudo terminar. Isso é só o começo.

– Então começaremos com o soldado, o franco-atirador e o mágico. Seria estupidez me opor.

– E também a licantropa.

Aquilo a tranquilizou.

– Espero você em meu quarto ou no seu?

– Tanto faz. Eu a encontrarei.

Quando Sasha saiu, ele pensou que já a havia encontrado. E isso, assim como a pizza excepcional que Doyle comera em Kildare, era inesperado.

Sasha foi para seu quarto e vestiu calças de algodão. Tinha decidido fazer uma tabela de tarefas com nomes, dias da semana, responsabilidades.

Antes de começar, abriu as portas do terraço para o som da tempestade.

E viu a sombra do lobo.

Conteve um grito.

– Meu Deus! Você me assustou, Riley. – Ela respirou fundo, porque sua voz

saíra trêmula. – Não sei se você compreende o que falo. Deveríamos ter perguntado isso.

Quando a loba entrou no quarto, Sasha engoliu em seco.

– Acho que isso responde à minha pergunta. Eu me ofereceria para enxugá-la, mas seria estranho. Muito estranho. Ah, Sawyer acendeu a lareira para você lá embaixo. Foi carinhoso da parte dele.

A loba apenas ficou ali, observando. Era desconcertante encarar aquele animal molhado, brilhante e feroz e ver os olhos de Riley.

– Você deveria tentar dormir um pouco esta noite. Não sei se é assim que funciona, mas, se puder, durma um pouco. Doyle marcou um treino de calistenia ao amanhecer.

Ao ouvir isso, a loba uivou baixinho.

– Ok, você me entende mesmo. Mas o raciocínio dele faz sentido. Vou fazer uma lista das tarefas e dos itens a comprar. E começaremos a treinar as habilidades de cada um amanhã. Os homens vão se reunir lá embaixo, na cozinha, e discutir estratégias de guerra.

A loba deu outro uivo e se agitou.

– É, tive a mesma reação, só que você foi convidada para o conselho de guerra. – Quando a loba se acalmou, Sasha assentiu. – Isso mesmo. Achamos que você tinha experiência, enquanto eu e Annika não temos. Mas isso vai mudar. Vamos esperar até amanhã, já que para você o dia é mais curto, para começarmos a treinar juntos. Viu só? Faz sentido.

Ela não soube ao certo se o som que a loba produziu foi de concordância ou resignação, mas não chegou a ser um uivo.

– Você deveria descer, se aquecer e se secar. Mesmo não podendo acrescentar nada, ainda pode ouvir.

A loba foi até a porta. Sasha a abriu.

– Vejo você de manhã.

Ela fechou a porta devagar depois do que concluiu ter sido a conversa mais estranha que já tivera em toda a sua vida.

Subitamente, lhe ocorreu. Será que podia sentir o que Riley sentia em forma de loba? Sentimentos refletiam pensamentos. Então, se pudesse, poderia haver mais do que uma conversa.

Perguntaria a Riley se ela estava disposta a tentar.

Mas por enquanto, com a tempestade rugindo no mar, cuidaria da lista de compras, começaria a tabela...

Fez um rascunho, o editou e reeditou. Demorou mais do que havia imaginado. Concluído o trabalho, fez alguns ajustes, depois preparou a lista com muito mais facilidade. Então se forçou a se exercitar por quinze minutos com as faixas elásticas de Riley e fez algumas flexões. Ela *ficaria* mais forte.

Ainda sozinha, foi para a cama com o bloco de desenho.

E adormeceu com meia dúzia de esboços da loba.

Quando Bran se deitou ao seu lado e ela sentiu seu calor, virou-se para ele.

– Está tarde. – Ele roçou os lábios em sua testa. – Durma.

Então ela voltou a dormir e sonhou com um aposento decorado em ouro e prata, guarnecido de joias e com um espelho brilhante.

Sonhou com a deusa sentada em seu trono dourado, olhando para aquelas joias. Tinha uma beleza sombria e sobrenatural.

Reflexos, dúzias e mais dúzias deles, cobriam as paredes, e eram encarquilhados, horríveis e retorcidos. Com o grito de raiva da deusa, as joias se estilhaçaram.

E das paredes escorreu sangue.

16



Levantar cedo para fazer alguns alongamentos de ioga era, na verdade, bastante agradável. Mas os agachamentos e outros exercícios mudavam tudo.

Sasha continuou, razoavelmente bem, embora a companhia de Annika sorrindo, às vezes até deixando escapar uma risada, enquanto se exercitava sem uma única dose de café, a levou a querer desferir seu soco de direita no belo rosto da amiga.

Então vieram as terríveis flexões.

Era a única dos seis que não conseguia fazer mais que uma ou duas. Uma e meia, para ser honesta. Mesmo apoiada nos joelhos, no que Riley chamava (com desprezo) de versão facilitada, era uma dificuldade.

Mas estava *decidida* a ficar mais forte.

Flexões: nem uma sequer. Abdominais: até o músculo gritar. Mais alongamento – graças a Deus –, seguido de corrida escada abaixo pelo penhasco, pela praia e depois subindo tudo de volta.

No fim, simplesmente desabou no gramado, ofegante.

– Odeio vocês – conseguiu dizer. – Principalmente Doyle, mas todos vocês.

– Isso é só o começo. Quem está encarregado do café da manhã? – perguntou Doyle.

– A tabela está no meu quarto. Alguém que ainda consiga andar vá buscá-la.

– Eu vou.

Annika, mal aparentando cansaço, saiu correndo.

De bruços, Sasha arreganhou os dentes.

– Talvez eu a odeie ainda mais do que a Doyle.

Gemendo, ela se virou, forçando-se a se levantar, com as pernas fracas e

trêmulas. E efetivamente fechou a cara quando Annika voltou saltitante com a tabela.

– Eu cozinho com Sawyer hoje. Posso fazer o café. Sei fazer. Está tão bonita! – Ela virou a tabela para que todos a vissem.

Sasha a havia codificado por cores e, como estava de bom humor antes da tortura matinal, chegara a ilustrá-la.

Pequenos e bonitos desenhos de bules e panelas, um cortador de grama, um jardim, galinhas ciscando, a piscina e assim por diante – junto com desenhos de todos os seis, ao lado de seu respectivo nome.

– Quero essa tabela – disse Sawyer imediatamente. – Quero ficar com ela quando terminarmos. Por enquanto vai para a cozinha, mas já a estou reivindicando. Vamos cozinhar, Annika.

– Posso quebrar os ovos? – perguntou ela enquanto se dirigiam à casa. – Parece divertido.

– Aí está uma mulher que se diverte sozinha. Vamos descobrir se ela sabe fazer café.

– Espere um minuto – disse Doyle para Riley. – Você tem algum conhecimento de tai chi?

Riley deu um soco na palma da mão esquerda.

– Claro.

– Dê a Sasha uma aula para iniciante.

– O quê? Por quê? Não.

Embora isso a envergonhasse, Sasha sentia-se fraca o suficiente para olhar para Bran em busca de ajuda. Mas ele apenas sorriu e lhe deu um tapinha de incentivo no braço.

– O tai chi a ajudará a se manter equilibrada e centrada – disse Doyle. – Se você quer atingir o nível dos outros, precisa de mais equilíbrio. Vinte minutos devem ser suficientes. – Voltando-se para Bran, ele continuou: – Que tal me mostrar o que vocês fizeram, enquanto eles preparam o café?

– Tudo bem. – Bran segurou o rosto de Sasha e a beijou de leve. – Vinte minutos – repetiu, e a deixou.

– Quero café – insistiu Sasha. – Quero sentar. Acho que quero minha mãe.

– Não há espaço para choradeira no tai chi. Pés ligeiramente afastados,

joelhos relaxados. Respire a partir daqui... – Então deu um tapa no abdômen dolorido de Sasha.

– Ah, meu Deus!

– Você queria um time, Sash. Parece que agora tem.

– Essa doeu.

– Nada vem de graça nessa vida – retrucou Riley com impiedosa satisfação. – Vou deixar a filosofia para depois, porque também quero muito um café. Por enquanto, inspire a partir de seu centro e faça o que eu fizer.

Pelo menos os movimentos eram lentos. Ao tentar imitá-los, ela teve de admirar a fluidez de Riley. Mas isso não fez seus quadríceps pararem de doer como dentes podres.

Quando se sentou, Sasha podia ter se lamentado e implorado por café, mas sabia muito bem onde era seu centro, porque ele tremia de exaustão e implorava por comida. Sawyer preparou uma travessa com uma pilha de panquecas douradinhas. Em geral ela comeria uma, mas comeu três e ainda pensou em uma quarta, antes de concluir que poderia lhe fazer mal.

– Você se saiu bem – disse Doyle.

– Não quero me sair bem. Talvez nunca mais.

– Acho que ele está se referindo à sua tabela criativa e brilhante.

Bran apontou para a cadeira onde Annika a pusera, como se fosse o sétimo membro do time.

– Ah, sim. Eu retratei a mim e a Bran fazendo a limpeza, Riley cuidando de Apolo e das galinhas.

– Lobo no galinheiro – disse Sawyer.

Riley deu um sorriso doce e penetrante.

– Você é uma caixinha de surpresas.

– Annika e eu na horta arrancando ervas daninhas e fazendo a colheita – continuou Sasha.

– Eu na piscina, Bran com o cortador de grama. Annika na lavanderia. – Sawyer sorriu olhando para a tabela. – Riley e Doyle comprando suprimentos. Acho que gosto mais dos desenhos da sacola de comestíveis e das caixas de munição.

– Preciso de dez minutos para cuidar das galinhas e mais dez para um banho.

– Riley engoliu o resto do café. – Outros cinco para dar um telefonema e descobrir qual é o melhor lugar para comprar munição.

– A lista de itens domésticos está na cômoda em meu quarto.

Assentindo para Sasha, Riley se levantou.

– Ótimo – disse ela, e saiu correndo.

Como Riley podia *correr* para cuidar das galinhas?, perguntou-se Sasha amargamente.

– Bem que eu poderia nadar antes de bancar o limpador de piscina.

Assim como Sawyer, Doyle se levantou.

– Quinze minutos para acrescentar qualquer coisa à lista de compras; é agora ou nunca.

Depois que os outros saíram, Annika se sentou e olhou pesarosamente para Sasha.

– Não sei lavar roupa. Você me ensina?

– Vão indo. – Bran as dispensou com um aceno. – Eu cuido disso aqui.



Quando Sasha terminou de dar uma aula para Annika sobre separar roupas, temperatura de água e ciclos, Bran já havia acabado de lavar a louça.

Então ela e sua parceira da manhã saíram para a horta com enxadas, ancinhos, tesouras e um balde de plástico do galpão.

Annika cantarolava alegremente enquanto trabalhavam. Sasha ouvia o ruído surdo e contínuo do cortador de grama, o zumbido de abelhas e o sussurro do mar na base do penhasco.

Tudo muito comum e normal, pensou. Alguém que olhasse para aquela cena veria um grupo de pessoas realizando tarefas domésticas. Mas eles eram muito mais do que isso.

Sasha esperou o momento certo, notando que Annika aprendera rapidamente tanto a arrancar ervas daninhas, como o básico sobre lavagem de roupas.

Mas estava claro que ela nunca fizera nenhuma das duas coisas.

– Então você tem seis irmãs – começou Sasha.

– Sim.

– Deve sentir falta delas.

– Eu sinto, mas estou feliz aqui. Apesar de termos de lutar e de parte do trabalho ser difícil.

– Seis irmãs – repetiu. – E você nunca lavou roupa.

– Vou lavar hoje.

– Então você tinha *staff*?

Obviamente intrigada, Annika se aprumou.

– *Staff*?

– Pessoas que fazem serviços como lavar roupa, cozinhar e limpar.

– Ah. Somos *staff* agora.

Annika voltou a arrancar ervas daninhas, evitando o olhar de Sasha.

– Você nunca disse onde mora.

Annika continuou a arrancá-las por mais um tempo, depois parou e se virou para Sasha.

– Vai ser minha amiga?

– Eu sou sua amiga.

– Vai ser minha amiga e não vai me perguntar o que eu não posso lhe dizer? Juro que não é nada de ruim. É...

– Como um juramento.

– Sim.

– Está bem.

Annika estendeu os braços para dar um abraço em Sasha.

– Obrigada. Você me ensinou a lavar roupa. – Então se afastou, sorrindo. – Vou lhe ensinar a... – Curvando-se, ela ergueu as pernas em um salto mortal absurdamente fluido.

– Acho que vou demorar muito mais para aprender isso do que você levou para lavar roupa.

– Eu vou lhe ensinar. – Annika se curvou de novo. – E encontraremos as estrelas. Quando as encontrarmos e elas estiverem no lugar ao qual pertencem, contarei tudo a você.

– Está bem. E seja o que for, continuaremos amigas.

Depois de se dedicarem à horta e às roupas, após os suprimentos serem guardados e comerem o *gyros* que Riley trouxera do vilarejo, Sasha teve a primeira aula de segurança no manuseio de armas.

Um Sawyer bastante paciente passou um tempo considerável com ela e

Annika – as únicas que nunca haviam disparado uma arma –, mostrando-lhes como carregar, descarregar, recarregar, mirar, travar e destravar a arma.

Conforme foi instruída, Annika pôs um pente em uma das 9mm de Sawyer.

– Não gosto disso. Parece frio e perverso.

– Você não tem de gostar. Tem de respeitar. Muitos dos ferimentos a bala são por acidente, por algum descuido – explicou. – Pessoas que não aprenderam a manusear direito uma arma não acionam a trava de segurança quando ela não está em uso. Algumas insistem em dizer que armas não matam, pessoas é que matam. Mas armas matam, sim, e saber disso, respeitar isso, é muito importante.

– Esta arma já matou alguém?

– Não. Mas sei que pode matar. Sei que *eu* posso. Se não tiver opção.

Ele olhou para o lugar onde os outros haviam estabelecido uma faixa de alvo temporária, com alvos de papel sobre uma grossa placa de madeira.

– Hora de praticar. Trava de segurança acionada.

Sasha não gostava mais do que Annika da sensação de segurar uma arma, mas a levou até a faixa de alvo, onde Riley assumia o controle da aula.

– Vamos começar com posição e empunhadura. Postura básica de Weaver – disse Riley para Sawyer. – Empunhadura dupla.

Quando ela o demonstrou, Annika balançou a cabeça.

– Sawyer atira com apenas uma das mãos.

– E quando você conseguir atirar como ele, faça o que quiser. Por enquanto, duas mãos. Mão dominante empurrando levemente a arma para a frente enquanto a outra a puxa para trás. Equilibrando. Isso ajudará com o coice. Pé dominante para trás e para o lado, o outro para a frente com o joelho flexionado. A maior parte do peso do corpo no pé da frente.

Ela as fez praticar repetidas vezes, posicionando-se e erguendo a arma à altura dos olhos.

– Quem quer atirar primeiro?

– Sasha atira – disse Annika imediatamente.

– Está bem.

– Carregue-a como eu lhe mostrei – disse Sawyer.

Quando Sasha fez isso, Riley foi para o lado dela.

– Vá com calma, posicione-se devagar e erga a ama. – Ela pôs uma das mãos

nas costas de Sasha. – Não prenda a respiração quando apertar o gatilho. Aperte-o lenta e suavemente e expire.

Ela fez isso e sentiu o coice até o ombro, sua força e o som como um soco no coração.

Acertou a bala dentro no segundo anel, à direita.

– Nada mau. Ajuste a posição e relaxe os ombros. Tente de novo.

O tiro seguinte foi mais alto e ainda bem à direita do centro.

– Você está puxando para a direita. Pense nisso, atire de novo.

Mais baixo desta vez, observou Sasha, e um anel para dentro.

Ela disparou várias vezes, sem acertar o centro, mas atingindo o que Riley chamou de proximidade decente.

Sasha deu um passo para o lado, mais do que feliz em descarregar e pousar a arma para Annika se posicionar.

Riley ajustou a posição e a empunhadura dela, depois recuou.

Annika disparou quando disseram. Errou o alvo de papel e acertou a madeira.

– Tudo bem. Não prenda a respiração. Não feche os olhos. Olhe para o alvo e aperte o gatilho.

Ela fez isso. Acertou a parte branca do papel e abaixou a arma.

– Não vou conseguir. Sinto muito. – Decidida, ela descarregou a arma e a entregou com cuidado para Sawyer. – Sinto muito, não vou conseguir. Vou me exercitar mais e lutar, mas não posso fazer isso. Parece diabólico na minha mão. Sinto muito.

– Tudo bem. Ei, nada disso – apressou-se ele em dizer quando os olhos de Annika se encheram de lágrimas. – Vamos encontrar outra coisa para você. Nada de armas. – Sawyer olhou significativamente para Doyle. – Ela não tem de usar uma arma.

– Ela é quem decide.

– Isso mesmo. Viu só? – Sawyer pôs a arma no coldre e um braço em torno dos ombros de Annika. – Você é quem decide.

– Vou dobrar as roupas. Sasha me ensinou como se faz. Vou dobrar a roupa lavada.

– Vamos pensar em outra coisa – disse Sawyer para o grupo quando ela saiu correndo.

– Talvez eu possa fazer isso. – Bran a olhou enquanto ela se afastava. – Algo

que lhe daria uma arma, uma defesa sem a perturbar. Vou pensar.



Quando eles concluíram o que Sasha considerou uma aula sobre armamento, ela encontrou toda a roupa lavada e dobrada – a sua, empilhada na cama.

E a casa brilhava.

Deparou-se com Annika na cozinha, diligentemente tirando a louça da lavadora.

– Eu limpei a casa – disse Annika.

– Deu para ver.

– Desculpe.

– Você precisa parar de se desculpar, Annika. Ninguém está chateado com você.

– Não realizei minha tarefa.

– Porque é errada para você. Todos entendem isso. – Sasha pensou em seus músculos doloridos e calculou a importância comparada à da amizade. – Você disse que me ensinaria saltos mortais. Poderia dar algumas aulas só para mim antes de começar com todo mundo. Me ensinar a... levantar as pernas.

– Posso sim. E vou.

– Que tal agora?

Sasha não conseguia fazer aquilo, e mesmo quando Annika lhe segurava as pernas, os músculos dos braços e ombros tremiam e vibravam como cordas de harpa. Durante a aula em grupo, depois de muitas quedas de cara e/ou de bunda, foi relegada a praticar cambalhotas simples para a frente e para trás.

Ia ficar mais forte. E melhorar.

Sentindo-se acabada, foi com suas dores para o ofurô. Pensou em dar umas braçadas, como Doyle sugerira, mas do jeito que os braços e as pernas doíam, provavelmente iria afundar e se afogar.

Além disso, bem que merecia um descanso.

Ela entrou na água – ahh! – e ajustou os óculos escuros. Havia acabado de afundar até o queixo quando avistou Annika e Riley vindo em sua direção.

Gostava da companhia delas, mas naquele momento preferiria dar seus inevitáveis gemidos em particular.

Riley pôs uma jarra de margaritas na mesa e encheu três taças. E Annika ergueu um pequeno frasco.

– Bran disse para pôr isto na água.

– O que é?

– Lavanda, alecrim e...

Ela olhou para Riley.

– Mágica. Ele disse que acabaria com qualquer dor muscular. Despeje logo isso, Anni. Vamos testar.

Riley estendeu uma taça para Sasha.

– Não estou dolorida – disse Annika, mas derramou o líquido verde-claro na água.

– Me dá até vontade de jogar tudo para o alto.

Riley entrou no ofurô.

– Considere jogado.

Sasha fechou os olhos e sorveu a bebida gelada. Ouviu o *splash* quando Annika escolheu a piscina.

– Estou com o corpo todo dolorido e o pior é saber que vou ter de fazer agachamentos e correr ao raiar do dia.

– Acrescente exercícios para o tronco.

Sasha entreabriu os olhos.

– Considere que o que disse antes também vale para você.

– Vamos mergulhar amanhã, o que vai complicar as coisas. E talvez tenhamos sorte. Deixei Sawyer e Doyle decidindo onde.

– E Bran?

– Ele teve um monte de ideias quanto ao problema de Annika, então subiu para trabalhar nisso.

Sasha decidiu que subiria para ajudá-lo. Depois.

– Meu Deus, isso tem um cheiro tão bom! Por que não tenho um desses em casa?

– Um ofurô ou um mágico sensual para fazer poções para seu ofurô?

Sasha sorriu.

– As duas coisas.

– Aposto que pode ter as duas.

– Bran na minha casinha nas montanhas? Ele tem Nova York e a Irlanda.

Minha casa é tão isolada, tão sossegada! E Bran é... muito maior do que tudo isso, não é? Com todo aquele poder. Ele o controla, mas é enorme, apaixonado, não ficaria satisfeito vivendo em uma casinha na Carolina do Norte – refletiu Sasha.

– E você ficaria, quando terminássemos o que viemos fazer aqui?

– Não sei mais. – Aquilo a desestabilizava. – Mas acho que sempre precisaria ter um lugar tranquilo para onde ir, para viver e pintar. Nunca mais vou bloquear o que tenho ou achar que preciso ficar só. Sei mais sobre mim mesma e do que sou capaz. Sei o que é ser parte de algo importante. Algo pelo qual vale a pena lutar. E quando olho para mim mesma agora... O espelho vê a verdade, nua e crua. O que ela teme e combate vive no espelho. E lá está seu fim, que só as estrelas podem mudar. Ela teme seu fim.

Sasha voltou a si com Riley lhe agarrando os braços para manter a cabeça dela fora da água e gritando por Annika.

– Eu estou bem. Estou bem, é sério.

– Tome um gole.

Riley pôs a taça na mão de Sasha.

– Eu peguei quando começou a cair de sua mão.

Sasha balançou a cabeça e tomou fôlego.

– Espere um pouco.

– A água está muito quente e você está pálida. Venha, vamos nos refrescar na piscina – disse Annika.

– Boa ideia. – Assentindo para Annika, Riley pôs a taça de lado e ajudou Sasha a se erguer. – Vamos, amiga.

Sasha obedeceu, porque realmente se sentia muito quente e de algum modo muito... relaxada. A água fria da piscina ajudou a combater a tontura e ela voltou a se sentir bem.

– Você se lembra do que disse? – perguntou Riley.

– Sim. Sobre um espelho, sobre a verdade nele. Não sei ao certo o que isso significa.

– É melhor entrarmos – decidiu Annika. – Sair do sol.

Sim, pensou Sasha. Ela tiraria o maiô molhado e se daria um tempo para se recuperar.

– Uma coisa boa. – Sasha girou os ombros antes de se enrolar em uma toalha. – A dor passou.

Embora tivesse recusado as ofertas de ajuda para trocar de roupa, Sasha percebeu que elas tinham ido procurar Bran, pois ele entrou antes de ela abotoar a blusa seca.

– Deixe-me dar uma olhada em você – disse ele.

– Estou bem. Elas não precisavam ter interrompido você.

Bran pôs as mãos nos ombros dela e examinou seu rosto.

– Não está com dor de cabeça?

– Não. Desta vez, não tentei bloquear a visão. Veio numa onda e me deixou um pouco trêmula, mas não doeu. Você tinha razão.

– Descreva o que aconteceu.

– Riley e eu estávamos no ofurô e Annika tinha posto na água sua poção, aliás maravilhosa. Eu estava relaxada e estávamos falando sobre...

Ela se interrompeu. Certamente não mencionaria que Riley sugeriu que Bran fosse morar com ela na Carolina do Norte.

– Falando sobre o quê?

– Sobre como eu tinha passado a me conhecer melhor depois que tudo isso começou e soube o que é fazer parte de alguma coisa. Então veio aquela onda de novo. É como se eu fosse puxada por uma corrente. Mas desta vez tentei me deixar levar em vez de resistir.

– O que você viu?

– Eu...

Sasha se interrompeu ao ouvir uma batida à porta.

– Está tudo bem aí? – gritou Sawyer.

– Sim. Vou descer. Preciso organizar meus pensamentos – disse Sasha para Bran.

– Está bem. – Ele passou a mão nos cabelos molhados de Sasha. – Vamos descer.

Eles já haviam se reunido no terraço, então ela se sentou e respirou fundo.

– Sinto muito, porque realmente não entendi o que eu quis dizer, o que vi. Poderia ser um cômodo, poderia ser uma caverna. Tudo era dourado, prateado e brilhante. Como uma casa dos espelhos muito elegante. Era como se eu estivesse ali de pé, mas ela não me via. Então peguei um espelho, mas não era realmente minha mão. Acho que era a dela. De Nerezza. Ela pegou esse espelho cravejado de pedras preciosas, mas quando olhou para ele, o que viu não era apenas velho.

Era ancestral. Murcho e grisalho. Olhos fundos, cabelos grisalhos e ralos. Pouco mais que ossos. Nada mais se refletia. O vidro ao redor da imagem estava totalmente escuro. Então o espelho se estilhaçou, mas o rosto continuou em todos os cacos, centenas deles. E os cacos começaram a fumegar e tudo ficou escuro.

– Você disse que o espelho vê a verdade – lembrou Riley.

– Isso.

– Uma alegoria? – sugeriu Sawyer. – Sendo uma deusa, ela é ancestral, mas o espelho vê sua alma, seu coração ou o que for murcho e escuro.

– Não precisamos de uma vidente para saber disso – salientou Doyle. – Talvez ela seja como Dorian Gray.

Impressionada, Riley apontou o dedo para ele.

– E o espelho reflete o que ela realmente é. Envelhece e mostra seus pecados, tudo isso enquanto ela permanece jovem e bonita.

– É uma teoria.

– Uma boa teoria. Se realmente *há* um espelho e o destruirmos, pode ser o fim dela.

– Não sei. O que eu vi... Ela destruiu o espelho. E não foi seu fim.

– Outro espelho, outro vidro – sugeriu Bran.

– Vou pesquisar um pouco sobre isso. – Riley pegou sua margarita. – Você disse que somente as estrelas poderiam mudar isso. Pode ser mais um motivo para ela querê-las tanto. Há um modo de destruí-la, não apenas de fazê-la parar, mas de acabar com ela. Se ela conseguir as estrelas, não haverá mais.

– Vou pesquisar um pouco sobre espelhos mágicos – acrescentou Bran. – As estrelas continuam a ser a prioridade. Vocês dois escolheram onde mergulharemos amanhã?

Doyle assentiu e completou:

– Mapeamos as rotas para três cavernas. Talvez a gente consiga mergulhar nas três, mas em duas é certo. Você deve querer uma refeição antes do pôr do sol – disse para Riley –, então...

– Antes de chegarmos a isso – interrompeu-o Sawyer – ou ao que quer que esteja na agenda de hoje, preciso explicar uma coisa. Primeiro preciso falar sobre minha família. Especialmente meu avô.

– Tem a ver com a bússola? – perguntou Bran.

– Sim. A história é maior. – Sawyer a tirou do bolso. – Usá-la com um mapa

pode lhe mostrar aonde ir para ter o que precisa ou quer. Mas ela pode fazer mais do que apenas mostrar. Mesmo sem um mapa.

– Como o quê? – perguntou Riley.

– Bem, como isto.

Sawyer colocou a bússola na palma da mão. E desapareceu.

– Cacete!

Enquanto Riley praguejava, Annika se ergueu de um pulo.

– Para onde ele foi? Onde ele está?

– Aqui em cima – disse Sawyer, do terraço, acenando para eles.

Então sumiu de novo, para reaparecer em sua cadeira à mesa.

– Você também é mágico!

– Não. É a bússola – disse ele para Annika. – Ela está ligada a mim, verdade, mas o que faz a magia acontecer é a bússola. Só indiquei para onde queria ir, um lugar fácil, o terraço ali em cima, e depois voltar para cá.

– Isso é incrível! – Doyle pegou e examinou a bússola que Sawyer lhe entregou. – Como está ligada a você?

– Quem a tem pode passar para outra pessoa. Mas não como acabei de fazer com você. É um ato formal. É minha até eu passá-la para alguém. Tradicionalmente, um filho.

– Você pode economizar bastante em passagens de avião – comentou Riley.

– Sim, é bem útil. Na verdade, há um pouco mais.

Ele pegou a bússola de volta, a virou e passou o dedo pela circunferência.

Uma segunda tampa se abriu, revelando um relógio.

– Cara! Não me diga que isso é uma máquina do tempo? – exclamou Riley.

Sawyer sorriu de leve para ela.

– Mais ou menos.

Riley se ergueu de um pulo e começou a dançar.

– Ah, meu Deus, os lugares para onde eu poderia ir! O que poderia ver. Maias, astecas, celtas. A Beríngia, as malditas pirâmides. Onde... *Quando* você esteve?

– Não muito tempo atrás. Vejam só, é preciso ter muito cuidado quando se usa a bússola para mudar de tempo ou lugar. Muito cuidado mesmo. Digamos que você queira assistir ao famoso tiroteio de O.K. Corral no Velho Oeste. Em primeiro lugar, se estiver vestido da maneira errada, incompatível com o ano de

1881, alguém vai notar. Além disso, e se parar no meio da estrada e for atropelado por uma carroça? Ou atingido por uma bala perdida? E, mesmo se sobreviver, terá mudado algo. E isso pode mudar outra coisa, então, quando você voltar, já não será exatamente como antes. E você terá de voltar e corrigir isso.

– *Continuum* espaço-tempo. Entendo, mas você foi lá, certo? Deu uma olhada em Earps e Doc Holliday.

– Fui e posso dizer que o tiroteio foi rápido e feio. Voltar no tempo é complicado. Aprende-se rápido, porque é ensinado e treinado, mas você tem de aprender com a experiência e não usar esse poder para diversão.

– Até quando? – perguntou Doyle. – Até quando no passado se pode ir?

– Não sei se há um limite. Ouvi histórias de pessoas que nunca voltaram e fui orientado quanto a isso. A bússola sempre volta, mas alguns dos que a tiveram não voltaram. Talvez porque foram longe demais ou calcularam mal o tempo ou lugar e acabaram indo parar no oceano, no meio de um campo de batalha ou de um terremoto.

– E viajar para o futuro? – perguntou Bran. – É possível?

– Ainda mais perigoso. Você quer ver como vão ser as coisas daqui a cem anos? E se daqui a oitenta tudo der errado? Você calcula parar na Times Square, mas no lugar não há nada. Ou vai parar no meio de uma guerra, de uma peste. Mesmo algo tão básico quanto um prado pode ter se tornado uma rodovia de cinco pistas e você pode ser atropelado. É possível calcular bastante bem a volta para o passado, mas não se pode calcular o que não aconteceu.

Sawyer fechou a tampa do relógio.

– Andei de um lado para outro e em círculos tentando descobrir informações sobre o que estamos procurando. Antes de vir para cá, antes de conhecer vocês. Obtive fragmentos, variações da lenda ou mitologia, mas nada sólido. E quando a bússola apontou este tempo e este lugar, eu vim.

Annika tocou de leve na mão dele.

– Você é do presente?

– Sim. Nasci 29 anos atrás. E, ouça, se eu soubesse como voltar para quando e onde tudo isso começou, talvez tentasse. Mas não sei. E ainda que conseguisse, não sei se poderia fazer algo para impedir.

– Pode levar alguém com você?

– Sim, levei meu irmão para o Dodger Stadium para ver Jackie Robinson

jogar. Era o aniversário dele, e meu avô permitiu. Mas só fiz isso uma vez. Teoricamente, poderia tentar com mais. Não falamos sobre isso fora da família. É como seu juramento, Riley. Avisei meu avô e ia contar para vocês ontem, mas Riley estava em forma de lobo.

– Hmm.

– Quando algo assim vem à tona, surge todo tipo de problemas. Um idiota ficou sabendo e está atrás de mim há cinco anos. O filho da mãe tentou me armar uma emboscada no Marrocos, onde eu estava seguindo uma pista. Desistiu de tentar comprar a bússola e tentou me matar. Maldito Malmon.

– Ei, espere aí. Espere um minuto. – Com os dentes cerrados, Riley se inclinou para a frente. – André Malmon?

– Sim. Você o conhece?

– Conheço. Ele gosta de se autodenominar um salvador de artefatos, um especialista em mitologia, um consultor, um aventureiro, o que mais lhe convém. É um ladrão, um trapaceiro. Não tenho como provar, mas sei que matou um colega meu. Ele está atrás de você por causa disto? – acrescentou, dando um tapinha na bússola.

– Sim. Eu o perdi de vista depois do Marrocos.

– Ele não vai desistir fácil. Vou dar alguns telefonemas, ver se consigo descobrir onde está. Se estiver em algum lugar próximo, teremos de nos defender dele também, não só de Nerezza.

– Ele sabe sobre as estrelas? – perguntou Bran.

– Malmon sabe um pouco de tudo. – De cara fechada, ela pegou a bebida. – Aquele filho da mãe. Se ele souber que você, Sawyer, eu, todos nós estamos aqui juntos, a menos que esteja seguindo uma pista quente de outra pessoa, virá até nós. Ele cortaria sua garganta pela bússola.

– Isso ficou bem claro no Marrocos.

– E, pelas estrelas, estriparia qualquer um de nós.

– Então é melhor as encontrarmos primeiro. – Doyle se levantou. – Vou pegar uma cerveja.

– Traga para todo mundo. – Bran se virou para Riley. – Fale mais sobre Malmon.

– Esperto, possuidor de muitos títulos. E cruel. Tem muito cacife.

– Ele tem...

– É outra palavra para dinheiro, é cheio da grana. Família rica, além do que rouba. Aceitaria fazer qualquer coisa se lhe pagassem o suficiente. Minhas fontes dizem que foi ele quem sequestrou o rinoceronte-branco, uma espécie do norte ameaçada de extinção, fora da área de conservação no Quênia. Deixou dois mortos. Ninguém conseguiu provar isso e nunca acharam o rinoceronte.

– Por que alguém roubaria um rinoceronte? Não consigo entender... – perguntou Sasha.

– Porque pagaram a ele uma alta soma para fazer isso. Provavelmente alguém tão rico e odioso quanto ele. Muitos desgraçados caçam animais raros e ameaçados de extinção.

Riley balançou a cabeça. Quando Doyle voltou com a cerveja, ela prosseguiu:

– Se ele soubesse o que sou, não descansaria até me trancafiar em uma jaula e me vender para quem pagasse mais. – Ela afastou o pensamento. – Ele está com uns 40 e poucos anos, tem bases em Nova York, Paris, Dubai e uma propriedade em Devon, na Inglaterra. Provavelmente outras mais. Pai francês, mãe inglesa, pelo que sei sempre viveu no Reino Unido. Se eu tivesse de rotulá-lo, diria que é um psicopata narcisista. Tem mercenários em sua folha de pagamento regular e contrata autônomos para trabalhos específicos. Mas não se importa de sujar as mãos de sangue. Acho que gosta. Um amigo meu me ligou bastante animado dizendo que estava quase certo de haver encontrado Carnwennan e me pediu para ir à Cornualha ajudá-lo.

– O que é Carnwennan? – perguntou Sasha.

– A adaga do rei Arthur. Muitos na minha área acham que é puro mito. Eu não concordo, e Westle dedicou a maior parte da carreira a buscas arturianas. Quando disse que a encontrou, acreditei. Precisei de alguns dias para concluir o que estava fazendo e ir me encontrar com ele. Quando cheguei, o encontrei morto. Por estrangulamento, mas não antes de ser torturado e ter o laboratório destruído e incendiado com ele dentro. Nenhum sinal de Carnwennan, claro, ou de qualquer uma de suas anotações e outros artefatos que havia encontrado. Malmon foi visto nas proximidades, e isso não foi uma coincidência. – Ela se levantou. – Vou dar aqueles telefonemas, ver se consigo descobrir onde ele está e o que pretende.

– E se vamos enfrentá-lo – disse Bran quando Riley se afastou.

– Ele, seus mercenários e matadores de aluguel – acrescentou Doyle, com um olhar para Annika.

Como se esperasse uma deixa, Annika deu uma série de saltos mortais e acabou com o calcanhar esquerdo a menos de um centímetro do rosto de Doyle.

Ele deu uma risada tão rápida e aprovadora que Riley, a vários metros de distância, olhou em sua direção.

– Está certo, gata, você sabe mostrar que não tem medo.

– Eu sei lutar.

Annika deu outro salto mortal para longe da mesa e caiu de pé.

– Estou desenvolvendo um recurso para você. Aliás, preciso voltar ao trabalho. – Bran se levantou. – Mas primeiro preciso de uma coisa sua.

– Eu tenho moedas e o... desenho que Riley me deu em troca de algumas delas.

– Não, *mo chroí*. – Ele tirou um pequeno frasco do bolso. – Preciso de algumas gotas do seu sangue.

– Meu...

Ela empalideceu um pouco.

– Aquilo que faço para você precisa ser seu. Para manter o que você é... sua luz, seu coração, sua força. – Então ele pegou uma pequena faca de ritual que havia purificado. – É só uma espetadinha na ponta do dedo. É melhor que seja o terceiro dedo da mão esquerda.

Sem dizer nada, ela estendeu a mão e com a outra procurou a de Sawyer.

Com os olhos nos de Annika, Bran usou a ponta da faca e segurou o dedo dela acima do frasco para pingar três gotas dentro.

– Pronto.

Como faria com uma criança, ele lhe beijou a ponta do dedo e o diminuto ferimento sarou.

– Não doeu – disse Annika.

– Porque você é muito corajosa. E sua coragem também está em seu sangue.

– O que você vai fazer para mim?

– Uma surpresa.

Bran lhe beijou as bochechas e se virou para Sasha.

– Seria bom se você pudesse me ajudar.

Sasha o acompanhou.

– Você não parece muito preocupado com esse tal de Malmon – disse ela.

– É só um homem, embora perigoso.

Bran foi para seu quarto. Como agora estava dormindo no de Sasha, havia arrumado o seu como um local de trabalho. Naquele momento, o caldeirão estava em um pedestal de pedra da altura de sua cintura, no centro do quarto.

– Bran, uma coisa é lutar, até mesmo matar aquelas coisas que Nerezza nos envia. Mas seres humanos? – disse Sasha.

Assassinos, ele pensou, mas apenas assentiu.

– Há modos de se defender, até mesmo atacar, sem derramamento de sangue. Estou trabalhando nisso para Annika.

Sasha olhou para o caldeirão e franziu a testa ao ver o líquido cor de âmbar.

– O que é isso?

– É com relação a isso que você pode me ajudar. Quase terminei a mistura, mas o que vou acrescentar e como proceder, dependerá da forma que assumirá.

– O que isso fará?

– Desviar. Destruir o que é conjurado da escuridão e desviar com luz.

– Um escudo?

– Estou pensando nisso. – Ele circundou o caldeirão enquanto falava. – Um pequeno escudo. Ela é ágil o suficiente para aprender a usá-lo, para se movimentar com ele.

– Mas não ficaria com as mãos livres.

– Também algo a considerar. Uma espécie de peitoral de armadura, talvez, mas poderia ser fixo, preso ao corpo. Ela não seria capaz de proteger a frente e as costas, somente quando se virasse, e mesmo rápida como é...

Sasha pôde ver Annika usando o peitoral. A linda e ágil princesa guerreira.

– Como funcionaria?

– Com um raio de luz. A luz atinge o que é feito de escuridão. Rechaça, destrói. O escudo poderia ser...

– Podem ser dois? – interrompeu ela.

– Dois escudos?

– Não, eu estava pensando em braceletes. Como algemas. Posso não conhecer super-heróis, como Sawyer, mas conheço a Mulher-Maravilha.

Ele riu quando Sasha ergueu e estendeu os braços.

– Mulher-Maravilha. Sim, é claro. Ela terá braceletes mágicos, ficará com as mãos livres e poderá rechaçar e se proteger de qualquer ângulo. Isso é brilhante, *fáidh.*

– Pode fazê-los bonitos? Ela usará qualquer coisa que você lhe der, mas se for bonito ficará feliz.

– Posso sim. – Ele pôs uma das mãos sob o queixo de Sasha e a puxou para um beijo. – Vamos acrescentar algo que os fará parecerem peças de design, além de lhes conferir poder e proteção.

Bran atravessou o quarto até seus livros, escolheu um e começou a folheá-lo.

– Aqui está, acho que vai servir.

Ele o mostrou para ela.

– É celta?

– Sim. Meu sangue, e o poder e a proteção serão incutidos por mim. Pode desenhá-los? Dois braceletes com este design. Como você os vê.

– Tudo bem. Vou buscar um bloco de desenho.

Ela foi e voltou correndo do seu quarto, já imaginando os braceletes: ligeiramente arredondados, com uma borda fina, como uma trança bem apertada.

E os símbolos celtas de Bran ao redor.

– Você não disse como será fechado.

Ele se limitou a sorrir.

– Magia. Sem começo ou fim – acrescentou. – Um verdadeiro círculo.

Enquanto falava, ele escolheu um pedaço de arame.

– Bronze. Para uma guerreira.

Com a mão livre, fez o caldeirão levitar alguns centímetros e acendeu o fogo embaixo.

– Sem lâmina, sem aço. Tudo luz. E, na luz, o poder de desviar ou defender. Destruir o que vem de fonte escura, defender do que deseja fazer mal. O sangue da guerreira. – Ele ergueu o frasco e o virou para deixar as três gotas caírem no caldeirão. – E o do mágico.

Usando a mesma faca, espetou a ponta do próprio dedo e acrescentou três gotas de sangue.

– Poder e luz unidos por sangue, passados pelos ancestrais.

Deixou o arame afundar no silencioso líquido borbulhante.

– Agitado pelo vento.

Soprou a palma de sua mão estendida e o líquido se agitou.

– Atiçado pelo fogo.

Chamas vermelhas se ergueram e cobriram o caldeirão.

– Com água da tempestade e do mar para curar. E terra do solo sagrado para abençoar.

Água primeiro, de um azul brilhante, derramada do frasco que ele escolheu, e depois terra, de um marrom forte e profundo.

– Você tem o desenho? – perguntou finalmente.

Sasha o tinha feito, mas agora mal respirava. O poder vibrava no ar, que se tornara tão azul quanto a água que Bran despejara. Bran era a luz, irradiando-a. Quando ele se virou para Sasha, seus olhos eram como ônix.

Ela estendeu o desenho.

Bran o observou em silêncio e assentiu.

Então o ergueu bem alto com as duas mãos.

– Teu poder, transmitido através de mim. Que sejam forjadas as armas para a luz, e que através delas a magia flua. Abençoadas por ti, concedidas por mim para uma guerreira em sua luta. Que por meio delas lhe seja concedido seu poder por direito. Que sejam forjadas segundo esta imagem, com nosso sangue ardendo nelas. Que o fogo seja agora atiçado, livre e selvagem!

O desenho se incendiou na mão dele e o último brilho do fogo entrou no caldeirão.

– Que assim seja.

Bran estendeu as mãos sobre aquele brilho, aquelas centelhas.

– Esfrie agora. Está feito.

Voltara a ser apenas um quarto, à luz branda do anoitecer, com o caldeirão imóvel sobre o pedestal de pedra.

– Não consigo respirar – disse Sasha.

Bran se virou rapidamente, o olhar antes tão intenso agora repleto de preocupação.

– Não, não é isso que quero dizer. Só estou sem fôlego. Foi tão maravilhoso que fiquei sem fôlego.

– É complexo criar algo palpável com elementos e vontade. Exige considerável energia.

– Deu para ver.

– Isso a assusta?

– Não, não quando vem de você.

Bran estendeu a mão.

– Venha, vamos ver o que conjuramos.

– Eu não...

– Seu desenho. Portanto, o que veio de você, beleza e imagem, também está nisso.

Ele lhe segurou a mão e com a outra procurou no caldeirão.

Os braceletes eram exatamente como ela havia desenhado, dos símbolos gravados às bordas finamente trançadas. O bronze brilhava à luz que enfraquecia.

– Posso...?

– Claro.

Ela passou os dedos pelos braceletes.

– São lindos. Só por isso ela já vai adorá-los. Eu adorei... adorei que você os fez para ela, entendeu que ela precisava de outro modo de agir e gerou algo poderoso, belo e bonito com luz. Você... – Inundada de emoções, Sasha olhou nos olhos dele e continuou: – Você realmente me deixa sem fôlego. Não só por seu poder, Bran. Aconteça o que acontecer, esse momento com você mudou minha vida. Fez com que eu me abrisse.

– Você mudou a minha. – Ele segurou o rosto de Sasha e a beijou docemente. – Você a enriqueceu. Vou lhe fazer uma promessa, *fáidh*, embora eu não seja vidente. Quando levarmos as estrelas para o lugar ao qual pertencem, ficaremos juntos, exatamente assim, à luz delas.

– Uma promessa que quero que seja cumprida por nós dois.

– Então confie que será.

Sasha se apoiou nele por um momento, olhando para o céu, o mar – o promontório onde sabia que também ficariam juntos no furor de uma tempestade.

– Está ficando tarde. Perdi a noção do tempo. Hoje você e eu somos encarregados da cozinha.

– É uma pena, porque preferiria fazer outra coisa com você, Sasha.

– Guarde essa ideia para depois, porque Riley precisa de uma refeição decente antes do pôr do sol e você tem que dar os braceletes para Annika.

– Então vou levar você para dar uma volta depois.

– Dar uma volta? É isso que você preferiria fazer comigo?

– Uma das coisas.

Bran pegou os braceletes que Sasha lhe estendeu e, depois, a mão dela.

– Acho que já tivemos o suficiente de planos de batalha e tarefas – disse Bran

quando começaram a descer. – Gostaria de passear com você ao luar.

– Combinado. – Ela viu Annika brincando de cabo de guerra com Apolo, usando um grosso pedaço de corda. – Melhor você levar os braceletes para ela, enquanto começo a preparar o jantar.

Quando Sasha se afastou, Bran atravessou o gramado. Apolo parou com a brincadeira e disparou na direção dele para cumprimentá-lo.

Annika arregalou os olhos ao ver os braceletes na mão de Bran.

– Ah! Foi isso que você fez para mim? – Ela cobriu a boca com as mãos. – Como brilham ao sol!

– São feitos de luz.

– E sangue?

– O seu e o meu. São só para você, só podem pertencer a você ou ao seu sangue. Seus descendentes – explicou.

– Obrigada. – Ela pegou um, quase reverentemente, e ficou pensativa. – Não sei usar isso. Coloco no pulso?

– Sim. – Ele pegou a mão de Annika e pôs o bracelete. – Mas entenda que é tanto uma arma quanto um escudo.

– Para me ajudar a lutar sem arma.

– Isso mesmo. Sem arma, mas com poder e luz.

– Vou lutar.

Quando Bran pôs os dedos ao redor do bracelete, ele brilhou na mão de Annika, no seu pulso, firme e verdadeiro. Annika fez o mesmo com o segundo.

– São lindos.

– Só você pode tirá-los.

Ela balançou a cabeça.

– Vou usá-los sempre. Obrigada. – Annika o abraçou. – Obrigada.

– Não há de quê. Deixe-me mostrar como eles funcionam.

– Sim, por favor.

Ele ergueu uma das mãos e formou uma bola escura que brilhou logo acima da palma, depois a lançou no ar. Segurando o braço de Annika, flexionou-o no cotovelo e o virou na direção da bola.

– Para começar, você tem de pensar, mirar e decidir. Mas depois tudo será instintivo. Rebata a bola.

– Rebater?

– Use sua luz contra a escuridão, Annika. Use-a.

Da primeira vez, ele a ajudou. Um fino raio de luz começou a sair do bracelete, atingindo a bola.

– Eu senti – murmurou Annika.

– Sim. Faça de novo.

Ela o surpreendeu, erguendo o outro braço e lançando a bola para longe.

– Você é rápida.

– Eu senti isso – repetiu ela. – Mas e se eu cometer um erro? E se atingir alguém? Não quero ferir ninguém.

– Isso só atinge a escuridão ou alguém com um objetivo maléfico. Veio de mim também, e fiz um juramento. Sagrado para mim. Não ferir ninguém. Não usar o que sou e tenho para atingir nada além da escuridão.

– Juro isso também. Juro para você. Vou combater a escuridão.

Ela ergueu os braços e emitiu luz de ambos, fazendo a bola de treinamento ir para a direita e depois para a esquerda.

– Sim, você é muito rápida. Destrua-a.

– Destruir?

– Eu lhe darei outra. Destrua esta.

Uma luz ainda mais forte e brilhante atingiu a bola, fazendo-a desaparecer.

– Se aqueles bichos voltarem, nos atacarem, posso fazer isso. Eles são malévolos, então posso destruí-los. – O olhar de Annika se tornou duro e implacável. – Posso destruí-los sem quebrar o juramento.

– Você fará isso, como eu, para cumprir outro juramento. Destruir a escuridão, encontrar e proteger as estrelas.

– Eles são mais do que um dom. Até mesmo mais que uma arma. Você me deu um objetivo. – Aqueles olhos de sereia, normalmente tão repletos de alegria, encontraram os dele com força e firmeza. – Não vou decepcioná-lo, pode acreditar.

– Sei disso.

– Gosto que sejam bonitos.

– Sasha os desenhou para você. – Ele conjurou outra bola. – Treine. Tenho trabalho me esperando na cozinha.

– Vou treinar muito. Você poderia fazer outra bola dessa? O demônio não vem sozinho.

– Bem pensado.

Ele fez três bolas, lhe deu um tapinha nos ombros e saiu. Ouvia os estalidos e chiados da luz dela enquanto atravessava o gramado.

Sawyer estava na beira do terraço, com as mãos nos bolsos e um sorriso contido no rosto.

– Você a transformou na Mulher-Maravilha.

– Ideia de Sasha. Combina com ela.

– Está brincando? Olhe só isso.

Bran olhou para trás e viu Annika dar uma cambalhota para a frente, atingindo uma bola no meio do ar. E atingindo outra ao aterrissar.

– Eu me sinto um idiota por um dia ter pensado que ela precisava usar uma arma.

Como tinha feito com Annika, Bran deu um tapinha no ombro de Sawyer e foi para a cozinha.

Annika exibiu seus novos movimentos antes do jantar, demonstrando que, além de aprender rápido, era incansável.

– Bem que eu gostaria de ter um par desses.

Com as mãos na cintura, Riley observou Annika atingir três bolas enquanto fazia uma série de cambalhotas.

– Em três noites por mês, você precisaria de dois pares.

Ela o olhou de esguelha.

– Rá rá – disse, e pegou a cerveja dele. – Tem certeza de que ela não pode pulverizar um de nós?

– Absoluta. – Conforme instruído, Bran tirou o peixe da grelha e o pôs na travessa. – Você não sentiria nada, só um pouco de eletricidade estática.

– Isso inclui a forma de lobo?

– Ainda é você, não é?

– Sim, é. Talvez devêssemos testá-lo. Sawyer pode ser o alvo.

– Rá rá para você também – disse Sawyer.

– Sem brincadeira, deveríamos... – Riley se interrompeu quando seu celular vibrou. – Esperem.

Sasha trouxe uma tigela de massa com vegetais salteados e um pão redondo na tábua de cortar.

– Este é o jantar – anunciou.

Sawyer assoviou em aprovação quando Annika destruiu todas as três bolas no ar.

– Por falar em olho certeiro...

Riley pôs o telefone de lado enquanto se sentava.

– Duas fontes me informaram que Malmon está em Londres, portanto não precisamos nos preocupar com ele por enquanto. – Ela avaliou a posição do sol e o tempo que tinha. – Gosto de dormir em casa quando dá, depois da última noite, mas parece que não vai ser possível.

– Nós nos exercitamos ao amanhecer.

Doyle pôs comida em seu prato.

– Gosto de me exercitar. – Annika se jogou na cadeira ao lado de Sawyer. – Parece um pouco dança.

Através do globo, Nerezza os observava. Enfurecia-a as imagens estarem indistintas, como se envoltas em camadas de gaze.

O bruxo, pensou, havia descido uma cortina; possuía mais poder do que ela esperava.

Não o suficiente, nem de longe o suficiente, mas enfurecedor.

Ela pôs o globo de lado e pegou sua taça.

Deixe-os pensar que estão protegidos. Deixe-os festejar e rir. Porque, quando ela terminasse, as risadas se tornariam gritos.

Chamou uma de suas criaturas para que se empoleirasse no braço de seu trono enquanto ela passava o dedo pelos sulcos ásperos do rosto. Podia ordenar um ataque para vê-los se alvoroçarem como formigas, mas o mais inteligente era deixá-los festejar, acreditar que haviam vencido uma batalha.

E deixá-los conduzi-la para a Estrela de Fogo.

Quando eles fizessem isso – *se* o fizessem –, os pegaria. Ela os rasgaria em pedaços, esmagaria seus ossos até reduzi-los a pó e pintaria o mar com o sangue deles.

Estava cansada de esperar, cansada de apenas observar através da cortina mágica. Ela acariciou a criatura quase adormecida. Então lhe torceu o pescoço.

Pôs um pouco de seu sangue na taça como quem põe leite no café. Ao beber, imaginou que era o sangue do bruxo e que assim o poder dele era somado ao seu.

17

Ela nadava na fria água azul, forte e segura. A água a chamava, como uma canção, e ela só queria responder. Mesmo quando seus pulmões ardiam e imploravam por ar – apenas um sopro –, ela nadava.

Viu uma mudança na luz, uma espécie de aceno, e arriscou tudo para mergulhar ainda mais fundo. Mesmo quando os braços e as pernas fraquejaram, em momento algum pensou em voltar à superfície. Somente a luz. Somente a canção.

Perto, tão perto. Lágrimas ardiam atrás de seus olhos enquanto seu corpo a traía. Ela podia ver a boca da caverna, mas agora sabia que não podia alcançá-la.

Não era forte o suficiente.

Quando a luz começou a diminuir e a canção se distanciou, mãos a agarraram.

Ela sugou o ar introduzido em sua garganta e cuspiu a água que no sonho lhe enchia os pulmões. E viu os olhos escuros de Bran.

– Graças aos deuses! – Ele a abraçou. – Você parou de respirar.

– Eu estava me afogando.

– Você está aqui. Comigo.

– Vi uma luz, e eu queria alcançá-la. Tinha de alcançá-la. Estava nadando na direção dela, mas não tinha forças. Estava me afogando.

– Um sonho. – Não uma profecia. Ele não permitiria. – Você está estressada, só isso. Vamos mergulhar amanhã... – Na verdade, hoje, pensou, porque o amanhecer se aproximava. – E você está estressada.

– Eu estava sozinha. Não mergulhando, não com um cilindro de oxigênio. E não tinha forças.

– Você não estará sozinha. Vamos ficar aqui hoje, eu fico com você.

– Não devemos. Você sabe disso. O sonho não faz sentido. Eu não mergulharia sem um cilindro. E não estava com medo, Bran. Era mais como se estivesse... hipnotizada. Até eu perceber que não conseguiria.

– Não conseguiria o quê?

– Alcançar a luz. A caverna. Tensão – concordou ela. – Às vezes um sonho é só um sonho. Ainda sou a parte fraca, fisicamente. Desculpe se o assustei.

– Só até a medula. Vamos, descanse um pouco mais.

– Se eu me levantar agora, poderei tomar café antes de Doyle começar a dar ordens. Acho que vale a pena.

– Então vamos. – Naquele momento, com o medo ainda à espreita, ele faria tudo que pudesse por ela. – Sasha, se quando estivermos mergulhando algo lhe lembrar esse sonho, você precisa me avisar. Você não estará sozinha. Promete me avisar?

– Prometo.



Sasha se sentia calma. O sonho não lhe deixara angústias ou preocupações. Na verdade, mal havia parecido real. E, depois de vinte minutos sob as orientações de Doyle, absolutamente nada era real além do suor e dos músculos trêmulos.

Conseguiu fazer seis flexões – incompletas, segundo Doyle – e quase completou uma puxada na barra fixa.

Quando entrou no barco, tinha a sensação de que havia passado metade do dia correndo. Duvidava que pudesse haver algo melhor naquele momento do que sentar a bunda dolorida em um banco acolchoado, com o rosto erguido para o sol e a brisa salgada soprando sobre ela. E tudo isso com os verdes de Corfu brilhando contra o azul.

Outros barcos balançavam nos ancoradouros ou navegavam, como eles logo fariam. Sasha via as cores de lojas e restaurantes, o movimento de gente passeando. Nas varandas de um pequeno hotel, toalhas de praia ondulavam.

A brisa trazia uma mistura de vozes e idiomas, o cheiro de protetor solar e de limão, do forte café grego e um toque de fumaça.

E não era uma maravilha toda aquela vida, tão diferente da que conhecera, ao redor deles?, pensou Sasha. Famílias em férias, lojistas abrindo as portas para as

vendas do dia, casais sentados em cafés na calçada, apreciando a vista, os sons e os cheiros, como ela, enquanto tomavam o café da manhã.

Nenhum deles sabia, pensou Sasha, que havia corações sombrios cobiçando de tal forma o poder que poderiam destruir tudo o mais.

A garotinha com calça capri cor-de-rosa e uma fita ondulando no rabo de cavalo que saltitava entre os pais, ou o velho de rosto enrugado e boné fumando seu cigarro enquanto o café fumegava na sua frente. O homem inacreditavelmente bonito que esfregava o deque de um barco próximo e sorria para o trio de garotas que lhe lançaram olhares sedutores ao passarem.

Eles não sabiam que mundos poderiam deixar de existir. Para eles, era apenas uma bela manhã de primavera em uma ilha verde em um mar azul.

– Você está distante – disse Bran, ao seu lado.

– Na verdade, não. Estou bem aqui. Bem aqui e agora, e isso é realmente maravilhoso. Vou voltar – decidiu. – Quando só houver o bem aqui e agora. Vou tomar café lá e dar uma olhada naquelas lojas. Vou comprar um lenço muito colorido e algo totalmente inútil e bonito e depois beber vinho *kumquat* no meio da manhã. – Ela inclinou a cabeça e sorriu. – Talvez você possa vir beber comigo.

– Eu poderia ser convencido.

Doyle saiu com o barco da marina, deixando para trás a agitação, os cheiros, toda aquela vida. Sasha pegou o bloco e fez um rápido desenho do vilarejo, visto da água. Ela se lembraria das cores brilhantes e das desbotadas pelo sol quando o pintasse. Uma aquarela de sonho, decidiu, fazendo aquela parte do mundo parecer ligeiramente mística e irreal.

Ela virou a página – outro desenho dos penhascos, todos aqueles marrons e verdes, texturas, e da praia onde pessoas já realizavam as atividades do dia.

Distraída com o trabalho, mal notou quando Bran se levantou para ajudar Riley e Annika com o equipamento de mergulho, mal ouviu o motor e o vento, Doyle e Sawyer discutindo os mapas.

Satisfeita e meio que sonhando, tirou os sapatos e se levantou para tirar a blusa e o short. Havia prendido os cabelos em um rabo de cavalo para o mergulho e pôs o chapéu sobre as roupas cuidadosamente dobradas em cima do banco.

Apesar do sol forte, deixou os óculos escuros na pilha. A luz produzia um brilho branco na água, dando ao azul uma intensidade de tirar o fôlego. Com a

espuma na esteira do barco, a batida do casco na superfície da água quando fizeram uma curva suave na direção da terra soou como música.

A música a atraiu, atraiu tudo dentro dela. Sasha ficou em pé no banco, depois na amurada do barco. Então simplesmente mergulhou.

Bran se virou primeiro e teve apenas uma fração de segundo para vê-la desaparecer na água.

– Parem o barco! – Ele agarrou a boia salva-vidas e a imbuiu de poder para que caísse no mesmo lugar em que Sasha caíra. – Sasha mergulhou. Sasha mergulhou – disse arrancando os sapatos. – E ela sonhou que se afogava.

– Pelo amor de Deus, espere! – Riley agarrou o braço dele. – Pegue seu cilindro. Ela pode precisar de ar. Doyle!

– Já estou virando o barco.

Bran prendeu o cilindro, amaldiçoando os preciosos segundos que aquilo levou, então se jogou na água.

– Peguem cilindros, lancem a âncora. Precisamos...

– Eu posso encontrá-la – disse Annika, interrompendo as ordens frenéticas de Riley. E, assim como Sasha, simplesmente mergulhou.

– Droga. – Prendendo o cilindro sobre a camiseta, Sawyer mantinha a boia salva-vidas à vista. – Nerezza deve ter feito algo com elas. Vamos.

Segundos depois de Annika, ele estava na água.

Doyle atirou uma máscara para Riley.

– Sasha tem um bruxo apaixonado por ela. Ele vai alcançá-la.

Riley bateu na bainha de sua faca.

– Vamos garantir isso.

Sasha nadou na fria água azul, consumida pela canção. Ouvia-a em sua cabeça, seu coração, seu sangue, mais bela que qualquer outro som que já ouvira.

Viu a luz adiante, um lindo brilho no azul, vibrando com a música.

Mergulhou mais fundo, ansiando por ela. Mais fundo até mesmo quando seus pulmões já doíam.

Quase podia sentir seu calor, quase ao alcance das mãos, e tentou nadar até não conseguir mais.

Não era forte o suficiente. Ficou desesperada com a própria fraqueza, a necessidade humana de ar quando tudo que queria estava quase ao seu alcance.

Tudo se embaçou – luz, vibração, canção – enquanto seu corpo amolecia. Ela

começou a afundar no azul com a mão estendida na direção da beleza.

Mãos a agarraram. Impotente, ela engoliu água enquanto era empurrada.

Luz cegante, súbito calor. Depois, nada.

Annika a puxou e veio à tona. Na caverna, a água parecia cantar fluindo para cima e sobre a rocha. A luz azul brilhava como raios de luar.

– Ela não está respirando. – Quando Bran veio à tona ao lado de Annika, ela chorava abraçada a Sasha. – Você pode ajudá-la?

– Posso.

Não ia perdê-la. Impulsionando o corpo, Bran subiu em uma pedra larga e a tirou da água. Pôs uma das mãos no coração dela e lhe infundiu poder. E, abaixando-se, fez respiração boca a boca.

Por um instante que pareceu uma eternidade, conheceu o verdadeiro medo. Ele não seria o suficiente. Chegara tarde demais.

Então sentiu o coração de Sasha sob sua mão.

Ela cuspiu água. Bran a virou gentilmente quando os outros vieram à superfície e manteve a mão sobre o coração dela enquanto Sasha lutava por ar.

– Você voltou. Nunca mais vou dizer que era só um sonho. Você voltou, *a ghrá*.

Ele a ergueu e abraçou, enquanto Sasha tremia. Encostou a testa na dela, confortando ambos.

– O que aconteceu?

Riley subiu na rocha e olhou seriamente para o rosto de Sasha.

– Você resolveu mergulhar sem um cilindro de oxigênio.

– Eu... Como no sonho. – Ela procurou a mão de Bran. – Eu estava no barco, desenhando, quando ouvi a música. Foi como no sonho, eu tinha de ir ao encontro dela.

– Nerezza – disse Riley cerrando os dentes.

– Não, não. Não estava escuro nem frio. Não era maléfico. Era lindo.

– O mal se esconde na beleza – disse Doyle, também subindo na pedra.

– Não. Eu saberia. Esse tipo de coisa eu posso *sentir*. Ela chamou por mim. Ninguém ouviu?

– Alguma coisa, quando nos aproximamos da caverna. – Riley olhou para cima e ao redor. – Essa caverna não está em nenhum mapa.

– E a luz. – Bran lhe acariciou o rosto, desejando que recuperasse a cor. – Ela

nos guiou até você.

– Você me salvou – disse Sasha para Bran, mas ele balançou a cabeça.

– Foi Annika. Ela chegou até você primeiro e a resgatou. Ela é mais rápida do que qualquer um de nós na água. – Bran olhou para trás, na direção de Annika. – E agora entendo por quê.

– Eu não podia deixar o mar levá-la.

Annika enxugou uma lágrima. Sua cauda sinuosa e brilhante ondulava na água.

– Com pernas, eu teria chegado tarde demais.

Ainda pingando e com o olhar fixo na cauda azul-safira, esmeralda e rubi, Sawyer estendeu a mão lentamente para tocar na ponta brilhante e translúcida.

– Você é uma sereia. Caramba! Isso explica *muita coisa*.

– Eu não podia contar.

– Annika... – Sasha se arrastou para a beira, onde Annika descansava os braços. – Você salvou minha vida.

– Enxergo muito longe na água. Como vocês enxergam na terra. Por isso a encontrei, mas com pernas demoraria mais. E mesmo assim você já não estava respirando. Bran fez respiração boca a boca.

– Você fez isso por mim. – Sasha pôs a mão sobre a de Annika. – Isso significa que você... você tem de permanecer na água agora?

– Não. Posso ter pernas para a terra durante três ciclos lunares. Três meses – corrigiu-se. – Jurei não contar para humanos, mesmo os que buscariam as estrelas comigo, mas a vida é sagrada, muito mais que um juramento.

– Quem quiser julgá-la por isso terá de passar por cima de nós – disse-lhe Sawyer. Ele enxugou uma lágrima do rosto dela. – Você é uma heroína.

– Não está zangado comigo?

– Está brincando? Você salvou uma vida e para isso abriu mão de algo importante. Seu segredo. Como isso... – Ele passou o dedo pela lateral do corpo dela descendo até o início da cauda. – Desculpe – disse rapidamente, recolhendo a mão.

– Não me importo. Estou feliz. Sasha está viva e ninguém está zangado.

– Agora que isso já está definido – começou Doyle –, talvez pudéssemos descobrir por que Sasha quase se afogou para chegar aonde estamos.

– O Durão tem certa razão – concordou Riley. – É um lugar desgraçado para se chegar. – Ela se levantou. – Bem dentro do penhasco, segundo meu senso de

direção. Mas acessível com equipamento – acrescentou, apontando para Sasha. – Outros mergulhadores deveriam tê-lo encontrado. Mas não está em nenhum dos mapas.

– A resposta simples? – Mais calmo agora que a cor de Sasha havia voltado, Bran se levantou. – Não é para ser encontrado por outros. Atraiu Sasha através do que ela tem. Atraiu todos nós.

– Você acha que as estrelas estão aqui?

Bran assentiu para Riley.

– Acho que se não estiverem, há pelo menos um caminho para elas. Mas isso se encaixa na profecia de Sasha. Estamos bem entre a terra e o mar, não é?

– Tem razão. – Com as mãos na cintura, Riley examinou a caverna. – Lago pequeno, área ampla. Muitas rochas. As paredes são quase lisas e o teto... – Ela olhou para cima, franzindo a testa – Quase um domo perfeito, e as estalactites agrupadas... Nunca vi nada assim.

– Domo, agrupadas como um candelabro. Um lugar sagrado.

Sawyer finalmente saiu do lago para se juntar a eles.

– Não faz sentido ter luz assim, nessa profundidade, e sem o céu para refleti-la. – Ele abaixou os olhos para Annika. – Você quer subir e se sentar aqui na beira?

A cauda de Annika formou um arco brilhante na água e se dividiu. Ela se ergueu.

– Em pé – disse, sacudindo a água da coxa. – Gosto de pernas.

– Sim, bem, elas são ótimas – comentou Sawyer.

– Vamos ter de falar sobre tudo isso – decidiu Riley. – Mas agora que estamos aqui, vamos nos concentrar. Se a estrela estiver nesta caverna e enterrada, precisaremos de ferramentas. Posso consegui-las, mas não devemos quebrar nada. O melhor é nos separarmos, procurarmos algo que pareça fora do lugar. Vou começar pelo outro lado do lago.

– Não sei o que procurar – disse Sasha.

– Você nos trouxe até aqui – lembrou-lhe Bran.

Algo fora do lugar, pensou ela. Não sabia o que poderia *não* estar no lugar, porque não havia passado muito tempo em cavernas submarinas estranhas.

Mas algo a havia levado até ali – levado todos os outros.

Por que não podia ouvir a música agora ou se sentir puxada na direção certa?

Procurou com os outros, passando as mãos pelas rochas, subindo em saliências.

Como Riley dissera, as paredes eram lisas, quase da textura de vidro. E quentes, embora o natural era que fossem frias ao toque, notou. O ar deveria ser fresco – até mesmo frio –, considerando que estavam abaixo da superfície do mar.

De onde vinham o calor e a luz?

Ela olhou para a curvatura do teto, as cores vivas da rocha, o estranho agrupamento de estalactites brilhantes.

Enquanto olhava, uma gota escorreu pela rocha cônica e caiu no chão de pedra.

Ela a ouviu cair tão distintamente quanto uma corda de harpa sendo dedilhada. Depois, outra. Enquanto olhava, gotas escorriam, cheias de luz – água atingindo água, água atingindo rocha – em notas rápidas e belas.

Uma canção.

Não era possível, claro. A velocidade, a luz e o som das gotas – aquela música se erguendo acima de tudo. Ela se aproximou, ainda olhando para cima, e estendeu a mão.

Uma gota caiu em sua palma, quente e luminosa – mas não muito líquida. Permaneceu lá, clara como vidro, formando um círculo perfeito, a canção tocando o coração de Sasha.

Ainda segurando o minúsculo globo, ela se ajoelhou no chão da caverna.

Ouviu alguém dizer seu nome e balançou a cabeça. Não agora, não agora. Eles podiam ver que tinha amor, confiança e esperança bem na palma de sua mão? Muito disso, em uma única gota, e para todos os mundos.

Ela a colocou, como uma oferenda, no pequeno altar de pedra.

Fez-se fogo. Brilhante e belo, vermelho e puro como sangue do coração. Milhares e milhares de facetas brilharam no fogo, agora libertas da pedra, a estrela ferozmente brilhante.

– A Estrela de Fogo, para a nova rainha. Aqui arde a paixão e o fogo da verdade. – Ela pegou e ergueu aquela estrela ardente nas mãos em concha. – Aqui há poder, força e justiça intensas para iluminar os céus de todos os mundos em nome de Aegle, a radiante.

Ela a manteve erguida, e as lágrimas que inundaram seus olhos foram de pura alegria.

– Foi encontrada. Está liberta. E devemos protegê-la até voltarmos com suas

irmãs para Oileán na Gloine, para que possam brilhar para sempre acima de todos os mundos.

Ela baixou os olhos para a estrela e suspirou. Quando os ergueu, estavam livres de visões.

– Não estou sonhando.

– Não, *fáidh*. – Bran, que se aproximara, pôs as mãos nos ombros dela. – Você a encontrou.

– A estrela é real. Pegue-a. Precisamos protegê-la de Nerezza. Ela virá buscá-la.

– Não sei se ela pode vir aqui. – Riley se aproximou e tocou na chama com a ponta dos dedos. – Neste lugar. Tudo é luz e calor – observou. – Não há nenhuma solidez. Mas... juro que a sinto sussurrar. Ela tem peso?

– Não, mas o sinto. Não sei explicar. Aqui.

Riley a pegou.

– Massa sem peso – disse. – Chama ativa que não queima. Não sinto fisicamente a forma dela, mas a percebo.

– Podemos deixar a análise científica para depois, doutora. – Doyle manteve um olho no lago e uma das mãos na faca de mergulho. – Se ela vier até aqui, não temos nada além de facas, braceletes mágicos e o que quer que Bran possa tirar da cartola. Precisamos não só levá-la para a superfície como também escondê-la onde ninguém possa encontrá-la.

– E quando chegarmos à superfície? – Sawyer pegou da mão de Riley a Estrela de Fogo. – Estão vendo o tipo de luz que irradia? Será vista do continente. Como vamos escondê-la?

– Posso protegê-la – disse Bran. – Espero. E Doyle tem razão: não estamos bem armados aqui, caso ela venha até nós. Precisamos levar a estrela para a casa o mais rápido possível.

– Então é melhor você levá-la. – Sawyer a ofereceu para Bran. – Você é o mais forte de nós. Sasha, vá com ele. Use meu cilindro para voltar para o barco. Posso chegar até lá...

– Não, não posso pegar seu oxigênio.

– Tenho a bússola, se precisar, mas nado bem.

– Posso levar Sawyer para o barco, bem rápido.

– Carona de uma sereia? Isso é bem excitante. – Sawyer sorriu para Annika. –

Não dá para recusar.

– Assim será melhor. – Bran pôs a mão em concha sobre a estrela. – Para proteger, respeitar, defender, sustentar.

Ele a moveu em um círculo, formando um globo. Ali dentro, a estrela ainda brilhava, mas menos.

– Perfeito – disse Riley.

– Fico feliz por você pensar assim. Dediquei muito tempo a isso. E, como é a primeira vez que uso em uma estrela de verdade, não sei ao certo por quanto tempo funcionará. Precisamos ir.

– Use isto. – Sawyer pegou seus cilindros. – Não me olhe assim – disse para Sasha. – Se precisar, tenho transporte com a Aqua Girl. Você e Bran, levem a estrela de volta para o barco. Iremos em seguida.

– Vou na frente, com Riley. – Doyle prendeu seu cilindro. – Annika e Sawyer, por último. Assim que todos estiverem a bordo, partimos. – Ele olhou para Bran. – Pelo amor de Deus, não deixe isso cair.

Ele pulou no lago. Riley o seguiu.

Bran segurou a mão de Sasha.

– Pronta?

– Temos de estar.

– Estou com você.

Segurando a estrela junto ao corpo, Bran entrou na água com Sasha.

Ela nadou para longe da luz, mas olhou para trás duas vezes até ver Sawyer e Annika, com sua cauda iridescente, vindo também.

Nadou o mais rápido que pôde, para não atrasar o ritmo de Bran.

Fora da caverna e da luz teve uma noção melhor do quão longe e fundo havia ido. Uma nova preocupação com Sawyer a fez olhar para trás, mais uma vez.

Algo veio rapidamente em sua direção, com dentes afiados brilhando como prata e olhos amarelos malignos. Indefesa, não pôde fazer nada além de tentar escapar. Bran passou uma das mãos pela água. Ela sentiu a força da corrente quando o que veio até eles e o que veio com ele giraram para longe.

Quando Bran fez um gesto para que ela fosse para a superfície, Sasha balançou a cabeça, recusando-se. Viu Riley e Doyle enfrentando novas feras com as facas de mergulho. Não abandonaria seus amigos.

Preparou-se para lutar de mãos vazias e viu Sawyer passar sua faca na

barriga do que parecia um pequeno tubarão com uma boca enorme. Com a cauda, Annika bateu em uma série deles, com uma força que os transformou em manchas pretas oleosas na água.

Algo a atingiu nas costas como um aríete, fazendo-a dar uma cambalhota na água. Três das criaturas a cercaram com a boca aberta, os dentes brilhando. Sasha se defendeu com socos e chutes, a adrenalina gritando dentro dela enquanto o punho parecia afundar nos corpos úmidos e esponjosos.

O raio veio; corpos explodiram.

Annika passou rapidamente por eles com sua cauda batendo nas criaturas e levando Sawyer.

Bran passou um braço ao redor de Sasha e, montados no raio, foram para a superfície. Ele quase a empurrou escada acima, onde Sawyer estava debruçado na borda, cuspindo água.

– Annika – conseguiu dizer. – Ela voltou. Riley. Doyle.

Antes de Sasha entender, Bran pôs a estrela na mão dela e voltou para a água.

– Não!

– Pare. – Embora um pouco cambaleante, Sawyer agarrou o braço de Sasha, impedindo-a de mergulhar. – Leve a estrela para a cabine de comando. Cubra-a o melhor que puder. Preciso de um maldito cilindro de oxigênio.

Ele pegou o de Sasha, e o teria posto, mas nesse momento Riley veio à superfície e agarrou a escada. Pondo o cilindro de lado, Sawyer se inclinou para ajudá-la a subir a bordo.

– Qual a gravidade? – perguntou.

– Bran explodiu alguns. Se ele não tivesse...

Como Sawyer havia feito com Riley, inclinou-se e segurou o braço de Doyle.

– Bran. Annika.

Segurando a estrela, Sasha correu para a lateral do barco.

– Logo atrás de mim. Encontrem algo em que se segurar – disse Doyle. – Vamos sair daqui a toda.

Um raio irrompeu da água, e Bran com ele. Enquanto ele subia, Annika se ergueu no ar, o movimento vigoroso de sua cauda afastando a luz. No meio do salto, deu uma cambalhota e caiu no barco sobre as mãos, depois rolou no deque.

– Ela está sangrando.

Sawyer se ajoelhou ao seu lado.

– Quem não está? – disse Riley, mas também se ajoelhou.

– Não é muito grave. Não como da outra vez. Mas... – Ela arregalou os olhos e apontou para o céu. – Olhem!

Vinham mais seres malignos, como um enxame de vespas.

Doyle ligou os motores e os pôs em velocidade máxima. Quando as vespas deram um rasante na água, Sawyer balançou a cabeça.

– Não vai ser rápido o suficiente.

– Vá para a proa com Doyle – disse Bran, empurrando Sasha.

– Não vamos ser mais rápidos do que elas.

Aceitando isso, Riley agarrou sua faca.

– Sim, podemos ser. Talvez – acrescentou Sawyer, pegando a bússola. – Abaixe-se – disse para Annika, e a abraçou. – Preparem-se!

Sasha se virou para Bran, segurando a estrela entre eles, enquanto Sawyer recitava uma série de números.

Foi como ser empurrado pelo espaço com uma velocidade de tirar o fôlego. As pernas dela fraquejaram; a cabeça girou enquanto o mundo rodopiava ao redor.

Então ela caiu, como se de uma grande altura, e pousou com uma força que a teria derrubado se Bran não a tivesse segurado.

– Filha da mãe, funcionou! – Sawyer deu um sonoro beijo na bússola. – Filha da mãe!

– Estamos de volta ao casarão. – Riley segurou seu braço ferido. – E ainda estamos no maldito barco.

Todos os seis estavam na proa. O barco tinha ido parar no gramado entre a casa e o paredão rochoso. Apolo correu ao redor dele latindo alegremente.

– Nunca tinha transportado tantas pessoas. – Sawyer deu de ombros. – Achei que era um bom momento de tentar. Vamos nos preocupar com isso depois.

– Ainda estamos no maldito barco – repetiu Riley.

– E não vai demorar muito para ela mandá-los atrás de nós – salientou Doyle. – Precisamos levar a estrela para dentro e nos preparar para lutar.

– Por favor, leve-a. – Sasha estendeu a estrela para Bran. – Fica mais segura com você. Precisamos cuidar dos ferimentos. Eu me lembro do que preciso buscar.

– Longitude e latitude, certo? – Riley saiu do barco. – Os números que você

recitou antes de nos trazer para cá.

– Sim. Sempre memorizo as coordenadas de casa.

Sawyer deu um tapinha na testa.

– O maldito barco – disse ela de novo e, segurando o braço que sangrava, dirigiu-se ao casarão.

Doyle saltou a amurada e olhou para Bran.

– Está seguro de seu plano para a estrela?

– Tanto quanto é possível. Vou precisar de algum tempo para isso. E também para evocar uma tempestade. Uma tempestade que a afaste e nos mostre um caminho claro a seguir. Para onde precisamos ir.

– Enquanto isso, nós a conteremos para você.

– Para nós – corrigiu Sasha. – Estarei com ele. Eu vi – disse antes de Bran poder argumentar. – Eu pintei e vivenciei isso.

Ela se virou na direção da escada do terraço.

– Isso é inegociável.

Sem discutir, Bran levou a estrela para dentro. Faria o que fosse preciso quando chegasse a hora.

Sozinho.

18

Sasha se perguntou se tratar de ferimentos algum dia se tornaria rotina. Ficaria tão acostumada com sangue e carne dilacerada que a visão, o cheiro e a sensação nunca mais lhe embrulhariam o estômago nem fariam seu pulso se acelerar?

Sabia o que fazer – em parte, por simples instinto, mas também porque Bran era um bom professor. Primeiro ela lavou o corte profundo no braço de Riley, julgando que, em circunstâncias normais, exigiria pelo menos doze pontos. Calmamente, o cobriu com o unguento de Bran enquanto ele ajudava Sawyer. Doyle ficava de prontidão à porta com a espada.

– Ela ainda não virá nem vai enviar mais seres como aqueles. – Enquanto falava, Sasha pingou gotas em um copo de água e o entregou para Riley. – Beba tudo.

– Aparecer quando estamos sangrando lhe daria uma vantagem, vocês não acham?

– Esperarmos isso lhe negaria essa vantagem. E nós a confundimos – acrescentou Sasha. – Ou pelo menos Sawyer a confundiu. Desaparecemos com barco e tudo. Ela precisa pensar sobre isso. E está com muita raiva. Temos a estrela. Nós a encontramos, mas, ao contrário do que imaginava, Nerezza não conseguiu arrancá-la de nossas mãos.

Sasha começou a cuidar dos outros ferimentos de Riley – menores, quando comparados com o primeiro – e percebeu que todos tinham parado para olhá-la.

– Como você sabe? – perguntou Doyle.

– Não sei explicar. Mas sinto a raiva dela. E... ela ainda não conseguiu romper a proteção que Bran pôs ao redor da casa. Acho que conseguirá, mas não enquanto estiver furiosa. Temos um pouco de tempo.

– Você se conectou com ela. Abriu-se o suficiente para fazer essa conexão. Tenha cuidado, *fáidh* – preveniu-a Bran. – Porque ela pode sentir, como você, e fazer o mesmo com você.

– Só há ódio e aquela terrível necessidade. Ela está louca com isso.

– Loucura ainda pode ser astúcia – lembrou-lhe Bran.

– Ela virá com mais força agora. – Sawyer fez cara de dor enquanto Bran tratava seus cortes nas costelas. – Quando se reagrupar. Temos algo que ela quer. Antes ela só estava se divertindo, nos torturando. Queria que encontrássemos a estrela, porque ela não podia fazer isso.

– Acho que é exatamente essa a questão. – Riley se levantou, girou o ombro do braço machucado e flexionou os bíceps. – Bom trabalho. Não estou sentindo quase nada.

– Poderíamos ir para outro lugar. – Annika se virou para Sasha limpar os ferimentos em suas costas. A maior parte eram cortes e arranhões, pois os braceletes funcionaram bem. – Sawyer poderia nos transportar.

– Acho que sim. Tenho de admitir que foi a primeira vez que transportei seis pessoas e um barco, mas acho que poderia fazer isso.

– Quando chegar a hora, acho que posso ajudar você e sua bússola. Mas... – Bran olhou para Doyle, que assentiu. – Conhecemos o terreno aqui, e por enquanto estamos seguros. Precisamos de um pouco de tempo para nos reagruparmos, como ela.

– E a prioridade é a estrela – concluiu Riley. – Mas, se temos tempo, gostaria de cerveja e comida.

Ela foi até a geladeira, pegou algumas sobras, queijo e azeitonas.

– Um exército precisa comer, não é?

– Precisa da energia dos alimentos. – Sawyer sorriu de leve. – Não me sobrou muita depois de vomitar alguns galões de água do mar e rebocar vocês e o barco.

– Vou fazer comida para você. – Annika pegou a mão de Sawyer e a passou em seu rosto. – Eu não fui rápida o suficiente.

– Anni, sem você, eu nem teria voltado.

– Eu sei disso. – Riley pegou pão e biscoitos em um armário. – O que eu gostaria de saber com mais detalhes é como uma sereia pode andar por aí.

– Eu não podia contar antes.

– Sou a última pessoa que poderia reclamar disso. Mas como funciona?

– Também temos magia. – Ela sorriu para Bran. – E também procuramos as estrelas, para protegê-las e um dia levá-las de volta para o céu. Para algumas, esse é o objetivo. Como para minha família. E em cada uma... não sei a palavra... uma sereia é escolhida, treinada...

– A cada geração nasce um assassino?

– Eu não mato.

Sawyer sorriu com mais vontade.

– É só uma citação. Como vocês são escolhidas?

– Pela Luz. Em uma cerimônia, quando atingimos a maioridade. O bruxo tira a luz de seu peito e ela brilha sobre a escolhida. Depois, há a aceitação. Não forçamos nada, então é uma escolha. Eu escolhi aceitar. Dizem que quem procura com mais cinco que caminham na terra deve receber pernas para poder caminhar com eles. Mas esse dom deve ser mantido em segredo. Revelá-lo só é permitido para proteger a estrela ou salvar uma vida. Uma vez revelado, quem busca só tem três ciclos da lua para continuar, e outra deve assumir seu lugar.

– E se você... nós... encontrarmos as estrelas? – perguntou Sasha.

– Então posso ficar com minha família e as luas vão brilhar sobre todos os mundos. Ninguém do meu mundo já fez isso, mas até agora ninguém encontrou os cinco outros. E nós temos a Estrela de Fogo. Temos de protegê-la.

– Vamos protegê-la.

Bran se virou para o globo que pusera sobre o balcão, com a estrela brilhando dentro.

– Sei de um lugar seguro, onde Nerezza não poderá alcançá-la.

– Ela não ficará conosco? – Doyle se virou de sua posição de sentinela. – Eu jurei protegê-la.

– Eu também. Mas se a estrela ficar conosco, corremos o risco de Nerezza vir até nós, e todos sabemos que ela não vai desistir. Se a estrela não estiver conosco, mesmo se ela vier, não a terá.

– Não gosto muito da ideia de não ficar de olho na estrela – disse Riley. – De que lugar você está falando?

– É melhor eu mostrar a vocês. Volto em um minuto.

Quando Bran saiu, Riley olhou carrancuda para a cerveja.

– Se ela não estiver conosco, o que impedirá Nerezza de encontrá-la e roubá-la?

– Não vou arriscar. E com certeza ela não vai passar por mim.

Como os outros, Sawyer observava a estrela.

– Tenho de concordar com Riley e Doyle sobre isso. Passei quase dez anos procurando as estrelas e agora que encontramos a primeira delas, não acho certo escondê-la em algum lugar. Temos enfrentado o que ela nos trouxe até agora.

– Sangue, quase afogamento – salientou Sasha. – E, considerando a opinião de que ela só estava se divertindo conosco, o que acontecerá quando não estiver mais?

– Se a estrela ficar longe de nós, como poderemos saber que está segura?

Annika experimentou passar a mão pelo globo. Quando seus dedos o tocaram, a estrela pulsou.

– Ainda não somos um time. Mesmo depois de tudo isso. – Cansada, Sasha se virou para a pia, a fim de lavar o sangue e o unguento das mãos. – Vocês não confiam, não o suficiente para esperar para ver e entender o que Bran quer fazer. Não confiam em quem somos, se realmente acreditam que só poderemos protegê-la se pudermos *vê-la* ou tocá-la.

Ela se virou de volta, pegou a cerveja de Riley, tomou um grande gole e continuou:

– Pelo amor de Deus. Pelo amor de Deus! Estou aqui depois de outra batalha com seus... não sei como chamá-los... subordinados? Essa palavra serve. Seus subordinados. Limpando sangue enquanto essa estrela-deusa está sobre o balcão da cozinha tão casualmente quanto uma torradeira. Estou aqui com uma sereia, uma licantropa, um homem capaz de viajar pelo tempo e pelo espaço, e seja lá o que Doyle for capaz de fazer e ainda não se dispôs a nos contar. Eu estava *bem* vivendo minha vida. Bem! Com meu trabalho, minha casa, meu sossego. Havia aprendido a lidar com o que tinha ou ignorá-lo para poder levar a vida que achava que queria. Agora estou lutando contra uma deusa louca que gostaria de acabar com minha vida. Estou apaixonada por um mágico e atirando com uma besta. E bebendo cerveja quando nem *gosto* de cerveja. Vocês estão nessa busca ou sabem disso há anos. Eu só soube há algumas semanas, então por que sou a única aqui capaz de acreditar quando a pessoa que possui poder diz que há um modo de protegê-la?

– Droga – murmurou Sawyer. – Acabei de levar uma bronca.

– Não quero dar bronca em ninguém. Não quero ficar discutindo, mas parece

que não consigo evitar. Meu Deus, acho que preciso me sentar.

Quando ia se sentar, viu Bran à porta, seu olhar – intenso e misterioso – fixo no rosto dela.

– Apenas extravasando um pouco – conseguiu dizer Sasha, e se sentou. – Peço desculpas a todos, mas acho que houve alguns pontos válidos no meio dessa falação.

– Mais pontos válidos do que falação – disse Riley.

Ela encheu uma taça de vinho e a levou para Sasha.

– Desculpe.

– Só pedirei desculpas depois de ouvir o plano. – Doyle se apoiou no balcão e meneou a cabeça para Bran. – Então vamos ouvi-lo.

– Pensei nisso quando estava no terraço do hotel, no primeiro dia. Deu um pouco de trabalho – acrescentou, pondo a pintura sobre a mesa.

– Minha pintura. A que você disse que havia comprado – falou Sasha.

– Sim, antes mesmo de conhecê-la. Pedi que me fosse enviada. Eu lhe disse que conhecia essa floresta, esse caminho. Porque o percorri na direção da luz. Tenho uma casa lá.

– Na Irlanda.

– Sim, perto da costa, em Clare. Um local com que me deparei algum tempo atrás. Fiquei fascinado, então construí uma casa lá, embora Sligo sempre tenha sido meu lar. Fui atraído por esse lugar de luz no fim do caminho. E você também, Sasha. Senão, por que o teria pintado? Por que mais eu teria entrado naquela galeria, visto o quadro e sentido que era para ser meu? Há um objetivo nas coisas, e isso claramente teve. A estrela ficará segura lá. Acredito com todas as minhas forças, pessoal, que ficará fora do alcance dela.

– Ok. – Riley se levantou para andar. – Eu entendo. Foi uma conexão forte e poderosa. E estou dando os créditos a Sasha por seus pontos válidos. Deveríamos ter mais confiança. Mas como chegaremos lá? Transportados por Sawyer? Podemos chegar lá assim?

– Se eu tiver as coordenadas, acho que sim.

– Tenho um modo melhor, que estou certo de que deixará a estrela longe do alcance dela. Posso enviá-la através da pintura.

– Isso é genial. É possível? – perguntou Riley. – Porque é genial pra caramba

e me faz querer dar um chute no meu próprio traseiro por duvidar que você tivesse um plano sólido.

– É o meu lugar, e foi a visão de Sasha. Sim, é possível.

Doyle se aproximou da mesa.

– Através da pintura para a costa de Clare.

– De onde veio sua família. – Bran lançou um longo e calmo olhar para Doyle. – Acho que isso também teve um motivo.

Doyle encarou Bran, depois desviou o olhar para Sasha.

– A confiança é construída devagar, mas você tem a minha por isso.

– Somos seis, todos ligados uns aos outros, a um objetivo e a uma busca – acrescentou Bran, tocando levemente na mão de Sasha. – Precisamos concordar.

Sawyer olhou ao redor e assentiu.

– Então digamos que todos concordem.

– Nesse caso...

Bran ergueu a estrela, dentro do globo protetor, e a pôs suavemente sobre a pintura, o brilho da luz no fim do caminho.

– Se todos concordam, coloquemos a mão no globo e digamos o seguinte: "Para proteger este fogo brilhante, esta luz pura, eu a envio em segurança para onde olho nenhum poderá vê-la, mão nenhuma poderá tocá-la, escuridão nenhuma poderá obscurecê-la."

Enquanto eles repetiam as palavras, Bran ergueu as mãos e pareceu extrair poder apenas do ar. O poder girou ao redor do globo.

Quando ele abaixou as mãos, com os dedos abertos sobre as dos outros, a estrela começou a afundar na pintura. Seu fogo brilhou no caminho, em súbitas chamas vermelhas e douradas.

Então foi na direção da luz e iluminou tudo.

E sumiu de vista.

– Eu senti isso. – Riley ergueu e virou a mão. – O calor... Isso tudo é seu, Bran, o poder. E agora... nada.

– Está segura.

– Mas a pintura é uma espécie de portal, não é?

Bran assentiu para Sawyer.

– Portanto, do mesmo modo como a enviei pela pintura, posso trazê-la de volta. E ela continuará fora do alcance de Nerezza.

– Talvez a próxima coisa a fazer seja nos prepararmos para sair daqui – começou Riley. – Na direção oposta.

– Não creio que chegaremos a algum lugar sem lutar – interpôs Doyle. – Mesmo se Sawyer estivesse pronto para outra viagem em grupo tão rápido.

– É mais do que isso. – Bran olhou para Sasha. – Não é?

– Ainda não acabou, ou nós ainda não acabamos o que precisamos fazer aqui. Não sei por quê. E não sei onde nem qual estrela devemos procurar agora. Não consigo ver nem sentir. Eu... Talvez nós seis só tivéssemos de encontrar e proteger a primeira.

– Não acredito nisso. – Sawyer balançou a cabeça. – Nem por um minuto.

– Você acredita, mas perde muito facilmente a confiança em si mesmo. – Irritado, Bran pôs as mãos sobre a pintura e ela desapareceu.

– Não posso evocá-la como você.

– Acho que precisamos fazer um intervalo. De uma hora. – Riley pôs uma das mãos no ombro de Sasha. – Mas temos de tirar aquele barco do jardim.

– Melhor esperar escurecer. Posso levá-lo de volta para a marina, mas não quero que as pessoas tenham um ataque cardíaco. Uma hora está bom. – Sawyer se levantou. – Como temos tempo, vamos descansar um pouco. Tenho de inteirar minha família dos acontecimentos. Talvez alguém tenha alguma ideia de como devemos agir e para onde devemos ir.

– E quando Nerezza vier? – perguntou Doyle.

– Despejarei a ira de mil raios sobre ela – disse Bran. – Mas o importante é que posso lhe causar medo e talvez um pouco de dor. E isso nos dará tempo para irmos aonde devemos.

– Vou passar algum tempo com os mapas – falou Sawyer.

– Vou dar alguns telefonemas – disse Riley, saindo da cozinha com ele.

Quando Sasha se levantou para lavar a louça, Annika a afastou.

– Não, eu faço isso. Vá descansar.

– Obrigada. Vai ser bom.

– Vá com ela – sugeriu Annika para Bran quando Sasha saiu. – Ela ainda está com raiva. Ela o apoiou. Você deveria apoiá-la.

Suspirando, Bran se abaixou para lhe beijar a bochecha.

– Talvez você seja a melhor de nós.

– Pode ir. – Mais uma vez, Doyle se virou para a porta. – Montarei guarda.

Quando Bran subiu, Sasha estava com as portas do terraço abertas, de costas para o quarto.

– Não sei por que você está com raiva de mim. Não posso simplesmente estalar os dedos e *saber*, como você.

– Não estou com raiva. Você está enganado.

– Eu sei o que sinto.

– Talvez seja sua própria raiva. – Ela se virou. – Sinto isso em você, e *isso* me deixa louca. Estou fazendo o melhor que posso, até mesmo depois de ver as pessoas que amo sendo feridas e mordidas enquanto você me protege tanto que mal sofro um arranhão. Não quero ser a parte fraca.

– Você é a única que acha que é, e está errada.

– Então pare de ficar com raiva quando não consigo ter uma visão. Meu Deus! – Ela apertou os olhos com os dedos. – Estou cansada de brigar.

– Ótimo, porque não era isso que eu tinha em mente.

Bran fechou as portas e as cortinas do terraço com um único gesto. O som foi explosivo o suficiente para Sasha recuar instintivamente quando ele veio em sua direção.

Bran a puxou para si, empurrando a cabeça dela para trás ao lhe segurar os cabelos. Pressionou sua boca contra a dela com tanta força e paixão que a deixou sem fôlego.

– Parece que estou com raiva?

Sasha pôs a mão no ombro dele tanto para empurrá-lo quanto para manter o equilíbrio.

– Sim.

O que quer que tivesse brilhado nos olhos dele lhe pareceu além da fúria.

– Você não sabe a profundidade disso. Eu quase a deixei se afogar.

– Não... Você não fez isso.

– Não a segurei no sonho, eu a tirei dele, lembra? E o desprezei, achando que era apenas um sonho. Depois você se foi. Se foi. E eu não conseguia encontrá-la.

Sasha tentou dizer algo, mas Bran a beijou de novo. Sim, havia raiva nele, culpa e, acima de tudo, um desejo urgente e profundo que a deixou atordoada.

– Então você acha que é tudo dever? Tudo conveniência? – Ele a levou para a

cama. – Sei o que sinto, o que quero e o que, pelos deuses, posso fazê-la querer.

Ela poderia tê-lo feito parar? Ainda havia nele o homem que a tocara tão ternamente para impedir a criatura que rasgava sua blusa para possuí-la?

Ela não sabia. Não se importava. Não queria que ele parasse.

As mãos de Bran a apertaram e excitaram, e ele a levou às escuras e assustadoras profundezas do desejo, com movimentos desesperados.

Uma tempestade veio e Sasha não teve nenhuma escolha além de se deixar levar.

Bran também foi levado, atordoado demais para se importar com a violência. Sasha gritou o nome dele, e ouvir o choque de prazer na própria voz só alimentou seu ávido desejo. Ele teria tudo dela, e que se danasse o preço.

O quarto mergulhou na penumbra, obscurecido pelas necessidades dele. Sob Bran, Sasha tremia, se arqueava e se contorcia.

Quando Bran mergulhou nela, abafou seu grito com a boca. Foi cada vez mais fundo, cego de paixão, tão impotente contra a violência do desejo quanto ela.

Ele a sentiu atingir o clímax, lhe arrancou outro grito da garganta e se sentiu um selvagem em um banquete.

Penetrou-a mais e mais até a respiração de Sasha vir em soluços, os braços dela escorregarem de suas costas e o resto daquele fogo os atingir com toda a força.

Desabou sobre ela, consumido, com o coração disparado e a mente ainda girando no escuro.

Então ela o abraçou.

A mente dele começou a clarear como a penumbra que assombrava o quarto.

Ele se xingou, mas tentou manter a voz calma ao erguer a cabeça.

– Eu machuquei você. Eu... Ah, meu Deus.

Os olhos que o fitaram estavam cheios de lágrimas.

– Eu não tinha esse direito.

Ele começou a se afastar, mas ela o abraçou com ainda mais força.

– Você não me machucou. Não estou chorando... pelo menos não de dor. Eu não sabia... Nunca imaginei que alguém pudesse me querer tanto. Que era possível um desejo assim. Não considerei aquilo um dever, Bran, mas talvez pensasse, pelo menos um pouco, que em parte era... conveniente. Não penso mais assim.

Bran encostou a testa na dela.

– Você não estava respirando. Algo tinha de ser feito. Isso era um dever, mas o tempo todo, desde o momento em que coloquei a mão em seu peito e você não respirava, só pensava que a perderia. Por dever. Por uma promessa feita antes de nós dois existirmos.

Encarando Sasha, Bran continuou:

– E tudo parou até você respirar de novo. E o tempo que levou até você voltar a respirar, *fáidh*, foi uma eternidade. – Ele roçou os lábios na testa de Sasha. – Desde que esse... esse dever coube a mim, deixei o medo de lado. Era um desafio, uma missão, um objetivo. E agora existe o medo de você se machucar e eu não poder curá-la.

– Esse medo também é meu. – Sasha se sentou. – E tenho medo de que algo aconteça com você. Doyle disse que eu é que uno todos. Talvez isso seja verdade, embora eu não ache que os uno tão forte quanto precisa ser. Mas você é o poder, a fonte dele. Não temos como fazer isso sem você. E eu...

– Você disse que estava apaixonada por mim.

– O quê?

– Lá embaixo, quando você estava dando uma boa bronca nos outros, disse que estava apaixonada por mim.

– Eu estava furiosa.

Ganhando tempo para se recompor, Sasha procurou suas roupas e encontrou a blusa rasgada.

Bran a tirou dela e a jogou para o lado, depois lhe segurou as mãos.

– É verdade? Você conhece os sentimentos, Sasha. O que sente é uma centelha, uma atração, um pouco de paixão e excitação? Ou é amor, que se mantém, espera e se expande?

– Queria que fosse uma centelha. Seria muito mais fácil para nós dois.

– Mas é?

Ela fechou os olhos.

– Estou apaixonada por você. Eu me apaixonei por você antes de conhecê-lo. Nos sonhos, nas pinturas. E então lá estava você, e parte de mim só queria cair aos seus pés e implorar.

– Você não implora a ninguém. – Ele lhe tomou o rosto nas mãos. – Não implora por nada.

– Sonhei com você e estou aqui com você. E isso é muito mais do que eu esperava ter.

– Garota, você me enfurece. Por que se contenta com tão pouco?

– Ter mais do que se espera não é se contentar com pouco.

– Bobagem. – Ele pegou a mão de Sasha e a pôs em seu coração. – Que se dane se isso são apenas palavras para você. Sinta. Sinta o que eu sinto. Saiba o que é. Não discuta comigo – disse antes de ela poder falar. – Eu me abri para você. Agora sinta o que eu sinto.

Ela poderia ter resistido, tentado bloqueá-lo, mas ele insistia, e seu coração queria muito saber. O amor fluiu dele para ela. Suave e generoso, feroz e determinado, poderoso e fraco. Uma promessa ainda não feita.

Tudo que ela sentia por ele, ele sentia por ela.

– Você me ama. – Ela deu um meio sorriso e pôs a mão dele em seu coração. – Você me ama. Você me ama.

– Uma frase dita três vezes é uma magia poderosa. Suponho que agora eu deva lhe dizer. Eu amo você, e agora você tem as palavras também. O que sinto, o que você sabe é só seu. Nunca foi de ninguém e sempre será seu. No momento em que vi você, eu a quis. Essa foi a centelha. E quando a tive, eu a quis ainda mais. Essa foi a conexão. Mas o amor, e tudo que significa, veio de muitos modos.

– Eu preciso... – Ela o abraçou e descansou o rosto no ombro dele, porque tudo que sentia ele sentia, enroscado nela como uma corda trançada. – Preciso guardar isto. Você, este exato momento. Sempre que eu estiver triste ou com medo, posso trazer esse instante de volta e estar aqui.

– Sempre que você estiver triste ou com medo, eu estarei aqui. Neste momento e em todos os outros. – Ele se afastou para olhar nos olhos dela. – O amor é uma coisa séria para mim, *fáidh*. Uma coisa séria e duradoura. Eu lhe juro, de corpo e alma, lealdade e fidelidade. Para sempre.

Aquilo fez o coração de Sasha parar, parar e então bater mais forte de novo. Não era só amor, percebeu, mas uma promessa. Um juramento.

– Quer me fazer o seu?

Ela pensou que havia conhecido a alegria, mas ali havia alegria com uma promessa.

– Sim. Eu lhe juro, de corpo e alma, amor, lealdade e fidelidade. Para sempre.

Quando ele a beijou, a promessa brilhou através deles como as estrelas.

Ele a deixou antes de a hora se esgotar. Mesmo em meio à alegria, vinha o dever. Sasha se vestiu de acordo com sua visão, para a tempestade que sabia que viria. Se não naquela noite, em breve. Quando viesse, quando Bran a evocasse, ela estaria com ele no promontório, com o vento, o raio feroz e a chuva torrencial.

Seria suficiente; o que quer que fizessem seria suficiente. Ela acreditava nisso. E se estivesse errada e não fosse dessa forma, tinha conhecido a real profundidade do amor.

Calçando as botas de caminhada, pensou nos preparativos. Manteria a besta ao seu alcance, com uma aljava repleta de flechas. A faca que Bran lhe dera ficaria, de agora em diante, presa a seu cinto.

Se houvesse tempo, treinaria – luta corporal, flexões, puxadas em barra fixa, saltos mortais. Treinaria até ficar forte e rápida. E se abriria para as visões – e para aquela desconfortável conexão com Nerezza.

Com certa tristeza, pegou o bloco de desenho. O tempo que dedicava a sua arte teria de esperar, pois havia coisas urgentes para fazer.

Mas, quando começou a guardá-lo, viu-se procurando um lápis.

Abra-se, pensou de novo, porque algo estava tentando entrar em sua mente.

Não, percebeu. Algo estava tentando se libertar.

Ela cedeu a isso, saiu para a luz e pôs o bloco no cavalete. Ouviu vozes lá embaixo, planos de batalha, táticas e estratégias. Por enquanto, bloquearia aquilo e deixaria a porta se abrir dentro dela.

Rápida e confiante, começou a desenhar o que se formava em sua mente.

Quando a visão se desvaneceu, o braço tremia de cansaço e a luz havia se suavizado com o anoitecer. Ela deu um passo para trás e viu não apenas um desenho, mas uma pintura. Seus desenhos estavam espalhados pelo chão do terraço, mas no cavalete havia uma pintura concluída de uma ilha com colinas acidentadas e flores exuberantes, ruas íngremes ladeadas de prédios e árvores. Três penhascos se erguiam do mar próximo, como sentinelas.

– Aqui. – Bran foi em sua direção e lhe estendeu um copo. – Beba isto agora.

Sasha não perguntou o que era, simplesmente bebeu. Estava com a garganta seca, e o líquido fresco a acalmou.

– Não me lembro de ter pintado isso. Senti algo me pressionando e comecei a

desenhar. Isto. – Ela se curvou para pegar um dos desenhos. – Vi isto muito claramente. Não em minha mente, mas quando olhei para fora, para o mar. Estava lá. Barcos na água e aqueles três penhascos. Não sei onde fica ou o que é. Ou mesmo se é real.

– É real. Sente-se um pouco. Você está concentrada nisso há quase três horas.

– Estou bem. – Ela deu uma meia risada. – Na verdade, me sinto ótima. O que eu bebi?

– Um tônico. Com um pouco de vinho.

– Bom, me sinto revigorada, então funcionou. Você conhece essa ilha?

– Riley a reconheceu de um dos desenhos que levei para baixo. E tem mais, a bússola de Sawyer confirmou que é para lá que devemos ir. Capri.

– Capri? Itália?

– Parece que as ilhas estão no centro da busca. Você e Sawyer nos deram a direção.

Sasha queria fazer as malas e ir imediatamente, evitar o que enfrentariam ali. Mas pegou outro desenho, da deusa que queria o sangue deles.

– Ela estará lá... Ela vai chegar lá. O que fizermos aqui não vai impedi-la.

A ferocidade saltava do desenho.

– Ela parece diferente aqui... Eu a desenhei diferente. Essa mecha grisalha nos cabelos e... Ela parece mais velha, não acha?

– Sim, e isso me diz que, embora não a possamos deter, causaremos algum dano.

– Não desenhei nenhum de nós. Não estamos em nenhum deles.

Bran pegou outro desenho.

– Mas desenhou este. Esta casa... Nada tão grande quanto a villa, mas sólida e real. Como era de se esperar, Riley está dando telefonemas para fazer reservas em Capri. E se o tempo e a distância forem demais para Sawyer, Doyle sabe pilotar avião e tem alguns contatos também. Iremos assim que pudermos.

– Mas não esta noite – disse Sasha calmamente. – Ela virá esta noite, sei disso agora. E você trará a tempestade. – Ela olhou para o promontório. – Precisamos nos preparar.

19



Eles espalharam armas sob a pérgula onde faziam refeições: arcos, revólveres, facas, ampolas e frascos com poções mágicas.

O plano era simples, direto – e brutal.

Doyle o traçara no bloco de desenho de Sasha. Isso a fez se lembrar de quando os treinadores de times de futebol americano do colégio apresentavam táticas de jogo e ela não entendia nada.

– Vamos nos posicionar aqui, entre o paredão rochoso e a casa, e atraí-los. Ficaremos o máximo possível em campo aberto – acrescentou Doyle. – Atraindo e derrubando o que ela nos enviar. Se precisarmos recuar, usaremos a proteção do bosque.

Ele relanceou os olhos para Bran.

– Como você está vendo, estarei com todas as ampolas posicionadas. Aqui, aqui, aqui e ao longo daqui. Nós os conduziremos a essas posições. Vou explodi-los. E os frascos, nestes locais. Lembrem-se de ficar longe deles. Riley e Sawyer podem explodi-los com tiros, mas *não* vão fazê-lo – enfatizou Bran, como já fizera antes – se não estiverem todos a uma distância de no mínimo 3 metros. Melhor, 6. O brilho e o poder obliterarão qualquer força da escuridão, mas, se estiverem a menos de 3 metros, serão cegantes. Mais perto que isso e vocês poderiam sofrer queimaduras graves.

– Nós entendemos, irlandês: grande poder, grande explosão. – Riley continuou a conferir a munição. – Manteremos distância.

– Certifiquem-se disso. Sob a cobertura da luz, vou mudar de posição e ir para o alto penhasco acima do canal.

– *Nós* vamos – corrigiu-o Sasha.

– Expliquei o que evocarei lá, o que libertarei. Vem de mim. Posso resistir a isso. Como no caso dos frascos, vocês precisam se manter distantes.

Sasha apenas pegou o desenho que fizera e o mostrou.

– Eu estou ali. É onde preciso estar. Se questionarmos isso, questionaremos tudo.

– Sasha tem razão, cara. – Sawyer prendeu o coldre no cinto. – Sei que é difícil, mas ela tem razão. Terá de levá-la com você. Vamos lhe dar cobertura. Conte conosco. Mas ela tem de ir com você.

– Essa é a missão dela. – Annika acariciou gentilmente o braço de Bran. – Vocês se amam, e juntos serão mais fortes.

– Não sei quanto ao amor, mas não vou questionar nossa vidente. Desculpe, Bran – acrescentou Riley. – Não se mexe no destino.

– Sua palavra. Sua promessa – insistiu Sasha. – Não vai quebrá-la comigo.

– Vou levá-la. – A escolha não era mais dele. – Tem minha palavra.

– Agora que isso já está decidido – interpôs Riley –, vamos dar um chute no traseiro de Nerezza e de seus subalternos nojentos também.

– Concordo totalmente – disse Sawyer, guardando uma segunda faca dentro da bota.

– Depois que lhe dermos um chute no traseiro – começou Annika, fazendo Sawyer sorrir com a forma cuidadosa com que ela enunciou a frase –, vamos para lá. – Ela olhou para a pintura de Sasha. – Conheço esse lugar. E posso ir nadando. Chegarei rápido, e assim Sawyer não precisará levar tantos.

– Ninguém vai ficar sozinho. – Sawyer balançou a cabeça. – Não é seguro. Vamos juntos.

– Posso conseguir um avião, mas levaria alguns dias. – Como Sawyer, Doyle deslizou uma faca para dentro da bota. – E acho prudente irmos o quanto antes.

– Tenho um lugar em mente. Do amigo do amigo de um primo. Talvez eu consiga um avião para nós – considerou Riley. – Posso tentar mexer alguns pauzinhos.

– Deixe-me experimentar levá-los. – Sawyer deu de ombros. – Se não for possível transportar todos de uma vez, posso levar metade e voltar para buscar o resto. Se não der certo, tentamos o avião.

– E quanto ao barco? – perguntou Riley, principalmente porque lhe afligia vê-lo no jardim.

– Não é um grande problema, mas vou esperar até depois da meia-noite, quando a área ao redor estará quase deserta.

– Não sei se isso é importante. – Sasha ajustou a mira da besta. – Tivemos três grandes batalhas, e parece que ninguém além de nós notou nada. Acho que o que estamos fazendo não altera a realidade.

– Talvez, mas quando eu tinha 16 anos e estava treinando, fui parar em uma boate de strippers em Amsterdã. Isso alterou a realidade. Minhas coordenadas estavam um pouco erradas e, bem, tendo 16 anos, mulheres nuas estavam sempre na minha mente.

– Eu gosto de roupas. São bonitas. Mas nadar nua é melhor.

Sawyer olhou de relance para Annika, depois desviou os olhos com grande esforço e disse:

– Ok, agora isso vai ficar na minha mente.

– Esqueça, amigo. Quanto a mim, não quero parar em uma boate de strippers – acrescentou Riley.

E uma tempestade estava vindo, pensou Sasha.

Com as armas distribuídas, eles levaram o resto dos pertences para baixo. Se tivessem de bater em retirada, contariam com Sawyer e deixariam para trás tudo que ele não pudesse transportar.

Comeram, mais para obter energia do que para matar a fome, porque a tensão da espera se sobrepunha a todo o resto.

Quando o ponteiro do relógio se aproximou da meia-noite, Sasha se levantou.

– O que foi? – perguntou Bran. – O que você está vendo?

– Ouvindo. Ela os está chamando. Cantarolando para eles. Reunindo-os.

– Vamos.

Quando Riley se levantou, Annika pôs a mão na cabeça do cão.

– Melhor trancarmos Apolo aqui dentro, é mais seguro.

– Ele vai sair. Vou ficar de olho nele.

Estranho ela sentir tanta apreensão e alívio ao mesmo tempo, pensou Sasha enquanto eles assumiam suas posições, dois a dois, no verdejante gramado.

A combinação deixava pouco espaço para o medo. A Estrela de Fogo estava segura, fora do alcance de Nerezza, pensou. Se eles sobrevivessem àquela noite, começariam a procurar a segunda. Caso contrário, outros retomariam a busca.

Ela segurou a mão de Bran.

– Seja o que for que aconteça, fui mais feliz nessas duas últimas semanas do que jamais esperei ser.

– *A ghrá*. – Bran pôs a mão dela em seus lábios em uma espécie de desafio. – Seremos ainda mais felizes.

– Eles estão vindo.

Sasha soltou a mão dele para posicionar a besta.

Eles já haviam vindo em enxames e nuvens, mas agora vinham em uma onda gigantesca que obscureceu as estrelas e a lua minguante.

E o som encheu o mundo.

Bran conjurou a luz, iluminando malignos olhos amarelos, caninos e asas afiadas. Sasha achou que era como se o inferno estivesse cobrindo o mundo. Então lançou a primeira flecha e parou de pensar.

Eles caíram como chuva preta oleosa, gritando e rasgando o ar com garras letais que brilhavam à luz que Bran conjurara.

Então o mundo de Sasha se resumiu a carregar, mirar, lançar, com tiros ecoando, o horrível som de aço cortando carne e os disparos de luz que saíam dos braceletes de Annika.

Bran lançou a primeira ampola, e a explosão de luz espalhou aquele sangue oleoso.

E ainda vieram mais.

Sasha se manteve firme, e mesmo quando uma fina névoa pairou logo acima do chão, sibilando como serpentes, lutou de costas para Bran. Mas a névoa lhe mordia as botas com seus dentes gelados, empurrando-a para trás.

– Fique perto de mim! – gritou Bran, lançando fogo na névoa.

A névoa gritou e ardeu.

Quando a aljava ficou vazia, Sasha usou faca, punhos e pés para abrir um caminho e poder pegar as flechas ensanguentadas e recarregar a besta.

Outra ampola explodiu, e outros caíram do céu preto.

– É agora. – Bran lhe agarrou a mão e depois gritou para Riley lançar o primeiro frasco. – Aguente firme – disse para Sasha, segurando-a pela cintura.

Não foi como voar – por alguma razão, ela havia pensado que seria. Foi como montar em um foguete, tão quente e rápido que tudo se tornou um borrão.

Então ela estava no promontório com ele, como nos sonhos.

– Fique atrás de mim ou juro que a mandarei de volta. – Bran a puxou para si.

– Aconteça o que acontecer, fique atrás de mim. – Ele lhe deu um beijo tão quente quanto o voo. – Eu amo você – disse, depois se virou para evocar a tempestade.

Ela achava que sabia. Havia sonhado com aquilo, não? Repetidamente. Mas não sabia o que ele era capaz de evocar, dominar e o que podia arriscar.

Quando Bran ergueu os braços, a força de seu poder fez tremer o ar, o chão e o mar abaixo.

– Neste lugar e nesta hora, eu evoco todos os mundos de poder. O que são, tragam para mim por terra e mar, para que se erga em fúria e livre o mundo dessa praga. Que ruja o trovão! – O trovão explodiu como um canhão. – E com sua voz os despedace. Que seja lançado o raio azul. – O raio veio do céu, um azul intenso e cegante. – Que toda a escuridão que surja seja queimada. Que o vento em redemoinho os atinja no voo e os leve para a noite. Que a chuva branca caia torrencialmente e os afogue no próprio sangue preto.

Sasha havia caído de joelhos com a força do que ele libertara. O vento uivou ao seu redor e lhe rasgou as roupas enquanto a chuva torrencial as colava em sua pele.

Em meio à tempestade, ela viu brilhos abaixo – os frascos com a luz cegante e cortante explodindo, e depois súbitos raios.

E centenas, talvez milhares daqueles corpos alados rodopiando e caindo, com gritos que ecoavam em seus ouvidos.

E, sim, Bran era a tempestade. Ele ardia, tão azul e quente quanto o raio que evocara, com os braços erguidos e aquela luz fantástica saindo da ponta de seus dedos.

Mesmo durante o dilúvio, Sasha saboreou o triunfo. Estavam rechaçando a escuridão.

E Nerezza veio através da tempestade.

O vento soprava seus cabelos negros como a noite. Seus olhos brilhavam na escuridão, cheios de raiva, fúria e terrível poder.

Ela estava montada em uma fera de três cabeças com bocas que tentavam morder e línguas compridas.

Com uma estrondosa gargalhada, ela repeliu um raio, agarrou outro e o atirou como uma lança.

– Vocês acham que esses ridículos poderes são capazes de me deter?

Sua voz explodiu como trovão. O gosto de triunfo se transformou em medo.

– Eu sou uma *deusa*. Eu governo a escuridão, e sua luz não é nada além de uma chama moribunda contra meu poder. Beberei seu sangue, bruxo, e sugarei a mente da vidente até esvaziá-la.

Nerezza olhou para baixo quando a luz explodiu.

– E, quando eu terminar, cortarei os outros em pedaços, que darei para meus cães se banquetearem. Me deem a estrela e vivam.

A resposta de Bran foi lançar outro raio azul, que queimou as escamas da fera que Nerezza cavalgava. O animal gritou de dor e empinou.

– E depois morram, e quando eu me alimentar de vocês, simplesmente terei o que é meu.

O raio se tornou preto na mão dela. Quando ela o lançou na direção de Bran, Sasha gritou, e o som foi abafado pela tempestade. O bruxo ergueu uma parede de luz contra o raio, e o choque fez até mesmo as rochas tremerem.

Aquilo o machucou. Sasha sentiu a dor de Bran e um pouco do poder dele diminuir. Uma daquelas línguas se projetou para fora e por pouco não atingiu o coração dele. O esforço para bloquear o golpe o fez cambalear.

– Não posso detê-la, Sasha. Preciso que desça. Diga a Sawyer...

– Não! – Em um ímpeto, Sasha se levantou. Embora Bran ardesse contra a escuridão, ela o abraçou. – Pegue o que eu tenho, o que sou. Pegue-o, sinta-o. Use-o. Eu o amo. Sinta isso.

Sasha se abriu e despejou tudo que era nele. Conhecia o poder de Bran, sua amplitude e profundidade, e a coragem e o medo dele, mas apenas por ela. Como sabia da satisfação de Nerezza, sabia o que a deusa diria antes que as palavras se seguissem a sua gargalhada.

– Amor? Somente os mortais se curvam ao amor. O amor não tem nenhum poder aqui.

Você está errada, pensou Sasha, fechando os olhos. O amor tem todo o poder.

Sasha sentiu o amor inundá-la e brilhar através de Bran, e se agarrar a ele enquanto ela tremia. O que Bran lançou naquele momento explodiu como o sol. A fera arranhou o ar, tentando escapar. Com olhos enlouquecidos, Nerezza tentou conduzi-la para a frente, mas a explosão seguinte a fez gritar de dor e espanto e cair na direção do mar.

Surpresa, Sasha viu os cabelos de Nerezza se tornarem cinza como as rochas,

o rosto murchar como folhas secas antes de ela mergulhar na escuridão e desaparecer.

Então as pernas de Sasha ficaram fracas e ela caiu no chão. Acima, as estrelas brilharam de volta à vida enquanto a lua clara e branca se movia.

Quando Bran se deixou cair ao lado de Sasha, o poder ainda brilhava ao seu redor.

– Estou bem. – Ela lhe segurou a mão e o que eles haviam feito juntos vibrou em sua pele. – Só preciso... recuperar o fôlego. Você a feriu. Ela se foi. Você a feriu.

– Nós. – Ele a ergueu, a abraçou e lhe beijou as bochechas, a testa e a boca. – Nós. Você tinha razão o tempo todo, *fáidh*. Eu precisava de você aqui. Não teria conseguido sem você.

– Os outros. Precisamos ver se alguém está ferido.

– Segure-se em mim.

Ela pôs os braços ao redor do pescoço de Bran.

– Pode contar com isso.

O sangue se espalhava no chão como sombras pretas, salpicado sobre flores, como uma chuva de sujeira. O seu cheiro, assim como o de suor e de grama queimada, pairava no ar. Todos que Sasha amava estavam esgotados, mas vivos.

Riley, com a mão pousada na cabeça de Apolo, embainhou a arma.

– Ela estava montada em um maldito Cérbero? O cão de três cabeças do inferno? – perguntou.

– Ou em sua maldita versão dele. – Bran foi até ela, lhe tocou o rosto e as queimaduras vermelhas que desciam até o pescoço. – Você não ficou longe o suficiente.

– Não diga. Seu holocausto nuclear me atirou uns bons 5 metros para trás. Não sou muito vaidosa. Ok, talvez seja. De qualquer forma, espero que você possa consertar isso. Dói pra caramba – começou, depois deu um longo suspiro. – Ou doía. Obrigada.

Bran havia usado o que podia para diminuir a dor e faria mais quando se reagrupassem.

– Tenho uma poção que deixará seu rosto mais bonito do que nunca.

– Já que está aqui, poderia me dar uma ajudazinha nisso. – Riley examinou o campo de batalha. – Espero que você possa consertar isso também. Nunca mais vou conseguir um lugar para nós, se deixarmos as coisas assim.

– Pode deixar. Outras lesões? – perguntou Bran, embora Sasha já estivesse examinando uma mordida feia no ombro de Annika.

– Menores – respondeu Doyle. – Quando fizemos aqueles lançamentos, eles caíram às centenas. E depois que ela se concentrou em você, o que veio foi mais como um esquadrão suicida para nos distrair.

– Você lhe deu um chute no traseiro. – Sawyer tirou uma bandana do bolso e enrolou em seu braço, que sangrava. – Foi um espetáculo e tanto.

– Não fique metido. – Riley lhe deu um empurrão com o quadril. – É melhor arrumarmos tudo aqui e irmos embora. Alguma sensação de que ela voltará esta noite, Sash?

– Ela ficou chocada e com dor. Furiosa, mas surpresa por Bran ter não só conseguido detê-la como também machucá-la. Não, acho que ela não voltará esta noite. Não a estou sentindo. Ela se fechou, se recolheu.

– Está lambendo as feridas. – Riley acariciou a cabeça de Apolo. – Vamos fazer isso também. Vou dar água e um petisco bem bom para Apolo.

– Vou pegar uma cerveja – disse Doyle e a seguiu.

– Algumas das suas flechas estão espalhadas por aí – comentou Sawyer.

– Vamos arrumar isso depois que eu cuidar das queimaduras de Riley – replicou Bran. – Acho que são as mais graves.

Quando Doyle gritou, eles se viraram ao mesmo tempo.

Veio como uma bala do céu, com as asas abertas e as garras curvadas, direto para Riley. Ela procurou a arma e se virou para proteger o cão. Antes de poder sacá-la, Doyle a empurrou para o lado.

Embora ele tivesse desembainhado a espada, a criatura cravou dentes e garras em seu peito antes que pudesse brandi-la.

A fera deu um grito de triunfo quando Doyle caiu e o punho da espada escorregou de sua mão inerte.

Enquanto os outros se precipitavam para a frente, Riley arrancou Doyle da criatura com as próprias mãos, e a fera se afastou. Sacando a arma com a mão cortada e arranhada pelas asas, esvaziou seu pente nela.

Então se ajoelhou ao lado de Doyle e pressionou inutilmente os ferimentos no peito dele.

– Não, não, não, não! Busquem algumas toalhas. Precisamos pressionar isso, estancar o sangue. Bran, você tem de fazer alguma coisa.

– Ah, meu Deus! – Como Riley, Bran se ajoelhou ao lado do corpo. – Ah, meu Deus! – repetiu. – É tarde demais. Ele se foi.

– Então o traga *de volta*!

– Está além do meu poder. – Bran tocou gentilmente no braço de Riley, mas ela o puxou de volta. – Não posso ressuscitá-lo, querida.

Chorando, Annika se sentou, pôs a cabeça de Doyle em seu colo e lhe acariciou os cabelos.

– Não podemos fazer nada? Sawyer, leve-nos de volta, apenas alguns minutos, para antes de...

– Sim! – Riley ergueu a cabeça, os olhos cheios de lágrimas e raiva. – Faça isso. Faça isso agora.

– Não posso. – Sawyer se agachou e, embora Riley o empurrasse, a abraçou. – A morte não pode ser mudada. Se eu nos levasse de volta, isso aconteceria de novo, independentemente do que fizéssemos. Não é possível.

– Isso não é real. Não era para ele morrer. – Ela se virou para Sasha, que estava em pé com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Isso não está certo.

– Não sei. Não consigo ver. Só sei que todos nós arriscamos nossas vidas por isso. Mas...

Sasha se interrompeu, balançando a cabeça. Sentiu *algo*, mas não o compreendeu. Esforçando-se, ajoelhou-se ao lado de Bran e pegou a mão inerte de Doyle.

– Ninguém vai morrer por mim. Vamos tentar alguma coisa, qualquer coisa, droga, antes que seja tarde demais. – Riley empurrou Sawyer para o lado e mais uma vez pressionou o peito de Doyle. – Ela não vai levar um de nós. Não vai vencer.

Houve um movimento – uma ondulação – sob as mãos dela. Doyle soltou o ar longamente. Sua respiração era áspera.

– Ele está vivo! – Num soluço surpreso, Riley agarrou a mão de Bran e a pressionou contra o ferimento. – Faça alguma coisa.

– Ele não precisa disso – murmurou Sasha quando a vida e a dor voltaram aos

olhos de Doyle.

– Pelo amor de Deus! – disse Doyle, em uma voz tão áspera quanto a respiração. – Parem de gritar e tirem esse peso do meu peito. Já está bastante ruim sem isso.

– Você morreu, cara. – Sawyer se sentou nos calcanhares enquanto Annika dava um beijo choroso na cabeça de Doyle. – Estava bem morto. Não é brincadeira. É uma coisa de zumbi? Porque tenho toda a certeza de que não quero atirar na sua cabeça.

– Não seja idiota.

Respirando com dificuldade, Doyle se apoiou nos cotovelos. A feia e profunda ferida em seu peito começou – ou continuou – a sarar.

– Estou feliz por você estar de volta, essa é a pura verdade. Você não é um vampiro – especulou Sawyer. – Passou muito tempo no sol.

– Engraçadinho. – Doyle estremeceu e cerrou os dentes.

– Você está sentindo dor. Posso ajudar – disse Bran.

Doyle balançou a cabeça.

– A dor faz parte. Vai passar. Onde está minha espada?

– Comigo. – Quando ele se sentou, Riley a pôs em sua mão. – Fico feliz por você estar vivo, mas como é possível?

Quando ele a olhou, Riley se apressou em enxugar as lágrimas no rosto.

– Eu não teria morrido, brevemente, se você tivesse reagido mais rápido.

– Você me impediu, cara, me empurrou antes de eu disparar. Se...

– Você não morre – disse Sasha calmamente. – Sinto muito, mas eu estava tentando encontrar um modo, algum modo de ajudar, quando você estava, digamos, no meio do caminho. Você estava tão aberto que isso simplesmente fluiu para mim. Você não pode ser morto.

– Que alegria! – Annika lhe deu um sorriso radiante. – Vou pegar uma cerveja para você.

– Você é um amor, mas talvez seja melhor a gente entrar. No caso de haver outros retardatários. Não morrer dói à beça, e eu gostaria de evitar uma segunda vez esta noite.

Bran se levantou e estendeu a mão para ajudar Doyle a se erguer.

– Um Feitiço de Imortalidade. Isso é proibido – começou Bran.

– Não me culpe. Não sou bruxo. Você quer a história e a terá. Mas quero a

cerveja primeiro.

– Você precisa de uma camisa limpa – salientou Sasha.

Doyle olhou para a mancha de sangue na camisa.

– Sim, vou buscar uma. – Dirigindo-se a Riley, Doyle continuou: – Preciso do meu kit e de algo para aquelas queimaduras. E, agora, as mãos. Teremos a explicação, e depois precisamos limpar a área. E ir.

– Camisa limpa, remédios, cerveja, limpeza. Confere. Vou falar com meu contato e saber exatamente para onde vamos.

Dali a minutos, eles se reuniram na cozinha. Bran cuidava dos ferimentos de Riley.

– Como você cortou as mãos? – perguntou-lhe Doyle.

– Tirando aquela coisa de você – respondeu Sawyer. – Ela simplesmente a puxou, e esse foi o resultado.

Tomando um longo gole de cerveja, Doyle a examinou.

– Parece que estamos quites.

– Como você não morre, sim. Eu diria que estamos. Vamos ouvir por quê.

– Uma bruxa. A magia não impede a insanidade, e ela era louca. Atraía homens jovens, os usava e depois os matava por esporte.

– Uma viúva negra – concluiu Riley.

– Um dos jovens era meu irmão. Mal tinha completado 17 anos quando ela o levou.

Instintivamente, Annika o abraçou.

– Sinto muito!

– Eu a cacei. Esse era meu objetivo, meu único objetivo. Salvá-lo, destruí-la. Barganhei com um mágico e lhe dei tudo que tinha. Ele criou a espada para acabar com ela. Quando a encontrei, meu irmão estava à beira da morte, não tinha salvação. Dezessete anos e morrendo nos meus braços, logo ele, que nunca fez mal a ninguém. Meu sofrimento foi ainda maior que minha raiva. Ele me implorou para matá-lo, mas não consegui. Não consegui fazer o que ele me pediu. É um arrependimento que sempre terei. Então meu irmão morreu em agonia enquanto eu sofria. – Ele fechou os olhos por instantes e continuou: – Ela farejou aquele sofrimento, o saboreou. Lutei contra ela, cego de uma raiva que certamente era maior que meu medo. Quando ela soube que eu ia matá-la, usou isso, me lançou o feitiço. Para que eu visse todos que amava morrerem. Para que eu os visse

sangrar e cair em batalha, sofrer de doenças, definhar e morrer de velhice. Nunca conheceria o alívio da morte, apenas a morte de todos que tocava.

Ele terminou a cerveja e empurrou a garrafa para o lado.

– Decepei a cabeça dela com a espada e levei o corpo do meu irmão para casa, para minha mãe chorar sobre ele. Era o mais novo de nós, e eu era o mais velho. Mas não o salvei, não lhe dei o que ele me pediu no fim. E a maldição se manteve em mim.

– Quando foi isso? – perguntou Bran.

– Em 1683.

– Cara, você é velho. – Mesmo dizendo isso alegremente, Sawyer pôs a mão no ombro de Doyle e o apertou. – Sinto muito pelo seu irmão.

– Você se arrependeria se tivesse feito o que ele pediu – disse Annika. – Carregaria isso como carrega o arrependimento de não ter feito. Foi uma batalha que você não podia vencer.

– Está feito, e foi muito tempo atrás. – Doyle olhou para Sasha. – Você acha que eu deveria ter lhes contado antes. Vocês foram os primeiros que lutaram e ainda lutam ao meu lado nesta busca. O hábito de guardar segredos é difícil de romper. Posso lhe dizer que esta noite, depois da batalha, decidi quebrá-lo e contar, como contei agora. Não a culpo por não acreditar.

– Eu acredito. – Sasha deu um suspiro. – E agora todos sabemos quem somos e o que temos. A verdadeira unidade virá daí. Acredito nisso também.

– Podemos esperar um minuto? – perguntou Sawyer. – Só para resumirmos tudo isso: temos um bruxo, uma vidente, um lobisomem fêmea... Gosto de chamar assim, está bem? – disse ele com uma risada, antes que Riley rosnasse para ele. – Uma sereia, um imortal e um viajante no tempo e espaço. Pensem nisso. Somos como os malditos Vingadores. Aquela deusa filha da mãe vai perder feio.

– Falando nisso... – Riley lhe entregou uma folha de papel. – Nossas coordenadas em Capri. Por que não fazemos o que temos de fazer, tiramos aquele barco daqui, trazemos o jipe de volta, limpamos a bagunça e partimos para o segundo round?

– Sou totalmente a favor, e sabem de uma coisa? Vai funcionar. Vamos embora – decidiu Sawyer. – Vamos fechar a casa. Próxima parada, Capri.

Eles trataram das questões práticas e obrigações.

Na noite profunda, com a lua flutuando no céu, Sasha olhou uma última vez

para o mar. Bran pegou a mão dela e a levou aos lábios, de um modo que Sasha sabia que sempre a faria sorrir.

– Um dia vamos voltar, como você disse.

– Eu quero voltar. Ficar no promontório com você de novo, sob as estrelas, em uma noite quente de verão quando tudo estiver calmo e houver paz.

– Você é minha luz, Sasha. Minha estrela e minha paz. – Ele beijou de leve seus lábios. – Está pronta?

– Sim. Para tudo.

Eles desceram para o terraço a fim de se juntar aos outros.

– Apolo está roncando lá dentro. O vizinho vai vir cuidar dele de manhã e alimentar as galinhas. – Riley olhou para o relógio. – Faltam apenas algumas horas. Vou sentir saudades desse cão.

– O dia está nascendo. Se vamos fazer isso – disse Doyle –, tem de ser agora.

– Venham, todos. – Sawyer fez um gesto para se aproximarem. – Deem-se as mãos e segurem seus chapéus. Esta viagem vai ser uma loucura!

Sasha olhou para Bran e riu.

E foi mesmo uma loucura.

Em sua caverna, Nerezza fervia de raiva. A dor havia diminuído, mas não importava quanto sangue, quantas poções e quanta *determinação*, a mecha grisalha continuava em seus cabelos pretos. Havia rugas nos olhos e na boca.

Ela quebrou outro espelho e praguejou. E as lágrimas escorreram como sangue por seu rosto.

Eles pagariam por macularem sua beleza. Pagariam por desafiá-la. Não importava para qual mundo corressem e qual magia inventassem, ela os seguiria e destruiria.

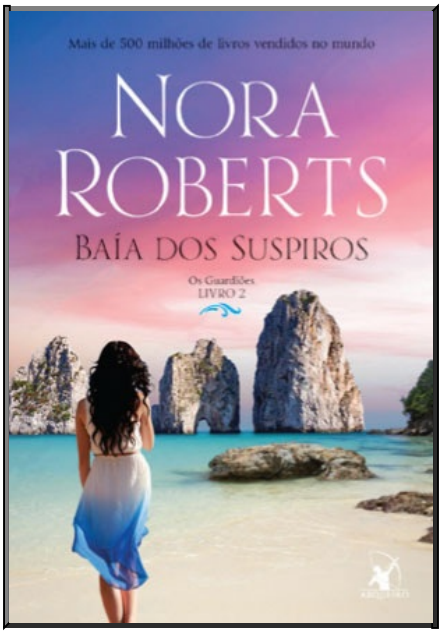
Não descansaria até as estrelas brilharem apenas para ela.

Pegando seu globo, passou a mão sobre ele. Havia modos, muitos modos. Ela só tinha de escolher outro.

Enquanto olhava, enquanto observava, ela sorriu. E começou a ver, a tramar. Começou a rir.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE

Baía dos suspiros



Prólogo



A história foi contada através das gerações em canto e prosa, até o tempo transformá-la em mito e lenda. Mas alguns acreditavam nela, porque as lendas traziam conforto.

E alguns sabiam que a história era verdadeira.

Que em outro tempo, em um mundo tão antigo quanto o mar, três deusas criaram três estrelas para honrar e celebrar uma nova rainha. Uma estrela de fogo, uma estrela de água e uma estrela de gelo, destinadas a brilhar sobre todos os mundos, estrelas que avivaram com desejos de um coração forte, uma mente forte e um espírito forte.

Essas deusas da lua guardavam os mundos observando deuses, semideuses, mortais e imortais. Embora da luz, conheciam guerra e morte, sangue e batalha.

Havia outra deusa, da escuridão, cuja insaciável sede e cobiça envenenavam seu coração. Nerezza, a mãe das mentiras, amaldiçoou as estrelas, embora as cobiçasse. Na noite de sua criação, lançou-lhes um feitiço enquanto voavam para o céu. Um dia as estrelas cairiam de sua curva brilhante ao redor da lua.

Quando possuísse todas as três e detivesse o poder delas, a lua morreria, e ela reinaria sobre a escuridão.

Então as deusas da lua – Celene, a vidente, Luna, a gentil, e Arianrhod, a guerreira – uniram seus poderes mágicos para proteger as estrelas.

Mas essas coisas exigem sacrifício, coragem e muita esperança.

As estrelas cairiam; elas não podiam impedir esse destino, mas cairiam em segredo e permaneceriam escondidas até chegar o momento, em outro mundo, em que aqueles que vieram delas se uniriam na busca e proteção das estrelas.

Seis guardiões arriscariam tudo para mantê-las longe das mãos diabólicas de Nerezza.

Para salvar a luz e todos os mundos, os seis se uniriam e dedicariam tudo que eram à busca e à batalha.

Agora os seis, de terras distantes, estavam juntos, tinham criado laços de lealdade, derramado sangue e dado o seu próprio para encontrar a primeira estrela. Por isso, as deusas se encontraram de novo.

Na praia branca onde haviam criado as estrelas com alegria e esperança, elas se reuniram sob uma lua cheia e branca como gelo no céu escuro.

– Eles venceram Nerezza. – Luna segurou a mão de cada uma de suas irmãs. – Encontraram a Estrela de Fogo e a puseram longe do alcance dela.

– Esconderam-na – corrigiu-a Arianrhod. – E muito bem, mas nenhuma das estrelas estará fora do alcance dela até voltarem para casa.

– Eles a derrotaram – insistiu Luna.

– Sim, por enquanto sim. Lutaram bravamente, arriscaram tudo na batalha, dedicaram-se totalmente a essa busca. E contudo...

Ela olhou para Celene, que assentiu.

– Vejo mais sangue, mais batalha, mais medo. Luta e escuridão em que dor e morte terríveis podem vir em um instante e durar uma eternidade.

– Eles não se renderão – disse Luna. – Não se renderão.

– Eles provaram sua coragem. A coragem é mais real quando há medo. Não duvido deles, irmã. – Arianrhod olhou para a lua e o lugar onde fazia tanto tempo houvera três estrelas brilhantes dispostas em curva. – Mas também não duvido da avidez ou fúria de Nerezza. Ela os caçará e atacará repetidamente.

– E aliciará um mortal – Celene olhou para o mar, que era como vidro preto, e viu as sombras do que poderia ser –, cuja avidez se equipara à dela. Ele já matou e matará por bem menos do que as Estrelas da Sorte. Ele é veneno no vinho, uma lâmina na mão oferecida e dentes tentando morder por trás de um sorriso. E, nas mãos de Nerezza, uma arma rápida e afiada.

– Devemos ajudá-los. Nós concordamos que provaram seu valor – ponderou Luna. – Devemos poder ajudá-los.

– Você sabe que não podemos – lembrou-lhe Celene. – Todas as escolhas devem ser feitas sem nossa interferência. Por enquanto, fizemos tudo que podíamos.

– Aegle não é a rainha deles.

– Sem Aegle, sem este lugar, sem a lua e nós, que a honramos, eles não teriam

nenhum mundo. O destino deles, o nosso, todos os destinos, estão nas mãos deles.

– Eles são nossos. – Arianrhod apertou a mão de Luna confortadoramente. – Eles não são deuses, mas são mais do que mortais, cada qual com seu próprio dom. Eles lutarão.

– E, tão importante quanto lutarem, eles pensarão e sentirão. – Celene deu um suspiro. – E amarão. Mente, coração e espírito tanto quanto espada, caninos e até mesmo magia. Estão bem armados.

– Então nós confiamos. – Ladeada por suas irmãs, Luna ergueu o rosto para a lua. – Que nossa confiança seja o escudo deles. Como nós somos guardiãs dos mundos, eles são guardiões das estrelas. São esperança.

– E coragem – acrescentou Arianrhod.

– E eles são espertos. Vejam. – Sorridente, Celene ergueu uma das mãos e apontou para o redemoinho de cor riscando o céu. – Eles passam por nós, pelo nosso mundo, se dirigindo ao próximo. A outra terra, à segunda estrela.

– E que todos os deuses de luz os acompanhem – murmurou Luna e enviou a sua própria.

1



Por um instante, como um único bater de asas, Annika sentiu o cheiro do mar e ouviu vozes erguidas em uma canção. Depois se foram, um borrão dentro do borrão de cor e velocidade, mas aquilo cresceu em seu coração como amor.

Então veio um suspiro e ecos de suspiros, outro tipo de música. Agridoce. E a banhou como lágrimas.

Com alegria e tristeza no coração, ela caiu, rolando e girando com uma rapidez estonteante que lhe causou vertigem e um breve pânico.

Mil asas batiam agora, mil e mais mil, com um vento fustigante, uma parede de som. E a cor desapareceu na escuridão enquanto ela pousava com uma brusquidão suficiente para lhe tirar o fôlego.

Por um momento, temeu ter pousado em uma caverna escura e profunda com aranhas rastejantes e pior, muito pior, Nerezza esperando para atacar.

Então sua visão clareou. Ela distinguiu sombras, o que conhecia como luar, e sentiu o corpo firme sob o seu, os braços fortes ao seu redor. Conhecia aquele corpo, aquele cheiro e desejou se aconchegar a ele, com ou sem Nerezza.

Foi fascinante, maravilhoso, sentir o coração dele bater tão rápido e forte contra o seu.

Então ele mudou de posição e deslizou uma das mãos por seus cabelos, a outra por seu traseiro.

Ela se aconchegou a ele.

– Hum. – Agora as duas mãos estavam em seus ombros, mas a voz foi perto o suficiente de seu coração para o hálito dele o fazer tremer. – Você está bem? Está ferida? Todos estão bem?

Ela se lembrou de seus amigos – não que os tivesse esquecido, de jeito

nenhum. Mas nunca estivera deitada tão intimamente com um homem – Sawyer – e gostou muito, muito mesmo disso.

Ouviu resmungos, breves gemidos, algumas imprecações. A voz de Doyle, próxima e irritada, exclamou:

– Inferno!

Ela soube que aquilo não era literal, mas um xingamento.

Não se preocupava com Doyle. Afinal de contas, ele era imortal.

– Respondam. – Era Bran, a alguns metros de distância. – Todos conseguiram? Eu estou com Sasha. Riley?

– Que viagem!

– Alguém terminou com o joelho em minhas bolas – acrescentou Doyle.

Annika ouviu um som que interpretou como Doyle afastando o joelho de Riley – porque aprendera que bolas não eram apenas brinquedos redondos que quicavam, mas a área sensível de um homem.

– Eu estou aqui! – gritou e, ao se mover um pouco, experimentou a área sensível de Sawyer. – Nós caímos do céu?

– Quase isso. – Sawyer pigarreou e, para o desapontamento de Annika, mudou novamente de posição e se sentou. – Não consegui desacelerar. Nunca levei seis pessoas tão longe. Acho que calculei mal a descida.

– Nós seis estamos aqui e isso é o principal – disse Bran. – Agora, estamos onde deveríamos estar?

– Estamos dentro – comentou Sasha. – Estou vendo janelas e luar através delas. Seja onde for que estejamos, ainda é noite.

– Esperemos que Sawyer e sua bússola tenham nos levado no *continuum* espaço-tempo para onde e quando queremos. Então vamos descobrir.

Riley se levantou. A cientista... *arqueóloga*. Annika pronunciou a palavra em sua mente, porque seu povo – o das sereias – não tinha nada com que compará-la. Também não tinha licantropos, pensou, por isso não existia nada nem ninguém como Riley no mundo de Annika.

A Dra. Riley Gwin – forte, com um corpo compacto e um chapéu de abas largas que de algum modo permanecera em sua cabeça – se dirigiu a passos largos à janela.

– Estou vendo água, mas não a vista da villa em Corfu. Estamos em uma altitude maior. Uma estrada, estreita e íngreme. Há uma escada que leva a ela.

Estou bastante certa de que é Capri, e esta é a casa. No alvo, Sawyer. Parabéns ao viajante e sua bússola mágica.

– Vou aceitar seus parabéns.

Ele se levantou, hesitou por instantes, então estendeu uma das mãos para ajudar Annika a se levantar. Embora ela tivesse pernas fortes e ágeis, o deixou fazer isso.

– Deixem-me ver se consigo encontrar as luzes – começou Riley.

– Posso ajudar nisso.

Bran, em pé e com um braço ao redor de Sasha, estendeu a mão. Um globo de luz pairou acima da palma e iluminou a sala.

Ver seus amigos alegrou o coração de Annika como a canção fizera. Sasha, a vidente, com cabelos cor do sol e olhos celestiais. Bran, o bruxo, tão bonito, iluminado por sua magia. E Riley, com uma das mãos na coronha do revólver que trazia à cintura – de prontidão –, os olhos dourado-escuros olhando para tudo ao mesmo tempo, enquanto Doyle, o eterno guerreiro, já desembainhara sua espada.

E Sawyer, sempre Sawyer, com a bússola do viajante na mão.

Eles podiam ter se ferido e sangrado na última batalha, mas estavam seguros e juntos.

– Este é nosso lar agora? – perguntou. – É muito bonito.

– Se Sawyer não nos deixou no endereço errado, eu diria que é o novo quartel-general.

A sala tinha almofadas coloridas sobre uma cama comprida – não, lembrou-se Annika, um sofá. E cadeiras e mesas com belas luminárias. O chão era duro – todos eles sabiam disso por experiência própria –, com grandes ladrilhos cor de areia banhada pelo sol.

Riley foi até uma das luminárias, acionou o interruptor e, com a magia da eletricidade, a acendeu.

– Preciso me situar, ter certeza de que estamos no lugar certo. Não queremos uma visita da *polizia*.

Riley saiu da sala por uma larga abertura arqueada. Segundos depois, mais luzes foram acesas. Embainhando a espada, Doyle saiu atrás dela.

– Aqui estão todas as nossas coisas, pelo menos acho que sim. E parece que tiveram um pouso mais suave do que o nosso.

Annika espiou pela abertura. Não sabia como chamar o espaço com uma

grande porta de frente para o mar e arcos que levavam a outros espaços. Mas as malas e caixas estavam empilhadas no centro.

Murmurando uma imprecação, Doyle pôs sua moto em posição vertical.

– Tive de deixar as coisas primeiro para não acabarmos pousando em cima delas – disse Sawyer. – No alvo ou não, Riley?

– De acordo com a descrição que eu tive, sim – continuou Riley. – Este é o local. Deve haver uma grande área de estar com portas de vidro que levam a... E lá vamos nós.

Mais luzes e, como Riley dissera, uma grande sala com mais sofás, cadeiras e pequenas coisas bonitas. Mas o melhor, ah, o melhor de tudo, era o amplo vidro que praticamente trazia para o interior o céu e o mar.

Quando Annika correu para abri-lo, Riley lhe segurou a mão.

– Não. Ainda não. Há um sistema de alarme. Eu tenho o código. Precisamos desligá-lo antes de abrir isso ou qualquer outra coisa.

– O painel está bem aqui – disse Sawyer, tocando-o.

– Deem-me um segundo. – Riley tirou uma folha de papel do bolso. – Não quis confiar em minha memória, caso a viagem embaralhasse meu cérebro.

– Viajar desse jeito não embaralha o cérebro.

Sorrindo, Sawyer bateu com os nós dos dedos na cabeça de Riley enquanto ela digitava o código.

– Vá em frente e abra, Annika.

Ela abriu e saiu para um amplo terraço onde havia noite e lua, mar e cheiro de maresia, tudo com o perfume de limões e flores.

– É lindo! Nunca vi isso tão do alto.

– Mas você já viu antes? – perguntou-lhe Sawyer. – Capri?

– Do mar. E de baixo, onde há cavernas azuis, água profunda e destroços de barcos que navegaram muito tempo atrás. Flores! – Ela estendeu a mão para tocar nas pétalas que transbordavam de grandes vasos em cores vívidas. – Posso regá-las e cuidar delas. Esse pode ser o meu trabalho.

– Combinado. Este é o lugar. – Satisfeita, Riley assentiu e pôs as mãos nos quadris. – Parabéns de novo, Sawyer.

– Em todo caso, deveríamos dar uma conferida.

Bran estava no terraço, os olhos escuros e intensos examinando o céu.

Nerezza frequentemente vinha do céu.

– Vou acrescentar proteção além da comum do sistema de alarme. Nós a ferimos e lhe causamos dor, por isso é improvável que ela esteja suficientemente recuperada para vir atrás de nós de novo esta noite, se conseguir nos encontrar. Mas vamos dormir melhor envoltos por uma camada de magia.

– Vamos nos separar. – Com a espada embainhada e os cabelos escuros e revoltos ao redor do rosto sério e bonito, Doyle assentiu. – Vamos vasculhar o lugar, nos certificar de que está limpo e seguro.

Sobre a autora



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Em seu lançamento, *Um novo amanhã*, *Álbum de casamento*, *Bruxa da noite*, *Feitiço da sombra* e *Magia do sangue* (todos publicados pela Arqueiro) foram direto para o primeiro lugar da lista de mais vendidos do *The New York Times*, na qual Nora é presença constante.

Nora tem mais de 500 milhões de livros vendidos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. A revista *The New Yorker* já a chamou de “a romancista favorita dos Estados Unidos”.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE NORA ROBERTS

Quarteto de Noivas
Álbum de casamento
Mar de rosas
Bem-casados
Felizes para sempre

A Pousada
Um novo amanhã
O eterno namorado
O par perfeito

Os Primos O'Dwyer
Bruxa da noite
Feitiço da sombra
Magia do sangue

A Sina do Sete
Irmãos de sangue
A maldição de Hollow
A Pedra Pagã

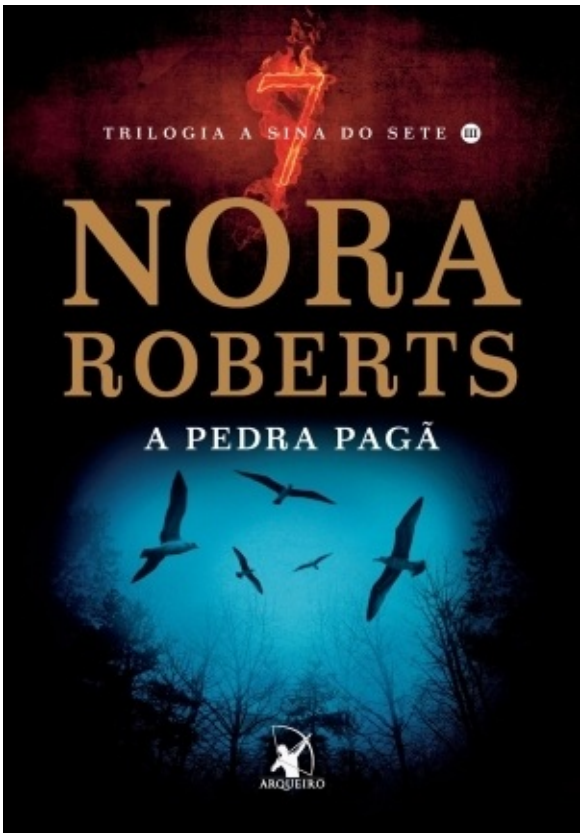
Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

Créditos
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
Leia um trecho do próximo livro da série
    Prólogo
    1
Sobre a autora
Conheça outros livros de Nora Roberts
Informações sobre a Arqueiro


TRILOGIA A SINA DO SETE III
NORA
ROBERTS
A PEDRA PAGÃ
ARQUEIRO

A Pedra Pagã

Roberts, Nora

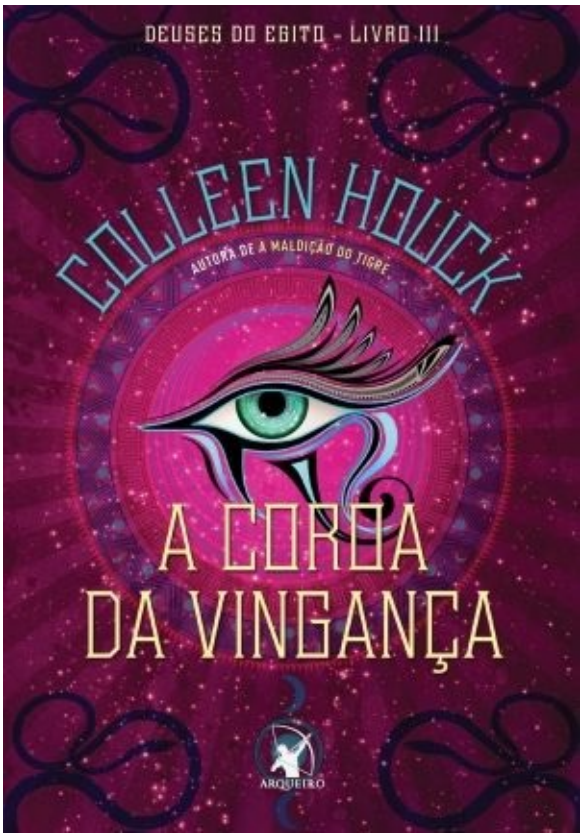
9788580417777

272 páginas

Compre agora e leia

"Esta trilogia termina de maneira explosiva!" – RT Book Reviews Partilhando visões de morte e fogo, os irmãos de sangue Cal, Fox e Gage, e as mulheres ligadas a eles pelo destino, Quinn, Layla e Cybil, não podem ignorar o fato de que o demônio está mais forte do que nunca e que a batalha final pela cidade de Hawkins Hollow está a poucos meses de acontecer. A boa notícia é que eles conseguiram a arma necessária para deter o inimigo ao unir os três pedaços de jaspe-sanguíneo. A má notícia é que ainda não sabem como usá-la e o tempo está se esgotando. Compartilhando o dom de ver o futuro, Cybil e Gage podem descobrir a resposta para esse enigma se trabalharem juntos. Só que, além de não terem nada em comum, os dois se recusam a ceder aos próprios sentimentos. Um jogador profissional como Gage sabe que se entregar a uma mulher como Cybil – com a inteligência, a força e a beleza devastadora dela – pode ser uma aposta muito alta. E qualquer erro de estratégia pode significar a diferença entre o apocalipse e o fim do pesadelo para Hawkins Hollow. Em A Pedra Pagã, Nora Roberts encerra a emocionante trilogia A Sina do Sete, uma história sobre família, amor e amizade que consegue arrancar arrepios e suspiros de seus leitores.

Compre agora e leia


DEUSES DO EGITO - LIVRO III
COLLEEN HOUCK
AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE
A CORDA DA VINGANÇA
ARQUEIRO

A coroa da vingança

Houck, Colleen

9788580417883

416 páginas

Compre agora e leia

"Uma história envolvente de devoção e sacrifício, cheia de humor e perigosas incursões em mundos estranhos." – VOYA"Com diálogos ágeis e elementos da mitologia egípcia, esta aventura romântica agrada em cheio aos fãs de Rick Riordan e da outra série da autora, A maldição do tigre." – BooklistEm A coroa da vingança, Colleen Houck nos presenteia com um desfecho tão surpreendente e inspirado quanto o elaborado universo mitológico que criou.Meses após sua pacata vida como herdeira milionária sofrer uma reviravolta e ela embarcar numa vertiginosa jornada pelo Egito, Lilliana Young está praticamente de volta à estaca zero.Suas lembranças das aventuras egípcias e, especialmente, de Amon, o príncipe do sol, foram apagadas, e só resta a Lily atribuir os vestígios de estranhos acontecimentos a um sonho exótico. A não ser por um detalhe: duas estranhas vozes em sua mente, que pertencem a uma leoa e uma fada, a convencem de que ela não é mais a mesma e que seu corpo está se preparando para se transformar em outro ser.Enquanto tenta dar sentido a tudo isso, Lily descobre que as forças do mal almejam destruir muito mais que sua sanidade mental – o que está em jogo é o futuro da humanidade. Seth, o obscuro deus do caos, está prestes a se libertar da prisão onde se encontra confinado há milhares de anos, decidido a destruir o mundo e todos os deuses. Para enfrentá-lo de uma vez por todas, Lily se une a Amon e seus dois irmãos nesta terceira e última aventura da série Deuses do Egito.

Compre agora e leia


MARY BALOGH
CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 1
UMA PROPOSTA
& nada mais
ARQUEIRO

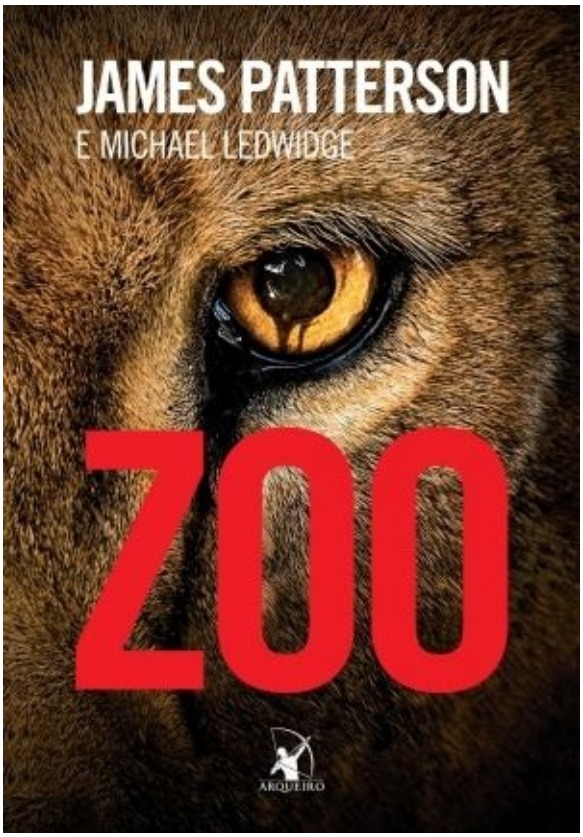
Uma proposta e nada mais

Balogh, Mary
9788580418187
272 páginas

Compre agora e leia

"Mary Balogh escreve com perspicácia e inteligência. Este é um livro emocionante e divertido, o primeiro de uma série que promete ser extraordinária." – Romance Reviews Today "Um romance de época de profundidade impressionante." – Publishers Weekly Após ter tido sua cota de sofrimentos na vida, a jovem viúva Gwendoline, lady Muir, estava mais que satisfeita com sua rotina tranquila, e sempre resistiu a se casar novamente. Agora, porém, passou a se sentir solitária e inquieta, e considera a ideia de arranjar um marido calmo, refinado e que não espere muito dela. Ao conhecer Hugo Emes, o lorde Trentham, logo vê que ele não é nada disso. Grosseirão e carrancudo, Hugo é um cavalheiro apenas no nome: ganhou seu título em reconhecimento a feitos na guerra. Após a morte do pai, um rico negociante, ele se vê responsável pelo bem-estar da madrasta e da meia-irmã, e decide arranjar uma esposa para tornar essa nova fase menos penosa. Hugo a princípio não quer cortejar Gwen, pois a julga uma típica aristocrata mimada. Mas logo se torna incapaz de resistir a seu jeito inocente e sincero, sua risada contagiante, seu rosto adorável. Ela, por sua vez, começa a experimentar com ele sensações que jamais imaginava sentir novamente. E a cada beijo e cada carícia, Hugo a conquista mais – com seu desejo, seu amor e a promessa de fazê-la feliz para sempre. Primeiro livro da série Clube dos Sobreviventes, Uma proposta e nada mais é uma história intensa e cativante sobre segundas chances e sobre a perseverança do amor.

Compre agora e leia


JAMES PATTERSON
E MICHAEL LEDWIDGE
ZOO
ARQUEIRO

Zoo

Patterson, James

9788580414431

288 páginas

Compre agora e leia

Algo está acontecendo na natureza Uma misteriosa doença começa a se espalhar pelo mundo. Inexplicavelmente, animais passam a caçar humanos e a matá-los de forma brutal. A princípio, parece ser algo que se dissemina apenas entre as criaturas selvagens, mas logo os bichos de estimação também mostram suas garras e as vítimas se multiplicam.A humanidade é presa fácilApavorado, o jovem biólogo Jackson Oz assiste à escalada dos acontecimentos. Ele já prevê esse cenário alarmante há anos, mas sempre foi desacreditado por todos. Depois de quase morrer em uma implausível emboscada de leões em Botsuana, a gravidade da situação se mostra terrivelmente clara.O fim da civilização está próximo Com a ajuda da ecologista Chloe Tousignant, Oz inicia uma corrida contra o tempo para alertar os principais líderes mundiais, sem saber se as autoridades acreditarão em um fenômeno tão surreal. Mas, acima de tudo, é necessário descobrir o que está causando todos esses ataques, pois eles se tornam cada vez mais ferozes e orquestrados. Em breve não restará nenhum esconderijo para os humanos...

Compre agora e leia


Jon Skovron
Império das
Tormentas
ARQUEIRO

Império das Tormentas

Skovron, Jon
9788580417579
368 páginas

Compre agora e leia

Em um império fragmentado, circundado por mares selvagens, dois jovens de culturas diferentes se unem por uma causa comum.Uma menina de 8 anos é a única sobrevivente do massacre de sua vila por biomantes, uma das mais poderosas forças do imperador. Batizada com o nome de seu vilarejo para nunca se esquecer do que perdeu, Bleak Hope é treinada em segredo por um mestre guerreiro para se tornar um instrumento de vingança.Um estranho garoto de olhos vermelhos fica órfão nas esquálidas e sujas ruas de Nova Laven, mas é adotado pela pior pessoa que o destino poderia lhe apresentar: Sadie Cabra, uma das criminosas mais infames do submundo. Batizado como Red, ele é treinado para ser um exímio atirador de facas – além de ladrão, mentiroso e trapaceiro.Quando um senhor do crime estabelece um acordo de poder com biomantes para tomar o controle do submundo de Nova Laven em troca da miséria da população, as histórias de Hope e Red finalmente se cruzam. Seja por honra ou vingança, essa improvável aliança os levará para a maior batalha da vida deles.Jon Skovron marca aqui o início da trilogia Império das Tormentas, uma fantasia embalada por uma espadachim habilidosa, piratas, vigaristas, jogos de poder e revolução.

Compre agora e leia